

A nighttime photograph of the Golden Gate Bridge, illuminated by its lights against a dark sky. The bridge's towers and suspension cables are visible. In the lower-left foreground, there is a red splatter graphic that partially overlaps the text.

P JAMES PATTERSON

1º

a morrer

Flaco

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



James Patterson

1º A MORRER

Tradução de ALYDA SAUER



JAMES PATTERSON

1º A MORRER

Tradução de ALYDA SAUER

Título original: 1st to die

Copyright (c) 2001 by James Patterson

Primeira publicação pela Little, Brown Co., Nova York, NY. Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico.

Inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Linda Michaels Limited, International Literary Agents.

Os personagens e acontecimentos neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência, sem a intenção do autor de fazer alguma alusão.

Printedin Brazil Impresso no Brasil

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P597d Patterson, James

- Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ISBN 978-85-325-2331-0

1. Ficção norte-americana. I. Sauer, Alyda. II. Título.

08-4445

CDD-813 CDU-821.111(73)-3



Agradeço a estas pessoas, cujo esforço e conhecimento me ajudaram a escrever este livro.

Ao Dr. Greg Zorman, chefe da neurocirurgia do Hospital Lakeland, em Fort Lauderdale, na Flórida, que gostaria de ter do meu lado numa crise.

Às adoráveis e talentosas Fern Galperin, Mary Jordan, Barbara Groszewski e Irene Markocki.

Shirley e diretor Jack Thompson

PRÓLOGO

Inspetora LINDSAY BOXER

É UMA NOITE EXTRAORDINARIAMENTE QUENTE EM JULHO, mas tremo sem parar na grande varanda de pedra do meu apartamento. Vejo a gloriosa San Francisco e estou com a minha arma oficial encostada na têmpora.

- Maldito seja, Deus! - exclamo baixinho.

Sentimento grandioso, mas apropriado e justo, eu acho. Ouço a Doce Martha choramingando. Viro para trás e vejo que ela me observa através das portas de vidro que dão para a varanda. Ela sabe que alguma coisa está errada.

- Tudo bem - digo a ela atrás da porta. - Eu estou bem. Vá deitar, menina.

Mas Martha não se mexe nem deixa de olhar para mim. É uma amiga boa e leal que tem me dado boa-noite com o focinho todas as noites nesses últimos seis anos.

Olhando para os olhos da collie, penso que talvez devesse entrar e ligar para as meninas. Claire, Cindy e Jill estariam aqui quase antes de eu desligar o telefone. Elas me abraçariam e diriam todas as coisas certas. Você é especial, Lindsay. Todo mundo gosta de você, Lindsay. Só que eu tinha certeza de que amanhã à noite eu estaria lá de novo, ou na noite seguinte. Simplesmente não vejo saída dessa situação. Já pensei em tudo mil vezes. Sei ser muito lógica, mas também sou muito emotiva, é óbvio.

Essa era a minha força como inspetora na polícia de San Francisco. E uma combinação rara e acho que graças a ela tive mais sucesso do que todos os machos da Homicídios. Claro que nenhum deles está aqui em cima, preparando-se para estourar os miolos com suas próprias armas. Passo de leve o cano do revólver no meu rosto e depois subo para a têmpora de novo. Meu Deus, meu Deus, meu Deus! Lembro de mãos macias, de Chris, e isso me faz chorar. Muitas imagens aparecem, rápido demais, e não dou conta.

Os horríveis e indelévels assassinatos de lua-de-mel que aterrorizaram a nossa cidade, misturados com closes da minha mãe e até algumas visões do meu pai. Minhas melhores amigas - Claire, Cindy e Jill - e o nosso clube louco. Posso até me ver, pelo menos do jeito que eu era. Ninguém jamais, nunca, achou que eu parecia uma inspetora, a única inspetora de homicídios em toda a força policial de San Francisco. Minhas amigas sempre diziam que eu era como a Helen Hunt, casada com Paul Reiser, em Mad About You. Fui casada uma vez. Não era nenhuma Helen Hunt. E ele certamente não era nenhum Paul Reiser.

Isso é muito difícil, muito ruim, muito errado. Não tem nada a ver comigo. Fico vendo David e Melanie Brandt, o primeiro casal assassinado, na Suíte Mandarim do Grand Hyatt. Vejo aquele horrível quarto de hotel, onde os dois morreram, sem necessidade e sem sentido.

Isso foi o começo.

LIVRO 1: DAVID E MELANIE

CAPÍTULO 1

LINDAS ROSAS VERMELHAS COM CABOS LONGOS ENCHIAM A suíte do hotel. Eram mesmo o presente perfeito. Tudo era perfeito.

Podia existir um homem com mais sorte em algum lugar do planeta, pensou David Brandt abraçado com Melanie, sua nova esposa. Talvez em algum lugar no Iêmen, algum fazendeiro adorador de Alá com um segundo bode. Mas certamente não em toda a San Francisco. O casal espiou pela janela da sala da Suíte Mandarin do Grand Hyatt. Podiam ver as luzes de Berkeley ao longe, Alcatraz, a graciosa silhueta da Ponte Golden Gate iluminada.

- E incrível! - exclamou Melanie, exultante. - Eu não mudaria nada no dia de hoje.

- Eu também não - ele sussurrou. - Bem, talvez não convidasse meus pais.

Os dois deram risada.

Momentos antes tinham se despedido dos últimos dos trezentos convidados no salão de festas do hotel. O casamento finalmente terminou. Os brindes, as danças, os cumprimentos, os beijos fotografados sobre o bolo. Agora eram só os dois. Tinham vinte e nove anos de idade e o resto da vida pela frente. David pegou duas taças com champanhe que tinha posto numa mesa laqueada.

- Um brinde - ele disse - ao segundo homem vivo mais sortudo.

- O segundo? - ela disse e sorriu, fingindo estar chocada. - Quem é o primeiro?

Cruzaram os braços e beberam um gole longo e prazeroso das taças de cristal.

- Aquele fazendeiro com dois bodes. Conto mais tarde. Tenho uma coisa para você -

David lembrou de repente.

Ele já tinha dado um diamante perfeito de cinco quilates que estava no dedo dela, que ele sabia que Melanie só usava para agradar aos pais dele. David foi até seu paletó do smoking, dobrado sobre uma cadeira de espaldar alto, e voltou com uma caixa de jóia da Bulgari.

- Não, David - protestou Melanie. - Você é o meu presente.

- Abra, de qualquer modo - ele disse. - Disso você vai gostar. Ela levantou a tampa.

Dentro de uma bolsinha de camurça havia um par de brincos, grandes argolas de prata em volta de um par de luas extravagantes feitas com diamantes.

- E assim que penso em você - ele disse.

Melanie segurou as luas encostadas aos lóbulos das orelhas. Eram perfeitas, e ela também.

- É você que controla as minhas marés - murmurou David.

Eles se beijaram, David abriu o zíper do vestido dela e deixou o decote cair logo abaixo dos ombros. Ele beijou o pescoço de Melanie. Depois a parte de cima dos seios. Alguém bateu à porta da suíte.

- Champanhe - disse uma voz lá de fora.

Passou pela cabeça de David gritar simplesmente: "Pode deixar aí!"

Ele estava a noite inteira com vontade de tirar o vestido dos ombros macios e brancos da sua mulher.

- Ah, vá pegar - sussurrou Melanie, balançando os brincos na frente dos olhos dele. - Vou

colocá-los.

Ela se soltou do abraço dele e recuou para o banheiro principal da Suíte Mandarin, com um sorriso nos olhos líqüidos castanhos. Meu Deus, ele adorava aqueles olhos.

Quando foi até a porta, David pensou que não trocaria de lugar com ninguém no mundo. Nem mesmo por um segundo bode.

CAPÍTULO 2

PHILLIP CAMPBELL TINHA IMAGINADO ESSE MOMENTO, ESSA cena exótica, muitas vezes. Ele sabia que era o noivo que ia abrir a porta. Entrou no quarto.

- Parabéns - murmurou Campbell, entregando o champanhe.

E ficou olhando para o homem de camisa social branca aberta com uma gravata-borboleta preta pendurada no pescoço.

David Brandt mal olhou para ele enquanto examinava a caixa amarrada com fita colorida. Krug. Cios du Mesnil, 1989.

- Qual foi a pior coisa que alguém já fez? - murmurou Campbell para ele mesmo. - Será que eu sou capaz de fazer? Será que tenho competência para isso?

- Algum cartão? - perguntou o recém-casado, revirando o bolso da calça à procura da gorjeta.

- Só isto, senhor.

Campbell se adiantou e enfiou uma faca profundamente no peito de David, entre a terceira e a quarta costelas, o caminho mais curto para o coração.

- Para o homem que tem tudo - disse Campbell.

Ele abriu caminho para dentro do quarto e bateu a porta com um rápido chute. Fez David Brandt se virar, encostou as costas dele na porta e empurrou a faca ainda mais fundo.

O noivo se enrijeceu num espasmo de choque e de dor. Sons guturais escaparam do seu peito, respirações minúsculas, gorgolejantes, sufocadas. Seus olhos se arregalaram, incrédulos.

Isso é surpreendente, pensou Campbell. Ele podia sentir de fato a força de David se esvaindo. O homem acabava de vivenciar um dos grandes momentos da vida dele, e agora, minutos depois, estava morrendo.

Campbell recuou e o corpo do homem desmoronou no chão. O quarto começou a se inclinar como um barco adernando.

Então tudo ficou acelerado, tudo uma correria. Era como se estivesse assistindo a uma fita em fast forward. Espantoso. Nada como ele imaginava.

Campbell ouviu a voz da mulher e teve a presença de espírito de tirar a lâmina do peito de David Brandt.

Ele correu para interceptá-la quando ela saiu do quarto, ainda com o vestido longo e rendado.

- David? - ela chamou com um sorriso de expectativa que se transformou em choque ao ver Campbell. - Onde está David? Quem é você?

Os olhos dela percorreram a cena toda, levados pelo terror, fixaram-se no rosto de Campbell, na lâmina da faca, depois no corpo do marido caído no chão.

- Oh, meu Deus! David! - berrou ela. - Oh, David! David!

Campbell queria lembrar-se dela assim. A expressão congelada com os olhos arregalados. A promessa e a esperança que minutos atrás tinham brilhado tanto agora estavam destruídas.

As palavras saíram da boca do assassino:

- Você quer saber por quê? Ora, eu também.

- O que foi que você fez? - berrou Melanie de novo.

Ela fazia um esforço para entender. Os olhos apavorados voavam de um lado para outro, varrendo o quarto à procura de uma saída.

De repente, correu para a porta da sala de estar. Campbell agarrou- a pelo pulso e encostou a faca ensangüentada no pescoço dela.

- Por favor - ela gemeu, com os olhos paralisados. - Por favor, não me mate.

- A verdade, Melanie, é que estou aqui para salvá-la - ele disse, sorrindo para o rosto trêmulo dela.

Campbell abaixou a faca e a enfiou nela. O corpo magro saltou para cima com um grito súbito. Os olhos dela piscaram como uma lâmpada fraca. Um estertor mortal percorreu-lhe o corpo todo. Por quê?, imploravam os olhos dela. Por quê?

Ele levou um minuto inteiro para recuperar o fôlego. O cheiro do sangue de Melanie Brandt estava impregnado em suas narinas. Quase não podia acreditar no que tinha feito.

Levou o corpo da noiva de volta para o quarto e o pôs na cama.

Ela era linda. Feições delicadas. E muito jovem. Ele lembrou a primeira vez que a viu e como se sentiu atraído por ela na ocasião. A moça pensava que tinha o mundo inteiro diante dela.

Ele esfregou a mão na superfície macia da face dela e cobriu um dos brincos - uma lua sorridente.

Qual foi a pior coisa que alguém já fez? Phillip Campbell perguntou novamente, com o coração batendo acelerado.

Era aquilo? Ele tinha acabado de fazer?

Ainda não, respondeu uma voz lá dentro. Ainda não.

Lentamente ele levantou o lindo vestido da noiva.

CAPÍTULO 3

FALTAVA POUCO PARA OITO E MEIA NAQUELA MANHÃ DE SEGUNDA-feira em junho, uma daquelas manhãs geladas e cinzentas do verão que fazem a fama de San Francisco. A minha semana já começava mal. Eu folheava números antigos da The New Yorker enquanto esperava que o meu clínico geral, Dr. Roy Orenthaler, pudesse me atender.

O Dr. Roy, como ainda o chamava às vezes, era meu médico desde o meu último ano na faculdade de sociologia na universidade estadual de San Francisco, e uma vez por ano fazia questão de marcar um check-up com ele. E tinha feito isso na terça-feira passada. Para minha surpresa, ele telefonou no final da semana e pediu para eu ir ao consultório naquele mesmo dia, antes do trabalho.

Tinha um dia atarefado à frente: dois casos em andamento e um depoimento a dar no tribunal municipal. Esperava estar sentada à minha mesa por volta das nove.

- Sra. Boxer - a recepcionista finalmente chamou. - O Dr.

Orenthaler vai atendê-la agora.

Fui atrás dela até a sala do médico.

Em geral Orenthaler me cumprimentava com alguma piada bem-intencionada sobre a polícia, como "Se você está aqui, quem está nas ruas perseguindo eles?". Eu estava com trinta e quatro anos de idade e nos últimos dois trabalhava como inspetora-chefe do Departamento de Homicídios do Tribunal de Justiça.

Mas nesse dia ele se levantou muito sério e disse um solene "Lindsay". Apontou a cadeira na frente da mesa dele. Ai, ai, ai!

Até ali, a minha filosofia sobre médicos era simples. Quando um deles olhava para você com aquela expressão profunda e preocupada e dizia para você sentar, três coisas podiam acontecer. Só uma delas era ruim. Ia convidá-la para sair, estava se preparando para dar uma notícia desagradável ou então gastara uma fortuna para reestofar a mobília.

- Quero mostrar uma coisa a você - começou Orenthaler.

Ele segurou uma transparência contra a luz. Apontou para grupos de esferas minúsculas e quase transparentes numa corrente com bolinhas menores.

- Esta é uma ampliação da amostra de sangue que tiramos de você. Os glóbulos maiores são eritrócitos. Os glóbulos vermelhos.

- Eles parecem felizes - brinquei, nervosa.

- E estão, Lindsay - disse o médico sem sombra de um sorriso. - O problema é que você não tem muitos.

Olhei fixo nos olhos dele, torcendo para eles ficarem mais calmos e para passarmos para algo mais trivial, como: "É melhor você começar a reduzir o excesso de trabalho, Lindsay."

- É uma doença, Lindsay - continuou Orenthaler. - Anemia aplástica de Negli. É rara. Basicamente, o corpo não produz glóbulos vermelhos. - Ele mostrou uma foto. - E essa a imagem de uma composição do sangue normal.

Na foto o fundo mais escuro parecia o cruzamento da Market com a Powell às cinco horas da tarde, praticamente um congestionamento de esferas comprimidas e enérgicas.

Mensageiras velozes, todas levando oxigênio para partes do corpo de outra pessoa.

Em comparação, a minha parecia tão densamente compacta como um escritório central político duas horas depois de o candidato ter desistido de concorrer.

- Há tratamento para isso, não há? - perguntei a ele.

Mais parecia que eu estava afirmando.

- Tem tratamento, Lindsay - disse Orenthaler, depois de uma pausa. - Mas é grave.

Uma semana antes eu tinha ido lá só porque meus olhos estavam com uma secreção e inchados, encontrara sangue na minha calcinha e todo dia, por volta das três da tarde, eu me sentia de repente como se tivesse um gnomo com deficiência de ferro dentro de mim, sugando toda a minha energia. Eu, que sempre dobrava os plantões e que trabalhava catorze horas por dia. E tinha direito a seis semanas de férias acumuladas.

- Grave até que ponto? - perguntei e minha voz falhou.

- As hemácias são vitais para a oxigenação do corpo - Orenthaler começou a explicar. - Hematopoiese é a formação dos glóbulos do sangue na medula óssea.

- Dr. Roy, isso não é uma conferência médica. De que nível de gravidade estamos falando?

- O que você quer ouvir, Lindsay? Diagnóstico ou possibilidade?

- Quero ouvir a verdade.

Orenthaler fez que sim com a cabeça. Levantou-se, deu a volta na mesa e segurou minha mão.

- Então eis a verdade, Lindsay. O que você tem ameaça sua vida.

- Ameaça minha vida? - Meu coração parou, minha garganta ficou seca como pergaminho.

- E fatal, Lindsay.

CAPÍTULO 4

O SOM FRIO E ÁSPERO DAQUELA PALAVRA ME ATINGIU ENTRE OS olhos como uma bala com ponta oca.

É fatal, Lindsay.

Esperei que o Dr. Roy me dissesse que aquilo tudo era uma espécie de piada de mau gosto. Que tinha trocado meus exames pelos de outra pessoa.

- Quero que vá a um hematologista, Lindsay - prosseguiu Orenthaler. - Como muitas doenças, essa tem estágios. O

estágio um é quando há uma pequena falta de hemácias. Pode ser tratada com transfusões mensais. O estágio dois é quando há uma falta sistêmica de glóbulos vermelhos. O estágio três requer hospitalização.

Transplante de medula. Potencialmente, a retirada do baço.

- Então onde é que eu estou? - perguntei, engolindo ar.

- A sua contagem de eritrócitos mal chega a duzentos por centímetro cúbico de sangue.

Isso a coloca na curva.

- Na curva?

- Na curva - disse o médico - entre os estágios dois e três.

Chega um ponto na vida de todos nós em que entendemos que os riscos mudaram de repente. O passeio tranqüilo da sua vida dá de cara num muro de pedra. Todos aqueles anos saltitantes em que a vida nos leva para onde queremos ir subitamente terminam. No meu trabalho vejo esse momento imposto às pessoas o tempo todo.

Bem-vindo ao meu.

- Então o que isso quer dizer? - perguntei sem força; a sala já estava rodando um pouco.

- Significa, Lindsay, que você vai ter de passar por um prolongado regime de tratamento intensivo.

Balancei a cabeça.

- O que significa para o meu trabalho?

Eu estou na Homicídios há seis anos, os dois últimos como inspetora-chefe de homicídios. Com alguma sorte, quando meu tenente fosse promovido, eu estaria na fila para a função dele. O departamento precisava de mulheres fortes.

Podiam ir longe. Até aquele momento eu pensava que iria longe.

- Neste instante eu acho que não significa nada - disse o médico. - Desde que você se sinta forte enquanto faz o tratamento, pode continuar a trabalhar.

Na verdade, pode até ser boa terapia.

De repente foi como se as paredes da sala se fechassem sobre mim.

Eu estava sufocando.

- Vou lhe dar o nome do hematologista - disse Orenthaler.

Ele continuou falando das credenciais do médico, mas eu não estava mais ouvindo. Eu pensava: para quem vou contar? Minha mãe morrera dez anos antes, de câncer de mama, meu pai estava fora do cenário desde meus treze anos.

Eu tinha uma irmã, Cat, que levava uma vida boa e tranqüila em Newport

Beach e, para ela, o simples fato de pegar um retorno proibido já era motivo para crise. O médico entregou-me um papel com o nome do hematologista.

- Eu a conheço, Lindsay. Vai fingir que isso é algo que pode consertar trabalhando mais.

Mas não pode. Isso é sério demais.

Quero que você ligue para ele hoje.

De repente o bipe tocou. Peguei-o dentro da bolsa e vi o número.

Era da delegacia Jacobi.

- Preciso de um telefone - eu disse.

Orenthaler olhou para mim com ar de reprovação, onde se lia: Eu avisei, Lindsay.

- Como disse, é terapia - eu falei, com um sorriso forçado.

Ele apontou para o telefone na mesa e saiu da sala. Disquei para o meu parceiro.

- A brincadeira acabou, Boxer. - A voz rouca de Jacobi chegou pela linha. - Temos um duplo um-oito-zero. No Grand Hyatt.

Minha cabeça rodava com o que o médico tinha dito. Meio zozna, não devo ter respondido.

-Você me ouviu, Boxer? Hora de trabalhar. Está a caminho?

- Estou - acabei dizendo.

- E use algo bonito - grunhiu meu parceiro - como se fosse para um casamento.

CAPÍTULO 5

COMO SAÍ DO CONSULTÓRIO DO DR. ORENTHALER, NO NOE Valley, e fiz todo o percurso até o Hyatt, na Union Square, eu não lembro.

Ficava ouvindo as palavras do médico ecoando sem parar na minha cabeça. Nos casos graves, a anemia de Negli pode ser fatal.

Só sei que, em menos de doze minutos depois da ligação de Jacobi, meu Bronco com dez anos de idade parou na frente da entrada do hotel.

A rua fervilhava com a atividade da polícia. Jesus, o que será que aconteceu?

O quarteirão inteiro, entre a Sutter e a Union Square, estava isolado por uma barricada de carros brancos e azuis. Na entrada do hotel havia um grupo de policiais uniformizados, revistando as pessoas que entravam e saíam, afastando a multidão de espectadores.

Abri caminho e entrei no saguão exibindo meu distintivo. Dois policiais uniformizados que reconheci estavam parados na frente:

Murray, um tira barrigudo no último ano de serviço, e seu parceiro mais jovem, Vasquez. Pedi para Murray me pôr a par de tudo.

- O que me disseram foi que há duas pessoas da alta assassinadas no trigésimo andar.

Todos os cérebros estão lá agora.

- Quem está comandando? - perguntei e senti minha energia voltar.

- A partir de agora, acho que é a senhora, inspetora.

- Nesse caso, quero que fechem todas as saídas do hotel imediatamente. E pegue com o gerente uma lista de todos os hóspedes e do pessoal do hotel.

Ninguém entra ou sai se não estiver nessa lista.

Segundos depois eu subi para o trigésimo andar.

A fila de policiais e oficiais com equipes de técnicos me levou pelo corredor até uma porta dupla com o nome Suíte Mandarin. Encontrei Charlie Clapper, o chefe da equipe da Unidade da Cena do Crime, arrastando suas malas pesadas com dois técnicos. O fato de Clapper estar ali pessoalmente indicava que era coisa séria.

Pelas portas abertas primeiro vi rosas, que estavam por toda parte.

Depois vi Jacobi.

- Cuidado onde pisa, inspetora - ele gritou do outro lado do quarto.

Meu parceiro tinha quarenta e sete anos, mas parecia dez anos mais velho. O cabelo era todo branco e estava começando a rarear. O rosto sempre parecia prestes a dar um sorriso debochado diante de alguma besteira dita. Ele e eu trabalhávamos juntos há dois anos e meio. Eu era superior dele, sargento-inspetora, mas ele tinha sete anos a mais do que eu na força policial. Ele se reportava a mim.

Entre na suíte e quase tropecei nas pernas do corpo número um, o noivo. Estava logo depois da porta, encolhido como um monte de roupas, de camisa de smoking aberta e calça comprida. O sangue grudava os pêlos no peito dele. Respirei fundo.

- Quero apresentar o Sr. David Brandt - disse Jacobi com um sorriso torto. - A Sra. David Brandt está aqui dentro. - Ele apontou para o quarto principal. - Acho que as coisas deram errado para eles mais cedo do que de costume.

Abaixei e dei uma boa e longa olhada no noivo. Ele era bonito, cabelo escuro, curto e despenteado, queixo suave. Mas os olhos grandes e apopléticos abertos e a linha de sangue coagulado no queixo estragavam as feições. O paletó do smoking estava no chão, atrás dele.

- Quem os encontrou? - perguntei enquanto verificava os bolsos para ver se achava a carteira.

- O assistente do gerente. Eles iam viajar para Bali esta manhã. Para a ilha, não para o cassino, Boxer. Para esses dois, são os assistentes de gerente que fazem o papel de despertador.

Abri a carteira: uma carteira de motorista de Nova York com o rosto sorridente do noivo. Cartões platina, várias notas de cem dólares.

Levantei e olhei em volta. A suíte descortinava um museu estiloso de arte oriental: dragões chineses de cerâmica celadon, cadeiras e sofás decorados com cenas da corte imperial. As rosas, é claro. Eu era mais do tipo cama-e-café- da-manhã aconchegante, mas, se estivesse a fim de dar uma de bacana, aquela suíte era a mais impressionante que eu podia encontrar.

- Vamos conhecer a noiva - disse Jacobi.

Passei por outro par de portas abertas, entrei no quarto principal e parei. A noiva estava deitada de costas na cama com dossel.

Eu já vira centenas de homicídios e podia focalizar um corpo tão rápido quanto qualquer um, mas não estava preparada para aquilo. Gerou uma onda de compaixão que percorreu minha espinha.

Ela ainda estava vestida de noiva.

CAPÍTULO 6

NÃO HÁ UM NÚMERO, POR MAIOR QUE SEJA, DE VÍTIMAS DE assassinato, que nos faça parar de sofrer, mas esse era especialmente difícil de olhar.

Ela era muito jovem e bonita. Calma, tranqüila e intacta, a não ser pelas três flores vermelhas de sangue espalhadas no peito branco.

Parecia uma princesa adormecida à espera do príncipe, só que o príncipe estava no outro cômodo, com as entranhas espalhadas pelo chão.

- O que você quer por três mil e quinhentos dólares a diária? - Jacobi sacudiu os ombros.
- O conto de fadas inteiro?

Eu tive de me esforçar para me concentrar no que era preciso fazer.

Olhei furiosa para ele, como se um simples olhar venenoso pudesse calar Jacobi.

- Puxa, Boxer, o que está acontecendo? - Fez cara de desconsolo. - Foi só uma piada.

Não sei como, mas a expressão de criança arrependida me fez voltar à realidade. A noiva usava um grande solitário na mão direita e brincos modernos. Fosse qual fosse o motivo do assassino, não era roubo.

Um técnico do IML ia começar seu primeiro exame.

- Parece que foram três facadas - ele disse. - Ela deve ter resistido muito. Ele pegou o noivo com uma só.

Passou pela minha cabeça que noventa por cento de todos os homicídios eram por causa de dinheiro, ou sexo. Esse parecia que não era por dinheiro.

- Quando foi a última vez que alguém os viu? - perguntei.

- Pouco depois das dez esta noite. Foi quando a gigantesca recepção terminou aí embaixo.

- E depois disso não?

- Eu sei que esta não é exatamente a sua praia, Boxer - disse Jacobi, abrindo um sorriso largo. - Mas em geral as pessoas não vêem o noivo e a noiva por um tempo depois da festa.

Dei um sorriso sem graça, levantei e olhei de novo para a enorme e luxuosa suíte.

- Então surpreenda-me, Jacobi. Quem paga um quarto como este?

- O pai do noivo é um figurão de Wall Street lá no leste. Ele e a mulher estão hospedados num quarto no décimo segundo andar. Disseram que lá embaixo foi uma ostentação danada. Aqui em cima também. Olhe só para esse monte de rosas.

Voltei para perto do noivo e vi o que parecia ser uma caixa de presente de champanhe em cima de um console de mármore perto da porta.

Estava toda respingada de sangue.

- O assistente da gerência notou isso - disse Jacobi.

- O meu palpite é que quem fez isso deve ter trazido o champanhe.

- Viram alguém rondando?

- Viram, muita gente de smoking. Era uma festa de casamento, certo?

Li o rótulo da garrafa de champanhe.

- Krug. Cios du Mesnil, 1989.

- Isso te diz alguma coisa? - perguntou Jacobi.

- Só que o assassino tem bom gosto.

Olhei para o paletó do smoking manchado de sangue. Havia um único rasgão no lado em que a facada fatal entrou.

- Acho que o assassino deve ter tirado o paletó dele depois de esfaqueá-lo - disse Jacobi, dando de ombros.

- Por que ele faria isso? - resmunguei em voz alta.

- Não sei. Temos de perguntar a ele.

Charlie Clapper estava olhando para mim do corredor, queria saber se podia começar. Fiz que sim com a cabeça e ele entrou. Depois voltei para a noiva.

Tive uma sensação muito ruim em relação a ela. Se não é por dinheiro... então... sexo. Levantei o elegante forro de tule da saia. A confirmação mais gélida e mais amarga me cortou ao meio. A calcinha da noiva tinha sido puxada para baixo, estava pendurada em um pé. Uma raiva surda cresceu no meu peito. Olhei para os olhos da noiva. Tinha tudo à frente dela, todas as esperanças e todos os sonhos. Agora era um corpo assassinado, desonrado, possivelmente estuprado na noite de núpcias.

Lá parada, piscando e olhando para o rosto dela, de repente percebi que eu estava chorando.

- Warren - disse a Jacobi -, quero que você converse com os pais do noivo - acrescentei, suspirando. - Quero todos que estiveram aqui neste andar entrevistados. Se já saíram do hotel, quero que os encontrem. E uma lista de todos os empregados do hotel que estavam trabalhando ontem à noite.

Sabia que, se não saísse dali agora, não ia segurar a enxurrada.

- Agora, Warren. Por favor... já.

Evitei os olhos dele, dei a volta e saí da suíte.

- O que está acontecendo com a Boxer? - perguntou Charlie Clapper.

- Você conhece as mulheres - ouvi Jacobi responder. - Elas sempre choram em casamentos.

CAPÍTULO 7

PHILLIP CAMPBELL CAMINHAVA PELA RUA POWELL, INDO PARA A Union Square e o Hyatt. A polícia tinha bloqueado a rua e a multidão do lado de fora do hotel aumentava rapidamente.

As sirenes uivantes da polícia e de outros veículos de emergência enchiam o ar. Aquilo era tão diferente da civilizada e respeitável San Francisco... Ele estava adorando!

Campbell quase não acreditou que estava voltando à cena do crime.

Simplesmente não conseguia se conter. Estar ali novamente ajudava a reviver a noite anterior.

Andando pela Powell, chegando cada vez mais perto, a adrenalina se espalhou numa onda repentina, seu coração acelerou e ficou quase fora de controle.

Esgueirou-se pelo meio dos transeuntes no último quarteirão do Hyatt. Ouviu os rumores rodopiando no meio da multidão, a maioria pessoas bem-vestidas, com o rosto crispado de angústia e dor. Havia boatos de um incêndio no hotel, de alguém que ia pular, de um homicídio, de um suicídio, mas nada chegava nem perto do horror do acontecimento real.

Finalmente ele chegou suficientemente perto para poder ver a polícia de San Francisco trabalhando. Dois policiais revistavam as pessoas, à procura dele. Phillip não estava preocupado em ser descoberto, nem um pouco. Isso não ia acontecer. O perfil dele era o menos provável, talvez estivesse nos últimos cinco por cento das pessoas de quem a polícia podia suspeitar. Isso o tranqüilizava, na verdade o excitava. Deus, ele fez aquilo, fez tudo aquilo acontecer e estava só começando. Jamais sentira nada parecido com aquela sensação, e a cidade de San Francisco também não.

Um empresário estava saindo do Hyatt e os repórteres e outras pessoas lhe faziam perguntas como se ele fosse uma grande celebridade.

O homem tinha trinta e poucos anos e sorria. Ele tinha o que todos queriam, e sabia disso. Dominava a todos ali e saboreava seus quinze minutos de fama.

- Foi um casal... assassinado na cobertura. - Phillip ouviu o homem dizer. - Estavam em lua-de-mel. Triste, não?

A multidão em volta de Phillip Campbell emitiu gritos abafados e o coração dele foi às nuvens.

CAPÍTULO 8

QUE CENA! CINDY THOMAS ABRIA CAMINHO PELO MEIO DA multidão murmurante, os espectadores em volta do Grand Hyatt. Então ela gemeu ao ver a linha de policiais bloqueando o caminho.

Devia haver uns cem curiosos impressados em volta da entrada: turistas com câmeras, homens e mulheres de negócios indo para o trabalho, outros exibindo credenciais da imprensa e gritando, tentando entrar. Do outro lado da rua uma van de um jornal da televisão já estava transmitindo com a fachada do hotel como fundo.

Depois de passar dois anos cobrindo notícias locais na seção chamada de Metro desk, de metropolitana, do jornal Chronicle, Cindy sentia quando uma história podia significar um salto na sua carreira. Aquela fazia os cabelinhos da nuca se arrepiarem todos.

- Homicídio no Grand Hyatt - informou o editor de cidade, Sid Glass, depois que um estagiário captou a transmissão da polícia. Suzie Fitzpatrick e Tom Stone, os habituais repórteres de crimes do Chronicle, estavam ambos ocupados.

- Vá já para lá - rosou o patrão, para espanto de Cindy.

E ele não teve de mandar duas vezes.

Mas agora, do lado de fora do Hyatt, Cindy achava que aquela breve onda de sorte tinha acabado.

A rua estava fechada. Mais equipes da mídia chegavam a todo segundo. Se não descobrisse alguma coisa agora, Fitzpatrick ou Stone logo ficaria com a história.

Do que ela precisava estava lá dentro. E ela estava ali, no meio-fio.

Avistou uma fila de limusines e foi até a primeira, compridíssima e bege. Bateu no vidro da janela.

O motorista olhou para ela por cima do jornal que estava lendo, o Chronicle, é claro, e abaixou o vidro quando ela o olhou.

- Está esperando o Steadman? - perguntou Cindy.

- Hã-hã - respondeu o motorista. - Eddleson.

- Desculpe, desculpe. - Ela acenou para ele.

Mas por dentro estava radiante. Isso era o seu bilhete para entrar.

Ficou no meio da multidão mais um pouco, depois partiu para a frente abrindo caminho com os cotovelos. Um jovem policial bloqueou o caminho dela.

- Com licença - disse Cindy, parecendo arrasada. - Tenho um encontro no hotel.

- Nome?

- Eddleson. Ele está me esperando.

O policial procurou numa lista de computador impressa e presa numa prancheta.

- Tem o número do quarto?

Cindy balançou a cabeça.

- Ele me disse para encontrá-lo no Grill Room às onze.

O Grill Room do Hyatt era cenário dos cafés da manhã mais poderosos de San Francisco. O guarda da porta examinou Cindy cuidadosamente, de cima a baixo. De paletó de couro preto, calça jeans, sandálias da Earthsake, Cindy achou que não tinha aparência de alguém

que ia para um lanche poderoso.

- A minha reunião - disse Cindy, batendo como dedo no relógio. - Eddleson.

Distraído, o policial deixou Cindy passar.

Ela estava lá dentro. O saguão-átrio envidraçado, colunas douradas que chegavam até o terceiro andar. Teve vontade de rir de todo aquele talento altamente valorizado e todos aqueles rostos reconhecíveis ainda lá fora, na rua.

E Cindy Thomas foi a primeira a entrar. Agora só tinha de descobrir o que ia fazer.

O lugar estava definitivamente um vespeiro. Policiais, homens de negócios saindo, grupos de excursão, a equipe do hotel com seus uniformes vinho. O chefe tinha dito que foi um homicídio. E muito ousado, dada a reputação renomada do hotel.

Ela não sabia qual era o andar. Nem quando aconteceu. Nem sabia se envolvia um hóspede.

Podia estar lá dentro, mas não sabia droga nenhuma.

Cindy avistou um monte de malas sozinhas no outro lado do saguão.

Pareciam parte de alguma grande excursão. Um carregador as arrastava para fora.

Ela chegou perto tranquilamente e se abaixou ao lado de uma das malas, como se estivesse tirando alguma coisa.

Um segundo carregador passou por ela.

- Precisa de táxi?

Cindy balançou a cabeça.

- Alguém vem me buscar.

Depois, olhando para aquele caos, ela rolou os olhos.

- Acabei de acordar. O que foi que eu perdi?

- Não soube? Deve ser a única. Tivemos um pandemônio no hotel ontem à noite.

Cindy arregalou os olhos.

- Dois assassinatos. No trigésimo. - Ele baixou a voz como se fosse contar o maior segredo do mundo. - Por acaso viu aquela grande festa de casamento ontem à noite? Foram o noivo e a noiva. Alguém invadiu a Suíte Mandarin onde eles estavam.

- Meu Deus! - Cindy exclamou.

- Tem certeza de que não quer que eu leve isso lá para a frente? - perguntou o carregador.

Cindy deu um sorriso forçado.

- Obrigada. Espero aqui dentro mesmo.

No outro lado do saguão ela viu as portas de um elevador se abrirem. Um carregador saiu, empurrando um carrinho com bagagem. Devia ser o elevador de serviço.

Pelo que podia ver, a polícia não tinha bloqueado aquele.

Atravessou o saguão pelo meio do trânsito de pessoas e foi indo para o elevador. Apertou o botão e as portas douradas e brilhantes se abriram. Graças a Deus, estava vazio.

Cindy entrou e as portas se fecharam. Não acreditava no que estava fazendo. Apertou o 30. A Suíte Mandarin. Homicídio duplo. A história era dela.

CAPÍTULO 9

QUANDO O ELEVADOR PAROU, CINDY PRENDEU A RESPIRAÇÃO. O coração bombeava como um dínamo.

Estava no trigésimo andar. Estava lá dentro. E estava realmente fazendo aquilo.

As portas se abriram num canto remoto do andar. Ela deu graças a Deus por não haver nenhum policial parado na frente.

Escutou o burburinho de atividade vindo da outra extremidade do corredor. Tudo que precisava fazer era seguir o barulho.

Foi andando depressa pelo corredor e as vozes ficaram mais altas.

Dois homens de jaqueta amarela com "CSU" (Crime Scene Unit - Unidade da Cena do Crime) em grandes letras pretas passaram por ela. No final do corredor havia um grupo de policiais e investigadores parado na frente de uma porta dupla aberta onde estava escrito "Suíte Mandarin".

Ela não estava só lá dentro. Estava bem no meio da coisa.

Cindy foi indo para a porta dupla. Os policiais nem olhavam na direção dela. Estavam admitindo o pessoal da polícia que chegava de um dos elevadores sociais.

Ela foi até o fim. A Suíte Mandarin. Viu tudo lá dentro. Era imensa, opulenta, com uma decoração suntuosa. Havia rosas por toda parte.

Então seu coração quase parou. Pensou que fosse vomitar.

O noivo, de camisa de smoking ensangüentada, estava lá estirado no chão.

As pernas de Cindy fraquejaram. Nunca tinha visto uma vítima de assassinato antes. Queria se inclinar para a frente para memorizar todos os detalhes, mas seu corpo não se mexia.

- Quem é você? - perguntou de repente uma voz rude.

Um policial grande e zangado estava olhando direto para o rosto dela.

De repente ela foi agarrada e empurrada com força para a parede.

Doeu. Em pânico, Cindy apontou para a bolsa e para a carteira dela, em que havia uma credencial de imprensa com foto.

O policial zangado começou a folhear os documentos e cartões de crédito como se fossem propaganda pelo correio.

- Porra! - reclamou o patrulheiro de pescoço grosso com cara de Doberman triste. - Ela é repórter.

- Como foi que você veio parar aqui? - O parceiro dele se aproximou e quis saber.

- Tirem-na já daqui - o Doberman rosou para ele. - E

fiquem com o documento. Ela não chegará a menos de dois quilômetros de uma coletiva da polícia no ano que vem.

O parceiro dele arrastou Cindy pelo braço até o conjunto de elevadores sociais. Por cima do ombro Cindy deu uma última olhada nas pernas do homem morto perto da porta. Era horrível, aterrador e triste. Ela tremia.

- Mostre a porta da frente para esta repórter. - Ele instruiu um terceiro policial que controlava o elevador. Brincou com o documento da imprensa como se fosse uma carta de baralho. - Espero que a subida tenha valido perder isto.

Quando as portas se fecharam alguém gritou:

- Esperem!

Uma mulher alta de camiseta azul-clara e colete de brocado com um distintivo preso na cintura entrou no elevador. A policial era bonita, cabelo entre louro e ruivo, mas estava evidentemente abalada. Soltou um suspiro profundo quando as portas se fecharam.

- Feio lá dentro, inspetora? - perguntou o policial que acompanhava Cindy.

A palavra inspetora despontou como um clarão na cabeça de Cindy.

Cindy não estava acreditando. A cena devia ser mais do que terrível para uma inspetora ficar daquele jeito. Enquanto o elevador descia, Cindy fitou os trinta andares piscando os olhos e olhando reto para a frente.

Quando chegou ao saguão e as portas se abriram, a inspetora saiu apressada.

- Está vendo a porta da frente? - disse o policial para Cindy. - Passe por ela. Não volte.

Logo que as portas do elevador se fecharam de novo, ela deu meia-volta e examinou o grande saguão, à procura da detetive. E a viu entrando no banheiro.

Cindy correu e foi atrás dela. Estavam só as duas lá dentro.

A detetive parou na frente do espelho. Devia ter quase um metro e oitenta, era esguia e marcante. Para espanto de Cindy, ficou claro que ela havia chorado.

Opa! Opa! Estava dentro de novo. O que a inspetora tinha visto para ficar tão perturbada?

- Está tudo bem? - Cindy finalmente perguntou, com a voz suave.

A detetive ficou tensa quando percebeu que não estava sozinha. Mas tinha aquela expressão no rosto de quem está prestes a desabafar tudo.

- Você é aquela repórter, não é? A que foi lá para cima.

Cindy fez que sim com a cabeça.

- E como foi que você chegou lá?

- Eu não sei. Sorte, talvez.

A detetive pegou um lenço de papel e secou os olhos.

- Bem, temo que sua sorte acabou, se está esperando alguma coisa de mim.

- Minha intenção não foi essa - disse Cindy. - Tem certeza de que está bem?

A policial deu meia-volta. Os olhos dela berravam Não tenho nada para lhe dizer, mas era mentira. Era como se ela precisasse fazer exatamente isso, conversar com alguém, mais do que tudo no mundo.

Foi um daqueles momentos estranhos em que Cindy sabia que havia algo mais abaixo da superfície. Se os papéis se invertessem e ela tivesse chance, as duas podiam até se tornar amigas.

Cindy enfiou a mão no bolso, tirou um cartão e o pôs na pia, na frente da detetive.

- Se um dia quiser conversar...

A cor voltou ao rosto bonito da inspetora. Ela hesitou, depois deu uma pontinha de sorriso para Cindy.

Cindy sorriu para ela.

- Já que estou aqui...

Cindy foi até a pia e tirou o kit de maquiagem da bolsa.

Encontrou os olhos da policial no espelho.

- Bonito colete - ela disse.

CAPÍTULO 10

Eu TRABALHO NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA. O TJ, com o nos referimos ao prédio de granito cinza, com dez andares, que abrigava o Ministério da Justiça, ficava logo a oeste da auto-estrada, na Sexta com a Bryant. Se o próprio edifício, com seus corredores desbotados e anti-sépticos, não passava a idéia de que os mantenedores da lei não tinham estilo, a vizinhança em volta certamente afirmava isso.

Biroscas de fiadores com letreiros pintados à mão, lojas de peças de automóveis, estacionamentos e cafês decadentes.

Qualquer delito podia ser encontrado no TJ: roubo de automóveis, crimes sexuais, assaltos. O promotor público ficava no oitavo andar, com cubículos cheios de jovens e inteligentes promotores. Tinha um espaço com celas de detenção no décimo. Com uma parada só da prisão para a denúncia. Ao lado tínhamos até um necrotério.

Depois de uma coletiva de imprensa às pressas sobre o básico do crime, Jacobi e eu combinamos de nos encontrar no TJ e repassar o que tínhamos até agora.

Nós doze, que cobríamos homicídios da cidade inteira, dividíamos um salão de vinte por trinta iluminado por fortes lâmpadas fluorescentes.

A minha mesa era privilegiada - ficava perto da janela, com a vista "animada" da rampa de entrada para a auto-estrada. Estava sempre coberta de folhetos, pilhas de fotos, boletins do departamento.

O único objeto realmente pessoal nela era um cubo de acrílico que meu primeiro parceiro me tinha dado. Tinha escrito nele: Não sabemos para que lado o trem foi, se olhamos só para os trilhos.

Fiz um chá para mim e encontrei Jacobi na sala de interrogatório 1.

Marquei duas colunas na lousa: uma para o que sabíamos, outra para o que tínhamos de verificar.

A primeira conversa de Jacobi com os pais do noivo não deu em nada.

O pai era um figurão de Wall Street, proprietário de uma firma que cuidava de aquisições internacionais. Disse que ele e a mulher ficaram na festa até o último convidado partir e que "subiram com as crianças". Não tinham nenhum inimigo no mundo. Nenhuma dívida, nenhum vício, nenhuma ameaça. Nada que provocasse um ato tão horrível, impensável.

Uma varredura dos hóspedes no trigésimo andar foi um pouco mais proveitosa. Um casal de Chicago tinha notado um homem parado no corredor, perto da Suíte Mandarin, a noite passada, por volta das dez e meia. Descreveram-no como tendo estatura média, cabelo preto e curto e disseram que usava um terno preto, talvez um smoking.

E carregava o que podia ser uma caixa de bebida.

Mais tarde, dois saquinhos de chá e duas carteias vazias de antiácido na mesa eram os sinais mais evidentes de que tínhamos ficado batendo e rebatendo essas questões de um para o outro algumas horas. Eram sete e quinze. Nosso turno tinha terminado às cinco.

- Está sem programa esta noite, Lindsay? - Jacobi perguntou.
- Tenho todos que eu quero, Warren.
- Certo, é como eu disse, está sem programa hoje.

O nosso tenente, Sam Roth, que chamávamos de Cheery, enfiou a cabeça na porta, sem bater. Jogou um exemplar do Chronicle vespertino na mesa.

- Viram isso?

A manchete em negrito dizia: MASSACRE NA NOITE DE NÚPCIAS NO HYATT.

Eu li alto o texto da primeira página.

- Com uma vista deslumbrante da baía, num mundo que só os ricos conhecem, o corpo do noivo, 29 anos, estava caído perto da porta.

Ele franziu a testa.

- Qual é? Por acaso convidamos essa repórter para uma excursão pela cena do crime?

Ela sabe os nomes e descreve a cena toda.

A reportagem era assinada por Cindy Thomas.

Lembrei do cartão na minha bolsa e dei um longo suspiro. Cindy maldição Thomas.

- Talvez eu deva ligar para ela e perguntar se nós temos alguma pista - continuou Roth.

- Você quer participar? - perguntei. - Olhe para o quadro. Precisamos de ajuda.

Roth ficou lá parado, mordendo o lábio. Já ia sair e fechar a porta, mas voltou.

- Lindsay, esteja na minha sala às quinze para as nove amanhã. Precisamos organizar isso com todo o cuidado. Por enquanto, é seu.

Então ele fechou a porta.

Sentei à mesa. Parecia que tinha um peso enorme em cima de mim. Um dia inteiro passou e não tive um segundo para pensar na notícia que recebi de manhã.

- Você está bem? - perguntou Jacobi.

Olhei para ele, prestes a contar tudo, ou talvez chorar de novo.

- Aquela cena do crime foi dureza - ele disse já na porta. - Você deve ir para casa, tomar um banho de banheira, algo assim.

Sorri para ele agradecida por aquela sensibilidade atípica e repentina.

Depois que ele saiu, encarei as colunas quase vazias do quadro. Eu me sentia tão fraca e tão vazia que mal consegui me levantar.

Lentamente os acontecimentos do dia, minha ida ao consultório de Orenthaler, voltaram à minha cabeça, que girava com o aviso dele: Fatal, Lindsay.

E então despenquei na realidade. Já eram quase oito horas.

E eu não tinha ligado para o especialista que Orenthaler indicou.

CAPÍTULO 11

AQUELA NOITE, QUANDO CHEGUEI EM CASA, SEGUI MAIS OU menos o conselho de Jacobi.

Primeiro fui passear com minha cadela, Doce Martha. Duas vizinhas cuidam de Martha durante o dia, mas a bichinha está sempre pronta para o nosso passeio noturno.

Depois disso tirei os tênis, joguei minha arma e a roupa na cama, tomei uma longa chuveirada quente e levei uma cerveja Killian's para o banheiro.

A imagem de David e Melanie Brandt desapareceu, eles podiam dormir.

Mas ainda tinha Orenthaler e a anemia de Negli. E a ligação para o especialista que temi o dia inteiro e acabei não fazendo.

Por mais que levantasse o rosto inúmeras vezes embaixo do jato de água quente, não conseguia lavar aquele longo dia. Minha vida tinha mudado. Não estava mais lutando só contra assassinos na rua. Estava lutando pela minha vida.

Saí do chuveiro, passei uma escova no cabelo e fiquei muito tempo me olhando no espelho. Pensei numa coisa em que raramente pensava: eu era bonita. Nenhuma grande beleza, mas bonita. Alta, quase 1,75m, com formas bem decentes para quem de vez em quando exagera na cerveja e sorvete com calda e biscoito. Eu tinha olhos castanhos inteligentes e animados.

Não recuava.

Como era possível que eu fosse morrer?

Mas aquela noite meus olhos estavam diferentes. Assustados. Tudo parecia diferente. Domine essa onda, escutei uma voz dentro de mim dizer. Cabeça erguida. Você sempre teve a cabeça erguida.

Por mais que eu tentasse reprimir, a pergunta aparecia: por que eu?

Vesti um conjunto de moletom, fiz um rabo-de-cavalo curtinho e fui para a cozinha, ferver água para fazer um macarrão e esquentar o molho que tinha posto na geladeira duas noites atrás.

Enquanto fervia, pus um CD para tocar, da Sarah McLachlan, e sentei diante da bancada da cozinha com um copo de vinho Bianco tinto que abri na véspera. Fiz carinho na Doce Martha enquanto a música tocava.

Desde que o meu processo de divórcio terminara dois anos atrás, eu morava sozinha. Detesto morar sozinha. Adoro pessoas, amigos. Eu amava o meu marido, Tom, mais do que a própria vida... até ele me deixar, dizendo: "Lindsay, não sei explicar. Eu te amo, mas preciso ir. Preciso encontrar outra pessoa. Não tenho mais nada a dizer."

Acho que ele estava sendo sincero, mas foi a coisa mais burra e mais triste que eu já ouvi. Partiu meu coração em milhões de pedaços. E continua partido. Por isso, apesar de odiar morar sozinha, tirando a Doce Martha, é claro, tenho medo de estar com alguém de novo. E se ele parar de me amar de repente? Eu não ia agüentar.

Por isso despacho, ou derrubo com um tiro, praticamente todos os homens que se aproximam de mim.

Mas, meu Deus, eu detesto ficar sozinha.

Especialmente esta noite.

Minha mãe morreu de câncer de mama assim que terminei o segundo grau. Pedi transferência de Berkeley para a escola municipal para ajudá-la e ajudar a cuidar da minha irmã mais nova, Cat. Como quase todas as coisas na vida dela, até o fato de meu pai ter se mandado, minha mãe só foi encarar a doença quando era tarde demais para fazer qualquer coisa.

Tinha visto meu pai apenas duas vezes desde os treze anos. Ele usou o uniforme da central de polícia por vinte anos. Era conhecido como excelente tira. Costumava freqüentar um bar, o Alibi, e ficava lá para assistir ao jogo dos Giants depois do turno. As vezes me levava, sua "pequena mascote", para os rapazes admirarem.

O molho ficou pronto, derramei sobre o fusilli e levei o prato de macarrão e a salada para a varanda. Martha foi comigo. Ela tem sido minha sombra desde que a adotei da Border Collie Rescue Society. Eu morava na Potrero Hill, numa casa azul reformada de um condomínio, com vista para a baía. Não era como a linda vista da Suíte Mandarin.

Sentei, pus os pés numa cadeira e equilibrei o prato no colo. Do outro lado da baía as luzes de Oakland cintilavam como milhares de olhos antipáticos.

Olhei para a galáxia de luzes piscando e senti meus olhos se encherem de lágrimas. Pela segunda vez naquele dia percebi que estava chorando. Martha me tocou gentilmente com o focinho, depois limpou o prato de fusilli para mim.

CAPÍTULO 12

QUINZE PARA AS NOVE DA MANHÃ SEGUINTE EU BATIA NA JANELA embaçada da sala do tenente Roth no TJ. Roth gosta de mim, como mais uma filha, diz ele. Ele não faz idéia de como é condescendente. Fico tentada a dizer a Roth que gosto dele... como de um avô.

Estava esperando uma multidão, pelo menos dois burocratas de terno da corregedoria, ou talvez o capitão Welting, que supervisionava o Bureau de Inspectores, mas, quando ele fez sinal para eu entrar, vi que havia só mais uma pessoa na sala.

Um tipo bonito com camisa de cambraia e gravata listrada, cabelo escuro e curto e ombros largos. Ele tinha um rosto bonito e inteligente, que pareceu ganhar vida quando eu entrei, mas aquilo só podia significar uma coisa para mim.

Alta patente. Alguém da assessoria de imprensa do departamento, ou da prefeitura.

Tive uma sensação forte e incômoda de que eles tinham estado falando de mim.

Quando estava indo para lá, ensaiei um convincente desmentido sobre a brecha na segurança com a imprensa. Que cheguei tarde à cena do crime e que a questão principal era o crime. Mas Roth me surpreendeu:

- Estão chamando de "tristeza no casamento" - ele disse e jogou o Chronicle matinal na minha cara.

- Eu vi - respondi, aliviada por poder me concentrar de novo no caso.

Ele olhou para o Sr. Prefeitura.

- Vamos ler sobre este caso a cada passo que dermos.

Os dois eram ricos, classe A, populares. Mais ou menos como o jovem Kennedy e a mulher loura dele... a tragédia deles.

- Quem eles são não importa para mim - respondi. - Escute, Sam, sobre ontem...

Ele fez um sinal com a mão para eu parar.

- Esqueça ontem. O chefe Mercer já conversou comigo pelo telefone. Este caso merece toda a atenção dele.

Ele olhou para o tipo político bem-vestido no canto.

- De qualquer modo, ele quer rédeas curtas neste caso. O que aconteceu em outras investigações envolvendo pessoas famosas não pode acontecer agora.

- Então ele me disse: - Vamos mudar as regras neste caso.

De repente o ar da sala ficou pesado, com a sensação desagradável de uma armação.

Aí o Sr. Prefeitura se apresentou. Notei que os olhos dele tinham as rugas de experiência de alguém que trilhou um longo caminho.

- O prefeito e o chefe Mercer acham que podemos cuidar desta investigação como uma aliança interdepartamental. Isto é, se você topasse trabalhar com alguém novo - ele disse.

- Novo?

Meus olhos pulavam para um e para outro, e acabaram parando em Roth.

- Conheça seu novo parceiro - anunciou Roth.

Estou sendo enrabada com pompa e circunstância, declarou uma voz dentro da minha cabeça. Eles não fariam isso com um homem.

- Chris Raleigh - disse o Sr. Figurão da Prefeitura, estendendo a mão.

Não estendi a minha para cumprimentá-lo.

- Nos últimos anos - continuou Roth -, o capitão Raleigh trabalhou como oficial de ligação da Ação Comunitária com a prefeitura. A especialidade dele é administrar casos potencialmente sensíveis.

- Administrar?

Raleigh rolou os olhos para mim. Estava tentando ser discreto.

- Conter... controlar os danos... curar as feridas que houver na comunidade depois.

- Ah - retruquei você é um homem de marketing.

Ele sorriu. Cada parte dele exalava um ar seguro e bem treinado, associado ao tipo de homens que sentavam em volta de mesas enormes na prefeitura.

- Antes disso - Roth prosseguiu -, Chris era capitão distrital na Northern.

- E a região do jet set - eu disse com desprezo.

Todos faziam piadas com a área da Northern, que ia da Nob Hill até Pacific Heights.

Crimes quentes lá eram mulheres da sociedade que escutavam barulhos do lado de fora de suas casas e turistas que chegavam tarde e ficavam trancados do lado de fora de seus hotéis.

- Nós também cuidávamos do trânsito em torno do parque Presídio - Raleigh revidou com mais um sorriso.

Ignorei Raleigh e virei para Roth.

- E o Warren? Ele e eu dividimos todos os casos nos últimos dois anos.

- Jacobi será reescalado. Tenho uma função ótima para ele e para sua língua de trapo.

Não gostei de deixar meu parceiro para trás, com aquelas piadinhas idiotas e tudo. Mas Jacobi era o pior inimigo dele mesmo.

Para surpresa minha, Raleigh perguntou:

- Concorde com isso, inspetora?

Eu não tinha mesmo escolha. Fiz que sim com a cabeça.

- Se você não atrapalhar. Além do mais, suas gravatas são melhores do que as do Jacobi.

- Presente do Dia dos Pais - ele disse com orgulho.

Não acreditei quando senti um tremor de desapontamento percorrendo meu corpo. Meu Deus, Lindsay! Eu não vi nenhuma aliança. Lindsay!

- Vou liberá-la de todos os outros compromissos - anunciou Roth. - Nenhum dever conflitante. Jacobi pode cuidar da retaguarda, se ele quiser continuar no caso.

- Então quem está no comando? - perguntei a Cheery.

Ela era a parceira mais graduada de Jacobi. Estava acostumada a comandar minhas investigações.

Roth deu uma risadinha debochada.

- Ele trabalha com o prefeito. Já foi capitão distrital. Quem você acha que está no comando?

- Que tal assim: em campo você manda? - sugeriu Raleigh. - O que fizermos com o que descobrirmos é a minha parte.

Hesitei e olhei para ele de alto a baixo, avaliando. Meu Deus, ele era muito insinuante!

Roth olhou para mim.

- Quer que eu pergunte a Jacobi se ele tem alguma objeção?

Raleigh olhou nos meus olhos.

- Olhe, eu aviso se não conseguirmos dar um jeito.

Era a melhor negociação que eu ia conseguir. O acordo havia mudado.

Mas pelo menos eu continuava com o meu caso.

- Então do que vou chamá-lo? De capitão?

Com naturalidade Raleigh jogou um casaco esporte marrom no ombro e estendeu a mão para abrir a porta.

- Experimente o meu nome. Já sou civil há cinco anos.

- Tudo bem, Raleigh - eu disse, com um sorriso apagado. - Chegou a ver um cadáver quando estava na Northern?

CAPÍTULO 13

A PIADA NA HOMICÍDIOS SOBRE O NECROTÉRIO ERA QUE, APESAR do clima ruim, o lugar era bom para os negócios. Não há nada como o cheiro acre de formol ou o brilho deprimente dos corredores ladrilhados como dos hospitais para fazer o trabalho pesado de seguir pistas que não dão em nada parecer inspirador.

Mas, como dizem, é lá que os corpos estão.

Era isso e poder encontrar a minha amiga Claire.

Não havia muito a dizer sobre Claire Washburn, a não ser que era brilhante, muito competente e minha maior e melhor amiga em todo o mundo. Há seis anos ela era a médica-legista chefe da prefeitura, que todos na Homicídios sabiam tratar-se do título menos apropriado que havia, já que ela praticamente cuidava de tudo para Anthony Righetti. Righetti é o patrão autoritário e arrogante que se apropria dos créditos dos outros, mas Claire raramente reclama.

Para nós, Claire é o próprio Departamento do Médico-Legista. Mas talvez a idéia de uma mulher médica-legista ainda não tenha colado, mesmo em San Francisco.

Mulher e negra.

Quando Raleigh e eu chegamos, fomos levados à sala de Claire. Ela estava com seu jaleco branco de médica, com o apelido "Butterfly" bordado no bolso esquerdo de cima.

A primeira coisa que se notava em Claire era que ela carregava vinte e cinco quilos dos quais não precisava.

- Estou em forma - ela sempre dizia. - Redondo é uma forma.

A segunda coisa era o seu comportamento radiante e seguro. Dava para ver que ela não ligava para nada. Tinha o corpo de um brãmane, cabeça de falcão e a alma gentil de uma borboleta.

Quando entramos, ela me deu um sorriso cansado mas satisfeito, como se tivesse ficado a noite inteira trabalhando. Apresentei Raleigh e Claire lançou um olhar impressionado para mim.

Tudo que eu tinha acumulado durante anos pelas ruas ela esbanjava em sabedoria de vida. Era espantoso o jeito com que ela equilibrava as exigências do trabalho, lidava com o patrão que queria os créditos só para ele e ainda criava dois filhos adolescentes. E o seu casamento com Edmund, que tocava bumbo na Orquestra Sinfônica de San Francisco, era o que alimentava a minha fé de que ainda havia alguma esperança para essa instituição.

- Estava à sua espera - ela disse quando nos abraçamos. - Liguei para você ontem à noite daqui. Não recebeu o recado?

Com os braços dela me confortando, senti uma onda de emoção crescer dentro de mim. Queria contar tudo a ela. Se não fosse a presença de Raleigh, acho que teria desabafado sobre Orenthaler e a anemia de Negli ali mesmo.

- Eu estava exausta - respondi. - E moída. Foi um dia longo e estafante.

- Nem me diga - riu Raleigh. - Vocês já se conhecem.

- Preparação para autópsia padrão. - Claire deu um sorriso de orelha a orelha quando nos afastamos. - Não ensinam isso a vocês lá na prefeitura?

Ele abriu os braços brincando.

- Hã-hã - disse Claire, apertando o meu ombro. - Isso você tem de merecer. De qualquer modo - ela recuperou o tom sério -, eu terminei as preliminares esta manhã. Querem ver os corpos?

Eu fiz que sim com a cabeça.

- Mas preparem-se. Esses dois não são exatamente um anúncio da Noiva Moderna.

Ela nos fez atravessar uma série de portas de compressão até a câmara principal, a sala grande e refrigerada onde ficavam os corpos.

Fui na frente com Claire, que me puxou para perto e cochichou:

- Vou adivinhar. Você deu um beijo no nariz do Jacobi e de repente apareceu esse príncipe encantado.

- Ele trabalha para o prefeito, Claire - eu disse sorrindo. - Mandaram para cá para garantir que eu não vou desmaiar vendo sangue.

- Nesse caso - ela respondeu, empurrando a porta pesada da câmara -, é melhor você se agarrar a esse homem.

CAPÍTULO 14

FAZIA SEIS ANOS QUE EU TINHA CONTATOS IMEDIATOS COM cadáveres. Mas o que vi provocou um tremor de repulsa.

Os corpos mutilados da noiva e do noivo estavam lado a lado. Sobre macas, com os rostos congelados no momento horrível de suas mortes.

David e Melanie Brandt.

Na expressão rígida e fantasmagórica dos dois estava a declaração mais forte que eu já tinha visto, de que a vida talvez não seja governada por qualquer coisa justa ou clemente. Concentrei-me no rosto de Melanie. Na véspera, com seu vestido de noiva, ela parecia trágica e tranqüila.

Hoje, naquela rigidez retalhada e nua, seu corpo era prisioneiro de uma imagem congelada de horror grotesco. Tudo que eu tinha guardado bem fundo no dia anterior veio à superfície outra vez.

Seis anos na Homicídios e eu nunca desviei o olhar. Mas dessa vez virei de costas.

Senti a mão de Claire apoiando meu braço e encostei nela.

Para minha surpresa, era Raleigh. Endireitei o corpo com um misto de raiva e vergonha.

- Obrigada - suspirei. - Estou bem.

- Estou neste trabalho há oito anos - disse Claire - e este me deu vontade de virar de costas.

Ela pegou uma pasta da mesa de exame em frente a David Brandt.

Apontou para a ferida aberta pela facada do lado esquerdo do peito.

- Ele foi esfaqueado uma vez no ventrículo direito.

Dá para ver que a faca perfurou a junção da quarta costela e o externo na entrada. Rompeu o NAV, o nódulo atrioventricular, que é como uma bateria de carga elétrica para o coração. Tecnicamente, uma parada cardíaca.

- Ele morreu de ataque do coração? - perguntou Raleigh.

Claire calçou um par de luvas cirúrgicas apertadas nas mãos com unhas pintadas de vermelho.

- Dissociação eletromecânica. E só um jeito complicado de explicar o que acontece quando alguém leva uma facada no coração.

- E quanto à arma? - perguntei.

- A esta altura, tudo que eu sei é que foi uma faca comum, de lâmina reta. Não há qualquer marca distinta ou desenho na entrada. Uma coisa que posso dizer é que o assassino tem altura mediana, entre 1,65 e 1,75m, e é destro, com base no ângulo do impacto. Dá para ver aqui que a direção da incisão faz um ângulo discreto para cima. Aqui - ela disse, passando o dedo em volta do ferimento. - O noivo tinha 1,80m. Na mulher dele, que tinha 1,60m, o ângulo da primeira incisão é inclinado para baixo.

Examinei as mãos e os braços do noivo para ver se havia sinal de abrasão.

- Algum sinal de luta?

- Não podia. O pobre homem ficou apavorado.

Fiz que sim com a cabeça e olhei para o rosto do noivo.

Claire fez que não.

- Não é exatamente isso que eu quis dizer. Os rapazes do Charlie Clapper coletaram amostras de um fluido dos sapatos do noivo e do assoalho de madeira da entrada da suíte, onde ele foi encontrado.

Ela mostrou um pequeno vidro contendo gotas de um líquido turvo.

Raleigh e eu olhamos para ela sem entender.

- Urina - explicou Claire. - O pobre homem mijou na calça. Deve ter sido um jorro.

Ela puxou o lençol branco sobre o rosto de David Brandt e balançou a cabeça.

- Acho que esse é um segredo que podemos manter entre nós.

- Infelizmente - Claire continuou, suspirando -, as coisas não aconteceram tão rápido para a noiva.

Claire nos levou para a maca da noiva.

- Ela pode ter surpreendido o assassino. Há marcas nas mãos e nos pulsos que indicam luta. Aqui. - Ela apontou para uma mancha vermelha no pescoço.

- Eu tentei remover algum tecido embaixo das unhas dela; vamos ver o que volta do laboratório. De qualquer jeito, a primeira facada foi no abdome superior e perfurou os pulmões. Com o tempo, devido à perda de sangue, ela poderia ter morrido por causa dessa facada.

Claire apontou para a segunda e a terceira incisões feitas embaixo do seio esquerdo, no mesmo lugar do noivo.

- O pericárdio dela estava tão cheio de sangue que dava para torcer como um pano de prato molhado.

- Você está ficando técnica de novo - eu disse.

- A membrana de tecido que envolve o coração. O sangue se acumula nesse espaço e comprime o músculo de forma que o coração não pode mais se encher de sangue pela via principal. No fim das contas, ele acaba se estrangulando.

A imagem do coração da noiva estrangulado com o próprio sangue me deu um calafrio.

- E como se ele quisesse repetir os ferimentos - eu disse, estudando os pontos de entrada das facadas.

- Eu pensei nisso - disse Claire. - Linha direta para o coração.

Raleigh franziu a testa.

- Então o assassino pode ser um profissional?

Claire sacudiu os ombros.

- Pelo padrão técnico dos ferimentos, pode ser. Mas acho que não.

Percebi certa hesitação na voz dela. Levantei a cabeça e olhei para ela com tristeza.

- O que eu preciso saber é se ela foi estuprada.

Claire engoliu em seco.

- Há sinais claros de que houve algum tipo de penetração post-mortem. A mucosa vaginal estava muito distendida e encontrei pequenas lacerações em volta do intróito.

Meu corpo se enrijeceu de raiva.

- Então ela foi estuprada.

- Se ela foi estuprada - respondeu Claire -, então foi uma coisa muito ruim. A cavidade vaginal estava larga como eu nunca vi. Sinceramente, acho que não estamos falando de penetração de um pênis.

- Algum instrumento rombudo? - disse Raleigh.

- Certamente bastante largo... mas há abrasões nas paredes vaginais consistentes com algum tipo de anel. - Claire respirou fundo. - A minha opinião é que foi o punho.

A natureza violenta e chocante da morte de Melanie Brandt me fez estremecer de novo. Ela foi mutilada e violada. Um punho. Havia uma finalidade bruta e selvagem nisso. Quem a atacou não estava apenas querendo concretizar o seu pesadelo, queria desonrá-la também. Por quê?

- Se vocês agüentam mais uma coisa, venham comigo - disse Claire.

Ela nos levou para um laboratório ao lado, por uma porta de mola.

Sobre um pedaço de papel branco esterilizado estava o paletó do smoking manchado de sangue que encontramos ao lado do noivo.

Claire o segurou pelo colarinho.

- Clapper o emprestou para mim. E claro que o óbvio era confirmar de quem era o sangue.

A parte da frente à esquerda foi cortada pela incisão fatal e ficou com manchas escuras de sangue.

- Onde essa história começa a ficar realmente interessante - disse Claire - é que não foi só o sangue de David Brandt que encontrei na frente do paletó.

Raleigh e eu ficamos boquiabertos.

- Do assassino? - ele disse, com os olhos arregalados.

Ela balançou a cabeça.

- Não. Da noiva.

Fiz uma rápida revisão da cena do crime. O noivo foi morto na porta. A mulher dele a uns nove metros de distância, no quarto principal.

- Como é que o sangue da mulher dele foi parar no paletó? - perguntei, confusa.

- Fiquei embatucada com a mesma coisa. Por isso voltei e alinhei o paletó com o torso do noivo. A marca do corte não combinava exatamente com o ferimento. Olhem, o corte no noivo foi aqui. Na quarta costela. As marcas de cortes no paletó estão seis centímetros acima. Examinando melhor, o maldito paletó nem é da mesma marca que a calça. Isso é Joseph Abboud.

Claire piscou, vendo as engrenagens do meu cérebro se encaixando no lugar.

O paletó não era do noivo. Pertencia ao homem que o tinha matado.

Claire arregalou os olhos.

- Não existe nenhum profissional que eu conheça que deixaria isto lá.

- Talvez ele quisesse usar o casamento como cobertura - respondeu Raleigh.

E a possibilidade mais assustadora já tinha passado pela minha cabeça.

- Ele podia ser um convidado, um hóspede.

CAPÍTULO 15

NUMA DAS SALAS DO SAN FRANCISCO CHRONICLE, O CÉREBRO frenético de Cindy

Thomas mantinha-se só um pouco à frente dos seus dedos.

Faltava menos de uma hora para o fechamento da edição da tarde.

De um carregador do Hyatt ela conseguiu obter o nome de dois hóspedes que tinham ido ao casamento dos Brandt e que ainda estavam no hotel. Depois de correr até lá de novo na noite anterior, ela conseguiu formar um quadro trágico, de estraçalhar o coração - completo com os votos, os brindes e uma última dança romântica -, dos últimos momentos dos noivos.

Todos os outros repórteres ainda estavam juntando detalhes esparsos divulgados pela polícia. Até ali ela estava na dianteira. Estava ganhando e a sensação era ótima. Também tinha certeza de que era o melhor texto que escrevera desde que chegou ao Chronicle, e talvez desde a faculdade de Michigan.

No jornal, o golpe de Cindy no Hyatt transformou-a em celebridade instantânea. Pessoas que mal conhecia paravam de repente para cumprimentá-la. Até o editor, que ela raramente via no andar da redação Metro, desceu para saber quem era ela.

A Metro estava cobrindo uma demonstração em Mill Valley sobre uma obra rodoviária que provocara engarrafamento perto de uma área escolar.

Ela estava escrevendo para a primeira página.

Enquanto digitava, notou Sidney Glass, editor de cidade, aproximando-se da mesa dela. Glass era conhecido no jornal como El Sid.

Ele parou na frente dela e deu um suspiro tenso.

- Precisamos conversar.

Os dedos dela pararam devagar de bater nas teclas e Cindy olhou para ele.

- Tenho dois repórteres de crimes muito irritados e querendo entrar nessa. Suzy está na prefeitura, aguardando uma declaração do chefe de polícia e do prefeito. Stone juntou os perfis das duas famílias. Eles têm vinte anos e dois Pulitzer somando os dois. E é a área deles.

Cindy sentiu que seu coração quase parou.

- O que disse a eles? - ela perguntou.

Nos olhos duros de El Sid, Cindy viu a volúpia da equipe de crime do primeiro time, repórteres experientes que tinham pesquisadores à disposição, tentando abrir caminho e montar essa história. A história que era dela.

- Mostre o que você tem - disse o editor de cidade.

Ele deu a volta na mesa, espiou por cima do ombro dela, leu algumas linhas na tela do computador.

- Muita coisa aí está boa. Você deve saber disso.

"Angustiado" deve ficar aqui - disse ele, apontando na tela. - Modifica "pai da noiva".

Nada deixa Ida Morris mais furiosa do que adjetivos mal colocados e inversões.

Cindy sentiu que estava ruborizando.

- Eu sei, eu sei. Estou tentando entrar com isso. A hora do fechamento é...

- Eu sei qual é a hora - o editor disse com ar ameaçador. - Mas aqui, se você consegue

pôr a matéria, também consegue encaixá-la sem erros.

Ele estudou Cindy um tempo que pareceu interminável, com um olhar fixo profundo, avaliando, e ela ficou muito nervosa.

- Especialmente se pretende ficar com esta. - O rosto geralmente implacável de Glass se contraiu um pouco e ele quase sorriu para ela. - Disse a eles que a matéria é sua, Thomas.

Cindy controlou a vontade de abraçar o editor rabugento e dominador ali mesmo, no andar de treinamento.

- Quer que vá até a prefeitura? - ela perguntou.

- A verdadeira história está naquela suite de hotel.

Volte ao Hyatt.

El Sid começou a se afastar, com as mãos nos bolsos da calça, como sempre.

Mas um segundo depois ele voltou.

- E claro que, se pretende ficar nesta história, é melhor arranjar uma fonte de dentro da polícia... e rápido.

CAPÍTULO 16

DEPOIS DE SAIR DO NECROTÉRIO RALEIGH E EU FOMOS ANDANDO de volta para o TJ, quase o trajeto todo em silêncio. Muitos detalhes sobre os assassinatos estavam me incomodando.

Por que o assassino levaria o paletó da vítima? Por que deixar a garrafa de champanhe? Não fazia sentido.

- Agora temos um crime sexual. E bem feio - eu finalmente disse a ele no caminho asfaltado que ia para o TJ. - Quero passar os resultados da autópsia pelo Milt Fanning e pelos computadores do FBI. E também temos de falar com os pais da noiva. Precisamos da história de qualquer um com quem ela se envolveu antes do David. E uma lista de todos os presentes naquele casamento.

- Por que não esperamos uma confirmação disso primeiro - disse meu parceiro -, antes de meter a cara nesse ângulo?

Parei de andar e olhei bem para ele.

- Você quer ver se alguém procurou um paletó ensanguentado nos achados e perdidos? Não estou entendendo. Está preocupado com o quê?

- Estou preocupado - disse Raleigh - porque não quero que o departamento se meta no luto das famílias com um monte de hipóteses até termos mais dados para prosseguir. Aquele pode ou não ser o paletó do assassino.

Ele pode ou não ter sido um convidado, ou hóspede.

- De quem você acha que é, então? Do rabino?

Ele deu um sorriso rápido.

- Pode ter sido deixado lá para nos enganar.

O tom de voz dele pareceu muito diferente.

- Você está recuando? - perguntei.

- Não vou recuar - ele disse. - Até termos algo sólido, todos os antigos namorados da noiva ou o caso de algum associado que queria humilhar Gerald Brandt ter o dedo nisso, ninguém pode ser eliminado como possível suspeito. Prefiro que os holofotes não recaiam sobre eles, a menos que tenhamos algo mais concreto para continuar.

Aí estava. O discurso. O pacote, o limite. Brandt e o chanceler Weil, pai da noiva, eram VIPs. Encontre os bandidos para nós, Lindsay.

Mas não ponha o departamento em risco nessa empreitada.

Eu retruquei:

- Pensei que a possibilidade de o assassino ter estado na festa de casamento era exatamente o que tínhamos para prosseguir.

- Só estou sugerindo, Lindsay, que devemos obter alguma confirmação antes de começar a escancarar a vida sexual do padrinho.

Fiz que sim com a cabeça e ao mesmo tempo fixei os olhos nos dele.

- Enquanto isso, Chris, vamos seguir as suas outras pistas, as que são realmente fortes.

Ficamos ali parados num silêncio tenso.

- Está bem, por que você acha que o assassino trocou de paletó com o noivo? - perguntei

a ele.

Ele encostou na beirada de uma mureta de concreto.

- O meu palpite é que ele estava usando o dele quando matou os dois. Ficou coberto de sangue. Ele precisava sair sem ser notado. O paletó do noivo estava por ali. Então ele simplesmente trocou.

- Você imagina então que ele se deu a todo aquele trabalho, de furar o paletó dele e tudo, achando que ninguém ia notar.

Tamanho diferente, marca diferente. Isso ia simplesmente escapar. Raleigh, por que ele deixou o paletó dele lá? Por que não enfiou o paletó ensangüentado num saco? Ou enrolou as mangas dentro do novo paletó?

- Está certo - cedeu Raleigh. - Eu não sei. Qual é o seu palpite?

Eu não sabia por que ele tinha deixado o paletó lá, mas uma possibilidade aterradora começava a se formar na minha cabeça.

- Possibilidade um - respondi -, ele entrou em pânico. Talvez o telefone tenha tocado, ou alguém tenha batido na porta.

- Na noite de núpcias?

- Você está começando a ficar igual ao meu ex-parceiro.

Fui andando para o TJ e ele me alcançou. Abriu as portas de vidro para mim. Quando passei, segurou meu braço.

- E a número dois?

Fiquei parada, olhando direto para os olhos dele, procurando avaliar até onde poderia ir com ele.

- Qual é a sua verdadeira especialidade? - perguntei.

Ele sorriu com aquele ar confiante e seguro.

- Eu já fui casado.

Não respondi. Possibilidade dois. O medo estava se formando dentro de mim. O assassino estava assinando seus crimes? Estava brincando conosco? Deixando pistas de propósito? Matadores de primeira viagem em crimes passionais não deixam pistas como um paletó. E os profissionais também não.

Os assassinos em série é que deixavam pistas.

CAPÍTULO 17

A JANELA PELA QUAL PHILLIP CAMPBELL ESPIAVA APRESENTAVA uma vista deslumbrante da baía, mas ele não notou a paisagem. Estava perdido em seus pensamentos.

Finalmente começou. Tudo está no lugar, ele pensava. A cidade da baía nunca mais será a mesma, não é? Jamais será a mesma. Aquilo era complicado... não era o que parecia ser, mas de certo modo era lindo.

Tinha fechado a porta do seu escritório, como sempre fazia quando se concentrava em pesquisa. Ultimamente tinha parado de almoçar com os colegas do trabalho.

Eles o entediavam. A vida deles era cheia de preocupações mesquinhas. O mercado de ações. Os Giants e os 49ers. Para onde iam nas férias.

Tinham sonhos tão superficiais, simples, de classe média... Os dele estavam se elevando. Ele era como os mandachuvas imaginando as novidades no Vale do Silício.

Mas isso tudo era passado. Ele agora tinha um segredo. O maior segredo do mundo.

Empurrou a papelada para o canto da mesa. Este é o mundo antigo, pensou. O eu antigo. O chato. A abelha operária.

Destrancou a gaveta de cima à esquerda da mesa. Atrás das coisas pessoais normais havia uma pequena caixa cinza com segredo, onde mal cabia um pacote de cartas de doze por oito centímetros.

Este é o meu mundo agora.

Ele lembrou do Hyatt. O rosto lindo de porcelana da noiva, os botões de sangue no peito dela. Ainda não conseguia acreditar no que tinha acontecido. O estalo forte da faca rompendo a cartilagem. O ruído sufocado do último suspiro dela. E o dele, claro.

Como era o nome deles? Porra, tinha esquecido. Não, não tinha! Os Brandt. Estavam em todos os jornais e noticiários da televisão.

Com uma chave do chaveiro ele abriu a pequena caixa. O que soltou na sala foi o feitiço inebriante dos seus sonhos.

Uma pilha de fichas de arquivo. Muito bem-arrumadas, em ordem alfabética. Foi passando uma por uma. Novos nomes... King... Merced...

Passeneau... Peterson.

Todas noivas e noivos.

CAPÍTULO 18

HAVIA VÁRIOS RECADOS URGENTES NA MINHA MESA QUANDO voltei do necrotério. Ótimo. Urgência era a pedida.

Charlie Clapper da Unidade da Cena do Crime. O relatório preliminar. Alguns repórteres: da Associated Press, emissoras de televisão locais. Até a mulher do Chronicle que deixou o cartão comigo.

Belisquei um frango grelhado e salada de pêra que tinha levado enquanto ligava de volta para Clapper.

- Só boas notícias - brinqueei, quando ele atendeu.

- Nesse caso, posso dar um número para você. Por dois dólares o minuto eles dizem tudo que você quer ouvir.

Deu para sentir no tom de voz dele.

- Vocês não têm nada?

- Toneladas de parciais, Lindsay - respondeu o chefe da Unidade da Cena do Crime, referindo-se às impressões inconclusivas que a equipe dele havia levantado no quarto. - Da noiva, do noivo, do assistente da gerência, das camareiras.

- Vocês verificaram os corpos? - insisti.

O assassino tinha levantado Melanie Brandt do chão.

- E a caixa do champanhe?

- É claro que sim. Nada. Alguém foi muito cuidadoso.

- E o chão? Fibras, pegadas.

- Além do xixi. - Clapper deu risada. - Você pensa que estou escondendo alguma coisa de você? Você é bonitinha, Lindsay, mas tenho mais tesão em acabar com os assassinos. Tenho alguém passando aquele paletó de smoking no microscópio. Eu aviso se descobrir alguma coisa. Câmbio.

- Obrigada, Charlie - resmunguei desapontada.

Quando verifiquei minha pilha de recados, o nome de Cindy Thomas apareceu na frente dos outros.

Normalmente eu não tinha o hábito de responder às ligações dos repórteres no meio de uma investigação. Mas essa teve bastante inteligência e calma para subir até a cena do crime, e ainda foi gentil ao recuar quando me encurralou no banheiro.

Encontrei-a no jornal.

- Obrigada por ligar de volta, inspetora - ela disse, agradecida.

- Devia isso a você, eu acho. Obrigada pela força que me deu lá no hotel.

- Acontece com todo mundo. Mas tenho de perguntar.

Sempre reage pessoalmente assim a uma cena de crime? E detetive de homicídios, certo?

Eu não tinha tempo nem disposição para entrar numa batalha de inteligência, por isso usei a frase de Jacobi:

- Era um casamento. Sempre choro em casamentos. O que deseja de mim, Srta. Thomas?

- Cindy... Vou fazer-lhe um favor. Quando chegar ao quinto, talvez faça um para mim.

- Nós temos um homicídio, muito sério. Não vamos brincar de fazer um acordo. E se nos virmos de novo, vai descobrir que não fico muito contente quando tenho uma dívida.

- Acho que eu esperava - ela disse - que você comentasse alguma coisa sobre os noivos.

- Não é o Tom Stone que cobre homicídios no Chronicle? - perguntei.

Ouvi a repórter respirar fundo.

- Não vou mentir para você. Eu normalmente cuido de assuntos de interesse local na

Metro.

- Bom, agora você tem uma história de verdade.

"Casamento selado no céu acaba no inferno." Você é rápida na largada.

- A verdade, inspetora - a voz dela ficou mais suave -, é que nunca vi nada como isso antes. Ver David Brandt lá caído... na noite de núpcias.

Eu sei o que deve pensar, mas não é só a história. Eu gostaria de ajudar, do jeito que puder.

- Agradeço, mas tenho toda essa gente com distintivo disposta trabalhando no caso, então devemos dar uma chance a eles, não acha? De qualquer modo, deve saber que o fato de você ter se esgueirado até o trigésimo andar não resultou exatamente num convite para um café-da-manhã com o comissário. Eu tinha responsabilidade tática na cena do crime.

- Eu nem imaginava que ia conseguir atravessar.

- Então resolvemos que não sabemos quem deve a quem aqui. Mas como esta ligação é minha...

A voz da repórter voltou para o tom autoritário:

- Eu liguei para saber sua reação a certa matéria que vamos publicar hoje ainda. Você sabe que o pai do noivo tem uma firma de aquisições. Nosso editor de negócios soube na Bloomberg que eles recuaram no último minuto de uma proposta de acordo com a terceira maior fabricante de automóveis russa, a Kolya-Novgorod.

Brandt estava bancando cerca de duzentos milhões de dólares para ter uma participação significativa. A Kolya é um daqueles conglomerados russos encampados por um novo ramo de capitalistas do mercado negro. Sem o dinheiro, soube que está praticamente na falência. A minha fonte me diz que os ânimos ficaram muito irascíveis.

Dei risada.

- Irascíveis, Srta. Thomas? Acho que sou eu que estou ficando meio irascível.

- O que me disseram foi que alguns russos ficaram com seus tios Vanya na mão.

Dei risada de novo.

- Conspiração para cometer assassinato é crime federal - eu disse. - Se isso for verdade, você deve ligar para o Ministério da Justiça.

- Pensei em contar para você. E será que quer fazer algum comentário sobre quaisquer outras possibilidades que vocês estejam investigando?

- Claro. Sinto-me segura em dizer que elas estão evoluindo.

- Obrigada. - Dei um suspiro. - Já definiram algum suspeito?

- É isso que dizem para perguntar aí no Chronicle? Vocês sabem que não posso divulgar isso.

- Confidencialmente. Sem menção da fonte. Como amiga.

Enquanto escutava Cindy falar, lembrei de quando eu era recruta, tentando abrir meus caminhos. O mundo da polícia era bloqueado, fechado, até alguém abrir uma brecha mínima para eu passar rastejando.

- Como eu disse, Srta. Thomas - e minha voz ficou mais suave nada de promessas.

- Cindy - disse a repórter. - Pelo menos me chame de Cindy. Para a próxima vez que se vir encurralada num banheiro com a guarda abaixada.

- Está bem, Cindy. Vou me lembrar de você.

CAPÍTULO 19

EU NÃO QUERIA IR PARA CASA. E SABIA QUE NÃO PODIA FICAR mais no TJ.

Peguei a bolsa, corri para a garagem subterrânea e liguei meu Bronco velho de guerra sem saber direito para onde ia.

E saí dirigindo - Quarta, Terceira, para a Mission, passei pelo Moscone Center, por cafés e lojas fechadas. Fui direto até Embarcadero.

Fiz a volta na Battery, afastando-me da baía. Não tinha para onde ir, mas minhas mãos pareciam agir por conta própria, levando-me para algum lugar. Imagens dos noivos assassinados piscavam na minha cabeça. Ecos de Orenthaler. Eu tinha finalmente ligado para o Dr. Medved, o hematologista, para marcar uma consulta.

Estava chegando à Sutter e virei. De repente entendi para onde estava indo.

Entrei na Union Square. Sem querer, acabei na frente da entrada bem iluminada do Hyatt.

Mostrei o distintivo ao gerente e peguei o elevador para o trigésimo andar.

Havia só um policial fardado sentado na frente da Suíte Mandarin.

Eu o reconheci. Era David Hale, da central. Ele se levantou quando me viu chegando.

- Não tem mais para onde ir, inspetora?

Uma barreira cruzada de fitas amarelas bloqueava a entrada da Suíte Mandarin. Hale me deu a chave. Arranquei uma tira ou duas de fita e passei por baixo do resto.

Abri a porta e entrei.

Se você nunca andou sozinho no local de um assassinato recém- cometido, não pode conhecer essa sensação de desconforto e inquietação.

Senti que os fantasmas tristes de David e Melanie ainda estavam no quarto.

Tinha certeza de ter ignorado alguma coisa. E sabia também que estava ali. O que era?

A suíte estava praticamente do jeito que eu a deixara. O tapete oriental na sala de estar tinha ido para o laboratório de Clapper. Mas a posição dos corpos e os locais com sangue estavam bem marcados com giz azul.

Olhei para o lugar em que David Brandt morreu. Refiz na minha cabeça o que devia ter acontecido.

Os dois estão brindando. (Isso eu sabia por causa das taças meio cheias de champanhe na mesa perto da varanda.) Talvez ele tivesse acabado de dar os brincos a ela. (A caixa aberta estava na bancada do banheiro da suíte.)

Alguém bate à porta. David Brandt vai atender. Era como se segredos zumbissem no ar denso, cheio de sussurros.

O assassino entra, com a caixa de champanhe. Talvez David o conheça. Talvez tenha estado com ele uma hora antes, na recepção. Aparece a faca. Um golpe só. O noivo fica espetado na porta, apoplético. Acontece tão rápido que ele não tem tempo de gritar. O pobre homem mijou na calça, Claire tinha dito.

A noiva não grita? Talvez esteja no banheiro. (A caixa de jóia.) Talvez tenha ido lá para pôr os brincos.

O assassino vasculha a suíte. Encontra a noiva chegando à sala, sem suspeitar de

nada. Visualizo Melanie Brandt radiante, muito feliz. Ele vê isso também. Ele era alguém que ela conhecia? Será que Melanie tinha estado com ele? Melanie conhecia o assassino?

Há um ditado navajo que diz: "Até a parada do vento tem uma voz."

No silencioso quarto do hotel, eu fico escutando.

Conte para mim, Melanie. Estou do seu lado. Estou ouvindo.

Minha pele se arrepia com o frio de ressuscitar cada detalhe do assassinato. Ela luta, tenta fugir. (Os arranhões e pequenas abrasões nos braços e no pescoço dela.) O assassino esfaqueia Melanie no pé da cama. Ele está horrorizado, mas excitado demais com o que acabou de fazer. Ela não morre imediatamente. Ele precisa dar outra facada. E mais outra.

Quando termina, ele a carrega para a cama. (Não arrasta. Não há sinal de rastro de sangue.) Isso é importante. Ele é gentil com ela. Por isso penso que a conhecia. Talvez tenha amado Melanie um dia? Ele dobra os braços dela sobre a cintura, numa pose tranqüila. Uma princesa dormindo. Talvez ele finja que o que aconteceu foi apenas um sonho ruim.

Em nenhum ponto do quarto sinto o padrão clínico de profissionais ou matadores de aluguel. E também não vejo sinal de alguém que já matou antes.

Estou ouvindo. Uma raiva feroz cresce no sangue dele. Ele descobre que nunca mais a verá. Sua princesa... Ele está com muita raiva. Quer deitar com ela pela última vez. Senti-la.

Mas não pode. Isso iria desonrá-la. Mas precisa tê-la. Então levanta o vestido. Usa o punho.

Está tudo gritando para mim. Tenho certeza de que há uma última coisa que não estou vendo. Não revelada. O que estou perdendo? O que todos ignoraram até agora?

Vou até a cama. Visualizo Melanie, os horrendos ferimentos de faca, mas o rosto dela está calmo, sereno. Ele a deixa assim. Não tira os brincos. Não leva o enorme solitário.

E então veio a revelação com o poder de um trem explodindo de um túnel escuro. O que faltava. O que eu não tinha visto. Meu Deus, Lindsay.

Alianças!

Revi a imagem de Melanie deitada. As mãos delicadas manchadas de sangue. Ainda estava com o solitário, mas... Meu Deus! Será possível?

Corri de volta para a entrada da suíte e lembrei do corpo encolhido do noivo.

Eles tinham se casado algumas horas antes. Acabavam de completar seus votos. Mas não estavam usando alianças de ouro.

Alianças de casamento. Compreendi que o assassino não levava os brincos. Ele levava as alianças.

CAPÍTULO 20

AS NOVE HORAS DA MANHÃ SEGUINTE EU ESTAVA NO CONSULTÓRIO do Dr. Victor Medved, um homem pequeno e agradável, com rosto fino e bem talhado que, com uma ponta de sotaque do Leste Europeu, deu-me um susto pavoroso:

- Negli mata - ele disse calmamente. - Priva o corpo da sua capacidade de transportar oxigênio.

"No princípio os sintomas são desânimo, debilidade do sistema imunológico e um pouco de tontura. No fim pode ter a mesma disfunção do cérebro que acontece em um derrame e começar a perder a capacidade mental também."

Ele se levantou, veio para perto e segurou meu rosto com suas mãos suaves. Olhou para mim através de lentes grossas.

- Você já está no pico - ele disse, apertando minhas bochechas com os polegares.

- Sempre leva um tempo para o sangue começar a bombear de manhã - eu disse sorrindo, tentando esconder o medo no meu coração.

- Bem, em três meses - disse o Dr. Medved -, se não conseguirmos reverter esse quadro, você vai parecer um fantasma. Um fantasma bonito, mas, mesmo assim, um fantasma.

Ele voltou para a mesa e pegou minha ficha.

- Estou vendo que é detetive da polícia.

- Homicídios - eu disse.

- Então não há motivo para prosseguir alimentando qualquer ilusão. Não pretendo assustá-la. A anemia aplástica pode ser revertida. Até trinta por cento dos pacientes reagem a um regime de transfusões quinzenais de glóbulos vermelhos. Dos que não reagem, porcentagem similar pode ser tratada com um transplante de medula óssea. Mas isso envolve um processo doloroso de quimioterapia primeiro, para aumentar o nível de glóbulos brancos.

Eu fiquei tensa. As previsões de pesadelo de Orenthaler estavam se confirmando.

- Tem algum jeito de saber quem reage a qual tratamento?

Medved juntou as palmas das mãos e balançou a cabeça.

- O único jeito é começar. Depois veremos.

- Estou cuidando de um caso importante. O Dr.

Orenthaler disse que eu podia continuar a trabalhar.

Medved fez um bico de ceticismo.

- Pode continuar, desde que sinta que tem força para isso.

Soltei o ar lenta e dolorosamente. Por quanto tempo ia poder esconder isso? Para quem eu podia contar?

- Se funcionar, daqui a quanto tempo veremos alguma melhora? - perguntei, esperançosa.

Ele franziu a testa.

- Isso não é como tomar aspirina para dor de cabeça.

Infelizmente devo dizer que vamos percorrer um longo caminho.

Um longo caminho. Pensei na provável reação de Roth. Nas minhas chances de chegar a tenente.

E isso, Lindsay. Esse é o maior desafio da sua vida.

- E se não funcionar, quanto tempo... até as coisas começarem a...

- Começarem a piorar? Vamos atacar isso com otimismo e esperança. Conversaremos pelo caminho.

Estava tudo em aberto agora. O caso, a minha carreira, todos os objetivos da minha vida. Os riscos tinham mudado. Eu estava andando por aí com uma bomba-relógio tiquetaqueando no meu peito, muito bem presa, incendiária. E o pavio lento que ia desaparecendo era tudo que eu pensava que podia ser.

Perguntei baixinho:

- Quando começamos?

Ele escreveu o endereço de uma clínica no mesmo prédio. Terceiro andar. Moffett Serviços Ambulatoriais. Não tinha data.

-Se não se importar, gostaria de começar agora mesmo.

CAPÍTULO 21

A HISTÓRIA SOBRE O ACORDO DE GERALD BRANDT COM OS RUSSOS estourou. Estava em todas as bancas, com manchete em letras garrafais: "O PAI DO NOIVO PODE TER PROVOCADO A IRA DOS RUSSOS". "

O Chronicle informava que o FBI estava investigando seriamente o assunto. Maravilha.

Duas bolsas de meio litro de sangue enriquecido com hemoglobina eram bombeadas dentro de mim quando finalmente cheguei à minha mesa por volta das dez e meia.

Precisei usar toda a força que tinha para tirar da cabeça a imagem do sangue rubro e grosso pingando lentamente na minha veia.

Roth gritou meu nome. Com a cara amarrada de sempre.

- O Chronicle diz que foram os russos. Parece que o FBI concorda - ele disse, inclinado sobre a minha mesa.

Ele empurrou um exemplar do jornal matinal para mim.

- Eu vi. Não deixe o FBI entrar nisso - eu disse. - Este caso é nosso.

Contei para ele da noite na véspera, quando voltei à cena do crime.

Que tinha quase certeza de que o ataque sexual ao corpo, o paletó ensangüentado, as alianças que faltavam, tudo isso indicava um só matador obcecado.

- Não é nenhum profissional russo. Ele enfiou o punho fechado dentro dela - lembrei. -

Fez isso na noite de núpcias da vítima.

- Você quer que eu diga para os federais caírem fora - disse Roth - porque tem impressões fortes sobre o caso?

- Este é um caso de assassinato. Um crime sexual depravado e feio, não alguma conspiração internacional.

- Talvez o assassino russo precisasse de provas. Ou talvez ele fosse um maníaco sexual.

- Prova de quê? Todos os jornais e emissoras de TV do país noticiaram a história. De qualquer maneira, os matadores russos não costumam cortar um dedo também?

Roth deu um suspiro tremido e frustrado. Seu rosto tinha mais do que o tique normal de agitação.

- Tenho de correr - eu disse.

Estiquei o braço para cima com o punho cerrado e torci para Roth entender a piada.

Gerald Brandt ainda estava no Hyatt, esperando a liberação do corpo do filho. Fui até a suíte dele e o encontrei lá, sozinho.

- Viu os jornais? - perguntei enquanto sentávamos à mesa com guarda-sol na varanda.

- Os jornais, o pessoal da Bloomberg, uma repórter do Chronicle ligando a noite inteira.

O que eles estão sugerindo é loucura completa - ele disse.

- A morte do seu filho foi um ato de loucura, Sr.

Brandt. O senhor quer que eu seja franca quanto à investigação?

- O que quer dizer, detetive?

- Perguntaram ao senhor se conhecia alguém que poderia querer prejudicá-lo...

- E eu respondi ao seu detetive: não desse jeito.

- O senhor não acha que certas facções na Rússia podem estar um pouco zangadas com

o senhor por ter desfeito o acordo com elas?

- Nós não negociamos com facções, Sra. Boxer. Os acionistas da Kolya incluem alguns dos homens mais poderosos deste país. De qualquer modo, está me parecendo que acha que sou suspeito. Era um negócio. Negociações. No nosso negócio lidamos com esse tipo de coisa toda semana. A morte de David não tem nada a ver com a Kolya.

- Sr. Brandt, como pode ter tanta certeza? Seu filho e a mulher dele estão mortos.

- Porque as negociações nunca foram interrompidas, detetive. Foi só um arдил que usamos para a mídia. Nós fechamos o acordo ontem à noite.

Ele se levantou e entendi que a minha entrevista tinha acabado.

A próxima pessoa com quem eu tinha de falar era Claire. E estava mesmo louca para conversar com ela. Sentia falta da minha dose diária de Claire. E também precisava de ajuda no caso.

A secretária disse que ela estava no meio de uma conferência por telefone quando eu liguei. Disse para eu esperar.

- Especialistas de medicina forense - resmungou Claire quando atendeu à minha ligação.

- Escute só isto. Um cara está a cem quilômetros numa zona de sessenta, entra com tudo num homem idoso em seu Lexus que estava em fila dupla à espera da mulher dele. Chegou morto ao hospital. Agora o motorista está pondo o patrimônio do cara em um processo porque a vítima tinha estacionado em local proibido. Tudo que os dois lados querem é pegar uma parte dos bens, inclusive os especialistas.

Righetti está me empurrando para esse caso porque está saindo numa publicação da AAFS [Academia Americana de Ciência Forense]. Alguns desses filhos-da-mãe... se lhes der uma moeda pelo que estão pensando, sabe o que recebe?

- Troco - respondi sorrindo.

Claire era engraçada.

- Isso mesmo. Tenho cerca de trinta e um segundos.

Como você está? - ela perguntou. - Adoro você, querida. Sinto sua falta. O que você quer, Lindsay?

Hesitei um pouco porque em parte eu desejava poder desabafar tudo, mas só perguntei se os Brandt usavam aliança de casamento quando chegaram lá.

- Que eu saiba, não - ela respondeu. - Nós inventariamos brincos e um diamante enorme, do tamanho de um olho. Mas nada de alianças. Eu mesma notei isso. Na verdade, foi por isso que liguei para você ontem à noite.

- Grandes mentes pensam parecido - eu disse.

- Pelo menos mentes empenhadas - ela contradisse. - Como vai indo o seu caso repugnante e horroroso?

Suspirei.

- Eu não sei. O que temos de fazer agora é verificar trezentos convidados para ver se algum deles podia ter alguma desavença com os noivos. Você viu como isso está sendo usado na imprensa.

Vingança russa. O FBI está espreitando e o chefe Mercer está latindo na orelha de Roth para pôr um detetive de verdade no caso. Por falar nisso, mandei Jacobi descobrir de onde é o paletó. Fora isso, o caso está andando bem.

Claire deu risada.

- Agüente firme, querida. Se alguém pode resolver esses assassinatos, esse alguém é você.

- Seria bom se fosse só isso... - Deixei minha voz sumir.

- Está tudo bem? - reagiu Claire. - Não está

parecendo você, faladora e irreverente.

- Na verdade preciso conversar com você. Podemos sair no sábado, o que acha?

- Claro - disse Claire. - Ah, droga! É o dia da festa de formatura do Reggie. Pode esperar mais um dia? Eu iria para um brunch no domingo.

- Claro que pode esperar - eu disse, engolindo meu desapontamento. - Domingo seria ótimo. Eu gostaria muito.

Desliguei sorrindo. Por um momento eu realmente me senti melhor quanto a tudo. Só de marcar o encontro com Claire já parecia que tinham tirado muito peso dos meus ombros. Até domingo eu teria algum tempo para me preparar. Quanto a como ia lidar com o tratamento e com meu trabalho.

Raleigh se aproximou.

- Quer tomar um café?

Achei que ele estava me alfinetando por causa da hora em que cheguei. Ele deve ter sentido o meu mau humor.

Raleigh balançou um envelope pardo tamanho ofício na minha cara e deu de ombros.

- É a lista de convidados dos Brandt. Achei que ia querer ver quem fez o corte.

CAPÍTULO 22

FOMOS AO ROMA'S, UM DAQUELES CAFÉS EM ESTILO EUROPEU, estuque sobre estuque, de pé-direito alto, do outro lado da rua do TJ. Eu prefiro o Peet's, mas o Roma's é mais perto.

Pedi um chá e Raleigh voltou com um incrementado expresso com creme e chocolate em pó e uma fatia de pão de abóbora fresquinho que pôs na minha frente.

- Você já imaginou como esses lugares conseguem fazer dinheiro? - ele perguntou.

- O quê? - Olhei para ele sem entender.

- Há um em cada esquina. Todos servem a mesma coisa e a venda média deve ser... talvez... dois dólares e trinta e cinco centavos?

- Isto não é um encontro, Raleigh - respondi irritada. - Vamos ver a lista.

- Acho que deve estar entre três ou três e cinqüenta.

Terão sorte se esses lugares fizerem quatrocentos mil brutos.

- Raleigh, por favor... - eu disse, perdendo a paciência.

Ele empurrou o envelope para mim.

Abri o envelope e tirei oito ou nove folhas de nomes e endereços com o timbre da empresa de Gerald Brandt. Reconheci imediatamente alguns convidados do lado do noivo. Bert Rosen, antigo secretário do Tesouro dos Estados Unidos.

Sumner Smith, bilionário que fez fortuna nos anos oitenta através de aquisições hostis, alavancadas, as LBO. Chip Stein, da E-flux, amigo do Spielberg; Maggie Sontero, a designer de moda do SoHo em Nova York. Muitos nomes de peso e encrencas de peso também.

Do lado da noiva havia alguns nomes preeminentes da área de San Francisco. O prefeito Fernández. Arthur Abrams, famoso promotor daqui.

Testemunhei contra a firma dele uma ou duas vezes no tribunal, em casos de homicídio. Willie Upton, superintendente das escolas públicas.

Raleigh puxou a cadeira dele para perto de mim. Lado a lado verificamos o resto da lista. Colunas de casais importantes com a palavra doutor ou títulos honoríficos na frente dos nomes.

Era uma lista longa, que não revelava nada, aparentemente impenetrável.

Não sei o que eu esperava... só que alguma coisa saltasse aos olhos. Algum nome que ressoasse com uma culpabilidade que nem as famílias reconheceriam.

Raleigh bufou preocupado.

- Esta lista é assustadora. Você pega cinqüenta, eu outros cinqüenta e damos o que sobrar ao Jacobi. Vamos nos encontrar aqui os três daqui a duas semanas e ver o que conseguimos.

A idéia de atacar toda aquela gente... todas horrorizadas e indignadas, imaginando por que as estávamos investigando... não me encheu de alegria nem de grandes esperanças.

- Você acha que o prefeito Fernández pode ser um assassino sexual? - resmunguei.

- Acho.

O que eu disse em seguida foi a mais completa surpresa:

- Você disse que era casado?

Se nós íamos ficar juntos, podíamos muito bem nos entender. E a verdade era que eu

estava curiosa.

Raleigh meneou a cabeça depois de uma breve pausa. Pensei ter visto sofrimento nos olhos dele.

- O fato é que ainda estou. O nosso divórcio será no mês que vem. Dezesete anos.

Lancei um olhar de solidariedade para ele.

- Sinto muito. Vamos parar com esse negócio de perguntas e respostas.

- Não faz mal. Coisas acontecem. De repente foi como se rodássemos em círculos diferentes. Para ser mais preciso, Marion se apaixonou pelo cara que era dono do prédio onde ela trabalhava. E uma história antiga. Acho que eu nunca aprendi direito como lidar com ela.

- Eu podia ter lhe poupado um pouco de sofrimento - eu disse. - E da maneira mais romântica possível. Tem filhos?

- Dois meninos ótimos. Catorze e doze. Jason é o atleta. Teddy é o cérebro. Criou uma home page para sua turma da sexta série. Fico com eles nos fins de semana, de quinze em quinze dias. São a alegria da minha vida, Lindsay.

Eu realmente podia imaginar Raleigh um superpai. Jogando bola nos sábados, instalando o computador na sala de estar. Além disso, o cara tinha olhos afetuosos.

E aos poucos eu estava entendendo que ele não era o inimigo.

- Mas eu atho - ele sorriu para mim - que agir romanticamente não te ajudou também.

Você é divorciada, certo?

- Certo. Alguém andou pesquisando... - eu disse. - Tinha acabado de sair da academia de polícia. Tom estava no segundo ano da faculdade de direito em Berkeley. No início ele ia seguir direito penal. Tínhamos uma espécie de combinação como a dos consultores políticos Carville-e-Matalin. Eu me imaginava testemunhando, Tom Extraordinário jogando a bola para mim no interrogatório. Mas ele acabou optando pelo direito empresarial.

-E?

- Era o cenário dele, não meu. Eu não estava pronta para o clube de campo. E uma história antiga, certo? - Sorri. - A verdade é que ele me deixou.

Partiu meu coração em pedacinhos.

- Parece que temos algumas coisas em comum - disse Raleigh gentilmente.

Ele tinha mesmo olhos bonitos. Pare com isso, Lindsay.

- Se quer saber - respondi com a cara mais neutra possível -, nos últimos seis meses estou tendo um caso tórrido com Warren Jacobi.

Raleigh riu e fingiu surpresa:

- Nossa! O Jacobi não parece o seu tipo. Qual é a atração fatal?

Pensei no meu ex-marido, Tom, depois em um outro homem com quem tive um caso sério. No que sempre me atraía quando deixava alguém chegar perto.

- Mãos suaves. E acho que um coração suave também.

- Então, o que acha? - disse Raleigh. - Você põe alguns potes de geléia feita em casa nas prateleiras. Dá aos cafés nomes mais sexy. Brisa árabe, siroco. Acha que podemos passar da receita média?

- Por que está fazendo isso, Raleigh?

O olhar dele para mim ficou entre um sorriso constrangido e uma faísca nos olhos azuis.

- Estou fazendo trabalho de policial há dezesseis anos. Então a gente começa a pensar...

Tenho um lugar que é o meu preferido. Lá no Tahoe. Talvez uma dessas franquias...

- Desculpe, mas não o vejo atrás do balcão escolhendo os bolinhos.

- Essa foi a melhor coisa que já me disse até agora.

Eu me levantei, enfiei o envelope embaixo do braço e fui para a porta.

- Pensando bem, você talvez seja melhor padeiro do que policial.

- Essa é a minha garota - sorriu. - Resposta para tudo. Mantenha a guarda levantada.

Quando saímos do café, eu amoleci e disse:

- Eu também tenho um lugar preferido.

- Quem sabe me mostra um dia.

- Um dia, talvez.

Fiquei surpresa com Raleigh... vivendo e aprendendo. Na verdade ele era um cara legal.

Fiquei imaginando se tinha mãos suaves.

CAPÍTULO 23

QUANDO REBECCA PASSENEAU SE VIU COM TODO O ESPLENDOR do seu vestido de noiva, entendeu que não era mais a menininha da mamãe.

Você é o meu bebê. Ela ouvia essas palavras desde o dia que viera ao mundo.

Com três irmãos mais velhos, não era difícil imaginar por quê. A mãe dela sempre quis uma menina. O pai também, mas o tempo foi passando e eles acharam que era tarde demais. O mais velho, Ben, o rebelde, foi morto antes de ela nascer. Os pais ficaram arrasados. Nem sequer conseguiam pensar em ter mais filhos. E então, milagrosamente, chegou Becky.

- Meu bebê! - escutou a mãe exclamar de onde estava, atrás de Becky.

- Ah, mãe... - suspirou Becky, mas também deu um sorriso.

Ela continuou a se olhar no espelho. Estava linda. Com seu vestido longo, branco, tomara-que-caia, uma avalanche de tule, ela brilhava como a coisa mais adorável e bela do mundo. Michael ia ficar muito feliz. Com todos os preparativos, o hotel em Napa, as flores, as alterações de última hora no vestido, ela achou que o dia nunca chegaria. Mas agora estava quase lá. Sexta-feira.

A Sra. Perkins, vendedora da Saks, só fazia admirar:

- Você vai arrasar, querida.

Becky deu uma volta e se viu de todos os ângulos no espelho triplô.

Deu um sorriso de orelha a orelha.

- Vou, não vou?

- Seu pai e eu queremos te dar uma coisa - disse a mãe.

Ela pegou na bolsa um saquinho de camurça de joalheria. Dentro estava seu pingente de brilhante, uma pedra oval de quatro quilates, num fio de pérolas, que tinha sido da mãe dela.

Chegou perto de Becky e prendeu o colar no pescoço da filha.

- E deslumbrante! - Becky exclamou. - Puxa, mãe! - Eu ganhei no dia do meu casamento - disse a mãe - e me trouxe uma bela vida. Agora é para você.

Becky Passeneau ficou parada diante do feitiço do espelho. O vestido glorioso, o diamante na base do pescoço.

Ela finalmente desceu da plataforma de acertos de costura e abraçou a mãe.

- Eu te amo, mãe. Você é a melhor.

- Agora está completo - disse a mãe, com uma lágrima de emoção.

- Não, ainda não - disse a Sra. Perkins.

Ela correu para os fundos da loja e voltou com um buquê de flores.

Artificiais, acessórios de brinde, mas naquele momento pareciam as flores mais resplandecentes do mundo.

Ela deu o buquê a Becky, que subiu de novo na plataforma, abraçando as flores. Viu seu sorriso de satisfação refletido três vezes. Todas recuaram e ficaram admirando.

- Agora está completo - disse a Sra. Perkins.

Ali perto, dentro da Saks, observando Becky enquanto provava o vestido deslumbrante, Phillip Campbell só podia concordar:

- Seu grande dia está chegando - ele murmurou baixinho. - Você está linda.

CAPÍTULO 24

NA MANHÃ SEGUINTE, MILT FANNING, DA UNIDADE DE CRIMES Sexuais do FBI, apareceu. O computador dele tinha apresentado um punhado de crimes relacionados, mas ele queria que eu soubesse que nenhum deles era boa pista.

Começaram pesquisando punhos usados no ato do ataque sexual, e isso produziu alguns casos, a maior parte crimes homossexuais. Um tinha relação com duas prostitutas assassinadas em Compton, nos idos de 1992, mas Nicholas Chito estava cumprindo de vinte e cinco anos à prisão perpétua no presídio de San Quentin por isso.

Tinha havido alguns assassinatos em hotéis, até um que envolvia recém-casados em Ohio, no qual o noivo abriu o ventre da amada com uma 30-30 quando descobriu que não era o primeiro. Mas não havia nada em San Francisco, ou ainda pendente, nada tangível para nos orientar.

Fiquei desapontada, mas não surpresa. Tudo que tínhamos descoberto até ali me convencera de que quando David e Melanie Brandt deram de cara com o seu algoz no Hyatt não era a primeira vez que se viam.

Vi Jacobi vindo da rua. Há dois dias ele me evitava, cuidando de suas tarefas, especificamente a investigação do champanhe e do paletó.

Depois de dois anos eu sabia que, quando Jacobi não estava me provocando, ele não estava feliz.

- Como vai a pesquisa? - perguntei.

Ele deu um sorriso irônico com os lábios apertados.

- Chin e Murphy estão ligando para todas as lojas de bebidas num raio de sessenta quilômetros. Você pensa que algum desses caras mantém registro desse tipo de coisa? Eles dizem que aquela garrafa podia ser encomendada de qualquer lugar do país. E depois temos de ver a compra pelo correio. A Internet. Porra!

Eu sabia que era muito difícil. Mas quantas pessoas pagam duzentos dólares por uma garrafa de champanhe?

- Mas mesmo assim - ele finalmente me encarou com um sorriso satisfeito - nós desencavamos alguns nomes.

Só podia ser para me torturar, porque Jacobi folheou o bloco de anotações até o que devia ser a página 30. Então semicerrou os olhos, pigarreou e disse:

- E, lá vamos nós... Golden State Wine Shop, na Crescent. Krug. Cios du Mesnil - ele pronunciou, assassinando o francês. - Mil novecentos e oitenta e nove. Alguém encomendou uma caixa em março. O nome é Roy C. Shoen.

- Você foi falar com ele?

Jacobi fez que sim com a cabeça.

- Nunca ouviu falar de nenhum Brandt. Ele é dentista.

Acho que dentistas ricos também gostam de vinhos caros. - Ele virou a página. - Há também Vineyard Wines em Mill Valley. Murphy cuidou desse.

Pela primeira vez nos últimos dois dias ele realmente sorriu para mim.

- O cara que comprou o vinho também se chamava Murphy. Cliente assíduo lá. Deu um

jantar no aniversário da mulher dele. Se me der uma folga de manhã eu vou lá falar com ele, mas pensei em mandar o Murphy mesmo. Só de brincadeira.

- Alguma sorte com o paletó de smoking?

- Ligamos para o fabricante. Quinze lojas nesta área vendem essa marca. Se é que veio daqui de perto. Vamos trazer o representante local para cá.

Descobrir o dono dessa coisa não vai ser fácil.

- Enquanto estiver lá fora, Warren - provoqueei -, vê se compra uma gravata decente.

- Está certo... E então, como vai indo sem mim? - perguntou Jacobi, olhando para mim.

Ele apertou os lábios e vi decepção no seu rosto. Eu me senti mal.

- Estou me virando. - Depois, falando sério: - Desculpe, Warren. Você sabe que eu não pedi esse cara.

Ele fez que sim com a cabeça, constrangido.

- Você quer que eu verifique todos que encontrarmos que lidam com champanhe caro?

Balancei a cabeça. Levantei e deixei uma cópia da lista de casamento dos Brandt na mesa dele.

- O que quero que você faça é ver se algum deles está nesta lista.

Ele folheou as listas, assobiou diante dos nomes mais famosos.

- Que pena, Boxer! Não tem Shoen e nem Murphy. Talvez a gente tenha de esperar e tentar de novo com o casal número dois.

- Por que está dizendo isso? - perguntei.

Jacobi era um saco, mas era um bom policial, com bom faro para distinguir um padrão.

- Nós estamos procurando um bacana bem-vestido que gosta de jogo sujo com noivas mortas, certo?

Concordei. Lembrei de uma coisa que o meu primeiro parceiro me disse: "Nunca lute com um porco, Lindsay. Vocês dois ficam sujos. E os porcos gostam."

- Eu acho que deve ser difícil para um cara desses arrumar uma namorada - disse Jacobi.

CAPÍTULO 25

A PRIMEIRA SEMANA DA INVESTIGAÇÃO DOS NOIVOS PASSOU. Inacreditável.

A equipe de Jacobi tocou a pesquisa sobre o paletó e o champanhe, mas não encontrou nada. Raleigh e eu tínhamos falado com vinte convidados do casamento, desde o prefeito até o melhor amigo do noivo. Todos estavam atônitos e revoltados, mas não conseguiram apontar nada que pudéssemos seguir.

Eu só me concentrava no fato de que precisávamos de algo concreto e rápido, antes que o cara que levou as alianças matasse novamente.

Fiz minha segunda transfusão. Observei o sangue vermelho e grosso gotejar na minha veia. Rezei para que estivesse me fazendo mais forte, mas não sabia. Tinha o ritmo lento e constante do tique-taque de um relógio.

E o relógio tiquetaqueava. O meu, o do chefe Mercer.

Sábado, às seis horas, Jacobi fechou o bloco de anotações, vestiu seu paletó esporte e prendeu a arma no cinto.

- Até logo, Boxer - ele disse.

Raleigh passou pela minha mesa antes de ir embora.

- Estou te devendo uma cerveja. Quer cobrar agora?

Uma cerveja seria ótimo, pensei. Até estava me acostumando com a companhia do Raleigh. Mas algo me disse que, se fosse agora, contaria tudo a ele: Negli, meu tratamento, o medo no meu coração.

Balancei a cabeça.

- Acho que vou ficar mais um pouco - eu disse e sacudi os ombros educadamente.

- Tem algum plano para amanhã?

- Tenho. Vou encontrar a Claire. Depois venho para cá. E você?

- Jason está num campeonato de futebol em Palo Alto.

Vou levar os dois para lá.

- Parece ótimo.

E parecia mesmo. Soava com alguma coisa que eu poderia perder na vida.

- Volto amanhã à noite. - Raleigh tinha me dado o número do bipe dele no dia em que nos conhecemos. - Estou a uma hora daqui. Ligue se surgir alguma coisa.

Depois que Raleigh foi embora, o meu canto na sala ficou completamente silencioso. A investigação daquele dia estava encerrada.

Alguns da equipe da noite conversavam no corredor.

Nunca me senti tão sozinha. Sabia que se fosse para casa naquele momento ia deixar para trás algum nexo essencial para o caso. Que ia fracassar na promessa não-verbalizada que fiz a Melanie. Mais uma olhada, pensei. Repassar, mais uma vez.

Por que o assassino levou as alianças?

Uma onda de exaustão se espalhou pelas minhas veias. As minhas novas células guerreiras debilitavam minha resistência enquanto me defendiam, multiplicavam-se.

A cavalaria, chegando para me salvar. A esperança atacando a dúvida.

Parecia loucura.

Eu tinha de deixar David e Melanie dormirem aquela noite. Prendi a pasta pesada do crime com o elástico e pus na bandeja cinza dos "Casos em Aberto". Junto com pastas parecidas, com nomes parecidos.

Então fiquei mais dois minutos sentada à minha mesa. Comecei a chorar.

LIVRO 2:
CLUBE DAS MULHERES CONTRA O CRIME

CAPÍTULO 26

BECKY DEGEORGE, NO PRIMOR DO SEU PRIMEIRO DIA COMO esposa de Michael, saiu do saguão do hotel de mãos dadas com o marido. Ela respirou o ar frio da noite, o primeiro ar livre que inalava aquele dia.

No curto tempo de casados, Michael e ela fizeram amor várias vezes e tomaram dois banhos quentes juntos. Tinham aparecido para um lanche com as famílias, obrigatório, mas, finalmente, o último. Não quiseram ir até a Opus One, correram para o quarto e estouraram a última garrafa de champanhe. Michael tinha posto um vídeo de sexo e, enquanto assistiam, testaram alguns papéis incomuns e excitantes.

Ele parecia ter muitas fantasias de usar roupas de mulher.

No dia seguinte iriam para Mazatlán, passar uma semana divina explorando todos aqueles pontos sensuais do corpo dele, que ela ainda tinha de descobrir. Talvez até saíssem do quarto uma ou duas vezes, para ver os golfinhos.

Ela achou que até ali as coisas estavam indo bem.

Nessa noite estavam indo para o French Laundry, o melhor restaurante em Napa. Todos diziam que era o lugar para comer e tinham feito reserva com quase seis meses de antecedência. Becky ficou com a boca cheia d'água, sonhando com alguma fabulosa seqüência de sabores: foiegras, pato com amoras silvestres, tudo regado com um champanhe caro.

Na curta caminhada até o carro, uma limusine preta parou ao lado deles. A janela do passageiro abriu e um motorista uniformizado enfiou a cabeça por ela.

- Sr. e Sra. DeGeorge?

Os dois se entreolharam, confusos, depois sorriram.

- Somos nós.

- Estou ao seu dispor - declarou o motorista. - Com os cumprimentos do hotel.

Becky ficou extasiada:

- Quer dizer, para nós?

Uma vez, quando trabalhava como secretária numa firma de advocacia, numa ocasião especial, ela pegou carona numa grande limusine, só que apertada no banco de trás, com quatro advogados preocupados.

- Reservada e paga por esta noite - disse o motorista, dando uma piscadela.

Os recém-casados trocaram olhares de alegria.

- Ninguém falou nada sobre isso - disse Michael, que parecia satisfeito com a idéia de ser considerado um VIP.

Becky espiou dentro do carro.

- Oh, Michael!

Tinha bancos estofados de couro e um bar de mogno envernizado com taças de cristal. A luz era fraca e criava uma atmosfera romântica.

Havia até uma garrafa de chardonnay no gelo. E ela se viu chegando ao restaurante mais famoso de Napa naquele carro maravilhoso.

- Vamos, Michael. - Ela riu e quase puxou o marido para dentro. - Será uma viagem.

- Posso ficar esperando no restaurante quando saírem de lá - disse o motorista -, e, aliás,

estão falando com alguém que por acaso conhece as paisagens mais bonitas de Napa.

Becky viu a hesitação de Michael começar a falhar.

- Não quer levar sua princesa em grande estilo?

Como tinha feito quando ela sorriu para ele no escritório, como tinha feito na cama a noite anterior, Becky viu Michael aos poucos mudar de idéia. Ele era um pouco cauteloso às vezes. Contadores costumavam ser mesmo. Mas a moça sempre encontrava um modo de fazê-lo se soltar.

- Tudo que Becky quiser - Michael disse finalmente.

CAPÍTULO 27

- RECÊM-CASADOS? - PERGUNTOU PHILLIP CAMPBELL, COM O coração aos pulos.

O brilho dos faróis da pista contrária passava por ele como raios X, expondo os desejos mais profundos.

- Vinte e seis horas, vinte e dois minutos e... quarenta e cinco segundos - Becky cantarolou.

O coração de Campbell batia ruidosamente. Ela era perfeita. Os dois juntos eram perfeitos. Até melhores do que ele esperava.

A estrada era um vazio e parecia não ir para lado nenhum, mas ele sabia para onde estava indo.

- Sirvam-se de um drinque. O que está no balde é um Pal-meyer. Algumas pessoas acham que é o melhor do vale.

Enquanto dirigia, os nervos do assassino estavam tensos e excitados. Qual é a pior coisa que alguém já fez? Posso fazer outra vez? Ou melhor, será que posso parar de fazer?

Ele olhou para trás e viu Becky e Michael servindo o vinho Palmeyer. Ouviu o tim-tim das taças erguidas, depois algum desejo de muitos anos de sorte. Com um arrepio no coração, viu quando os dois se beijaram.

Ele odiava cada poro arrogante e iludido do corpo deles. Não quer levar sua princesa em grande estilo? Passou a mão na arma que tinha no colo. Estava mudando as armas do crime.

Depois de um tempo, Campbell pegou uma ladeira íngreme num desvio da auto-estrada principal.

- Para onde estamos indo, motorista? - perguntou o marido lá de trás.

Ele olhou pelo retrovisor e sorriu tranqüilo para os DeGeorge.

- Pensei em levá-los pelo caminho paisagístico. As melhores vistas do vale. E ainda deixarei vocês dois no restaurante às oito.

- Não queremos nos atrasar - avisou o noivo timidamente. - Essa reserva foi mais difícil de conseguir do que o maldito hotel.

- Ora, o que é isso, querido - Becky disse no momento perfeito.

- As coisas começam a se abrir logo aí na frente - Campbell disse. - Muito bonito. Enquanto isso, relaxem. Ponham uma música. Vou mostrar as melhores vistas. Muito romântico.

Ele apertou um botão e uma fita fina com luzes começou a piscar no teto da parte de trás da limusine, um show suave e romântico.

- Puxa! - disse Becky quando as luzes acenderam. - Isto é maravilhoso!

- Vou abaixar a tela de privacidade para o resto da viagem. Vocês só são recém-casados uma vez. Sintam-se livres para fazer o que quiserem. Considerem esta a sua noite.

Ele deixou a tela um pouco aberta para poder ver e ouvir o que diziam enquanto se embrenhava mais nas montanhas. Agora eles estavam se acariciando, trocando beijos. A mão do noivo subia pela coxa de Becky. Ela moveu a pélvis para a frente, mais perto dele.

A estrada ficou esburacada e em alguns pontos o asfalto dava lugar a partes de cascalho e terra. Estavam subindo. Dos dois lados as encostas exibiam desenhos de canteiros de vinhedos

mais escuros.

A risada provocante de Becky deu lugar a um ritmo constante de suspiros profundos. A respiração de Phillip Campbell começou a acelerar. A poucos centímetros de distância, ele podia ouvir Becky arfando. Uma sensação quente e aveludada começou a queimar entre as coxas dele, como tinha acontecido uma semana antes no Grand Hyatt. Michael estava penetrando Becky e ela gemeu.

Qual é a pior coisa?

Numa clareira ele parou o carro e desligou os faróis. Pegou a arma e puxou para trás o mecanismo que acionava o duplo clique.

Então abaixou a tela de privacidade.

À luz ambiente lá estava Becky, com seu vestido preto puxado até a cintura.

- Bravo! - ele exclamou.

Os dois olharam para ele, assustados.

Ele viu uma centelha de medo nos olhos da noiva. Ela procurou se cobrir.

Só então o assassino percebeu que o jorro quente que queimava suas coxas e joelhos era urina.

Ele descarregou a arma em Becky e Michael DeGeorge.

CAPÍTULO 28

AQUELE DOMINGO DE MANHÃ EU ACORDEI PELA PRIMEIRA VEZ na semana inteira com uma sensação de esperança. É como eu sou... ou era.

O dia estava claro e bonito. A baía brilhava como se também estivesse animada. E era o dia do meu almoço com Claire. Em que faria minha confissão para ela. Havia um lugar para onde eu sempre ia domingo de manhã. Meu lugar predileto, como disse a Raleigh. Primeiro fui de carro até o centro, para o Marina Green, com minha roupa esportiva, e corri à sombra da ponte. Em manhãs como aquela eu me sentia imbuída de tudo que havia de bom em morar em San Francisco. A costa marrom de Marin, os barulhos da baía, até Alcatraz, de prontidão.

Corri meus habituais cinco quilômetros para o sul no porto, depois subi os duzentos e doze degraus de pedra até o Fort Mason Park Mesmo com a anemia de Negli eu ainda conseguia fazer isso. Nessa manhã isso me libertou. Passei correndo por cães latindo felizes e soltos, amantes em sua caminhada matinal, chineses carecas vestidos de cinza discutindo um jogo de mah-jongg. Indo sempre para o mesmo lugar, bem alto no penhasco, na direção leste sobre a baía. Eram quinze para as oito.

Ninguém sabia que eu ia para lá. Nem por quê. Todo domingo encontrava um pequeno grupo que praticava tai chi. A maioria era chinesa, liderada, como todas as semanas, pelo mesmo velho de touca cinza e colete de lã.

Parei depois de correr um pouco no mesmo lugar e me juntei a eles, como fazia todos os domingos nos últimos dez anos, desde que minha mãe morrera. Eles não me conheciam. Não sabiam o que eu fazia. Quem eu era. Eu não os conhecia. O velho me deu o mesmo cumprimento movendo a cabeça, como sempre fazia. Há uma passagem em Thoreau: "O tempo é o riacho onde vou pescar. Bebo dele, mas, enquanto bebo, vejo a areia do fundo e percebo como é raso. Sua correnteza desliza para longe, mas a eternidade permanece. Beberia mais profundo, pescaria no céu, cujo fundo é pedregoso de estrelas." Acho que li isso umas cem vezes. É como me sinto aqui em cima. Parte do riacho. Sem Negli. Sem crimes, sem rostos contorcidos na morte. Sem assassinatos de noivos e noivas.

Fiz meu Cisne da Manhã, meu Dragão e me senti leve e livre como me sentia antes de Orenthaler dar a notícia.

O líder meneou a cabeça. Ninguém me perguntou se eu estava bem. Nem como foi a semana.

Eu apenas saudei o dia e sabia que tinha sorte de tê-lo. Meu lugar favorito.

Voltei para casa logo antes das onze, com um café pela metade e o Chronicle de domingo nas mãos. Resolvi dar uma espiada na seção Metro para ver se havia alguma coisa sobre o caso, da minha nova melhor amiga, Cindy Thomas, tomar uma chuveirada e me apromptar para encontrar Claire à uma hora.

Eram onze e vinte e cinco quando o telefone tocou. Para surpresa minha, a voz na linha era de Raleigh.

- Está vestida? - ele perguntou.
- Mais ou menos. Por quê? Eu tenho um compromisso.
- Cancele. Vou pegar você aí. Nós vamos para Napa.

- Napa? - Não havia sinal nenhum de qualquer coisa leve ou de uma brincadeira na voz dele. - O que é?

- Fui até o centro esta manhã só para verificar.

Quando estava lá, alguém chamado Harting foi transferido da Distribuição Central. É tenente em Napa. Há um casal desaparecido lá. São recém-casados, em lua-de-mel.

CAPÍTULO 29

DEPOIS DE LIGAR PARA CLAIRE PARA CANCELAR O ENCONTRO, após o banho, enfiei o cabelo molhado embaixo de um boné do Giants virado para trás, vesti uma roupa e o Explorer branco de Raleigh já estava buzinando lá embaixo.

Quando descí, não pude deixar de notar que ele me examinou bem - o cabelo molhado, calça jeans, jaqueta de couro preta.

Está bonita, Boxer - ele disse e sorriu enquanto passava a marcha do carro.

A roupa dele era bem informal: calça bege de algodão amassado e uma camisa pólo azul desbotada. Ele também estava bonito, mas eu não ia dizer isso.

- Isto não é um encontro, Raleigh - eu disse.

- Você vive dizendo isso - ele disse e sacudiu os ombros, depois pisou no acelerador.

Paramos no Napa Highlands Inn uma hora e quinze minutos depois, o momento exato, observei, em que estaria abrindo meu coração para Claire.

O hotel revelou ser um daqueles spas luxuosos da elite para onde sempre sonhei ir. Ficava enfiado nas montanhas, na Stag's Leap Road. Pela aparência da construção principal, feita com sequoias gigantes empilhadas e janelas em arco com vidro temperado, os hóspedes não estavam lá para se privar de nada.

Dois carros de polícia verdes e brancos estavam estacionados na curva da entrada do hotel. No saguão fomos encaminhados à sala do gerente, onde havia um homem com jeito de administrador, ruivo e nervoso, que parecia recém-saído do programa de treinamento, com dois policiais do lugar.

- Sou Hartwig - disse um homem alto e magro à paisana que segurava um copo de papel da Starbucks. - Desculpem estragar seu fim de semana - acrescentou com a voz arrastada e simpática.

Deu para nós uma foto de casamento do casal desaparecido. Estava dentro de um daqueles "brinquedos de balançar" de plástico, com a ponte Golden Gate no primeiro plano.

- Brinde da festa - ele explicou. - Sr. e Sra.

Michael DeGeorge. Lá do seu lado de San Francisco. Ambos trabalhavam no centro, em uma grande firma de contabilidade. Casaram-se sexta à noite.

Na verdade, a foto era simpática. Ela com olhos brilhantes, cabelo castanho bem cheio, ele corado, com ar de sério, óculos com armação de metal. Meu Deus, eles não. De novo não.

- Quando foram vistos pela última vez? - perguntei.

- As sete e quinze ontem à noite. A equipe do hotel viu quando desceram para jantar. No French Laundry - disse Hartwig. - O concierge escreveu o caminho para eles, mas não chegaram lá.

- Eles saíram de carro para jantar e nunca mais foram vistos?

Hartwig esfregou o lado do rosto.

- O gerente disse que eles se registraram um dia antes num Lexus dourado. Os porteiros confirmam que deram um passeio rápido no carro aquela tarde.

- E? - Meneei a cabeça para ele se apressar.

- O carro ainda está na vaga.

- Algum recado de fora que devemos saber? - perguntei.

Hartwig foi até uma mesa e me deu um pequeno maço de tiras de papel. Dei uma olhada nelas. Mãe. Pai. Julie e Sam. Vicky e Don. Boa viagem.

- Vasculhamos tudo em volta da propriedade. Depois ampliamos a busca. Parece os seus assassinatos lá na sua cidade.

Casamento grandioso, recepção.

Depois... puf! Eles somem.

- Parece o nosso - eu disse. - Só que tínhamos os corpos.

O rosto do policial de Napa ficou tenso.

- Pode acreditar, não chamei vocês até aqui só para nos ajudar com os formulários de pessoas desaparecidas.

- O que faz com que tenha tanta certeza? - perguntou Raleigh.

- Porque o concierge recebeu uma última chamada ontem à noite. Era do restaurante, confirmando a reserva deles.

- E daí?

Hartwig bebeu um gole de café e depois nos encarou.

- Ninguém do restaurante ligou para eles.

CAPÍTULO 30

O CASAL EM LUA-DE-MEL NÃO RECEBEU NENHUM VISITANTE incomum, não marcou nenhum programa ou saída com horários conflitantes. A reserva no French Laundry era só para os dois.

O que tornava isso ainda mais grave era que tinham perdido o voo reservado para o México.

Enquanto Raleigh dava uma espiada lá fora, verifiquei rapidamente o quarto deles. Havia uma cama enorme de sequóia arrumada com a coberta dobrada, uma mala aberta, roupas empilhadas, objetos de toalete. Montes de flores, a maioria rosas. Talvez Becky DeGeorge as tenha levado da recepção.

Não havia nada que indicasse que os DeGeorge não estariam instalados naquele avião na manhã seguinte. Encontrei Raleigh lá fora. Ele conversava com um carregador que parecia ser a última pessoa que viu os DeGeorge saindo. Quando ficamos sozinhos, Raleigh disse:

- Dois caras daqui e eu varamos quase cem metros na mata. - Ele balançou a cabeça, exasperado. - Nem mesmo uma pegada.

Examinei em volta do carro também. Está trancado. Não há sangue, nenhum sinal de luta. Mas alguma coisa aconteceu com eles por aí. Alguém os abordou. A vinte, trinta metros do hotel.

Dei uma olhada frustrada de 360 graus na entrada e no estacionamento perto. Havia um carro de polícia do lado de fora do portão.

- Abordá-los, não. E arriscado demais. Qualquer um pode ver. Alguém deve ter vindo pegá-los.

- A reserva era só para dois - ele retrucou. - E o cara da portaria insiste que eles estavam indo para o carro deles.

- E então desapareceram ?

Chamou nossa atenção o ruído suave de uma longa limusine preta chegando à entrada de cascalho do hotel. Parou embaixo da marquise de sequóia na porta principal.

Raleigh e eu vimos a porta do hotel se abrir e sair o porteiro empurrando um carrinho cheio de malas. O motorista da limusine desceu do carro para abrir o porta-malas.

Tivemos a mesma idéia, ao mesmo tempo.

- É pouco provável - disse Raleigh, olhando para mim.

- Talvez - concordei -, mas isso explicaria como alguém teve acesso sem atrair a atenção de ninguém. Acho que devemos verificar se alguma limusine foi roubada ultimamente na área da baía.

Outro carro chegou à entrada, um Mazda prateado, e estacionou perto da saída do círculo. Fiquei decepcionada de ver uma mulher de calça tipo cargo e blusão da Universidade de Michigan descer do carro.

- Raleigh, você disse que uma das suas habilidades particulares era impedir a divulgação, não disse?

Ele olhou para mim como se eu tivesse perguntado ao Dr. Ke-vorkian:

"O senhor é bom em misturar produtos químicos, não é?"

- Então está bem - eu disse, olhando para a pessoa que se aproximava -, impeça isso.
Quem estava se aproximando de nós era Cindy Thomas.

CAPÍTULO 31

- Ou VOCÊ TEM O FARO MAIS APURADO QUE EU JÁ VI PARA UMA história - eu disse zangada a Cindy - ou então vou começar a pensar que você é uma suspeita de assassinato.

Era a segunda vez que ela se metia numa possível cena de crime.

- Não me digam que estou atropelando algum namoro entre colegas de trabalho... - ela brincou.

Isso me deixou furiosa. Tínhamos um fato em andamento ali. Se saísse no noticiário prematuramente, acabaria com qualquer chance que o departamento tinha de controlar aquele caso. Eu podia imaginar as manchetes do pesadelo: MATADOR DE RECÉM-CASADOS ATACA NOVAMENTE. E Roth ficaria branco de raiva. Seria a segunda falha minha para controlar a cena do crime, com a mesma repórter.

- Quem é sua amiga? - perguntou Raleigh.

- Cindy Thomas - ela se apresentou, estendendo a mão.

- E você?

- Cindy é do Chronicle - avisei a Raleigh.

Raleigh se espantou e olhou para ela e para mim de novo, não largou a mão dela, mas parou de balançar, como um trabalhador demitido segurando a mão do seu substituto.

- Escute com muita atenção, Srta. Thomas - eu disse com firmeza. - Não sei se já está em campo tempo suficiente para ter desenvolvido uma noção de como isso deve funcionar. Mas se planeja fazer alguma coisa além de me dizer por que está aqui e depois guardar seu kit de repórter e ir embora, com certeza entrará

rapidinho para a lista negra do departamento.

- Cindy - ela lembrou. - Mas, primeiro, a pergunta que é muito mais interessante é: por que dei de cara com vocês aqui?

Raleigh e eu olhamos furiosos para ela, cada vez mais impacientes.

- Responda à minha pergunta - insisti.

- Está bem. - Ela franziu os lábios. - Vocês dois virem para cá num domingo, o capitão Raleigh vasculhando o mato e o estacionamento, interrogando a equipe do hotel, ambos parecendo perplexos. Eu tenho de concluir que tudo começa a se encaixar. Como o fato de que este lugar não foi isolado, então nenhum crime foi cometido ainda. Que alguém está desaparecido. Como todos nós sabemos no que vocês estão trabalhando, não é loucura imaginar que possa ser um casal que acabou de se casar. Possivelmente que o nosso matador de recém-casados tenha encontrado seu número dois.

Meus olhos estavam arregalados, preocupados.

- Era isso - ela sorriu - ou então eu julguei tudo errado e vocês estão aqui só degustando para o clube de vinho do Departamento de Polícia.

- Você concluiu tudo isso só de nos observar? - perguntei.

- Para ser sincera, não. - Ela apontou com a cabeça para o portão do hotel. - Grande parte foi do policial daqui que fala demais, com quem eu estava papeando lá fora.

Sem querer, comecei a sorrir.

- Falando sério, você entende que não pode divulgar nada daqui - disse Raleigh.

- Outra noiva e outro noivo mortos? Mesmo modus operandi? - ela zombou, decidida. - É óbvio que vou divulgar isso.

Eu estava começando a ver aquela situação se deteriorar de vez.

- Uma coisa em que eu pensaria seriamente seria entrar no seu carro e simplesmente voltar para a cidade.

- Você diria isso a Fitzpatrick ou a Stone?

- Se você voltasse para a cidade, então eu realmente ficaria te devendo uma.

Ela deu um sorriso sem graça.

- Você está brincando, não é? Simplesmente ir embora?

- É, simplesmente ir embora.

Cindy balançou a cabeça.

- Sinto muito. Primeiro, porque provavelmente seria demitida, e, segundo, porque não tem como deixar isso passar.

- E se eu voltasse com você? - eu disse espontaneamente. - E se você puder ter muito do que está procurando, ficar por dentro e tiver consideração comigo ao mesmo tempo?

Os olhos de Raleigh quase pularam para fora das órbitas, mas transmiti a ele minha melhor expressão de "deixe que eu cuide disso".

- Quando essa história for divulgada - insistiu Cindy

- vai bombar e nenhum de nós poderá controlar.

- E quando isso acontecer, será sua.

Ela semicerrou os olhos. Ficou pensando se podia confiar em mim.

- Quer dizer, de vocês, exclusivamente?

Esperei uma objeção de Raleigh. Mas, para surpresa minha, ele entrou no jogo.

- O chefe Mercer está cuidando de toda a divulgação? - perguntou Cindy.

- Está. Todas as públicas.

Olhei para Raleigh com os nervos aos pulos como pipocas sendo feitas. Se não pudesse confiar nele, quando voltássemos para a cidade eu ia ter de encarar uma repreensão em regra. Teria Roth na minha mesa, ou, pior, Mercer. Mas eu já sentia que podia confiar nele.

- Então vou pegar uma carona com a Sra. Thomas para a cidade - eu disse, esperando a reação dele.

- Cindy - disse a repórter com renovada determinação.

Raleigh meneou a cabeça devagar, aquiescendo.

- Vou acertar os ponteiros com Hartwig. Falo com você em breve. Srta. Thomas, foi um prazer inesperado.

Dei um sorriso agradecido para Raleigh. Então peguei o braço da repórter e disse:

- Vamos, Cindy, explico as regras no caminho.

CAPÍTULO 32

NÃO SEI POR QUE FIZ AQUILO.

Era arriscado e temerário, exatamente o oposto do que me tinha feito chegar aonde estava. Talvez eu só quisesse dizer vai à merda na cara da autoridade. Para Roth, para Mercer. Fazer as coisas do meu jeito. Talvez o caso estivesse crescendo e eu só desejasse manter a ilusão de que estava sob o meu controle. Ou talvez a única coisa que eu quisesse era deixar mais alguém a par.

- Antes de irmos a qualquer lugar - eu disse, segurando o pulso de Cindy quando ela ligou o carro -, preciso saber uma coisa. Como foi que descobriu o que estava acontecendo aqui?

Ela respirou fundo.

- Até agora, tudo que aconteceu foi que você me tirou da história da minha carreira. Agora tenho de entregar as minhas fontes também?

- Qualquer coisa que fizermos a partir de agora vai depender disso.

- Eu prefiro mantê-la na dúvida - disse Cindy.

- Para isso funcionar tem de se basear em confiança.

- Então a confiança é de via dupla, não é, inspetora?

Ficamos lá sentadas, cozinhando no Mazda quente, cheio de copos de bebidas de lanchonete pelo chão, meio que nos avaliando.

- Está bem - eu acabei cedendo.

Contei o pouco que sabíamos e por que estávamos em Napa aquela tarde. Os DeGeorge desapareceram. Tinham se casado sexta-feira à noite.

A possibilidade de serem o casal número dois.

- Nada disso vai para o jornal - insisti - até termos a confirmação. Eu lhe darei o sinal verde.

Os olhos dela brilharam com suposições subitamente confirmadas.

- Agora é a sua vez. Não havia ninguém da imprensa aqui. Nem local. Como foi que soube disso?

Cindy engatou a marcha do Mazda.

- Eu te disse que sou da Metro - ela disse quando o carro entrava na estrada principal - e que tenho lutado para ficar com essa história. Meu chefe me deu o fim de semana para apresentar algo sólido nessa matéria. Você já tinha me afastado, por isso estacionei na sua rua desde ontem e esperei alguma coisa acontecer.

- Você me seguiu?

- Atitude bem desesperada, não é? Mas eficiente.

Lembrei-me dos últimos dois dias.

- O cinema? A marina esta manhã?

Ela ruborizou um pouco.

- Eu já ia desistir quando seu parceiro apareceu.

Segui vocês só por descargo de consciência.

Recostei no meu banco e comecei a rir.

- Não tão desesperada - resmunguei. - Os bandidos caem nessa há anos.

Eu estava envergonhada e ao mesmo tempo aliviada.

No caminho de volta para a cidade, expliquei as regras do nosso acordo. Já tinha feito isso antes, quando um repórter chegou perto demais de uma história e ameaçou a investigação. Ela não podia publicar essa história até nós termos confirmação. E, quando tivéssemos, eu daria preferência a ela. Ela ia se manter à frente no assunto, mas só um pouco.

- Mas tem uma condição - eu disse com firmeza. - O que nós temos agora é o que chamam de relação de prioridade. Vai além de qualquer coisa que você já tem, com o seu namorado ou com alguém no trabalho. Mesmo com o seu chefe. Qualquer coisa que eu lhe informar fica exclusivamente entre nós, fica só entre nós, até eu lhe dar o sinal para publicar.

Cindy fez que sim com a cabeça, mas eu quis ter certeza de que ela entendia.

- O seu patrão pergunta de onde vem tudo isso, você apenas dá de ombros. Algum mandachuva do departamento, não me importo se for o chefe Mercer em pessoa, estaciona a limusine na sua porta e pergunta sobre algum vazamento, você diz: "Obrigada pelo passeio." Ligam para você da promotoria pública e a convocam para testemunhar, pedem para você revelar suas fontes e um juiz a joga numa cela; você apenas se certifica de levar bastante material de leitura para passar o tempo.

- Entendi - disse Cindy.

Vi nos olhos dela que ela entendeu mesmo.

O resto da viagem falamos do nosso trabalho, dos nossos passatempos e uma coisa inesperada foi acontecendo. Passei a gostar da Cindy.

Ela perguntou há quanto tempo eu era policial e contei mais do que pretendia. Que meu pai era da polícia, que ele foi embora quando eu tinha treze anos. Que fiz sociologia na Universidade Estadual de San Francisco. Que queria provar que podia fazer diferença num mundo de homens. Que muito do que eu era e do que eu fazia era apenas tentar provar que pertencia àquele mundo.

Ela contou que também tinha feito sociologia, em Michigan. E antes de chegar à Marin, já conhecíamos algumas outras coisas surpreendentes que tínhamos em comum.

O irmão mais novo de Cindy nasceu no dia do meu aniversário, 5 de outubro. Ela também fazia ioga e a mulher que me ensinou, anos antes, no sul de San Francisco, agora ensinava para ela em Corte Madera. Nós duas gostávamos de ler livros de viagens e de mistério - Sue Grafton, Patrícia Cornwell, Elizabeth George. Adoramos House of Fine Eats, de Gordon.

O pai de Cindy morreu cedo, uns dezessete anos atrás, por incrível que pareça, quando ela também tinha treze anos.

Mas a coincidência mais assustadora - a que me deu uma sensação estranha - foi que ele morreu de leucemia, prima da mesma doença degenerativa que percorria minhas veias.

Pensei em contar-lhe o meu segredo, mas parei a tempo. Era Claire que ia saber. Mas quando chegamos mais perto da Golden Gate, tive o pressentimento de que estava no carro com alguém com quem eu devia estar e definitivamente alguém com quem eu gostava de estar.

Perto da cidade, liguei para Claire. Tinham passado horas desde quando devíamos ter nos encontrado; ela, porém, ainda parecia ansiosa para nos encontrarmos, e eu tinha muito que contar. Combinamos de manter o nosso encontro marcado no Susie's, dessa vez para jantar cedo, em vez de lancher. Ela quis saber o que eu descobri aquele dia.

- Conto tudo quando chegar lá - disse a ela.

Então fiz a segunda coisa que me surpreendeu aquele dia:

- Você se importa se eu levar uma amiga? - perguntei.

CAPÍTULO 33

CINDY E EU JÁ ESTÁVAMOS NA NOSSA SEGUNDA MARGARITA quando Claire apareceu. A três metros de distância, o sorriso dela parecia umilhar o restaurante inteiro. Eu me levantei e dei-lhe um grande abraço.

- Não podia esperar a velha mãe? - ela disse, olhando para a fila de copos vazios.

- Foi um dia e= tanto - expliquei. - Esta é a Cindy.

- Muito prazer - disse Claire alegremente, apertando a mão de Cindy.

Apesar de o encontro ter sido planejado só para nós duas, Claire era uma dessas pessoas boa-praça que se adaptavam a qualquer coisa que acontecesse.

- Lindsay me falou muito de você - disse Cindy elevando um pouco a voz para compensar o barulho em volta.

- Grande parte é verdade, a menos que ela tenha dito que sou algum tipo de louca patologista forense - disse Claire com um sorriso largo.

- Na verdade, ela só disse que você é uma grande amiga.

O Susie's era um café animado e festivo, com técnicas decorativas na pintura das paredes e um cardápio caribenho bastante bom. Tocavam um pouco de reggae e um pouco de jazz. Era um lugar onde se podia ficar à vontade, conversar, gritar e até jogar uma partida de sirmica.

Nossa garçonete de sempre, Loretta, foi nos atender; pedimos uma margarita para Claire e mais uma rodada de asinhas de frango fritas com tempero jamaicano.

- Conte-me da formatura do Reggie - eu disse.

Claire roubou uma asa do nosso prato e balançou a cabeça com tristeza.

- É bom saber que, depois de todos aqueles anos de estudo, eles conseguem dizer algumas palavras que não sejam "maneiro" ou "irado". Eles pareciam um bando de malandros de rua se apresentando para um prêmio Grammy, mas o diretor jura que com o tempo isso passa.

- Se não passar, tem sempre a academia - brinquei, já de cabeça leve por causa da bebida.

Claire sorriu.

- Estou contente de ver que você está mais animada.

Quando nos falamos outro dia, tive a impressão de que Cheery estava sofrendo com aqueles sapatos grandes e feios dele nos seus pés.

- Cheery? - Cindy perguntou.

- Meu patrão. Nós o chamamos de Cheery porque ele nos inspira com suas preocupações humanistas pelos que estão sob o seu comando.

- Ah, pensei que você estava falando do meu editor de cidade - zombou Cindy. - O cara só fica feliz mesmo quando pode ameaçar cortar os benefícios de alguém. Ele não tem idéia do quanto é aviltante e condescendente.

- Cindy trabalha no Chronicle - eu disse a Claire, ao ver que ela ficou surpresa.

Havia uma área proibida entre a força policial e a imprensa. Para cruzá-la, como repórter, você tinha de merecer o seu lugar.

- Está escrevendo suas memórias, minha filha? - perguntou Claire com um sorriso cauteloso.

- Pode ser.

A versão resumida. Mas com muita coisa para contar. A margarita de Claire chegou e erguemos nossos copos.

- Aos poderes que virão. - Foi o brinde que eu fiz.

Cindy deu risada.

- Poderes que virão cheios de merda, poderes que são idiotas, arrogantes, poderes que sempre tentam nos derrubar.

Claire deu um gritinho de aprovação e nós três encostamos os copos como se fôssemos velhas amigas.

- Sabem, assim que cheguei ao jornal - disse Cindy, mordendo uma asa -, um dos caras mais experientes me disse que era aniversário de um editor. Então mandei um e-mail de feliz aniversário para ele. Imaginei que sendo meu chefe e tudo o mais era uma forma de quebrar o gelo, talvez até receber um sorriso dele. Mais tarde aquele dia mesmo, o cara me chamou. Todo educado e sorrindo. Ele tem sobrancelhas grossas, do tamanho do rabo de um esquilo. Apontou para eu sentar na frente da mesa dele. E eu pensei: ei, o cara é humano como todo mundo.

Claire sorriu. E eu bebi o resto do meu segundo drinque, entusiasmada.

- Então o filho-da-mãe olhou bem para mim e disse: "Thomas, nessa próxima hora e meia tenho seis repórteres procurando pegar tudo que não faz sentido nesta porra deste mundo e enfiar de algum modo em quarenta páginas. Mas é um consolo saber que, enquanto todos os outros estão correndo contra o relógio que nem loucos, você tem tempo para colar uma carinha sorridente de emoticon no meu dia." E terminou esse discurso me mandando passar uma semana escolhendo o vencedor de um concurso da quinta série: "Por que quero ser editor por um dia."

Eu dei risada e engasguei com a bebida.

- Isso fica sob o título "Nenhuma boa ação fica sem castigo". O que você fez?

Cindy deu um enorme sorriso.

- Espalhei um e-mail de que era aniversário do patrão para todo mundo do departamento. Os idiotas ficaram saindo da sala dele com cara de tacho o dia inteiro. Loretta apareceu de novo e pedimos nossos pratos: frango com molho apimentado, fajitas [panquecas mexicanas] e uma grande salada para dividir. E três garrafas de cerveja Dos Equis para acompanhar. Derramamos o letal molho apimentado jamaicano, Toasty Lady, nas asinhas de frango e vimos os olhos de Cindy cheios d'água com a primeira rajada de fogo.

- Rito de iniciação - sorri. - Agora você é uma das meninas.

- E o molho apimentado ou uma tatuagem - anunciou Claire, muito séria.

Cindy apertou os olhos como se avaliasse a situação, depois virou de costas e puxou a manga da camiseta. Expôs duas pequenas claves de sol tatuadas na parte de trás do ombro.

- A desvantagem de uma educação clássica - ela disse com um sorriso torto.

Meus olhos encontraram os de Claire e nós duas gritamos nossa aprovação.

Então Claire levantou a blusa dela, ruborizada. Logo abaixo da vasta cintura marrom, revelou o desenho de uma borboleta minúscula.

- Lindsay me desafiou um dia - ela admitiu. - Depois que você terminou com aquele promotor de San José. Nós fomos até Big Sur uma noite. Só as meninas. Para desopilar um

pouco. E acabei voltando com isso.

- E onde é a sua? - Cindy me perguntou.
- Não posso mostrar. - Balancei a cabeça.
- Pare com isso! - ela insistiu. - Vamos ver...

Suspirei, rolei para minha nádega esquerda e dei um tapinha na direita.

- E uma lagartixa de dois centímetros. Com um rabinho muito bonitinho. Quando algum suspeito está me dando muito trabalho, eu o empurro contra a parede e digo que vou apertar tanto na cara dele que a tatuagem vai ficar grande como o Godzilla.

Ficamos em silêncio um tempo, curtindo aquela cumplicidade. Por um segundo os rostos de David e de Melanie Brandt, a anemia de Negli, tudo parecia estar a milhões de quilômetros de distância. Estávamos apenas nos divertindo.

Senti que alguma coisa estava acontecendo. Uma coisa que não acontecia há muito tempo e de que eu precisava desesperadamente.

Eu me senti ligada.

CAPÍTULO 34

- BEM, AGORA QUE SOMOS TODAS AMIGAS... - DISSE CLAIRE depois que terminamos de comer - como foi que vocês duas se conheceram? A última coisa que eu soube foi que você ia para Napa, para investigar uns recém-casados desaparecidos.

Michael e Becky DeGeorge, que um minuto antes pareciam tão longe, voltaram correndo com estrondo.

Tinha tanta coisa para contar a ela... mas o dia mudou sutilmente do que eu havia planejado. Quase me senti falsa, reservada, quando contei a ela o que aconteceu em Napa, deixando de fora a parte importante que estava acontecendo comigo.

Claire ouviu tudo e digeriu com sua mente aguçada. Ela já tinha sido consultora em diversos casos de assassinos em série, tanto como principal médica-legista, como testemunha gabaritada.

Uma idéia estava se formando na minha cabeça. Na minha condição debilitada, não tinha prazer com a responsabilidade de fazer sozinha uma investigação intencionalmente visada pela mídia de assassinatos múltiplos. E o que eu inventei foi surpresa até para mim.

- O que vocês acham de me darem uma ajuda?

- Ajuda? - Claire piscou os olhos, surpresa. - Como?

- Essa coisa está para explodir, Claire - eu disse. - Se há um assassino de noivos e noivas por aí, a atenção será nacional.

Nós todas temos interesse nesse caso. Talvez pudéssemos nos reunir assim. Nós três... não oficialmente.

Claire olhou para mim desconfiada.

- Está sugerindo que façamos isso por nossa conta?

- Nós temos as bambambans dos médicos-legistas, da Homicídios da polícia e até da imprensa entupidas de margaritas nesta mesa.

Quanto mais eu pensava nisso, mais me convencia de que podia funcionar.

Podíamos juntar todas as pistas que surgissem da investigação oficial, compartilhar o que tivéssemos, escapar dos favores e da burocracia política. Três mulheres que iam se divertir expondo a ortodoxia masculina. E, mais importante, sentíamos uma empatia profunda pelas vítimas.

De repente a idéia se iluminou com um brilho intenso.

Claire balançou a cabeça, sem acreditar.

- Vamos lá - insisti -, vocês não acham que pode funcionar? Não acham que podemos ser boas nisso?

- Não é isso - ela respondeu. - E que conheço você há dez anos e nunca, para nada, ouvi você pedir ajuda.

- Então... surpresa! - eu disse, olhando bem nos olhos dela. - Porque estou pedindo agora.

Procurei deixar transparecer para ela que algo estava me preocupando, talvez maior do que o caso. Que não tinha certeza de poder enfrentar. Que eu precisava de ajuda. Que não era só aquilo.

Claire aos poucos abriu um sorriso de aquiescência.

- In margaritas veritas. Estou dentro.

Retribuí o sorriso, agradecida, e virei para Cindy.

- E você? Topa?

Ela gaguejou:

- Eu... eu não tenho idéia do que Sid Glass diria... mas ele que se foda. Estou nessa.

Fizemos um brinde.

E assim nasceu o Clube das Mulheres contra o Crime.

CAPÍTULO 35

NA MANHÃ SEGUINTE CHEGUEI AO TRABALHO DIRETO DE UMA transfusão às oito horas, sentindo a cabeça vazia, meio zozna. A primeira coisa que fiz foi examinar o Chronicle matinal. E foi um alívio ver que não havia nada na primeira página sobre qualquer coisa relativa ao desaparecimento em Napa. Cindy cumpriu sua palavra.

Vi Raleigh saindo da sala de Roth. Estava com as mangas arregaçadas, expondo os fortes antebraços.

Ele me deu um sorriso resabiado, que expressou o desconforto com o fato de eu ter feito um acordo com Cindy na véspera. Com um movimento dos olhos azuis, ele indicou o corredor.

- Precisamos conversar - ele disse, quando chegamos perto da escada.

- Ouça, Raleigh - eu disse. - Sinto muito sobre ontem. Pensei que podia nos dar um tempo.

Os olhos zangados dele pareciam brasas.

- Acho que deve me contar por que ela vale o comprometimento do controle deste caso.

Dei de ombros.

- Está vendo alguma coisa sobre Napa nos jornais esta manhã?

- Você contrariou uma ordem direta do chefe de polícia. Se isso não te põe numa fria, certamente cria uma para mim.

- Então você preferia estar cavando uma história no Chronicle, sobre um assassino em série?

Ele encostou na parede.

- Isso é problema do Mercer.

Um policial que eu conhecia subiu a escada pulando os degraus e passou por nós, grunhindo um oi. Eu mal o cumprimentei de volta.

- Tudo bem - eu disse -, então como você quer fazer? Quer que eu vá lá e me abra com Sam Roth? Eu vou.

Ele hesitou. Dava para ver que Raleigh estava dividido, pensando nas conseqüências. Depois do que pareceu ser um minuto, ele balançou a cabeça.

- Para quê? Agora...

Senti uma onda de alívio. Toquei no braço dele e sorri.

- Obrigada.

- Lindsay - ele disse -, falei com a patrulha rodoviária de lá. Nenhum registro de qualquer limusine roubada na última semana.

Essa notícia, o beco sem saída que representava, fez-me desanimar.

Uma voz gritou do salão do esquadrão:

- Boxer está aí?

- Estou aqui - respondi berrando.

Era Paul Chin, um dos policiais iniciantes brilhantes e eficientes que tinham posto na nossa equipe.

- Tem um tenente Frank Hartwig ao telefone. Diz que você o conhece.

Corri para a sala, agarrei o telefone na mesa do nosso ajudante civil.

- Lindsay Boxer falando.

- Nós os encontramos, inspetora - disse Hartwig.

CAPÍTULO 36

- O ZELADOR OS ENCONTROU - RESMUNGOU HARTWIG BALANÇando a cabeça desolado.

Estávamos andando por um caminho de terra que levava a um pequeno lagar de vinícola em Napa.

- Espero que estejam preparados para isso. E a pior coisa que eu já vi. Foram assassinados fazendo amor.

Raleigh e eu tínhamos corrido para St. Helena, a leste da 29, "a estrada do vinho", pela Hawk Crest Road até serpentear nas montanhas, já estrada de terra. E finalmente chegamos a uma placa de madeira: Sparrow Ridge.

- O zelador vem aqui duas vezes por semana.

Encontrou-os às sete da manhã. O lugar não é mais usado regularmente - continuou Hartwig.

Eu percebi que ele estava nervoso, abalado.

A vinícola era pouco mais do que um grande barracão de placas de zinco corrugado, cheio de equipamento brilhante, de última geração: espremedores, tanques de fermentação, filas de barris de envelhecimento empilhados em ziguezague.

- Vocês devem estar acostumados com esse tipo de homicídio - disse Hartwig quando entramos.

O cheiro forte de ranço atacou nossas narinas. Meu estômago se comprimiu. Nunca nos acostumamos com cenas de homicídio.

Eles foram assassinados fazendo amor.

Havia alguns membros da equipe local da CSU reunidos sobre um grande tambor de aço inoxidável onde espremiam a uva. Estavam inspecionando dois montes respingados.

Os montes eram os corpos de Michael e Becky DeGeorge.

- Poxa, que merda, Lindsay! - resmungou Raleigh.

O marido, de blazer e calça cáqui, olhava para nós. Tinha um furo do tamanho de uma moeda bem no meio da testa. A mulher dele, cujo vestido preto estava puxado até o pescoço, estava em cima dele. O pavor de olhos brancos congelados no rosto dela. O sutiã estava na cintura e deu para ver os seios manchados de sangue. A calcinha estava enrolada nos joelhos.

Era uma visão muito feia, que provocava náuseas.

- Já determinaram a hora aproximada? - perguntei a Hartwig.

Ele parecia que estava a ponto de vomitar.

- Pela degeneração dos ferimentos, o médico-legista acha que estão mortos no mínimo há vinte e quatro horas e no máximo há trinta e seis. Foram mortos na mesma noite em que desapareceram. Meu Deus, eram apenas crianças!

Olhei para o corpo triste e ensangüentado da mulher e meus olhos foram atraídos para as mãos dela.

Nada. Nenhuma aliança.

- Você disse que eles morreram fazendo sexo? - perguntei. - Tem certeza disso?

Hartwig chamou o assistente do médico-legista. Ele rolou gentilmente o corpo de Becky

DeGeorge de cima do corpo do marido. Da calça aberta de Michael DeGeorge despontava perfeitamente preservado o que restava de sua última ereção. Uma fúria horrível me dominou. Os DeGeorge eram apenas crianças mesmo. Os dois tinham vinte e poucos anos, como os Brandt. Quem faria uma coisa tão terrível como essa?

- Dá para ver aqui que eles foram arrastados - disse Hartwig, apontando para manchas de sangue seco, visíveis no piso de cimento.

As manchas levavam a marcas de carro claramente delineadas no solo por onde não passava ninguém. Dois homens do xerife isolavam as marcas dos pneus com fita amarela. Raleigh se abaixou e examinou as marcas.

- Base larga da roda, mas pneus de catorze polegadas.

A banda de rodagem está boa, é nova. Um SUV teria pneus de dezesseis polegadas. O meu palpite é que isso deve ser de um grande sedã de luxo.

- Pensei que você era apenas um policial burocrata - eu disse.

Ele sorriu.

- Passei o verão na faculdade trabalhando com a equipe do pit stop do circuito NASCAR. Posso trocar um pneu mais rápido do que um vendedor de cerveja no estádio 3Com troca uma nota de vinte. Deve ser um Cadillac. Ou um Lincoln.

Os olhos dele diziam limusine.

A minha cabeça processava alguma coisa que Claire tinha dito uma vez. Associe os crimes.

Era incomum um assassino em série mudar de método. Os assassinos sexuais gostavam de ter intimidade com as vítimas, usavam estrangulamento, espancamento, facas. Eles queriam sentir as vítimas lutando e vê-las morrer. Gostavam de invadir a casa das vítimas. Disparo com arma de fogo era distanciado, clínico. Não dava emoção. Por um momento fiquei pensando se não havia dois assassinos. Imitadores. Não podia ser. Ninguém mais sabia das alianças.

Fui ver Becky DeGeorge quando o médico fechava o saco preto. Olhei nos olhos dela. Eles estavam fazendo amor. O assassino os forçou a fazer isso? Ele os surpreendeu no ato? Um psicopata sexual que muda de método. Um assassino que deixa pistas. O que ele deixou aqui? O que não tínhamos visto?

CAPÍTULO 37

O AR FRESCO ENCHEU MEUS PULMÕES ASSIM QUE FOMOS LÁ PARA fora. Chris Raleigh, Hartwig e eu fomos andando pela estrada de terra. O xadrez do vale lá embaixo se descortinava diante de nós. Fileiras de parreiras silvestres fechavam os dois lados. íamos em silêncio. Chocados.

Tive uma idéia assustadora. Estávamos a trezentos metros de altitude, totalmente isolados. Alguma coisa não estava batendo.

- Por que aqui, Hartwig?

- Talvez porque seja remoto e ninguém venha aqui.

- O que eu quis dizer foi por que aqui? Neste lugar específico. Quem conhece este lugar?

- Há propriedades isoladas para cima e para baixo em toda esta área. Os consórcios ocuparam a base do vale. Essas propriedades exigem mais trabalho do que capital. Trabalho dedicado. Verifique as listas. Dúzias desses terrenos secam toda temporada. Qualquer um por aqui conhece lugares como este.

- Os primeiros assassinatos foram na cidade. Mas ele sabia exatamente para onde vir.

Quem é o dono deste terreno?

Hartwig balançou a cabeça.

- Eu não sei.

- Acho que deve descobrir. E se fosse eu, examinaria de novo o quarto deles. Alguém os fez de alvo. Sabia tudo que eles iam fazer. Folhetos de viagens, cartões de visita, veja se há alguma coisa sobre serviço de limusines.

Lá de baixo escutei o barulho de um veículo grande subindo pela estrada de terra. Vi um Bronco branco do Instituto Médico-Legal de San Francisco estacionando.

Claire Washburn estava ao volante. Eu lhe tinha pedido para vir, torcendo para ela poder comparar as provas das duas cenas dos crimes.

Abri a porta e disse, agradecida:

- Obrigada por vir, querida.

Claire balançou a cabeça solenemente.

- Eu só queria que isso tivesse acabado diferente. É um telefonema que não gosto de receber.

Ela ergueu o corpo pesado para sair do carro com facilidade surpreendente.

- Tenho uma reunião mais tarde na cidade, mas pensei em dar uma espiada na cena do crime e me apresentar aos responsáveis do lugar.

Apresentei Claire a Frank Hartwig.

- O seu médico-legista é Bill Toll, não é? - ela perguntou com autoridade.

Hartwig piscou desconfiado, obviamente nervoso. Primeiro teve Raleigh e eu como consultores. Mas foi ele que nos chamou. Agora aparecia a médica-legista de San Francisco.

- Relaxe, eu já falei com ele pelo celular - disse Claire. - Ele está à minha espera. - Ela avistou uma equipe médica em volta dos sacos amarelos.

- Vou dar uma espiada.

Procurando se agarrar a algum senso de ordem, Hartwig seguiu Claire.

Raleigh chegou e veio para o meu lado. Parecia cansado.

- Você está bem? - perguntei.

Ele balançou a cabeça. Mantinha os olhos fixos no barracão onde os corpos tinham sido desovados.

Lembrei como Raleigh tinha me segurado no necrotério.

- Faz um tempo que você encarou um caso horrível como esse, não é?

- Não é isso - ele disse com o mesmo ar perturbado. - Eu quero que você saiba que, onde quer que isso dê, não tem nada a ver com o trabalho conjunto com a prefeitura. Nem com sigilo e divulgação na imprensa, Lindsay. Eu quero pegar esse cara.

Eu já tinha concluído isso. Aquilo não tratava dos colarinhos- brancos. Nem da minha promoção a tenente. Nem mesmo do combate à anemia de Negli.

Ficamos parados lado a lado um tempo.

- Não que qualquer um de nós tenha condição de ser a última linha de defesa da instituição do casamento - ele acabou dizendo, quebrando o silêncio.

CAPÍTULO 38

PHILLIP CAMPBELL ESTAVA DIRIGINDO DESDE O AMANHECER, INStalado na longa limusine alugada. Estava nervoso, tenso e adorando tudo aquilo.

Acumulava quilometragem num torpor constante e determinado; atravessou a Bay Bridge e continuou para leste pela 80. Finalmente livrou-se do trânsito da manhã perto de Vallejo e manteve o velocímetro em cento e vinte por hora, muito atento, dirigindo para o leste.

Não queria ser parado pela polícia rodoviária. Os jornais o chamavam de monstro. Psicótico, sociopata. Especialistas analisavam na TV seus motivos, seu passado, os possíveis assassinatos futuros. Eles não sabem de nada. Estão todos errados. Vão encontrar e descobrir o que eu quiser que encontrem e descubram. Eles só vêem o que eu quero que vejam.

Da fronteira com o estado de Nevada era um pulo até Reno, que ele considerava uma cidade vulgar, de vaqueiros idosos. Permaneceu na estrada, evitando a Strip. Ruas largas com postos de gasolina, lojas de armas, casas de penhores. Podia-se conseguir qualquer coisa ali sem ter de responder a muitas perguntas. Era o lugar para quem queria comprar uma arma, desovar um carro, ou ambos.

Deu a volta no centro de convenções e entrou na Lumpy's. Estacionou a limusine numa vaga, abriu o porta-luvas, pegou a papelada dobrada e deu um suspiro de alívio.

A limusine estava perfeitamente limpa. Imaculada. Não havia fantasmas sussurrando. Tinha passado o dia inteiro, na véspera, limpando, polindo, escovando e esfregando as manchas de sangue, até que o último vestígio de prova tivesse sumido. Agora o carro estava silencioso, não revelava nada, como no dia em que o pegou.

Ele respirou com mais facilidade. Era como se Michael e Becky DeGeorge jamais tivessem existido.

Em poucos minutos pagou o aluguel do carro e chamou um táxi para levá-lo ao aeroporto.

No aeroporto ele fez o check-in e deu uma olhada num jornal de San Francisco na banca. Nada sobre Becky e Michael. Foi para o portão de embarque. Comprou uma garrafa de suco de damasco Fruitopia e um sanduíche natural no balcão de uma lanchonete. Passou pelo Portão 31 da Reno Air para San Francisco. Sentou e começou a comer seu almoço.

Uma jovem atraente sentou ao lado dele. Loura, nádegas firmes, suficientemente vulgar para chamar a atenção dele. Ela usava uma corrente de ouro no pescoço com o nome numa placa: Brandee. E um anel com um diamante minúsculo. Ele a cumprimentou com um sorriso breve e distraído. Ela pegou uma mochila Kipling, deu um gole numa garrafa plástica de água e tirou um livro: Memórias de uma gueixa. Ele ficou interessado pelo fato de ela estar lendo justamente um livro sobre uma mulher submissa. Eram sinais.

- Bom, esse livro? - ele perguntou sorrindo.

- E o que todo mundo diz - ela respondeu. - Acabei de começar.

Ele se inclinou e sentiu o cheiro barato e cítrico do perfume dela.

- É difícil de acreditar - ele continuou - que foi escrito por um homem.

- Vou verificar. - Ela folheou algumas páginas e depois disse: - Foi meu noivo que me

deu.

Phillip Campbell sentiu os pêlos curtos e finos dos braços se eriçando.
Seu coração começou a acelerar. Passou um dedo trêmulo na ponta do cavanhaque.
- Ah... e quando será o grande dia?

CAPÍTULO 39

RALEIGH VOLTOU PARA A CIDADE DIRIGINDO O NOSSO CARRO. EU fiquei por lá e peguei uma carona com Claire. Precisava contar a ela o que estava acontecendo comigo. Claire e eu somos as melhores amigas há anos. Conversamos pelo menos uma vez por dia, todos os dias. Eu sabia por que estava tendo problema de contar a ela sobre a minha doença - não queria magoá-la. Nem sobrecarregá-la com os meus problemas. Eu gostava demais dela.

Quando a van do Instituto Médico-Legal balançava descendo a serra, perguntei se ela havia descoberto alguma coisa na cena do crime.

- É certo que havia atividade sexual antes de os dois serem mortos - ela respondeu com segurança. - Deu para ver distensão labial em volta da vagina. Secreções nas coxas dela.

"Isso é palpíte, porque só tive alguns minutos para examinar, mas acho que o marido morreu primeiro, Lindsay. Aquele ferimento único e limpo na testa sugere que ele foi despachado sem resistência. De uma vez. Os ferimentos em Rebecca indicam outra coisa. Ela foi atingida pelas costas. Através das omoplatas e do pescoço.

De uma distância, avalio, de não mais de um metro a um metro e meio. Se o sêmen for identificado positivamente e se eles realmente estavam transando quando aconteceu, ela devia estar por cima. Quer dizer que alguém tinha de chegar bem perto, sem ser visto, enquanto eles faziam sexo. Chegar até eles por trás dela. Como você disse que eles não usaram o próprio carro aquela noite, deviam estar, obviamente, a caminho de algum lugar. Acho que combina com a sua teoria de que estavam em algum tipo de veículo quando isso aconteceu. O assassino no banco da frente.

Então, por que não numa limusine?"

- Só isso? - Balancei a cabeça e sorri para Claire.

- Como eu disse, tive apenas alguns minutos. De qualquer modo, a teoria é sua. Se for comprovada, tudo que eu fiz foi ligar os pontos.

Continuamos descendo e eu ainda procurava as palavras certas.

Claire perguntou:

- Então, como vai o novo parceiro?

Balancei a cabeça afirmativamente.

- Acabei descobrindo que ele é um cara legal. Ele me apoiou com Roth e Mercer.

- E você tinha certeza de que ele era apenas um cão de guarda da prefeitura.

- Eu me enganei.

- Não é a primeira vez que você se engana sobre um cara - disse Claire.

Fiz uma careta fingindo estar ofendida e ignorei o sorriso largo dela.

- De qualquer modo, cão de guarda ou não - continuou Claire -, é muito melhor olhar para ele do que para Jacobi.

- E é mais inteligente também. Quando fomos a Napa ontem, eu liguei o estéreo do Explorer dele. E tinha uma fita de The Shipping News.

- E aí - Claire prosseguiu, com olhar curioso -, tem alguma novidade?

- Você quer dizer além de quatro pessoas inocentes assassinadas?

- Eu quero dizer com Chris Raleigh, Lindsay. Ele está em missão pela prefeitura, é lindo

e a sua agenda social não é exatamente igual à da Gwyneth Paltrow. Você não pode me dizer que ele não é o seu tipo.

- Temos estado enrolados no caso, Claire.

- Sei... - Ela deu uma risadinha. - Ele não é casado, certo?

- Ora, Claire - eu disse. - Eu não estou preparada.

Claire piscou e eu me peguei imaginando se tivesse um caso com Raleigh. Se tivesse voltado de Napa com ele, em vez de Cindy. Se o tivesse convidado para subir naquele domingo solitário e preparado qualquer coisa com o que tivesse na geladeira. Se tomássemos uma cerveja na varanda com o sol mergulhando na baía. Na minha cabeça eu o vi me olhando de novo. Você está bonita, Boxer. Ele notou. O fato era que eu tinha notado coisas nele também. Olhos pacientes e sensíveis. Enquanto terminava de ler *The Shipping News*. Não seria tão difícil.

Enquanto eu estava ali sentada, fingindo que podia me apaixonar por alguém, o sonho desmoronou. A vida estava se esvaindo lentamente de mim.

Ter alguma coisa com Raleigh, ou com qualquer outro, não era possível agora.

Olhei para Claire, quando ela entrava na 101. Respirei bem fundo.

- Você já ouviu falar de uma coisa chamada anemia aplástica de Negli? - perguntei.

CAPÍTULO 40

COMO A PERGUNTA SURTIU DO NADA, TOTALMENTE INESPERADA, Claire não tirou conclusão nenhuma do que eu acabara de dizer.

Ela respondeu como se fosse uma pergunta médica no seu laboratório.

- Doença do sangue. Bastante rara, séria. O organismo pára de produzir eritrócitos.

- Glóbulos vermelhos - eu disse.

Claire olhou para mim.

- Por quê? Não é a Cat? - referiu-se à minha irmã.

Balancei a cabeça. Fiquei tensa, olhando para a frente. Com os olhos vidrados. Deve ter sido a pausa longa que fez com que Claire entendesse. Ela sussurrou.

- Não é você, é?

Uma imobilidade horrível pairou no ar.

- Puxa, Lindsay! - Claire ficou boquiaberta.

Ela parou o Bronco no acostamento e me abraçou na mesma hora.

- O que o seu médico disse?

- Que é sério. Que pode ser fatal.

Eu vi a gravidade disso estampada no rosto dela. A dor, o sofrimento. Claire era médica patologista. Ela sabia o que estava em jogo antes mesmo de eu olhar para os olhos dela. Conteí que já estava fazendo transfusões duas vezes por semana.

- Era por isso que você queria sair comigo o outro dia? - ela perguntou. - Meu Deus, Lindsay! Por que não me disse logo?

Nenhum raciocínio que eu fiz antes parecia claro agora.

- Eu queria muito. Estava com medo. Talvez até mais de admitir para mim mesma.

Então me deixei envolver pelo caso.

- Alguém mais sabe? Jacobi? Roth?

Balancei a cabeça.

- Raleigh?

Respirei fundo.

- Você ainda acha que estou pronta para encontrar o cara certo?

- Pobrezinha... - disse Claire baixinho. - Oh, Lindsay, Lindsay, Lindsay.

O corpo dela tremia. Eu senti. Eu a tinha magoado. De repente soltei tudo, o medo, a vergonha e a incerteza tomaram conta de mim. Eu me agarrei a Claire e percebi que só ela me impedia de perder o controle. Comecei a chorar e então nós choramos juntas. Mas a sensação foi boa. Eu não estava mais sozinha.

- Estou do seu lado, querida - sussurrou Claire. - Gosto demais de você, menina.

CAPÍTULO 41

O ASSASSINATO EM NAPA MUDOU TUDO. Houve ataques violentos à forma como o Departamento de Polícia de San Francisco estava tentando resolver o caso. Fomos pressionados de todos os lados.

Manchetes sensacionalistas anunciavam a obra de um tipo completamente novo de assassino sádico e louco. Equipes de reportagem de fora da cidade circulavam pelo prédio da polícia. Imagens trágicas de casamentos e cenas de famílias abaladas eram as chamadas em todos os telejornais.

A força-tarefa que eu comandava se reunia duas vezes por dia. Dois outros inspetores da Unidade da Cena do Crime e psicólogos forenses juntaram-se a nós. Tivemos de dar nossos arquivos para o FBI. A investigação não estava mais confinada a algum indivíduo amargurado que assombrava o passado de David ou de Melanie Brandt.

Tinha crescido, ido mais fundo, era mais trágica e agourenta. A equipe de Jacobi fez uma varredura das lojas de bebidas da área e descobriu poucos nomes, nada além disso.

O paletó ensangüentado também não nos levava a lugar nenhum. O problema era que o estilo do smoking era de quatro, cinco anos atrás.

Das quinze lojas na área da baía, nenhuma conservava os registros de estilos dos fabricantes, por isso era praticamente impossível rastrear. Tivemos de examinar os registros delas, pedido por pedido.

Mercer triplicou os nossos investigadores.

O assassino escolhia as vítimas com precisão cuidadosa. Os dois crimes aconteceram menos de um dia depois do casamento das vítimas.

Ambos refletiam conhecimento específico das vítimas, onde estavam hospedadas, seus itinerários. Os dois casais mantinham quase todos os seus pertences: relógios, carteiras, jóias. As únicas coisas que faltavam eram as alianças.

Ele tinha deixado os DeGeorge num local aparentemente isolado, mas onde certamente seriam encontrados. Deixou outras pistas arrasa-quarteirão para nós. Não fazia sentido. O assassino sabe exatamente o que está fazendo, Lindsay. Ele sabe o que você está fazendo. Associe os crimes. Eu tinha de descobrir o denominador comum. Como ele conhecia as vítimas. Como sabia tanta coisa sobre elas.

Raleigh e eu dividimos as possibilidades. Ele pegou quem tinha feito as reservas dos itinerários dos Brandt e dos DeGeorge. Agências de viagens, serviços de limusines, hotéis. Eu peguei os organizadores. Nós íamos acabar encontrando alguma ligação entre os crimes.

- Se não fizermos algum progresso logo - resmungou Raleigh -, haverá um monte de padres e rabinos nesta cidade com muito tempo livre.

O que esse maniaco quer?

Eu não disse, mas achava que sabia. Ele queria felicidade, sonhos, expectativas. Estava tentando destruir a única coisa que nos mantinha em movimento: a esperança.

CAPÍTULO 42

AQUELA NOITE CLAIRE WASHBURN LEVOU UMA XÍCARA DE CHÁ para o quarto, fechou a porta sem fazer barulho e começou a chorar de novo.

- Que droga, Lindsay! - ela resmungou. - Você podia ter confiado em mim.

Precisava ficar sozinha. Tinha passado a noite toda abatida e distraída. Ela não era assim. Nas segundas-feiras, noite de folga da sinfônica, Edmund sempre cozinhava.

Era um dos rituais deles, uma noite em família, papai na cozinha, os meninos lavando tudo. Aquela noite ele tinha preparado o prato preferido deles, frango com molho de alcaparras e vinagre. Mas nada deu certo e foi culpa dela.

Um pensamento ocupava sua cabeça. Ela era médica, e uma médica que só lidava com a morte. Nenhuma vez tinha salvado uma vida. Era uma médica que não curava.

Foi até o armário, vestiu um pijama de flanela, foi ao banheiro e lavou o rosto com cuidado. Ela se olhou no espelho.

Não era bonita, pelo menos do jeito que a sociedade nos ensinava a admirar. Ela era grande, macia e redonda, a cintura sem forma juntava com os quadris. Até suas mãos, as bem treinadas e eficientes mãos que controlavam instrumentos delicados o dia inteiro, eram gorduchas e grandes.

A única coisa leve nela, como sempre dizia o marido, era quando ela estava na pista de dança.

Mas sempre se sentiu abençoada e radiante. Porque tinha saído de um bairro pobre, quase todo habitado de negros, em San Francisco, e se tornado médica. Porque era amada. Porque aprendeu a dar amor. Porque tinha tudo que sempre quis na vida.

Não era justo. Lindsay era quem atacava a vida, e agora a vida estava se esvaindo dela. Não queria nem pensar de modo profissional, como uma médica encarando a inevitabilidade da doença com distanciamento clínico. Ela sofria como amiga.

A médica que não podia curar.

Depois que ele e os meninos acabaram de lavar os pratos, Edmund entrou no quarto. Sentou na cama, ao lado dela.

- Você está doente, gatinha - ele disse, massageando o ombro dela. - Sempre que se encolhe antes das nove, eu sei que vai cair doente.

Ela balançou a cabeça.

- Não estou doente, Edmund.

- Então o que é? Esse caso grotesco?

Claire levantou a mão.

- E a Lindsay. Ontem ela voltou de Napa comigo no carro. E me deu a notícia mais terrível. Ela está muito doente. Tem um problema raro no sangue, uma forma de anemia. Chama-se anemia aplástica de Negli.

- E grave, essa anemia de Negli?

Claire fez que sim com a cabeça, com os olhos quase fechados.

- Muito grave.

- Meu Deus! - murmurou Edmund. - Pobre Lindsay!

Ele segurou a mão de Claire e os dois ficaram ali sentados em silêncio, atônitos.

Claire falou, depois de um tempo:

- Eu sou médica. Vejo a morte todos os dias. Conheço as causas e os sintomas, a ciência atrás para a frente. Mas não posso curar.

- Você nos cura o tempo todo - disse Edmund. - Você me cura todos os dias da minha vida. Mas há momentos em que nem todo o seu amor e sua incrível inteligência são capazes de mudar as coisas.

Ela se aninhou nos braços fortes do marido e sorriu.

- Você é bem esperto para um cara que toca tambor.

Então o que nós podemos fazer?

- Apenas isso - ele disse e a abraçou.

Edmund segurou Claire um longo tempo e ela sabia que ele a considerava a mulher mais linda do mundo. Isso ajudou.

CAPÍTULO 43

NO DIA SEGUINTE, À TARDE, TIVE UMA PRIMEIRA VISÃO DO rosto do assassino.

Chris Raleigh estava conversando com as pessoas que tinham organizado a viagem das vítimas. Eu estava verificando quem tinha planejado as festas de casamento.

Duas firmas diferentes. Para os DeGeorge, White Lace. Para os Brandt, uma consultora da moda, Miriam Campbell. O elo não era esse.

Eu estava à minha mesa quando o funcionário de plantão passou a ligação.

Era Claire. Ela acabara de examinar os corpos das vítimas, junto com o magistrado do município de Napa.

Ela parecia animada.

- Venha para cá - ela disse. - Depressa!

- Você encontrou a ligação. Becky DeGeorge foi molestada sexualmente?

- Lindsay, estamos lidando com um cara muito doente.

- Eles estavam mesmo transando quando foram mortos - Claire me contou minutos depois, quando a encontrei no laboratório. - Os vestígios de sêmen encontrados em Rebecca DeGeorge são idênticos aos que tirei do marido dela. E o ângulo dos ferimentos confirmou o que eu já suspeitava. Ela foi alvejada por trás.

O sangue de Rebecca encharcou as roupas do marido. Ela estava montada nele... Mas não foi por isso que a chamei aqui.

Ela fixou os olhos grandes em mim e percebi que era alguma coisa importante.

- Achei melhor guardar segredo disso - ela disse. - Só o médico-legista de Napa e eu sabemos.

- Sabem o quê, Claire? Conte logo, pelo amor de Deus!

No laboratório eu vi um microscópio numa bancada e uma lâmina petri a vácuo que me lembrou as aulas de biologia no segundo grau.

- Como aconteceu com as primeiras vítimas - ela disse excitada -, houve atividade sexual adicional com o corpo. Só que, dessa vez, não foi tão óbvia. Os lábios estavam normais para o estado de pós-coito e não havia nenhuma abrasão interna como ocorreu com a primeira noiva. Toll não reparou... mas eu estava procurando sinais de outros abusos. E lá estava, dentro da vagina, meio que gritando: "Venha me pegar, Claire."

Ela pegou a lâmina petri, uma pinça e tirou a tampa com cuidado. Os olhos dela se iluminaram.

Da lâmina ela tirou um único fio ruivo, de um centímetro de comprimento.

- Não é do marido?

Claire balançou a cabeça.

- Veja você mesma.

Ela acendeu o microscópio. Eu me inclinei e, contra o fundo branco e brilhante das lentes, vi dois fios: um fino, brilhante, castanho quase preto; o outro, curto, crespo, em forma de foice.

- Você está vendo duas partes de Michael DeGeorge - ela explicou -, o comprido é da

cabeça dele. O outro é um pêlo genital.

Então ela pôs o fio da lâmina petri em outra lâmina e o inseriu no encaixe do microscópio, lado a lado com os outros. Meu coração começou a acelerar. Achei que ela sabia aonde queria chegar com aquilo.

O novo fio era castanho-avermelhado e duas vezes mais espesso do que os dois de DeGeorge. Tinha filamentos minúsculos enrolados em volta do córtex. Evidentemente pertencia a outra pessoa.

- Não é cranial e nem púbico. E de uma barba - anunciou Claire, inclinada em cima de mim.

Afastei-me do microscópio e olhei para ela, chocada.

O pêlo facial do assassino tinha ido parar dentro da vagina de Becky DeGeorge.

- Post-mortem - ela disse para ficar bem claro.

capítulo 44

COMO CLAIRE DISSE, ESTÁVAMOS FORMANDO O NOSSO ASSASSINO, passo a passo.

A altura dele, o rosto, seus fetiches. O modo como matava.

Agora eu tinha de descobrir como ele seguia as vítimas.

Raleigh e eu estávamos empenhando tudo no esquema de planejamento da festa de casamento e das viagens. Havia quinze detetives em campo, seguindo as pistas. Agora que tínhamos uma característica facial, voltamos para os convidados, examinando todos à procura de um cara de barba que podia ter sido visto por perto.

Eu achava que algum aspecto daquela busca mais abrangente ia produzir resultados. Um dos convidados devia ter notado alguém. íamos encontrar um agente de viagens em comum, uma brecha em algum lugar. Ou então uma das investigações de Jacobi daria uma identificação.

Na manhã seguinte Hartwig telefonou:

- Sparrow Ridge Vineyards... é propriedade de um grupo local conhecido como Sociedade Falcão Negro. Um cara daqui, Ed Lester, advogado, cria essas sociedades de imóveis.

- Você sabe onde ele estava no fim de semana?

- Sei, eu verifiquei. Em Portland. Ele correu uma maratona lá. Falamos por telefone quando ele voltou para o escritório.

Estava mesmo em Portland.

Eu ainda tinha certeza de que quem desovou os corpos lá não tropeçou no vinhedo isolado por acaso. Significava alguma coisa para o assassino.

- Ele é dono da propriedade inteira?

- E. A Falcão Negro faz os contratos. Trazem dinheiro de fora, de caras abonados aí do seu lado. São pessoas que querem investir no jogo do vinho. Lester age como o sócio administrativo.

- E quem são os sócios dele nesse negócio?

- Eu não sei. Investidores.

Respirei fundo e procurei manter a paciência.

- Que investidores?

- Em geral são investidores que querem privacidade.

Ouçã, inspetora, eu sei aonde quer chegar, mas esse cara só lida com gente bem estabelecida.

Pode acreditar, qualquer um poderia ter encontrado aquele local para desovar. Corretores de imóveis, alguém que ia lá verificar, qualquer um da região. Eu vou ter de tratar com essa gente muito tempo depois de vocês irem embora.

Apoiei o telefone no ombro e girei minha cadeira de frente para a janela.

- Tenente, essa é uma investigação de assassinato múltiplo, o pior que já vi. O local da desova fica a cinco quilômetros de distância, subindo por uma estradinha deserta de terra. Qualquer um dirigindo à noite carregando dois corpos podia tê-los deixado com segurança em qualquer lugar antes de chegar lá

em cima. Quem fez isso tinha de saber que o vinhedo estava lá. E não acho que é alguém daí. Acho que ele não ia chamar atenção para um lugar tão perto de onde vive.

- Ligue de novo quando souber quem são os sócios de Lester.

E desliguei.

Um pouco do meu otimismo se desfez.

Raleigh não descobriu nada com os agentes de viagem. Os Brandt fizeram suas reservas numa empresa chamada Travei Ventures, uma agência que cuidava das viagens da elite. Os DeGeorge usaram a Journeytime, uma firma de Los Altos.

Nosso pessoal investigou todos os empregados das duas empresas. Não havia ligação entre as duas. Nenhum acordo de cooperação, nenhum agente de viagens que tivesse trabalhado para as duas. Era possível que alguém tivesse entrado no sistema deles, disse o gerente da Journeytime. Mas encontrar essa pessoa era praticamente impossível.

Do meu lado o resultado também foi decepcionante. Eu tinha os arquivos dos organizadores das duas festas de casamento. Gravadores, bandas de música, fotógrafos, serviço de bufê, floristas. Nada combinava. Os Brandt e os DeGeorge viviam em dois mundos diferentes. Não encontrei nenhuma pista de como o assassino identificava as vítimas.

capítulo 45

CHAMEI CLAIRE E CINDY PARA OUTRO ENCONTRO DAS MENINAS. Dessa vez o clima foi totalmente diferente. Não havia risadas e cumprimentos batendo as mãos no alto. Nenhum drinque margarita para comemorar. Mais duas pessoas tinham morrido. Não tínhamos suspeitos, apenas um caso que se avolumava. As pistas levavam rapidamente a lugar nenhum. Todas nós éramos muito pressionadas.

Claire foi a primeira a chegar. Ela me abraçou e perguntou como eu me sentia.

- Eu não sei - admiti.

Já tinha feito três tratamentos com transfusões.

As vezes me sinto forte. Outras vezes, especialmente à tarde, pareço um fantasma de mim mesma.

- Medved disse que vai rever minha contagem de glóbulos vermelhos na semana que vem.

Cindy chegou depois. Usava uma camiseta sem mangas por baixo de uma camisa

xadrez de homem e calça jeans bordada. Estava muito bonita, bem moderna. Não falava com ela desde segunda-feira, quando deixei que publicasse a história do segundo assassinato.

Mesmo segurando a matéria por um dia, ela galvanizou a cidade.

- Acho que estou pagando hoje - ela anunciou e jogou um novo cartão de visitas com o logotipo vermelho do Chronicle.

Eu li o cartão, que dizia: Cindy Thomas, repórter, redação Crime Metro.

Nós brindamos a ela e a cumprimentamos, depois a provocamos um pouco, só para não ficar com o ego muito inchado. Afinal, para que servem as amigas?

Eu contei que os agentes de viagem e os organizadores de festas não levaram a lugar nenhum.

- Duas coisas estão me incomodando muito - eu disse.

- A arma... assassinos sexuais não costumam mudar de método. Os métodos são parte da excitação sexual.

- É uma combinação estranha - concordou Claire. - Ele controla tudo quando planeja os ataques. Parece saber tudo. Onde se casaram, número dos quartos, o itinerário da lua-de-mel. Como ele vai escapar. No entanto, quando ele mata, é quase possuído por uma fúria. Não basta simplesmente matá-los. Ele tem de corromper.

Meneei a cabeça, concordando.

- Essa é a chave. Ele ataca casamentos, alguma coisa neles é intolerável para ele. Mas acho que é obcecado com as noivas. Os dois noivos foram despachados rapidamente. É como se não tivessem importância para ele.

Mas as noivas... esse é o verdadeiro fascínio do assassino.

- Então para onde esse cara iria - perguntei em voz alta - para encontrar vítimas em potencial? Se você quisesse matar noivas, onde as encontraria?

- Elas tiveram de escolher uma aliança - sugeriu Claire. - Uma joalheria.

- Ou a prefeitura - disse Cindy. - Eles precisam de uma licença para casar.

Olhei para ela e dei uma risadinha.

- Realmente ia combinar se um funcionário municipal estivesse por trás disso.

- Funcionário do correio - Claire e Cindy disseram ao mesmo tempo.

- Fotógrafos - disse Claire.

Eu podia ver um filho-da-mãe pervertido atrás das lentes. Eram todas boas possibilidades. Só precisávamos de tempo e de pessoal para verificar tudo antes de o assassino atacar novamente.

- O negócio de noivas não é exatamente a minha especialidade - eu disse a Claire. - E por isso que você está aqui.

- O que aconteceu com aquela baboseira de três mulheres poderosas? - Ela deu risada. - E a parte em que sou a melhor médica-legista?

Houve uma onda de risadas frustradas na mesa. Bebemos nossa cerveja. O Clube das Mulheres contra o Crime. Aquilo era bom. Proibido para homens.

- Onde está o maldito elo? - perguntei. - Ele quer que a gente descubra. E por isso que está deixando pistas. Ele quer que encontremos o elo.

Ficamos em silêncio, perdidas em nossos pensamentos.

- Eu posso sentir o que ocorre - continuei. - Na cerimônia, na comemoração, ele

encontra alguma coisa que o leva à fúria psicopata. Alguma coisa que ele precisa destruir. Esperança, inocência? Os maridos ele mata logo. Mas e as noivas? Como é que ele encontra as noivas?

- Se ele está vivendo nesse mundo doente de fantasia - disse Cindy, pensando alto -, deve ir aonde a fantasia é mais forte, mais viva. Talvez ele queira alimentar sua raiva observando as noivas sem ser visto.

Então Claire olhou para nós com um brilho nos olhos.

- Eu estava pensando... Eu iria aonde elas compram os vestidos de noiva. Eu escolheria as vítimas lá.

QUANDO CHEGUEI PARA TRABALHAR NA MANHÃ SEGUINTE, HAVIA um fax de Hartwig com a lista dos sócios do vinhedo de Sparrow Ridge. Dei para Jacobi verificar. Então liguei para os meus contatos nos dois organizadores das festas de casamento, White Lace e Miriam Campbell.

Não esperava grande coisa. Até ali, tudo voltava à estaca zero. E fiquei chocada de saber que os dois organizadores das festas confirmaram.

Melanie Brandt e Becky DeGeorge tinham comprado seu vestido de noiva no mesmo lugar. Na The Bridal Boutique da Saks. Era o primeiro elo concreto entre os dois casos. Podia não levar a nada, mas tive uma sensação, lá no fundo, que aquilo realmente prometia ser bom. Eu já estava na Saks na hora em que a loja abriu, às dez. A boutique de noivas ficava no terceiro andar, escondida num canto perto da seção de presentes e de artigos de porcelana.

Peguei Maryanne Perkins quando ela chegava para trabalhar, com uma xícara de café fumegante na mão. A gerente do departamento era uma mulher simpática e elegante, que devia ter cinquenta anos de idade, exatamente o tipo que trabalharia com noivas por vinte anos. Ela pediu para alguém ficar no seu lugar e sentou comigo num quatinho dos fundos cheio de fotos de noivas de revistas.

- Fiquei muito abalada quando soube - ela disse e balançou a cabeça, com o rosto pálido. - Melanie esteve aqui, há apenas duas semanas. - Ela olhou para mim com lágrimas nos olhos. - Era tão linda... As minhas noivas são como filhas para mim, inspetora. Sinto como se tivesse perdido uma das minhas.

- Uma? - Olhei bem nos olhos dela. - Ainda não soube?

- Soube do quê?

Contei a Maryanne Perkins sobre o assassinato de Becky DeGeorge.

A expressão transtornada, de choque, cobriu o rosto dela. Os olhos verdes saltaram, inundados de lágrimas. Ela olhava através de mim como se visse apenas a parede.

- Oh, meu Deus... - Ela deu um suspiro trêmulo. - Meu marido e eu estávamos passando uns dias na nossa cabana em Modesto. Ela esteve aqui... Oh, meu Deus... O que está acontecendo aqui, inspetora?

Eu despejei uma torrente de perguntas. Quem sabia da lista de clientes deles? Outros vendedores? Gerentes? Sabíamos que o assassino era um homem. Havia algum homem trabalhando no departamento?

Cada uma dessas perguntas gerou uma negativa incrédula de Maryanne Perkins. A equipe toda estava junta há oito anos, no mínimo. Não havia homens. Era como o nosso clube de mulheres.

Ela recostou na cadeira e vasculhou a memória à procura de algum detalhe de que pudesse lembrar.

- Nós estávamos admirando Becky... ela estava deslumbrante. Era como se nunca tivesse pensado nela mesma desse jeito, mas, quando se viu com o vestido, ficou claro. A mãe dela deu um pingente, de pérolas e diamantes, e eu corri até minha sala para pegar as flores. Foi então que notei uma coisa. Parado ali - ela apontou -, ele olhava fixo para Becky. Lembro que

pensei: "Está vendo, até ele acha que você está linda." Lembrei agora.

Anotei a descrição, freneticamente: quarenta e poucos anos, talvez mais jovem.

- Não olhei bem para ele - disse a gerente da seção das noivas. - Ele tinha barba.

Na hora, tive certeza de que era ele! Aquilo confirmava que Claire tinha razão. Tinha de ser na Saks que ele encontrava suas vítimas, onde ele as seguia.

Insisti:

- Como alguém pode saber de detalhes de um casamento? A data? O lugar? Para onde iam na lua-de-mel?

- Nós temos essas informações - disse Maryanne Perkins - quando a moça escolhe o vestido. Em parte porque precisamos saber para nos ajudar, com datas e prazos. E também nos ajuda a conhecer melhor a noiva. A maioria deixa a lista de casamento conosco também.

Conhecer melhor a noiva.

- Quem tem acesso a essas informações?

Ela balançou a cabeça.

- Só nós!... minhas assistentes. O departamento é pequeno. Às vezes passamos para o de porcelana e o de presentes.

Senti que finalmente estava chegando perto. Meu coração batia com muita força.

- Preciso de uma cópia de tudo que vocês têm de Melanie Brandt e de Becky DeGeorge, e de todas as clientes para quem estão trabalhando agora.

Ele escolhia as vítimas em potencial ali, não era? Era bem possível que ele voltasse. Alguém da lista da loja podia ser a próxima da fila. Vi o queixo da Sra. Perkins cair. Parecia que estava tendo uma visão horrível.

- Tem mais uma coisa que você precisa saber.

- O que é?

- Mais ou menos um mês atrás, depois do inventário, notamos que a nossa pasta das noivas tinha sumido.

ASSIM QUE VOLTEI PARA O TJ, FIZ DUAS COISAS. LIGUEI PARA Claire e para Cindy e contei o que tinha descoberto na Saks, depois fui procurar Chris Raleigh.

Contei tudo a Chris e resolvemos pôr uma detetive da Unidade de Crimes Sexuais dentro da loja de departamentos. Mandeí um artista que fazia os retratos-falados procurar Maryanne Perkins na Saks. Então Chris me revelou uma coisa importante. Roth e Mercer tinham entregado os nossos arquivos do caso para o FBI. Foi como se me dessem uma facada no peito. Corri para o banheiro, fechei a porta e encostei nos ladrilhos frios e lascados. Homens malditos, filhos-da-puta, controladores! Malditos Roth e Mercer!

Olhei para meu rosto no espelho. As bochechas estavam vermelhas. Minha pele ardia. O FBI. Aquele caso era meu, e da Claire, da Cindy, do Raleigh. Significava mais para mim do que qualquer outro em que tinha trabalhado.

De repente minhas pernas amoleceram. Seria a anemia? O médico havia dito que eu teria crises de náusea e de tontura. Minha quarta transfusão estava marcada no Hospital Moffett, na unidade de hematologia, às cinco e meia. Um vazio avassalador me dominou, alternando entre raiva e medo.

Estava começando a desvendar essa coisa. Não precisava de gente de fora de terno preto e prendedores de gravata zanzando por ali, fazendo uma investigação incompetente. Pisquei para o espelho. Minhas bochechas, que estavam queimando de raiva, agora pareciam pálidas e sem vida. Meus olhos estavam aquosos e cinzentos. Todo o meu corpo parecia sem cor.

Fiquei olhando para o espelho e uma voz criou vida dentro de mim. Vamos lá. Cabeça erguida. Você vai vencer... você sempre vence. Joguei água fria no rosto. O calor das bochechas começou a diminuir. Você tem direito a uma crise dessas. Soltei o ar e sorri um pouco. Mas não faça isso de novo.

Aos poucos um brilho conhecido ganhou vida nos meus olhos e a cor normal reapareceu no meu rosto. Eram quatro e vinte. Eu precisava estar no Moffett às cinco. Resolvi começar a verificar os nomes da Saks amanhã. Pus um pouco de maquiagem e voltei para a minha mesa. Para minha vergonha, Raleigh apareceu.

- Agora você pode administrar as repercussões deles - comentei irritada e sem necessidade sobre o FBI.

- Eu não sabia - ele disse. - E assim que soube, contei para você.

- E. - Balancei a cabeça. - Eu sei.

Raleigh se levantou, deu a volta na mesa e sentou na beirada, de frente para mim.

- Tem alguma coisa errada, não tem? Conte para mim. Por favor.

Como é que ele sabia? Talvez fosse um detetive muito melhor do que eu pensava. Tive vontade de contar. Meu Deus, eu queria desabafar. Então Raleigh fez uma coisa completamente inesperada.

Deu um daqueles sorrisos abertos e eu não pude resistir. Ele me puxou da cadeira e me abraçou. Fiquei tão surpresa que nem resisti. Eu tremia como gelatina nos braços dele. Não era bem uma excitação sexual, mas nenhuma explosão de paixão tinha se apoderado de mim daquele jeito em toda a minha vida. Raleigh ficou me segurando até a ansiedade passar,

lentamente. Bem ali, na droga da sala da equipe. Eu não sabia o que fazer, mas não queria me afastar dele. Nem que ele me soltasse.

- Eu podia multar você por isso - acabei resmungando no ombro dele.

Ele não se mexeu.

- Quer uma caneta?

Lentamente eu me afastei. A sensação em todos os nervos do meu corpo era de ter saído de um estado tenso de alerta.

- Obrigada - murmurei, agradecida.

- Você não parecia bem - ele disse gentilmente. - O plantão está quase terminando. Quer beber um café e conversar? Só café, Lindsay, não um programa.

Olhei para meu relógio e me dei conta de que eram quase cinco horas. Tinha de ir para o Moffett. Olhei para ele com uma expressão que esperava que transmitisse Convide-me outro dia, mas disse:

- Não posso. Tenho de ir.

CAPÍTULO 48

A FUNCIONÁRIA BONITA E SORRIDENTE DO BALCÃO DE RESERVAS meneou a cabeça educadamente para a próxima pessoa da fila.

- Bem-vindo ao Lakefront Hilton, senhor.

Phillip Cahpbell se aproximou do balcão. Ele observou o nome dela, Kaylin. Kaylin de olhos brilhantes, ingênua. Ele retribuiu o sorriso. Flertou um pouco. Deu a ela a tarja de confirmação.

- É a primeira vez que se hospeda conosco, Sr. Campbell? - a funcionária perguntou cantarolando com voz aguda.

Ele sorriu para ela saber que era. Enquanto ela carimbava a reserva dele, Campbell seguiu os movimentos dela, cofiando pensativo os pêlos grossos da barba. Ele queria que ela notasse. Que lembrasse do rosto dele. Talvez de alguma coisa que ele dissesse.

Um dia, quando algum diligente agente do FBI aparecesse com um desenho ou uma fotografia, ele queria que aquele esquilincho alegre lembrasse daquele momento de modo aterrador. Ele queria que ela lembrasse de tudo. Como tinha feito com a vendedora da butique de noivas na Saks.

- Está aqui para visitar o museu, Sr. Campbell? - perguntou Kaylin, enquanto digitava.

- Para o casamento dos Voskuhl - ele explicou.

- Todo mundo está dizendo isso. - Ela sorriu.

Ele acompanhou as batidas das unhas pintadas de pêssego no teclado.

- Reservei para o senhor um quarto de luxo com uma bela vista - ela disse, entregando a ele uma chave.

Ela sorriu outra vez.

- Aproveite o casamento. E tenha uma boa estada.

- Vou ter - disse Campbell, simpático. Antes de se afastar, ele olhou para ela e disse:

- Por falar em casamentos... gostei do seu anel.

No quarto, ele abriu as cortinas e, como prometido, viu diante dele uma vista de cento e sessenta graus de Cleveland, Ohio.

CAPÍTULO 49

Eu o vi... AQUELE FILHO-DA-MÃE. O QUE ELE ESTAVA FAZENDO aqui? No meio de uma multidão que se movia apressada, na Market baixa. Apenas um movimento rápido na onda de gente abrindo caminho para a barca. Meu sangue congelou quando o avistei. Ele usava uma camisa azul e uma jaqueta de brim marrom. Parecia um professor universitário. Em qualquer outro dia, eu podia passar por ele e nem notar. Ele era magro, ossudo, nada nele chamava atenção, exceto uma coisa. A barba castanha, meio ruiva. A cabeça dele subia e descia no meio da multidão. Eu fui atrás, mas não consegui diminuir a distância entre nós.

- Polícia! - berrei para me fazer ouvir no burburinho.

Meu grito se dissolveu naquela massa de gente apressada e distraída. Podia perdê-lo a qualquer momento. Não sabia o nome dele, só conhecia suas vítimas. Melanie Brandt. Rebecca DeGeorge.

De repente ele parou. Inclinou o corpo contra a maré de gente e veio direto para mim. O rosto dele parecia iluminado, brilhante contra um fundo escuro, como um daqueles ícones medievais russos. No meio daquela comoção nossos olhos se encontraram. Tivemos um momento de reconhecimento e compreensão. Ele sabia que era eu. Que era eu que estava à procura dele. Então, para meu horror, ele fugiu. O mundo de gente o engoliu, levou-o embora.

- Pare! - gritei. - Vou atirar!

Um suor frio despontou na minha nuca. Saquei a arma.

-Abaixem-se! -gritei, mas as pessoas que voltavam do trabalho na hora do rush continuaram avançando, protegendo o fugitivo. Eu ia perdê-lo. O assassino estava escapando.

Levantei o revólver, concentrei-me na imagem da barba ruiva dele. Ele virou para trás, com um sorriso de quem tinha levado a melhor. Respirei fundo e firmei a mira. Em câmera lenta, todos os rostos na multidão viraram para mim também.

Recuei. Horrorizada, abaixei a arma. Todos os rostos tinham a mesma barba ruiva. Eu estava sonhando. Dei por mim na cozinha, olhando para círculos concêntricos na minha taça de chardonnay. Havia uma calma familiar no meu apartamento. Nada de multidões apressadas, nenhum rosto que desaparecia. Só a Doce Martha, deitada no seu futon.

Água fervia numa panela no fogão. Meu molho favorito estava pronto: ricota, abobrinha e manjerição. Tinha posto um CD para tocar, da Tori Amos.

Apenas uma hora atrás eu estava com tubos e agulhas enfiados em mim. Meu coração batia junto com o bipe constante do monitor que parecia um metrônomo de ritmo.

Droga, eu queria minha vida antiga de volta. Meus sonhos preferidos de antes. Queria o sarcasmo de Jacobi, o deboche de Sam Roth, queria meu jogging no Marina Green. Eu queria filhos, mesmo se tivesse de me casar de novo.

De repente o interfone soou. Quem seria àquela hora? Fui até o aparelho arrastando os pés e perguntei:

- Quem é?

- Pensei que você fosse a algum lugar - respondeu uma voz com estática.

Era Raleigh.

CAPÍTULO 50

- O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO AQUI? - PERGUNTEI, SURPRESA.

Fiquei contente, mas muito nervosa de repente. Meu cabelo estava preso, usava uma camiseta velha de Berkeley com que às vezes dormia, eu me sentia esgotada e angustiada por causa da transfusão. E meu apartamento estava uma bagunça.

- Posso subir? - disse Raleigh.

- É a trabalho ou pessoal? - perguntei. - Não temos de ir para Napa de novo, temos?

- Esta noite não. - Ouvi a risada dele. - Desta vez eu trouxe o meu.

Não entendi muito bem, mas abri a porta para ele. Voltei correndo para a cozinha, baixe o fogo do macarrão e ao mesmo tempo joguei duas almofadas que estavam no chão em cima do sofá e transferi uma pilha de revistas para uma cadeira na cozinha. Passei um brilho nos lábios e sacudi a cabeça depois de soltar o cabelo quando a campainha tocou. Raleigh estava de camisa e calça larga de algodão. Trazia uma garrafa de vinho. Kunde. Muito bom. Deu um sorriso, se desculpando:

- Espero que não se importe de eu invadir sua casa assim de repente.

- Ninguém invade a minha casa. Eu abri a porta para você - eu disse. - O que está fazendo aqui?

Ele riu.

- Eu estava passando.

- Estava passando, é? Você mora do outro lado da baía...

Ele fez que sim com a cabeça, desistiu do alibi sem muita resistência.

- Eu só queria ter certeza de que você estava bem.

Você estava esquisita lá na delegacia.

- Legal, Raleigh - eu disse, olhando nos olhos dele.

- E então? Você está bem?

- Então. Estava me sentindo um pouco frustrada. Roth.

Essa coisa do FBI. Agora estou bem. Mesmo.

- Fico contente - ele disse. - Tem alguma coisa cheirando bem aí.

- Eu estava só preparando uma coisinha. - Parei e pensei no que eu queria dizer. - Você já jantou?

Ele balançou a cabeça.

- Não, não. Não quero incomodar.

- Foi por isso que trouxe o vinho?

Ele deu um daqueles sorrisos irresistíveis.

- Se você não estivesse em casa, tem um lugar na esquina da Segunda com a Brannan aonde vou sempre.

Retribuí o sorriso e finalmente abri a porta.

Raleigh entrou no meu apartamento. Olhou em volta com ar de quem está impressionado, examinou algumas peças de cerâmica, uma jaqueta de beisebol preta e dourada de cetim de Willie Mays, minha varanda com a vista da baía. Ele me deu a garrafa de vinho.

- Tem uma aberta ali no balcão - eu disse. - Sirva-se. Vou ver a comida.

Fui para a cozinha, lembrando que acabava de chegar do ambulatório do hospital para tratar uma doença séria e que nós éramos parceiros.

Com uma sensação irreprimível de excitação, pus mais um lugar na mesa.

- Número vinte e quatro dos Giants? - ele perguntou.

- Essa jaqueta de aquecimento é autêntica?

- De Willie Mays. Meu pai me deu quando completei dez anos. Ele queria um filho homem. Eu a guardei todos esses anos.

Ele entrou na cozinha, virou um banco do balcão. Enquanto eu mexia o penne, ele se serviu de vinho.

- Sempre cozinha para você assim?

- Hábito antigo - eu disse. - Quando era menina, minha mãe trabalhava até tarde. Eu tinha uma irmã seis anos mais nova.

Às vezes minha mãe só chegava em casa às oito. Desde quando consigo lembrar, eu tinha de preparar o jantar.

- Onde seu pai estava?

- Ele nos deixou - eu disse, batendo mostarda, óleo de semente de uva, vinagre balsâmico e limão para fazer um molho vinagrete para a salada. - Quando eu tinha treze anos.

- Então foi criada pela sua mãe?

- Pode-se dizer que sim. Às vezes acho que eu me criei sozinha.

- Até se casar.

- E, aí eu criei meu marido também - sorri. - Você é bem intrometido, Raleigh.

- Policiais costumam ser intrometidos. Não sabia disso?

- E. Policiais de verdade.

Raleigh fingiu estar magoado.

- Como posso ajudar? - ele ofereceu.

- Você pode ralar - eu disse e sorri.

Empurrei um pedaço de parmesão e um ralador para ele.

Ficamos sentados na cozinha enquanto ele ralava o queijo e esperávamos o macarrão ficar pronto. Doce Martha entrou na cozinha e deixou Raleigh fazer carinho nela.

- Você não parecia normal hoje à tarde - ele disse, acariciando a cabeça de Martha. -

Em geral você encara as merdas de Dad sem piscar. Tive a impressão de que havia alguma coisa errada.

- Não há nada errado - menti. - Pelo menos, agora não. Se é que estava perguntando.

Encostei no balcão e olhei para ele. Era meu parceiro; porém, mais do que isso, era uma pessoa em quem eu achava que podia confiar. Fazia muito tempo, e um tempo bastante difícil, que eu não confiava em qualquer indivíduo cujo sexo começasse com a letra H. Talvez, numa outra época... era o que eu estava pensando.

A voz envolvente de Tori Amos pairou no ar.

- Você gosta de dançar? - Raleigh perguntou de repente.

Fiquei muito surpresa.

- Eu não danço. Eu cozinho.

- Você não dança... você cozinha? - Raleigh repetiu e enrugou a testa.

- E. Você sabe o que dizem sobre cozinhar.

Ele olhou em volta.

- O que eu diria é que parece que não está funcionando. Acho que você devia experimentar dançar.

A música era suave e lenta, e por mais que eu quisesse negar, em parte eu desejava ser abraçada. Sem eu ter dito que sim, meu parceiro segurou minha mão e me puxou do balcão. Eu quis resistir, mas uma voz doce, de rendição, disse dentro de mim: Deixe-se levar, Lindsay. Ele é legal. Você sabe que confia nele.

Então eu me soltei e deixei Chris Raleigh me segurar. Gostei de estar nos braços dele. Primeiro nós ficamos lá quase parados, balançando sem jeito. Depois eu deixei minha cabeça descansar no ombro dele, tive a sensação de que nada podia me magoar, pelo menos por um tempo.

- Isto não é um programa - resmunguei.

Eu me deixei levar para um lugar muito gostoso, onde senti que o amor, a esperança e os sonhos existiam, à nossa disposição.

- Para falar a verdade - eu disse -, fiquei feliz de você ter vindo me visitar.

- Eu também.

Então senti que ele me puxou mais para perto. Senti um arrepio de prazer percorrer minha espinha, uma sensação que eu quase não reconhecia mais.

- Você tem, não tem, Raleigh? - perguntei.

- O quê, Lindsay?

Mãos macias.

CAPÍTULO 51

KATHY E JAMES VOSKUHL ESTAVAM NA PRIMEIRA DANÇA E, PARA quebrar a tradição, era um rock O ritmo animado de "La Bamba" sacudia o átrio bem iluminado do Rock and Roll Hall of Fame em Cleveland.

- Todo mundo! - gritou o noivo. - Rock-and-roll! Venham dançar conosco!

Garotas descoladas, de cabelos pintados e vestidos de baile verde e vermelho, no estilo anos sessenta, rodopiaram na pista de dança, seus parceiros com camisas de seda retrô, tipo Travolta. A noiva e o noivo, que tinham trocado de roupa e estavam em trajes de festa, juntaram-se aos dançarinos, batendo as coxas, gritando e levantando os braços. Quase estragou tudo, pensou Phillip Campbell.

Ele a queria de branco. E lá estava ela, com o cabelo mechado de vermelho molhado de suor, óculos de gatinho e um vestido verde justo. Dessa vez, Kathy, você foi longe demais. Quarenta mesas, cada uma com um boneco igual a algum ícone do rock no centro, enchiam o grande salão do museu. Uma grande faixa pendurada no teto de vidro dizia: James e Kathy.

Depois de um crescendo ruidoso, a música acabou. Um bando de convidados suarentos voltou para suas mesas, ofegantes, abanando-se.

Garçons de colete preto corriam pelo salão, enchendo as taças de vinho.

A noiva foi abraçar um casal alegre, com traje a rigor. Mãe e papai. Phillip Campbell não conseguia tirar os olhos dela. Viu quando o pai olhou para ela, amoroso, como se dissesse: Nós já enfrentamos muita coisa, querida, mas agora tudo ficará bem.

Agora você faz parte do clube, investimentos e aplicações e netinhos de cabelo cor de pêssego na melhor escola particular.

O noivo se aproximou e cochichou alguma coisa no ouvido de Kathy.

Ela apertou o braço dele e deu um sorriso, ao mesmo tempo afetuoso e malicioso. Ele se afastou e ela continuou com as pontas dos dedos no braço dele, como se dissesse Eu vou logo.

Ajeitando o cinto, o noivo saiu do salão principal. Olhou para trás uma, duas vezes e Kathy acenou para ele.

Campbell resolveu segui-lo, mantendo uma distância segura. Foi andando por um corredor largo e bem iluminado que saía do átrio. Na metade desse corredor, James Voskuhl olhou para trás uma vez, resabiado. Então abriu uma porta e entrou. Era o banheiro dos homens.

O assassino se adiantou. Não havia mais ninguém no corredor. Sentiu uma vontade incontrolável crescendo com força.

Enfiou os dedos no bolso do paletó e encostou na coronha fria da arma. Destrovou o pino de segurança. Não podia mais controlar o que se passava na cabeça dele.

Entre, desafiou uma voz. Faça.

Lá dentro a luz era opaca, amarelada. Não havia ninguém nos mictórios, nem nas pias. O noivo estava num cubículo fechado. Um cheiro forte encheu suas narinas: maconha.

- E você, meu amor? - perguntou o noivo, com voz afetuosa.

Cada nervo do corpo de Campbell ficou em estado de alerta.

Ele resmungou alguma coisa que mal dava para ouvir.

- E melhor entrar aqui, querida - disse o noivo, prendendo a respiração. - Se quiser acabar com esta bagana.

Phillip Campbell abriu a porta.

O noivo levantou a cabeça, confuso, com o toco do baseado na boca.

- Ei, cara, quem é você?

- Sou o cara que mata vermes inúteis como você.

Dito isso ele atirou, uma vez só.

A cabeça de James Voskuhl foi jogada para trás. Uma mancha vermelha se espalhou nos ladrilhos. O noivo balançou uma vez, depois caiu para a frente, no mesmo lugar.

O eco do disparo da arma pareceu explodir no banheiro inteiro. Deixou um cheiro de pólvora no ar, que se misturou com a fumaça da maconha.

Uma estranha calma se apoderou de Phillip Campbell, um destemor. Puxou a cabeça do noivo para trás e endireitou-lhe o corpo. Ficou esperando. Ouvia o barulho da porta do corredor abrindo, ecos da festa ao longe.

-É você, Vosk? - perguntou uma voz de mulher.

Era ela. A noiva.

-O que está fumando aí? Alcatrão? - Kathy deu risada.

Ela foi até a pia e ele ouviu o barulho da água na torneira.

Campbell podia vê-la por uma fresta do cubículo. Ela estava diante da pia, passando um pente no cabelo. Ele teve uma visão. De como podia arrumar a cena. Do que a polícia ia encontrar.

Precisou de todas as suas forças para se controlar... para deixar que ela fosse até ele.

-E melhor guardar um tapa ou dois para mim, cara - disse a noiva.

Ele observou Kathy ir dançando para o cubículo. Estava muito perto agora. Era incrivelmente delicioso. Que momento!

Quando ela abriu a porta, o olhar dela foi tudo para ele.

A visão de James, com a baba vermelha escorrendo da boca. De repente ela reconhece, assustada, a cara do assassino. E vê a arma apontada para a sua testa.

-Gosto mais de você de branco, Kathy. - Foi tudo que o assassino disse.

Então ele apertou o gatilho e um clarão branco ofuscante explodiu através das lentes dos óculos de gatinho.

CAPÍTULO 52

CHEGUEI BEM CEDO SEGUNDA-FEIRA, UM POUCO NERVOSA POR causa do meu primeiro contato com Raleigh depois da nossa experiência de dança e jantar, imaginando aonde ia dar tudo aquilo, quando um dos inspetores da força-tarefa, Paul Chin, correu para falar comigo:

- Lindsay, tem uma mulher na sala 4 de interrogatório com quem eu acho que você devia falar.

Desde que a descrição física do criminoso tinha sido posta no ar, as pessoas telefonavam inventando que o tinham visto, dando pistas que não levavam a nada. Uma das tarefas de Chin era fazer o acompanhamento dessas pistas, por mais improváveis que fossem.

- Essa é uma vidente ou tiete da polícia? - perguntei com um sorriso cético.

- Acho que essa é pra valer - disse Chin. - Ela estava no primeiro casamento.

Quase pulei da minha cadeira e fui atrás dele. Na frente da sala da nossa equipe vi Raleigh chegando. Chris.

Um formigamento de prazer percorreu meu corpo num segundo. Ele saiu da minha casa por volta das onze, depois que secamos as duas garrafas de vinho. Nós jantamos, conversamos sobre as limitações de cada um na polícia e sobre os altos e baixos de ser casado ou solteiro.

Foi uma noite muito agradável. Acalmou a aflição com o caso. E eu até parei de pensar na anemia.

O que me assustou um pouco foi o tremor por dentro, que podia ser algo mais. Eu me peguei olhando para ele sexta-feira à noite, enquanto ele ajudava a lavar os pratos, pensando: Se fosse em outra época...

Raleigh veio ao meu encontro, com café e um jornal.

- Oi - ele sorriu. - Bonito colete.

- Chin está com uma ao vivo na 4 - eu disse, segurando o braço dele. - Ela afirma que o viu pessoalmente. Quer vir comigo?

Na pressa, eu já tinha passado por ele, sem lhe dar um segundo para raciocinar. Ele largou o jornal na mesa do nosso funcionário civil e me alcançou na escada.

Na sala de interrogatório apertada estava uma mulher atraente e bem-vestida, que devia ter uns cinquenta anos. Chin a apresentou para mim como Laurie Birnbaum.

Ela parecia tensa, nervosa.

Chin sentou ao lado dela.

- Sra. Birnbaum, pode dizer para a inspetora Boxer o que acabou de me contar?

Ela estava amedrontada.

- Foi a barba que me fez lembrar. Nem pensei mais nisso até agora. Foi horrível!

- A senhora estava no casamento dos Brandt? - perguntei.

- Sim, convidada da família da noiva - ela respondeu.

- Meu marido trabalha com o chanceler Weil na universidade. - Ela bebeu, nervosa, um gole de café. - Foi uma coisa muito rápida. Mas fiquei apavorada.

Chin apertou o botão de um gravador portátil.

- Por favor, continue - eu disse para tranquilizá-la.

Mais uma vez eu me senti perto dele... do filho-da-mãe de barba ruiva.

- Eu estava ao lado dele. Ele tinha uma barba ruiva meio grisalha. Como um cavanhaque. Do tipo que usam em Los Angeles. Ele parecia mais velho, talvez uns quarenta e cinco, mas tinha alguma coisa nele. Eu não estou me expressando direito, não é?

- A senhora falou com ele? - perguntei, procurando esclarecer que ela não fazia aquilo todo dia, mas eu sim.

Até os detetives homens admitiam que eu era a melhor do andar, para perguntas e respostas. Eles brincavam que "era coisa de mulher".

- Eu tinha acabado de vir da pista de dança - ela disse. - E quando olhei, lá estava ele. Eu disse alguma coisa como:

"Bela festa... noiva ou noivo?"

Na hora achei que ele era charmoso. Então ele olhou para mim com raiva.

E pensei que se tratava de algum daqueles banqueiros de bancos de investimento, arrogantes, do lado dos Brandt.

- O que ele disse para a senhora? - perguntei.

Ela massageou a testa, esforçando-se para lembrar.

- Ele disse, de um jeito muito estranho, que eles tinham sorte.

- Quem tinha sorte?

- Melanie e David. Eu devo ter dito: "Eles não têm sorte?", falando dos dois. Eles estavam tão lindos! E ele respondeu:

"Ah, eles têm sorte."

Ela olhou para mim com uma expressão confusa.

- Ele os chamou de outra coisa... escolhidos.

- Escolhidos?

- E. Ele disse: "Ah, eles têm sorte... Pode-se até dizer que foram escolhidos."

- A senhora disse que ele tinha um cavanhaque?

- Isso é que era muito estranho. A barba dava a aparência de mais velho, mas o resto dele era jovem.

- O resto dele? O que quer dizer?

- O rosto dele. A voz. Sei que isso pode parecer esquisito, mas foi só um breve momento, quando saí da pista de dança.

Tiramos o máximo de informação dela que pudemos. Altura, cor do cabelo. A roupa que ele usava. Tudo confirmava os poucos detalhes que já tínhamos. O assassino era um homem com barba curta e ruiva. Ele usava um smoking, o paletó que deixou na Suíte Mandarin.

Um fogo queimava dentro de mim. Tive certeza de que Laurie Birnbaum dizia a verdade. A barba. O smoking. Estávamos juntando peça por peça da aparência dele.

- Tem mais alguma coisa, qualquer coisa que chamou sua atenção? Alguma característica física? Algum trejeito, maneirismo?

Ela balançou a cabeça.

- Aconteceu tão depressa. Foi só quando vi o desenho dele no Chronicle...

Olhei para Chin indicando que era hora de chamar o artista para firmar os detalhes. Agradei e voltei para a minha mesa. Fariamos um desenho com os dados dela para usar junto

com o de Maryanne Perkins, da Saks.

A investigação dos assassinatos entrava numa nova fase. Estava muito ativa. Tínhamos um observador do lado de fora da butique de noivas da Saks. Um por um, estávamos entrando em contato com os nomes da lista da loja, qualquer pessoa que tivesse encomendado um vestido de noiva nos últimos meses.

Meu coração batia acelerado. O rosto que eu havia imaginado, o meu sonho com o homem de barba ruiva, estava começando a tomar forma. Senti que ele estava nas nossas mãos.

Meu telefone tocou.

- Boxer - atendi, ainda mexendo na lista de nomes da pasta de casamentos da Saks.
- Meu nome é McBride - uma voz grave e urgente disse.
- Sou detetive de homicídios. Em Cleveland.

CAPÍTULO 53

- TENHO UM HOMICÍDIO AQUI QUE SE ENCAIXA NO PADRÃO DO que vocês estão investigando - explicou McBride.

- Vítimas de tiros - continuou McBride -, os dois.

Ferimentos de bala bem entre os olhos.

Ele descreveu as mortes rápidas mas grotescas de Kathy e James Voskuhl, assassinados na festa de casamento no Rock-and-Roll Hall of

Fame. Dessa vez o criminoso nem esperou o casamento acabar.

-Que tipo de arma o seu criminoso usou em Napa? - perguntou McBride.

-Nove milímetros - eu disse.

-A mesma coisa aqui.

Fiquei um pouco tonta. Cleveland?

Uma voz martelava dentro de mim. Que diabo Barba Ruiva estava fazendo em Ohio? Tínhamos acabado de fazer uma descoberta importante, sabíamos onde ele caçava as vítimas. Será que ele sabia disso? Mas, se sabia... como?

Cleveland devia ser um assassino imitador, o que era bem possível, ou então esse caso estava completamente aberto e não levava a lugar nenhum.

-Tem as fotos da cena do crime aí, McBride? - perguntei.

McBride grunhiu:

-Tenho. Estão bem na minha frente. Coisa muito feia.

Sexualmente explícitas.

-Pode me mandar um close das mãos deles?

-Tudo bem, mas por que as mãos?

-O que eles estão usando, McBride?

Ouvi quando ele mexeu nas fotos.

-Está falando de alianças?

-Adivinhou, detetive. É.

Eu rezava para que não fosse o nosso cara. Cleveland... ia detonar tudo que me dava a sensação de estar perto dele. Barba Ruiva estava levando sua encenação país afora?

Um minuto depois McBride confirmou exatamente o que eu não queria ouvir:

-Não tem aliança nenhuma.

O filho-da-mãe estava viajando. Tínhamos vigilância onde pensávamos que ele podia aparecer e ele estava a três mil quilômetros de distância. Tinha acabado de assassinar um casal na festa de recepção em Ohio. Merda, merda, merda!

-Você disse que os corpos foram encontrados numa posição de sexo explícito? - perguntei desanimada para McBride.

O policial de Cleveland hesitou. Mas acabou respondendo:

-O noivo levou o tiro sentado na privada. Nós o encontramos assim, sentado, com as pernas abertas. A noiva também levou o tiro dentro do cubículo, quando estava entrando. Havia partes do cérebro dela no lado da porta para confirmar isso. Mas quando a encontramos, ela estava caída para a frente. E... com o rosto enfiado entre as pernas dele.

Eu não disse nada, fiquei imaginando a cena na minha cabeça, odiando cada dia mais esse filho-da-mãe desumano.

-Você sabe... estilo felação - McBride finalmente conseguiu dizer. - Tem umas coisas que os meus investigadores querem lhe perguntar.

-Pergunte-me você pessoalmente. Estarei aí amanhã.

CAPÍTULO 54

As SEIS E MEIA DA MANHÃ, RALEIGH E EU ESTÁVAMOS A CAMINHO de Cleveland.

McBride nos encontrou no avião. Não era como eu tinha imaginado. Não era gordo, de meia-idade, nem católico irlandês. Ele era ágil, magro, devia ter uns trinta e oito anos e era negro.

- Você é mais jovem do que eu pensava - sorriu para mim.

Eu retribuí o sorriso.

- E você é definitivamente menos irlandês.

A caminho da cidade ele nos pôs em dia:

- O noivo é de Seattle. Tinha alguma coisa a ver com a indústria da música. Trabalhava com bandas de rock Produtor... um cara de marketing. A noiva foi criada aqui em Ohio. Shaker Heights. O pai é advogado de uma firma. A menina era bonita, ruiva, com sardas e usava óculos.

Ele pegou um envelope de papel pardo do painel e jogou para mim no banco do carona. Dentro havia uma série de fotos ampliadas da cena do crime: cruas, gráficas, parecendo fotos antigas de execuções de gangues. O noivo estava sentado na privada com cara de espanto e o topo da cabeça arrebitado. A noiva estava caída no colo dele, encolhida numa poça de sangue, dela e dele.

A visão do casal me encheu de medo. Enquanto o assassino estava no norte da Califórnia, eu achava que o tínhamos encurralado. Agora ele estava solto.

Interrogamos McBride sobre a situação, como as vítimas podiam ter ido parar no banheiro dos homens e como era a segurança no Hall of Fame.

Cada resposta que eu ouvia me convencia ainda mais de que era o nosso homem. Que diabo ele estava fazendo ali?

Saímos da estrada na Lake Shore Boulevard. Uma linha de edificios modernos se ergueu à nossa frente como uma jóia com corte dentado. Um assassino doente tinha atacado no acontecimento mais festivo da cidade. Agora ele já devia estar de volta em San Francisco. Ou seria Chicago? Nova York? Topeka?

Planejando outro assassinato duplo hediondo. Ou talvez estivesse num quarto de hotel do outro lado da rua, assistindo a nossa chegada.

Barba Ruiva podia estar em qualquer lugar.

CAPÍTULO 55

ERA A TERCEIRA VEZ EM DUAS SEMANAS QUE EU TINHA DE VER uma cena angustiante de assassinato duplo. McBride nos levou para o segundo andar, passamos por um átrio vazio e fantasmagórico, sem ninguém, até um banheiro masculino bloqueado por fitas amarelas cruzadas e policiais.

- Banheiro público - Raleigh disse para mim. - Esse tarado está ficando cada vez mais perverso.

Dessa vez não havia nenhum corpo, nenhuma descoberta horripilante.

As vítimas tinham sido levadas para o necrotério. No lugar delas havia o triste delineado com fita e giz. Fotos repugnantes do crime, em preto-e-branco, estavam grudadas nas paredes.

Eu entendi o que aconteceu. Vi que o noivo foi assassinado primeiro, o sangue dele estava todo espalhado na parede atrás da privada. Barba Ruiva esperou, surpreendeu a noiva quando ela entrou, depois moveu Kathy Voskuhl para ficar naquela posição provocativa entre as pernas do marido. Para desonrá-la.

- Como foi que os dois acabaram aqui, no meio da festa de casamento? - perguntou Raleigh.

McBride apontou para uma foto da cena do crime na parede.

- Encontramos a guimba de um baseado ao lado de James Voskuhl. Acharmos que ele veio até aqui para fumar unzinho. E o meu palpite é que a noiva veio para fumar com ele.

- Mas ninguém viu nada? Eles não saíram da recepção com ninguém?

McBride balançou a cabeça. Senti a mesma raiva que tinha sentido nas outras duas vezes. Eu odiava esse assassino. Esse destruidor de sonhos. Cada vez mais. O filho-da-mãe estava zombando de nós. Cada cena de crime era uma declaração da força do mal. E cada uma mais degradante do que a outra.

- Como foi feita a segurança aquela noite? - perguntei.

McBride deu de ombros.

- Todas as saídas, menos a principal, estavam fechadas. Havia um guarda na mesa da recepção. Todos os convidados do casamento chegaram juntos, à mesma hora. Havia dois seguranças andando pelo lugar, mas em geral nessas festas eles preferem não aparecer muito.

- Eu vi câmeras por toda parte - insistiu Raleigh. - Elas devem ter filmado alguma coisa.

- É isso que eu espero - disse McBride. - Vou apresentar vocês ao Sharp, chefe da segurança. Podemos ver isso agora.

Andrew Sharp era um homem magro e bem-arrumado, de queixo quadrado e lábios finos e desbotados. Ele parecia assustado. Até a véspera, tinha um emprego bem tranquilo, mas agora a polícia e o FBI estavam todos em cima dele.

Ter de explicar as coisas para dois policiais de San Francisco também não ajudou nada. Ele nos levou até sua sala, tirou um Marlboro Light do maço e olhou para Raleigh.

- Tenho uma reunião com o diretor-executivo daqui a oito minutos.

Nós nem chegamos a sentar.

- Os seus guardas notaram alguma pessoa estranha? - perguntei.

- Trezentos convidados, senhora detetive. Todos juntos na entrada. A minha equipe não costuma se envolver muito, exceto para evitar que alguém que exagerou na bebida chegue perto

demais das peças em exibição.

- Então como acha que ele saiu?

Sharp rodou na cadeira e apontou para uma ampliação da planta do museu.

- Foi pela entrada principal, aqui, por onde vocês entraram, ou então pela porta que deixamos aberta na varanda dos fundos. Que dá na Lake Walk

No verão tem um café lá. Em geral fica fechado, mas as famílias quiseram abri-lo.

- Dois disparos - eu disse. - Ninguém ouviu nada?

- Era uma festa da alta sociedade. Vocês acham que eles iam querer os meus guardas se misturando? Nós tínhamos dois, três caras para evitar que os convidados fossem às áreas restritas. Eu tinha de botar guardas patrulhando os corredores dos banheiros? O que eles iam roubar, papel higiênico?

- E câmeras de segurança? - Raleigh perguntou.

Sharp deu um suspiro.

- Cobrimos os salões do museu, é claro. As principais saídas, uma varredura remota do salão principal. Mas nada no corredor onde os tiros foram disparados. Nada no banheiro. De qualquer modo, a polícia está verificando as fitas com os membros das duas famílias agora mesmo. Seria muito mais fácil se soubéssemos quem nós estamos procurando. Tirei da minha pasta uma cópia do retrato-falado. Era um rosto fino com queixo proeminente, cabelo penteado para trás e cavanhaque sombreado.

- Vamos começar com este.

CAPÍTULO 56

MCBRIDE TEVE DE VOLTAR À DELEGACIA PARA DAR UMA COLETIVA à imprensa sobre a investigação. Eu precisava descobrir por que o assassino foi para Cleveland e quais eram, se é que existiam, as conexões com os nossos assassinatos em San Francisco. O próximo passo era falar com os pais da noiva. Shaker Heights era um bairro de classe alta, luxuoso, no auge das florações do verão. Em todas as ruas os gramados enfeitavam belas casas rodeadas de árvores.

Um dos homens de McBride me levou lá enquanto Raleigh voltava ao Lakefront Hilton para se encontrar com a família do noivo.

A casa dos Kogut era em estilo normando, de tijolos vermelhos, à sombra das copas de altos carvalhos. Fui recebida na porta pela irmã mais velha da noiva, que se apresentou como Hillary Bloom. Ela me fez sentar numa sala de estar confortável e cheia de quadros, livros, uma TV de tela grande, fotos das duas quando eram crianças, casamentos.

- Kathy sempre foi a rebelde - explicou Hillary. - Tinha espírito livre. Levou algum tempo para se encontrar, mas estava começando a sossegar.

Tinha um bom emprego, publicitária de uma firma em Seattle. Onde conheceu James. Ela estava dando a volta por cima.

- Dando a volta por cima de quê? - perguntei.

- Como eu disse, ela era um espírito livre. Essa era a Kathy.

Os pais dela, Hugh e Christine Kogut, apareceram. Eu vi o olhar vidrado e perdido de pessoas cujas vidas tinham sido estraçalhadas.

- Ela estava sempre entrando e saindo de relacionamentos - a mãe acabou admitindo. - Mas também tinha paixão pela vida.

- Ela era apenas jovem - disse o pai. - Acho que nós a mimamos demais. Ela sempre quis experimentar as coisas.

Nas fotos dela, com o cabelo ruivo e fino e olhos desafiadores, eu vi a mesma alegria de viver que o assassino obviamente deve ter visto nas suas duas primeiras vítimas. E isso me deixou triste, desanimada.

- Vocês sabem por que estou aqui? - perguntei.

O pai fez que sim com a cabeça.

- Para determinar se há alguma ligação com aqueles crimes horríveis no oeste.

- Então, podem me dizer se Kathy tinha alguma ligação com San Francisco?

Vi a sombra de uma lembrança triste cobrir o rosto deles.

- Depois do colegial, ela morou lá alguns anos - disse a mãe.

- Ela se formou na UCLA - disse o pai. - Ficou mais ou menos um ano em Los Angeles.

Tentou se enturmar em um dos estúdios. Começou com um emprego temporário na Fox. Depois conseguiu esse emprego de publicitária em San Francisco, cobrindo música. Era uma vida muito agitada. Festas, promoções, sem dúvida coisas muito piores. Nós não gostávamos disso, mas, para Kathy, ela achava que era um grande progresso.

Ela morou em San Francisco. Perguntei se eles já tinham ouvido falar de Melanie Weil ou de Rebecca Passeneau.

Eles responderam que não.

- E algum relacionamento que terminou mal? Alguém que, por ciúme ou obsessão, pudesse querer prejudicá-la?

- Temeridade sempre foi a base dos relacionamentos de Kathy - disse Hillary, em tom de crítica.

- Eu avisei a ela. - A mãe balançou a cabeça. - Ela sempre queria fazer as coisas do jeito dela.

- Ela alguma vez mencionou alguma pessoa especial do tempo em que morou em San Francisco?

Os dois olharam para Hillary.

- Não, ninguém especial.

- Ninguém se destaca? Ela morou lá um tempo. Não continuou se dando com ninguém de lá depois que se mudou?

- Acho que me lembro dela dizer que ainda ia lá de vez em quando - disse o pai. - A negócios.

- É difícil cortar velhos hábitos. - Hillary deu um sorriso torto, apertando os lábios.

Tinha de haver alguma ligação. Algum contato dos anos que ela passou lá. Alguém que viajou até ali para vê-la morta.

- E alguém de San Francisco foi convidado para o casamento? - perguntei.

- Havia uma amiga - disse o pai.

-Merrill - disse a mãe -, Merrill Cole. Agora, Shortley. Acho que ela está no Hilton, se ainda estiver aqui.

Peguei o retrato-falado que tínhamos, com a aparência que o assassino podia ter.

- Eu sei que é duro, mas vocês conhecem este homem? É alguém que conhecia Kathy?

Viram alguém como ele na festa do casamento?

Um por um, os Kogut balançaram a cabeça. Eu me levantei para ir embora. Disse que se lembrassem de qualquer coisa, independentemente de ser pequena ou insignificante, era para ligar para mim. Hillary foi comigo até a porta.

- Tem mais uma coisa - eu disse, e sabia que era uma possibilidade muito remota. - Por acaso Kathy comprou o vestido de noiva em San Francisco?

Hillary olhou para mim sem entender e balançou a cabeça.

-Não, foi num brechó. Em Seattle.

Primeiro a resposta me frustrou. Mas depois, num estalo, vi que aquela era a ligação que eu procurava. Os primeiros dois assassinatos foram cometidos por alguém que vigiava as vítimas de longe. Por isso ele as encontrou daquela forma, rastreando seus passos.

Mas esta, Kathy, ele escolheu de um modo diferente.

Eu tinha certeza de que quem fez isso conhecia Kathy.

CAPÍTULO 57

Fui DIRETO PARA O HÍLTON, NO LAKE SHORE BOULEVARD, E consegui pegar Merrill Shortley bem na hora em que estava saindo para o aeroporto. Ela era elegante, devia ter uns vinte e sete anos, cabelo castanho até o ombro, preso num coque.

- Alguns de nós ficamos acordados a noite toda - ela disse, desculpando-se pelo rosto inchado. - Eu queria ficar, mas não se sabe quando eles vão liberar o corpo. Tenho um filho de um ano.

- Os Kogut me disseram que você mora em San Francisco.

Ela sentou na beirada da cama, de frente para mim.

- Los Altos. Mudei para lá dois anos atrás, quando me casei.

- Preciso saber sobre a vida de Kathy Kogut em San Francisco - expliquei. - Namorados.

Rompimentos. Alguém que pudesse ter motivo para fazer isso.

- Você acha que ela conhecia esse louco?

Ela fez uma careta.

- Talvez, Merrill. Você pode nos ajudar a descobrir.

Quer ajudar?

- Kathy saía com muitos caras - disse Merrill depois de uma pausa. - Era sempre liberal sobre coisas assim.

- Está dizendo que ela era promíscua?

- Se quiser levar para esse lado. Os homens gostavam dela. Naquela época havia muita energia no ar. Música, cinema. Coisas alternativas. Tudo que a fizesse sentir-se viva.

Eu estava entendendo a história.

- Isso incluía drogas?

- Como eu disse, tudo que a fizesse sentir-se viva.

Sim, Kathy usava drogas para se divertir. Merrill, apesar de bonita, tinha a expressão dura de uma sobrevivente das ruas que se refez como mãe de classe média que passa a vida entre o trabalho e as atividades esportivas dos filhos.

- Lembra de alguém que poderia querer machucá-la?

Alguém obsessivo? Talvez despeitado quando ela levou a vida adiante?

Merrill pensou um pouco, depois balançou a cabeça.

- Acho que não.

- Vocês duas eram íntimas?

Ela fez que sim com a cabeça. Ao mesmo tempo, os olhos se encheram de lágrimas.

- Por que ela se mudou?

- Arrumou um ótimo emprego. A sensação devia ser de que finalmente estava subindo de vida. O pai e a mãe dela sempre quiseram isso. Aquela coisa de Shaker Heights. Olha, eu realmente tenho de pegar o avião.

- Há alguma chance de que Kathy estivesse fugindo de alguma coisa?

- Se você vive do jeito que nós vivíamos, está sempre fugindo de alguma coisa.

Merrill Shortley sacudiu os ombros e pareceu entediada.

Havia uma agressividade, uma frieza em Merrill de que eu não gostava. Ela ainda exibia uma aura cínica de um passado dissoluto. E eu suspeitava que estava escondendo alguma coisa.

- O que você fez, Merrill? Casou com um rico do Vale do Silício?

Ela balançou a cabeça. E depois deu um sorriso meio sem graça.

- Gerente de fundos de investimentos.

Eu me inclinei para a frente.

- Então você não se lembra de ninguém em especial?

Alguém com quem ela possa ter mantido contato? De quem tivesse medo?

- Aqueles anos... - disse Merrill Shortley. - Eu não estou me lembrando de ninguém especial.

- Ela era sua amiga - eu disse, elevando a voz. - Quer que eu mostre como Kathy está agora?

Merrill se levantou, foi até a cômoda e começou a pôr cosméticos e maquiagem numa bolsa de couro. Num certo ponto ela parou e se viu no espelho. Então olhou para trás e viu que eu a olhava.

- Talvez houvesse um cara, que Kathy namorou. Um mandachuva. Mais velho. Ela disse que eu sabia quem ele era, mas não deu o nome dele. Acho que o conheceu no trabalho. Se bem me lembro, ele era casado. Não sei como isso terminou. Nem quem terminou. Ou se terminou um dia.

Minha adrenalina começou a fluir.

- Quem é ele, Merrill? Ele pode ter matado a sua amiga.

Ela balançou a cabeça.

- Você viu esse homem alguma vez?

Ela balançou a cabeça de novo. Eu insisti:

- Você é a única amiga daquela época que ela convidou para o casamento e nunca encontrou com ele? Nem uma vez? Você não sabe o nome dele?

Ela deu um sorriso calmo.

- Ela era reservada. Não me contava tudo. Palavra de bandeirante, inspetora. Suponho que ele fosse alguma figura pública.

- Você esteve com ela freqüentemente nesses últimos dois anos?

Merrill balançou a cabeça mais uma vez. Estava sendo muito irritante. Perna nova no Vale do Silício.

- O pai dela disse que ela costumava ir a San Francisco. A trabalho.

Merrill sacudiu os ombros.

- Eu não sei. Preciso ir.

Abri minha bolsa e peguei uma das fotos da cena do crime que McBride havia me dado, a que mostrava Kathy com os olhos arregalados, encolhida e ensanguentada na frente do marido.

- Alguém que ela conhecia fez isso. Você quer ser presa no avião e jogada numa cela como testemunha? Poderia chamar o advogado do seu marido, mas ele levaria dois dias para te tirar de lá. Como é que o pessoal dos fundos de investimentos em tecnologia ia reagir a essa notícia? Tenho certeza de que eu posso botar isso no Chronicle.

Merrill virou de costas para mim, seu queixo tremia.

- Eu não sei quem era. Só que era mais velho, casado, algum filho-da-puta influente. Tinha taras que não eram legais. Kathy

disse que ele realizava suas fantasias sexuais com ela. Mas quem quer que ele fosse, ela

sempre foi discreta sobre isso, ela o protegia. O resto vocês terão de descobrir por sua conta.

- Ela continuava a se encontrar com esse cara, não é?

- Eu estava começando a entender. - Mesmo depois de se mudar para Seattle. Mesmo depois de conhecer o marido dela.

Ela deu um breve sorriso.

- Adivinhou, inspetora. Até o fim.

- Quanto tempo até o fim? Merrill Shortley pegou o telefone.

- Aqui é o quatro zero dois. Estou de saída. Com muita pressa. Ela ficou de pé, jogou uma bolsa Prata no ombro e uma capa de chuva cara no braço. Depois olhou para mim e disse, secamente:

- Até o fim mesmo.

CAPÍTULO 58

- NÃO ADMIRA A NOIVA NÃO USAR BRANCO - RALEIGH DISSE franzindo a testa, quando contei minha entrevista com Merrill Shortley.

McBride tinha feito para nós dois uma reserva para jantar no Nonni's, um restaurante italiano à beira do lago, bem perto do nosso hotel.

A entrevista de Raleigh com os pais do noivo não deu em nada significativo. James Voskuhl era aspirante de músico que flutuava na fronteira do cenário musical em Seattle e que acabou encontrando um caminho na representação de duas bandas promissoras. Ele não tinha ligação nenhuma, que se soubesse, com San Francisco.

- O assassino conhecia Kathy - eu disse. - Senão de que outro modo ele viria encontrá-la aqui? Eles tinham um relacionamento.

- Até o fim? - ele perguntou, intrigado.

- Até o fim mesmo - respondi. - E significa que talvez aqui, em Cleveland. Elas não eram santas. Merrill disse que esse cara era mais velho, casado, depravado e predador. Combina com o estilo dos assassinatos. Alguém que ela conheceu em San Francisco deve ter visto o Barba Ruiva. Alguém conhece. Merrill afirma que Kathy estava protegendo o amante, talvez porque se tratava de alguém famoso.

- Você acha que essa Merrill Shortley tem mais a dizer?

- Pode ser. Ou então a família. Tive a impressão de que eles estavam escondendo alguma coisa.

Ele tinha pedido um Chianti 97 e, quando chegou, inclinou a taça.

- Um brinde a David e Melanie, Michael e Becky, James e Kathy.

- Vamos brindá-los quando pegarmos esse filho-da-mãe patético - eu disse.

Era a primeira vez que estávamos sozinhos em Cleveland e de repente fiquei nervosa. Tínhamos a noite inteira pela frente e por mais que ficássemos voltando ao caso, ou brincando que "isto não é um programa", havia uma pulsão, uma vibração surda dentro de mim, dizendo que não era hora de começar nada com ninguém, nem mesmo alguém bonito e charmoso como Chris Raleigh.

Então por que troquei a blusa de cambraia e a calça de brim que usei o dia inteiro por um suéter azul-bebê e uma calça bonita? Fizemos os nossos pedidos. Eu pedi ossobuco, espinafre e salada. Raleigh pediu um paillard de vitela.

- Será que era algum colega de trabalho dela? - disse Raleigh. - Ou ligado ao trabalho dela?

- Eu disse a Jacobi para investigar a firma dela em Seattle. O pai disse que ela ainda ia a San Francisco a trabalho. Quero ver se era isso mesmo.

- E se não for?

- Então ela estava escondendo alguma coisa, ou eles estão.

Ele tomou um gole de vinho.

- Por que ela ia se casar se ainda estava envolvida com esse cara?

Sacudi os ombros.

- Todos disseram que Kathy estava finalmente entrando na linha. Gostaria de ver como

ela era antes, se é isso que eles acham que é entrar na linha.

Eu estava pensando que queria conversar mais uma vez com a irmã, Hillary. Lembrei-me de uma coisa que ela disse. "É difícil cortar velhos hábitos." Pensei que ela estava falando das drogas, das farras. Será que ela se referia ao Barba Ruiva?

- McBride me disse que amanhã de manhã nós poderemos ver as fitas no museu.

- O cara estava lá, Raleigh - eu disse, com toda a certeza. - Ele estava lá aquela noite.

Kathy conhecia o assassino. Nós só precisamos descobrir quem é ele.

Raleigh serviu mais vinho na minha taça.

- Nós somos parceiros agora, não somos, Lindsay?

- Claro - eu disse, um pouco surpresa com a pergunta.

- Não percebe que confio em você?

- O que quero dizer é que passamos por três assassinatos duplos, estamos decididos a chegar até o fim disso, eu apoiei você com o Mercer. Até ajudei a lavar os pratos depois do jantar na sua casa.

- É. E daí? - sorri.

Mas ele ficou sério. Eu tentava descobrir aonde ele queria chegar.

- O que você acha... talvez já seja hora de você começar a me chamar de Chris.

CAPÍTULO 59

DEPOIS DO JANTAR, CHRIS E EU FOMOS ANDANDO PELA BEIRA arborizada do lago até o nosso hotel. Uma brisa fresca e úmida batia no meu rosto.

Não falamos muito. Aquela mesma apreensão nervosa formigava na minha pele.

De vez em quando os nossos braços roçavam um no outro. Ele estava sem o paletó e eu via os ombros e braços bem delineados. Não que estivesse prestando atenção em coisas superficiais como essas.

- Ainda é cedo - ele disse.

- Cinco e meia, no nosso relógio - respondi. - Talvez ainda alcance o Roth lá. Acho que devia deixá-lo em dia.

Raleigh deu um largo sorriso.

- Você já ligou para o Jacobi. Aposto que ele estava na sala do Roth antes de desligar o telefone.

Fomos andando e era como se uma força irresistível me puxasse para perto dele e depois me empurrasse para longe.

- De qualquer modo - eu disse -, para variar, não estou com vontade de dormir.

- O que você quer fazer? - perguntou Raleigh.

- Vamos só caminhar.

- Os Indians estão jogando. Quer tentar entrar para assistir? Devem estar na quinta rodada.

- Nós somos policiais, Raleigh.

- E, pegaria mal. Então você quer dançar?

- Não - eu disse, com mais firmeza ainda. - Eu não quero dançar. - Cada palavra parecia carregada com um recado oculto e elétrico. - O que eu estou sentindo - virei para ele - é que tenho muita dificuldade de lembrar de chamá-lo de Chris.

- E o que eu estou sentindo - ele respondeu, de frente para mim - é que estou tendo muita dificuldade de fingir que nada está acontecendo.

- Eu sei - murmurei sem ar. - Mas eu não posso.

Soou bastante idiota, mas, por mais que eu o quisesse, tinha uma hesitação muito maior dentro de mim, que me impedia.

- Eu sei... mas eu não posso. O que quer dizer com isso?

- Quero dizer que também estou sentindo coisas. E que em parte quero ceder a esses sentimentos. Mas neste momento eu simplesmente não sei se posso.

É complicado, Chris.

Todos os nervos do meu corpo estavam em estado de alerta.

Recomeçamos a andar e de repente a brisa do lago refrescou o suor que tinha brotado no meu pescoço.

- Quer dizer que é complicado porque trabalhamos juntos?

- Isso - menti.

Tinha namorado caras da polícia uma ou duas vezes.

- Isso... e o que mais? - disse Raleigh.

Mil desejos dentro de mim berravam para eu ceder. O que acontecia na minha cabeça era loucura. Eu queria que ele tocasse em mim e ao mesmo tempo não queria.

Estávamos sozinhos à beira do lago. Naquele instante, se ele me segurasse, se se abaixasse e me beijasse, não sei o que eu faria.

- Eu quero sim - eu disse e segurei a mão dele, olhando nos seus profundos olhos azuis.

- Você não está me contando tudo - ele disse.

Precisei de toda a minha força para não confessar a ele. Não sei por que não contei. Em parte eu queria muito que ele me desejasse, que continuasse pensando que eu era forte. Podia sentir o calor do corpo dele e pensei que ele também podia sentir a vacilação no meu.

- Neste momento eu não posso - eu disse baixinho.

- Você sabe que não serei sempre o seu parceiro, Lindsay.

- Eu sei disso. E talvez eu não seja sempre capaz de dizer não.

Não sei se fiquei desapontada ou aliviada de ver o nosso hotel logo ali na frente. Por um lado eu queria correr para o meu quarto, abrir as janelas e apenas respirar o ar da noite.

Estava de certa forma contente de não ter de tomar essa decisão, quando Raleigh me pegou de surpresa. Ele se inclinou sem avisar e encostou os lábios nos meus. O beijo foi muito suave, como se perguntasse: Assim está bom? Deixei a sensação do beijo se prolongar: Mãos macias... lábios macios. Claro que eu já tinha imaginado isso acontecendo. E foi exatamente como imaginei. Eu queria controlar, mas então, sem mais nem menos, eu não resistia. Quando estava começando a me entregar, o medo me alcançou, o medo da verdade inevitável.

Abaixei a cabeça e lentamente me afastei.

- Isso foi bom. Para mim, pelo menos - disse Raleigh, encostando a testa na minha.

Fiz que sim com a cabeça, mas disse:

- Eu não posso, Chris.

- Por que fica sempre se controlando, Lindsay? - ele perguntou.

Eu queria dizer: porque estou enganando você. Contar para ele tudo que estava acontecendo.

Mas preferi enganá-lo, só que fiz isso vencendo um desejo que não sentia há anos.

- Eu só quero prender o Barba Ruiva - eu disse.

CAPÍTULO 60

NA MANHÃ SEGUINTE O DETETIVE MCBRIDE DEIXOU UM RECADO para irmos encontrá-lo na sala de Sharp no Hall of Fame. Alguma coisa tinha aparecido no filme. Numa sala de conferência praticamente sem decoração, o chefe da segurança do museu, McBride e alguns membros da equipe de homicídios da polícia de Cleveland estavam diante de um monitor de vídeo de tela grande numa caixa de madeira.

- No início - Sharp começou a explicar, fazendo pose de autoridade - estávamos só passando as fitas com membros das famílias, parando em qualquer pessoa que não parecia conhecida. O seu retrato-falado - ele virou para mim - ajudou a reduzir a busca.

Ele apertou um controle remoto apontando para a tela. As primeiras imagens que vocês vão ver são da entrada principal. A tela se acendeu com imagem padrão de segurança, em branco-e- preto. Era muito estranho. Vários convidados com roupas espalhafatosas chegando ao mesmo tempo, muitos vestidos como roqueiros famosos. Um era Élton John. O companheiro dele tinha tingido o cabelo de várias cores, claras e escuras, no estilo Cindy Lauper. Reconheci um Chuck Berry, um Michael Johnson, duas Madonnas, alguns Élvis e Élvis Costello.

Sharp acelerou e o filme passou como fotos individuais editadas. Um casal mais velho chegou, com trajes a rigor tradicionais. Atrás deles, quase escondido nas costas dos dois, apareceu um homem que evidentemente procurava escapar da câmera, desviando o rosto.

- Ai está! - disse Sharp.

Eu o vi! Meu coração pulava feito louco no peito. O maldito Barba Ruiva! Era um aspecto horrível e granuloso. O homem, ao perceber a direção da câmera, apressou-se e passou logo. Talvez tivesse ido lá mais cedo, justamente para verificar a posição das câmeras. Talvez fosse suficientemente esperto para evitar uma tomada de frente. De qualquer modo, o homem se embrenhou no meio das pessoas e desapareceu.

A raiva se avolumou no meu peito.

- Dá para voltar e aproximar mais? - perguntei a Sharp. - Preciso ver a cara dele.

Ele apontou o controle remoto e a imagem foi ampliada. Eu me levantei. Estava olhando para uma foto parcialmente coberta do assassino.

Não dava para ver os olhos, nenhuma feição estava nítida. Só um perfil sombreado. Queixo proeminente. E o contorno de um cavanhaque. Eu não tinha dúvida nenhuma de que aquele era o assassino. Não sabia o nome dele. Mal conseguia ver seu rosto. Mas a imagem embaçada que montei na minha cabeça, junto com Claire, estava agora na minha frente.

- É o melhor que pode fazer? - Raleigh perguntou.

Um membro da equipe técnica do museu respondeu:

- Talvez dê para usar tecnologia para limpar a imagem. Nesse filme precário é o que temos.

- Nós o pegamos de novo mais tarde - disse Sharp.

Ele acelerou o vídeo novamente e parou numa visão com ângulo bem aberto do salão principal, da recepção do casamento. E conseguiram aproximar o mesmo homem de smoking parado no limite da multidão, observando. Mas quando a imagem foi ampliada, ficou granulada demais e perdeu a resolução.

- Ele evita olhar para a câmera de propósito - sussurrei para Raleigh. - Ele sabe onde elas estão.

- Passamos essas tomadas para as duas famílias - disse Sharp. - Ninguém o reconhece. Ninguém sabe identificar esse homem. Quero dizer, existe uma chance de não ser ele. Mas levando em conta o seu retrato-falado...

- É ele - eu disse com firmeza.

Meus olhos furavam a tela granulada. Eu também tinha certeza de que estávamos olhando para o amante misterioso de Kathy Voskuhl.

CAPÍTULO 61

HILLARY SABIA. EU TINHA QUASE CERTEZA DISSO. MAS NÃO podia imaginar por que ela esconderia tal coisa, relacionada à morte da irmã. É difícil cortar velhos hábitos, ela disse. Eu queria falar com ela de novo e liguei para a casa da família, em Shaker Heights.

- Consegui conversar com Merrill Shortley - eu disse a Hillary. - Só preciso esclarecer alguns detalhes.

- A senhora sabe que este é um momento muito estressante para a minha família, inspetora - respondeu ela. - Nós já dissemos tudo que sabíamos.

Eu não queria ser muito agressiva com ela. Tinha perdido a irmã de uma forma horrível. A casa dos pais estava cheia de gente de luto, todos sofrendo. E ela não tinha obrigação nenhuma de falar comigo.

- Merrill me contou algumas coisas sobre Kathy. O estilo de vida dela...

- Nós contamos tudo isso - ela respondeu, defendendo-se. - Mas nós também dissemos que depois de conhecer James ela estava começando a arrumar a vida.

- Era sobre isso que eu queria falar. Merrill lembrou que havia alguém com quem ela se encontrava em San Francisco.

- Pensei que tínhamos dito que Kathy tinha muitos namorados.

- Mas esse durou muito tempo. Ele era mais velho. Casado. Alguém importante. Possivelmente famoso.

- Eu não era babá da minha irmã - reclamou Hillary.

- Eu preciso de um nome, Sra. Bloom. Esse homem pode ser o assassino.

- Acho que não estou entendendo. Já contei tudo que sabia. Minha irmã não fazia confidências para mim. Nós levávamos vidas bem diferentes. Tenho certeza de que vocês já puseram os pingos nos is... muita coisa eu não aprovava.

- A senhora disse uma coisa na primeira vez que conversamos. É difícil cortar velhos hábitos. A que tipo de hábitos estava se referindo?

- Não sei o que a senhora quer dizer. A polícia de Cleveland está cuidando disso, inspetora. Será que não podemos deixar que eles façam o trabalho deles?

- Eu estou tentando ajudar, Sra. Bloom. Por que Kathy saiu de San Francisco? Eu acho que a senhora sabe. Alguém abusava dela? Kathy estava encrencada?

Hillary pareceu amedrontada:

- Agradeço o que está tentando fazer, mas vou desligar agora, inspetora.

- Isso vai acabar aparecendo, Hillary. Sempre aparece. Um caderno de endereços. A conta de telefone dela. Não é só a Kathy. Há mais quatro pessoas, lá na Califórnia. Eles tinham tanta esperança em relação ao resto da vida deles quanto a sua irmã. E mereciam essa chance do mesmo jeito que ela.

A voz dela soou como se abafasse um soluço:

- Não tenho idéia do que a senhora está falando.

Percebi que tinha só mais uma chance.

- Essa é a verdade realmente horrorosa do assassinato. Se aprendi alguma coisa como detetive de homicídios, foi que nada segue uma linha fixa. Ontem a senhora era uma vítima

inocente, mas agora está envolvida nisso também. Esse assassino vai atacar novamente e a senhora vai se arrepender do que não me contou pelo resto da sua vida.

Ouvi um silêncio pesado na linha. Eu sabia o que significava. Era o conflito na consciência de Hillary. Escutei o clique. Ela desligara o telefone.

CAPÍTULO 62

Nosso VÔO DE VOLTA PARA SAN FRANCISCO ESTAVA MARCADO para as quatro da tarde. Eu estava odiando partir sem ter um nome definido. Especialmente por sentir que chegamos muito perto. Alguém famoso. Perverso. Por que estavam protegendo esse homem ?

Mesmo assim, tínhamos avançado bastante naqueles dois dias. Para mim estava claro que os três assassinatos tinham sido cometidos pela mesma pessoa. Tínhamos uma indicação forte que o ligava a San Francisco, uma possível identidade, uma descrição confirmada. A trilha estava quente ali em Cleveland e ia ficar ainda mais quente quando voltássemos para casa.

As duas investigações seriam feitas em cada cidade. Cleveland ia contatar a polícia de Seattle para fazer uma busca na casa da noiva.

Talvez alguma coisa nos objetos pessoais dela, um caderninho de endereços, um e-mail no computador revelasse quem era o amante de San Francisco.

Quando estava aguardando a hora de entrar no nosso avião para sair de Cleveland, liguei para minha caixa postal para receber os recados.

Tinha um da Cindy e um da Claire perguntando sobre a viagem e sobre o nosso caso. Havia também recados de repórteres querendo que eu comentasse o crime de Cleveland.

Então ouvi a voz grave de Merrill Shortley. Ela deixou um número da Califórnia.

Digitei o número o mais depressa que pude. Atendeu uma empregada e ouvi o choro de uma criança ao fundo.

Quando Merrill atendeu, percebi que parte da sua armadura de frieza estava desfeita.

- Eu fiquei pensando - ela disse - e tem uma coisa que não mencionei ontem.

- Ah, é? Que bom ouvir isso.

- Sabe esse cara de quem eu falei? O caso de Kathy em San Francisco? Eu estava dizendo a verdade. Eu nunca soube o nome dele.

- Tudo bem, estou ouvindo.

- Mas havia umas coisas... Eu disse que ele não era bom para Kathy. Que a tratava mal. Ele gostava de fantasias sexuais muito intensas. Objetos, cenários. Talvez até filmagens. O problema era que Kathy gostava dessas fantasias.

Houve uma longa pausa antes de Merrill continuar:

- Bem... eu acho que ele a forçou a fazer mais do que ela queria, mais do que aceitava.

Lembro de ter visto marcas no rosto dela, manchas roxas nas pernas. Mas em geral era a vontade dela que estavam desrespeitando.

Nenhuma de nós transava com nenhum Tom Cruise naquela época, mas houve um tempo em que Kathy ficou realmente assustada. Ele a controlava. Comecei a entender onde isso ia dar.

- Foi por isso que ela se mudou, não foi? - eu disse.

Deu para ouvir o suspiro de Merrill Shortley do outro lado.

-É, foi isso.

-Então por que ela continuou a se encontrar com ele já morando em Seattle? Você disse que ela continuou se relacionando com ele até o fim.

-Eu nunca disse - respondeu Merrill Shortley - que Kathy sabia o que era melhor para ela.

Agora eu via a vida de Kathy Kogut assumir a forma de uma inevitabilidade trágica. Tinha certeza de que ela fugiu de San Francisco, tentou escapar do controle daquele homem. Mas não conseguiu se libertar. Será que isso se aplicava às outras noivas assassinadas?

-Eu preciso de um nome, Sra. Shortley. Quem quer que seja, ele pode ter matado a sua amiga. E há outras quatro pessoas.

Quanto mais tempo ele ficar solto por aí, maiores serão as chances de atacar novamente.

-Eu já disse que não sei o nome dele, inspetora.

Elevei a voz para me fazer ouvir com o barulho do terminal do aeroporto.

-Merrill, alguém deve saber. Você a conhecia há anos, vocês saíam juntas.

Merrill hesitou.

-Do jeito dela, Kathy era leal. Ela disse que o nome dele era bem conhecido. Algum tipo de celebridade. Alguém que eu devia conhecer. Ela o protegia.

Ou talvez estivesse se protegendo. Pensei na indústria do cinema e da música. Ela estava encrocada. Estava envolvida demais e, como muitas pessoas que se sentem presas, fugiu. Só que não foi para longe o bastante.

-Ela deve ter dito alguma coisa - insisti. - O que ele fazia? Onde morava? Onde os dois se encontravam? Vocês eram como irmãs.

As irmãs perversas?

-Eu juro, inspetora. Andei varrendo o meu cérebro.

-Então alguém mais deve saber. Quem? Diga-me.

Merrill Shortley deu uma risada triste.

-Pergunte à irmã dela.

Antes de entrar no avião, deixei um recado detalhado para McBride na caixa postal dele. O amante de Kathy era alguém famoso. Por isso ela havia saído de San Francisco. O perfil se encaixava com o do nosso assassino. A irmã dela, Hillary, devia saber o nome do criminoso.

No avião eu só pensava que estávamos chegando perto. Raleigh estava ao meu lado. Quando o avião decolou, apoiei a cabeça no braço dele e me rendi à completa exaustão.

Todos os meus problemas físicos pareciam estar a milhões de quilômetros de distância. Lembrei de uma coisa que tinha dito a Claire.

Eu disse que o que me dava força para prosseguir era a idéia de encontrar esse filho-da-mãe. O homem de barba ruiva que tinha escapado no meu sonho.

-Nós vamos pegá-lo - eu disse a Raleigh. - Não podemos deixar que ele mate outro casal.

CAPÍTULO 63

As OITO DA MANHÃ DO DIA SEGUINTE eu JÁ ESTAVA SENTADA À minha mesa.

Podia fazer aquela investigação de diversas formas. Hillary Bloom era o caminho mais direto, supondo que ela pudesse mesmo nos dar um nome, como Merrill havia dito. Era óbvio que de uma forma equivocada ela procurava evitar mais esse sofrimento para a família, de Kathy ser publicamente tachada de vítima sexual, num quadro patético em que ela traiu o futuro marido até o dia do casamento.

Mais cedo ou mais tarde o nome apareceria. Partindo dela ou de Seattle. Antes de fazer qualquer outra coisa, liguei para o consultório de Medved e remarquei a transfusão das cinco horas que tinha desmarcado. Depois de um breve tempo de espera, a recepcionista disse que o médico ia me atender pessoalmente.

Podia ser uma boa notícia. A verdade era que eu me sentia realmente um pouco mais forte. Talvez os tratamentos estivessem começando a surtir efeito.

Foi difícil retomar o fio da meada que havia deixado em San Francisco. As melhores pistas agora estavam em Cleveland. Li alguns relatórios sobre as provas que Jacobi estava seguindo e convoquei uma reunião com a força-tarefa às dez horas.

Acontece que as pistas mais promissoras, o fio de cabelo e a butique das noivas na Saks, tinham saído dos meus encontros com Claire e Cindy. Não resisti e liguei para Claire pouco antes do meio-dia.

- Conte-me tudo - ela disse, animada. - Pensei que éramos parceiras.
- Vou contar - respondi. - Chame a Cindy e encontrem-me Para almoçar.

CAPÍTULO 64

NÓS TRÊS ESTÁVAMOS ENCOSTADAS NUM MURO DE PEDRA DO City Hall Park, comendo os sanduíches naturais que tínhamos comprado num mercadinho ali perto. Mais uma reunião do Clube das Mulheres contra o Crime.

- Você estava certa - eu disse a Claire.

Dei a ela uma cópia da foto da câmera de segurança que mostrava Barba Ruiva entrando sorrateiramente na recepção do casamento em Cleveland. Ela olhou fixo para a foto, muito concentrada. E só levantou a cabeça quando a confirmação da sua primeira idéia do aspecto físico do criminoso gerou um meio sorriso curioso.

- Eu só traduzi o que aquele filho-da-mãe deixou para trás.

- Pode ser - eu disse e pisquei para ela. - Mas aposto que Righetti não teria visto.

- Isso é verdade - ela concordou, com um sorriso de satisfação.

O dia estava claro, havia uma brisa, era o fim do mês de junho. O ar perfumado com o vento frio do Pacífico. Pessoas que trabalhavam em escritórios pegavam sol, secretárias tagarelavam em grupos. Conteí a elas o que encontrei em Cleveland. Não mencionei o que aconteceu à beira do lago com Chris Raleigh. Quando terminei de contar a revelação chocante de Merrill Shortley, Cindy disse:

- Acho que você devia ter ficado lá, Lindsay.

Balancei a cabeça.

- O caso não é meu. Só estava lá como consultora.

Agora estou recebendo relatórios de três jurisdições.

- Você acha que Merrill Shortley ainda tem mais o que dizer?- perguntou Claire.

- Acho que não. Se ela soubesse, teria dito para mim.

- A noiva deve ter outras amigas aqui - disse Cindy.

- Ela trabalhava com publicidade. Se esse cara era famoso, talvez o tenha conhecido através do trabalho.

Fiz que sim com a cabeça, concordando.

- Mandei alguém verificar isso. E também temos a polícia de Seattle dando uma busca no apartamento dela.

- Onde é que ela trabalhava quando morava aqui? - perguntou Claire.

- Numa firma chamada Bright Star Media. Parece que ela , estava ligada ao pessoal de música daqui.

Cindy bebeu um gole de chá gelado.

- Deixe-me tentar descobrir isso.

- Quer dizer, como fez no Hyatt? - eu disse.

Ela deu um sorriso de orelha a orelha.

- Não, mais parecido com o que fiz em Napa. Ora, eu sou repórter. Passo o dia inteiro com pessoas treinadas para descobrir as sujeiras de todo mundo.

Mordi meu sanduíche.

- Está bem - acabei cedendo -, pode investigar.

- Enquanto isso, posso publicar o que já temos até agora? - perguntou Cindy.

Muita coisa era confidencial. Se fosse divulgada, apontaria direto para mim.

- Pode publicar como foi o assassinato em Cleveland. Como encontramos os corpos. A história da noiva aqui em San Francisco. Mas sem mencionar Merrill Shortley de jeito nenhum.

Assim eu esperava que o assassino sentisse que estávamos chegando perto dele. Podia fazer com que ele pensasse duas vezes antes de matar de novo.

Cindy foi até uma carrocinha de sorvete ali perto para comprar um gelato. Claire aproveitou para perguntar:

- E como você está se sentindo? Está bem?

Bufei e sacudi os ombros.

- Trêmula. Meio zozona. Disseram que isso era de esperar. Vou fazer mais uma transfusão hoje à tarde. Medved disse que estará lá.

Vi Cindy voltando.

- Para vocês - anunciou Cindy alegremente.

Ela segurava três sorvetes.

Claire pôs a mão no peito e fingiu que estava tendo uma parada cardíaca.

- Eu preciso de um gelato tanto como o Texas precisa de uma brisa quente em agosto.

- Eu também. - Dei risada.

Mas era de manga e, com a infecção que me atacava por dentro, parecia um cuidado fútil recusar. Claire também acabou pegando o dela.

- Então, o que você não nos contou especificamente - ela disse, falando devagar - foi o que aconteceu com você e o Sr.

Chris Raleigh em Oh-hi-oh.

- Porque não tenho nada para contar - eu disse e dei de ombros.

- Esses policiais... - disse Cindy rindo. - A gente imagina que eles deviam aprender a mentir.

- Você está escrevendo para a coluna de fofocas agora? - perguntei.

Contra a minha vontade, senti que fiquei ruborizada. Os olhos atentos de Claire e de Cindy me espertaram, dando a entender que era inútil resistir.

Levantei as pernas e sentei na posição de ioga em cima do muro. Então contei a elas como as coisas estavam: a longa dança lenta no meu apartamento, ao que Claire disse: "Você não dança, menina, você cozinha." Descrevi meu nervosismo quando sentei ao lado dele no avião, a caminhada nervosa à beira do lago, minhas dúvidas, a hesitação, os conflitos internos que me faziam recuar.

Praticamente precisei de toda a minha força de vontade para não arrancar a roupa dele ali mesmo na Lakefront Walk.

E dei risada quando disse isso.

- Menina, por que não arrancou? - disse Claire, arregalando os olhos. - Ia te fazer muito bem.

- Não sei - eu disse e balancei a cabeça.

Mas eu sabia. E embora tentasse sorrir o tempo todo, Claire também sabia. Ela apertou minha mão. Cindy só ficou olhando, sem saber o que estava acontecendo.

Claire brincou:

- Eu desistiria de perder dez quilos para ver a expressão do Cheery se vocês dois fossem

pegos no ato no meio do mato.

- Dois policiais de San Francisco - anunciou Cindy

falando como apresentador de telejornal - em Cleveland, à caça do assassino de recém-casados, foram encontrados como vieram ao mundo nos arbustos à beira do lago de Cleveland.

Nós três engasgamos de tanto rir e foi uma sensação ótima.

Cindy sacudiu os ombros.

- Isso eu teria de publicar, Lindsay.

- A partir de agora - Claire deu uma risadinha - estou percebendo que as coisas vão ficar bastante úmidas naquela radiopatrulha.

- Não acho que é o estilo do Chris - saí em defesa dele. - Vocês esquecem que o cara gosta do The Shipping News.

- Ah... agora é Chris, é? - disse Claire. - E não tenha tanta certeza disso. Edmund toca três instrumentos, sabe tudo de Bartok até Keith Jarrett, mas ele já se revelou em alguns lugares bem inusitados.

- Onde? - Dei risada e fiquei surpresa.

Ela balançou a cabeça fazendo charme.

- Não quero que pense que, pelo fato de um homem se comportar com certa dignidade, há alguma dignidade quando se trata disso.

- Ora, Claire - insisti -, foi você que falou. Vamos lá, queremos saber.

- Digamos que não foram só alguns joões-ninguém que ficaram duros nas nossas mesas de autópsia.

Quase derrubei meu gelato no chão.

- Você está brincando... Você? E o Edmund?

Os ombros de Claire balançaram de prazer.

- Já que contei isso... Uma vez nós transamos num camarote de teatro. Depois do ensaio, é claro.

- O que vocês fazem? Saem por aí marcando território como poodles? - perguntei.

O rosto redondo de Claire se alargou com um riso prazeroso.

- Sabe, foi há muito tempo. Mas quando lembro, aquela vez na minha sala, na festa de Natal do juiz... não foi há tanto tempo assim.

- Já que estamos desnudando nossas almas - disse Cindy -, assim que cheguei ao Chronicle tive um caso com um dos veteranos do Datebook. Costumávamos nos encontrar na biblioteca. No canto mais distante da seção de imóveis. Ninguém ia lá.

Cindy fez uma careta, envergonhada, mas Claire deu uma gargalhada, aprovando.

Achei aquilo incrível. Estava conhecendo o lado oculto e reservado de uma pessoa que eu conhecia há dez anos. Mas também comecei a sentir um pouco de vergonha.

Eu não tinha uma história picante.

- E aí? - disse Claire, olhando para mim. - O que a inspetora Boxer tem para revelar, de dentro do seu armário?

Tentei lembrar-me de algum momento em que tivesse feito alguma coisa completamente louca. Isto é, quando se tratava de sexo, não me considerava alguém que escondia nada. Mas, por mais que me esforçasse para lembrar, minhas paixões sempre terminavam entre os lençóis.

Dei de ombros, não tinha nada.

- Bem, é melhor começar então - disse Claire apontando o dedo para mim. - Quando eu estiver dando o meu último suspiro, não vou lembrar de todas aquelas conferências importantes das quais participei. Nós só temos poucos momentos na vida para nos soltar, então é bom aproveitá-los quando aparecem.

Senti uma pontada de remorso. Naquele momento eu não sabia o que queria mais: se o meu lugar na lista ou um maldito nome para o Barba Ruiva. Acho que queria as duas coisas.

CAPÍTULO 65

DUAS HORAS DEPOIS EU ESTAVA COM MINHA BATA DE HOSPITAL, na clínica de hematologia do Moffett.

- O Dr. Medved quer conversar com a senhora antes de começar o tratamento - disse Sara, a enfermeira que fazia minha transfusão.

Fiquei nervosa quando ela abriu o pacote com o kit intravenoso para o meu tratamento. O fato era que eu estava me sentindo bem. Não sentia muita dor e nem náuseas depois do incidente no banheiro na semana anterior. O Dr. Medved entrou na sala com uma pasta embaixo do braço. A expressão dele era amigável, mas não revelava mais nada. Dei um sorriso tímido.

- Só boas notícias?

Ele sentou na ponta de uma bancada, de frente para mim.

- Como está se sentindo, Lindsay?

- Eu não estava me sentindo tão mal quando o vi antes.

- Fatigada?

- Só um pouco. Como nos sentimos no fim do dia.

- Náuseas? Enjôos?

Admiti que tinha vomitado de repente, uma ou duas vezes. Ele anotou rapidamente numa folha. Folheou alguns laudos médicos na pasta.

- Estou vendo aqui que já fizemos quatro transfusões com complemento de glóbulos vermelhos até agora...

Meu coração ficava mais acelerado quanto mais ele demorava para dizer como eu estava. Finalmente ele largou a pasta e olhou bem para mim.

- Sinto dizer que sua contagem de eritrócitos continuou a diminuir, Lindsay. Você pode ver a tendência aqui.

Medved me deu uma folha.

Ele se inclinou para a frente, tirou uma caneta Cross do bolso do jaleco. A folha tinha um gráfico de computador. Ele seguiu a linha com a caneta. A linha só descia. Merda! Senti o ar sair todo dos meus pulmões, de tão desapontada que fiquei.

- Estou piorando - eu disse.

- Para ser franco - o médico reconheceu -, não é a tendência que nós esperávamos.

Eu tinha ignorado a possibilidade de aquilo acontecer, tinha me enterrado no caso, certa de que os números iam melhorar. Baseei essa suposição numa confiança natural de que eu era jovem e vigorosa demais para estar realmente doente. Eu precisava trabalhar, era um trabalho importante, tinha uma vida para viver.

Eu estava morrendo, não estava? Meu Deus!

- O que acontece agora? - consegui dizer.

Minha voz saiu como um sussurro.

- Eu quero continuar o tratamento - respondeu Medved.

- Na verdade, aumentar a dose. Essas coisas às vezes levam um tempo para funcionar.

- Prova de saturação - brinquei, deprimida.

Ele fez que sim com a cabeça.

- A partir de agora, gostaria que você viesse três vezes por semana. E vou aumentar a dose para trinta por cento. - Ele mudou de posição. - Não há motivo para alarme imediato por causa disso - ele declarou num tom um pouco mais animado. - Você pode continuar a trabalhar... isto é, se tiver disposição.

-Eu preciso trabalhar - disse a Medved.

CAPÍTULO 66

VOLTEI DIRIGINDO PARA CASA COMPLETAMENTE ATORDOADA. Num minuto eu batalhava para resolver esse maldito caso, e no minuto seguinte lutava pela minha vida.

Eu queria um nome. Agora mais do que nunca. E queria minha vida de volta. Queria uma chance de conhecer o pacote completo - felicidade, sucesso, alguém com quem compartilhar isso, um filho. E agora que tinha conhecido Raleigh, sabia que havia uma chance de ter essas coisas. Se eu sobrevivesse. Se pudesse manter as células boas no meu corpo.

Fui para o meu apartamento. Doce Martha fez a maior festa, por isso levei-a para passear. Mas depois fiquei abatida pelos cantos, ora decidindo combater aquilo tudo, ora triste porque não conseguia. Até pensei em preparar uma refeição. Achei que ia me acalmar.

Peguei uma cebola e a cortei em pedaços desiguais. Então entendi que tudo aquilo era uma loucura.

Eu precisava conversar com alguém. Eu queria gritar Não mereço isso, porra!, e dessa vez queria que alguém escutasse.

Pensei em Chris, nos braços dele, que me amparavam. Nos olhos dele, no seu sorriso. Desejei poder contar a ele. Ele viria num minuto. Eu poderia deitar a cabeça no ombro dele.

Liguei para Claire. Ela adivinhou por causa do tremor na minha voz.

E entendeu que havia algo terrivelmente errado.

- Estou com medo. - Foi tudo que eu disse.

Conversando uma hora ao telefone. Eu falei.

Fiquei falando sobre os dois assuntos com Claire num estado de torpor, entrei em pânico pensando no próximo estágio da anemia de Negli. Disse a Claire que pensar em prender esse cara me dava forças para continuar lutando. Que era isso que me distinguia de outra pessoa doente. Eu tinha um objetivo especial.

- Isso mudou para você, Lindsay? - ela perguntou baixinho.

- Não, quero pegá-lo mais do que nunca.

- Então é isso que nós vamos fazer. Você, eu, a pequena Cindy. Estamos aqui para ajudar você nessa luta. Somos o seu apoio, Lindsay. Só desta vez, não tente fazer tudo sozinha.

Em uma hora ela conseguiu me acalmar e pudemos nos despedir.

Eu me encolhi no sofá. Martha e eu nos aconchegamos embaixo de um cobertor e assistimos ao filme Dave. Um dos meus favoritos. Quando Sigourney Weaver procura Kevin Kline no seu novo escritório de campanha, no fim, eu sempre choro.

Adormeci torcendo para ter um final feliz na minha vida.

CAPÍTULO 67

NA MANHÃ SEGUINTE ME EMPENHEI MAIS AINDA. AINDA ACREDITAVA que estávamos perto, talvez apenas a algumas horas de obter um nome para o Barba Ruiva.

Falei com o contato de Roth, Jim Heekin, da polícia de Seattle. Heekin disse que estavam examinando as coisas da noiva naquele momento. Se algo aparecesse, ele me informaria imediatamente.

Tivemos uma resposta da Infortech, onde Kathy Voskuhl trabalhara, em Seattle. Nos três anos em que ficou lá, não houve registro de nenhum reembolso de viagens a trabalho para San Francisco. A função dela era trabalhar com os clientes em Seattle. Gerente de contas. Se ela ia muito para San Francisco, era por sua conta.

Por fim, liguei para McBride. Os Kogut continuavam afirmando que não sabiam de mais nada. Mas ontem ele tinha se encontrado com o pai, que parecia pronto para entregar o jogo. Era torturante pensar que aquela tentativa desesperada de preservar a virtude da filha comprometia a avaliação que faziam da situação.

Como eu era mulher, sugeri McBride, quem sabe se mais uma tentativa minha não seria o empurrão final de que eles precisavam?

Telefonei para Christine Kogut, a mãe da noiva.

Quando ela atendeu, sua voz estava diferente: distante, porém mais livre, como se menos atormentada. Eu esperei que estivesse mesmo.

- O assassino da sua filha está livre por aí - eu disse.

Não conseguia mais me conter:

- As famílias de outros dois casais estão sofrendo.

Eu acho que a senhora sabe quem estava maltratando Kathy. Por favor, ajude-me a prendê-lo.

Ouvi quando ela respirou fundo. E quando falou, a dor e o alívio da vergonha soaram na voz trêmula:

- Inspetora, nós criamos uma filha e achamos que ela sempre será parte de nós. Nós amamos demais essa filha e pensamos que há sempre essa parte que nunca irá embora.

- Eu sei - eu disse.

Senti que ela estava hesitando. Ela sabia o nome dele, não sabia?

- Ela era tão linda... podia fazer qualquer um se apaixonar por ela. Um espírito livre. Um dia, pensamos, outro espírito livre ia transformá-la na pessoa que ela devia ser. Nós incentivávamos isso nas nossas filhas.

Meu marido insiste que sempre demos preferência a Kathy. Talvez tenhamos contribuído para que isso acontecesse.

Eu não disse nada. Sabia como era ter de finalmente desistir de guardar alguma coisa dentro de nós. Eu queria deixar que ela atingisse esse ponto sozinha.

- A senhora tem filhos, inspetora?

- Ainda não - eu disse.

- E muito difícil acreditar que o seu bebê é motivo de tanto sofrimento. Nós imploramos para ela se libertar. Até conseguimos o novo emprego para ela. Nós fizemos a mudança de San

Francisco. E pensamos que se ela conseguisse se afastar dele...

Fiquei em silêncio, deixei que ela seguisse o próprio ritmo.

- Ela estava doente, como um viciado é doente, inspetora. Não conseguia evitar. Mas o que não entendo é por que ele a maltratava tanto. Ele tirou tudo que havia de puro nela. Por que ele tinha de machucar a Kathy?

Dê-me o nome. Quem é ele?

- Ela estava deslumbrada com quem ele era. Como se não tivesse nenhum autocontrole em relação a esse homem. Ela nos envergonhou até o fim. E mesmo agora - ela baixou a voz - eu ainda não entendo como alguém que amava minha filha podia matá-la. Acho que não acredito. Em parte foi por isso que não contei à senhora.

- Então conte agora - eu disse.

- Acho que ela o conheceu no lançamento de um dos filmes dele. Ele disse que tinha um rosto como o dela em mente quando imaginou um dos personagens.

A heroína dele. Foi então que a Sr a. Kogut me disse. Fiquei paralisada. Eu conhecia o nome. Reconheci. Ele era famoso sim, o Barba Ruiva.

CAPÍTULO 68

FIQUEI PARADA ALI, JUNTANDO AS POSSÍVEIS CONEXÕES NA minha cabeça. E as coisas estavam começando a se encaixar. Ele era um dos sócios minoritários da Sparrow Ridge Vineyards, onde o segundo casal foi deixado. Ele conhecia Kathy Kogut há anos, em San Francisco. Ele a oprimia. Era mais velho. Casado. Famoso.

Por si só, o nome do suspeito não provava nada. Ele apenas conhecia a última noiva. Tinha uma ligação circunstancial com a cena do crime do segundo assassinato.

Mas baseado nas descrições de Merrill Shortley e de Christine Kogut, ele tinha o temperamento brutal e talvez o motivo para cometer esses assassinatos cruéis.

E cresceu dentro de mim a convicção de que ele era o Barba Ruiva.

Agarrei Raleigh.

-O que está havendo? - ele perguntou. - Onde é o incêndio?

-Vou começar um bem aqui. Observe.

Arrastei-o para a sala de Roth.

-Eu tenho um nome - anunciei e levantei o punho cerrado.

Os dois me olharam surpresos.

-Nicholas Jenks.

-O escritor? - perguntou Raleigh, atônito.

Meneei a cabeça, confirmando.

-Ele era o amante de Kathy Kogut aqui em San Francisco. A mãe dela finalmente entregou.

Expliquei a eles as ligações que ele tinha com pelo menos três das vítimas.

-Esse cara é... famoso - disse Roth. - Ele fez aqueles filmes que estouraram as bilheterias.

-Essa é exatamente a questão. Merrill Shortley disse que era alguém que Kathy estava tentando esconder. O cara tem duas conexões, Sam.

-Ele tem conexões sim! - exclamou Roth. - Jenks e a mulher dele são convidados para todos os grandes eventos. Eu vi a fotografia dele com o prefeito.

E ele não fez parte do esforço para manter os Giants aqui?

O ar na sala de Cheery ficou saturado com o peso das possibilidades perigosas e dos riscos.

-Você tinha de ouvir como os Kogut o descreveram, Sam - eu disse. - Como algum tipo de animal. Um predador. Eu acho que nós vamos descobrir que ele tinha algum envolvimento com as três mulheres.

-Acho que Lindsay está certa, Sam - disse Chris.

Vimos Roth lentamente encaixar os fatos na cabeça dele. Nicholas Jenks era famoso. Conhecido em todo o país. Intocável. O rosto do tenente se contorceu como se ele tivesse engolido um marisco estragado.

-Você não tem nada no momento - ele argumentou. - Tudo isso é menos do que circunstancial.

-O nome dele surgiu ligado a quatro pessoas mortas. Podemos ficar cara a cara com ele,

como eu faria com qualquer outro. Podemos falar com o promotor público.

Roth levantou a mão. Nicholas Jenks era um dos cidadãos mais proeminentes de San Francisco. Implicá-lo numa acusação de assassinato era perigoso. Era melhor termos certeza. Eu não sabia o que Cheery estava pensando. Por fim ele relaxou um pouco o pescoço, engoliu em seco, mas na língua de Roth aquilo era vá em frente.

-Você pode falar com o promotor - ele concordou. - Ligue para Jill Bernhardt.

Roth virou para Raleigh.

-Isso não pode sair daqui até termos algo realmente concreto.

Infelizmente a assistente da promotoria pública, Jill Bernhardt, estava no tribunal. A secretária dela disse que só sairia de lá no final do dia. Que pena! Eu conhecia um pouco Jill, gostava dela. Ela era dura e muito inteligente. E até tinha consciência.

Raleigh e eu tomamos um café e conversamos sobre o que íamos fazer.

Quanto a um mandado, não tínhamos nada. Um confronto direto podia ser perigoso.

Com um cara como esse, precisávamos ter certeza. Ele ia nos enfrentar.

Warren Jacobi chegou com um sorriso debochado.

-Hoje deve estar chovendo champanhe - ele disse.

Imaginei que devia ser mais uma piadinha irônica sobre Raleigh e eu.

-Há semanas não consigo nem uma mordida dessa merda.

- Ele sentou e inclinou a cabeça para Raleigh. - Mordida... champanhe... isso funciona, não é, capitão?

-Para mim funciona - disse Raleigh.

Jacobi continuou:

-Então, ontem Jennings voltou com três lugares que tinham vendido algumas caixas do champanhe em questão. Um dos compradores é um contador de San Mateo. O engraçado é que o nome dele está nos arquivos. Acontece que ele cumpriu dois anos em Lampoc por fraude com títulos de investimentos...

-Talvez o cara tenha alguma coisa contra as pessoas que fazem declaração conjunta - eu disse e sorri para Jacobi.

Ele fez um bico.

-O segundo é uma mulher que é gerente da 3 Com e está juntando para dar uma festança no aniversário de quarenta anos.

Esse Cios du Mesnil é mesmo coisa de colecionador. Disseram que é francês.

Olhei para ele, esperando que chegasse logo aonde queria.

- Agora, o terceiro, foi por isso que falei em chuva... é uma grande casa de leilões, a Butterfield e Butterfield.

Três anos atrás vendeu duas caixas do 89. Chegaram a dois mil e quinhentos por caixa, mais a comissão. Colecionador particular. Primeiro eles não queriam dar o nome. Mas eu arranquei deles.

Acontece que ele é um figurão. Minha mulher é até fã dele. Leu todo os livros do cara.

Raleigh e eu ficamos paralisados.

- Que cara, Warren? - pressionei.

- E eu pensei: vou verificar, posso virar um herói, levar para casa um exemplar assinado. Vocês já leram JJon's Share [A parte do leão, de Nicholas Jenks?

CAPÍTULO 69

A PERGUNTA DE JACOBI FOI COMO UMA COTOVELADA NO MEU plexo solar. E ao mesmo tempo acabou com todas as dúvidas.

Kathy Kogut, Sparrow Ridge, o champanhe Cios du Mesnil. Jenks agora estava ligado aos três crimes. Ele era o Barba Ruiva.

Eu quis sair correndo e confrontar Jenks, mas sabia que não podia.

Eu queria chegar bem perto, olhar para aqueles olhos presunçosos, para ele entender que eu sabia.

Ao mesmo tempo um aperto sufocante subiu para o meu peito. Eu não sabia se era náusea, a anemia de Negli ou o desabafo da minha raiva contida.

O que quer que fosse, sabia que tinha de sair.

- Estou indo - disse para Raleigh.

Eu estava assustada.

Ele ficou atônito e confuso quando saí às pressas.

- Ei, eu disse alguma coisa errada? - ouvi Jacobi dizer.

Peguei o casaco e a bolsa e desci correndo a escada até a rua. Meu sangue se rebelava dentro de mim como um demônio furioso. Um suor frio brotou em todo o meu corpo. Corri para o dia frio e comecei a andar rápido na rua. Não tinha idéia de onde estava indo. Eu me sentia como uma turista estrangeira caminhando na cidade pela primeira vez. Logo havia multidões, lojas, pessoas que passavam apressadas e que não sabiam nada de mim. Eu queria me perder alguns minutos. Starbucks, Kinko's, Empress Travei. Nomes conhecidos passavam voando.

Era levada por uma necessidade única e irreprimível. Eu queria olhar nos olhos dele.

Na Post eu me vi parada na frente de uma livraria Borders. Entrei.

Era grande e aberta, bem iluminada, com expositores de propaganda e estantes para todos os lançamentos atuais. Não perguntei. Apenas olhei.

Numa mesa na minha frente, vi o que estava procurando. Lion's Share. Talvez uns cinquenta exemplares, grossos, de cor azul forte, alguns empilhados, outros de pé. Lion's Share. De Nicholas Jenks.

Meu peito estava explodindo. Eu me sentia dominada por um direito impronunciável, mas inegável. Uma missão, um objetivo. Por isso eu era investigadora. Por exatos momentos assim.

Peguei um exemplar do livro de Jenks e examinei a quarta capa.

Estava olhando para o assassino dos noivos. Tinha certeza disso.

Foi o desenho do rosto de Nicholas Jenks, angular como se fosse de pedra, que me deu essa certeza. Os olhos cinzentos, frios e estéreis, controladores.

E mais uma coisa.

A barba ruiva, salpicada de fios grisalhos.

LIVRO 3:
BARBA RUIVA

CAPÍTULO 70

JILL BERNHARDT, A ASSISTENTE DA PROMOTORIA DURONA E INTELLIGENTE designada para o caso dos noivos, chutou para longe o sapato Ferragamo e dobrou a perna na poltrona de couro atrás da mesa. Fixou os olhos muito azuis diretamente no meu rosto.

- Vamos ver se eu entendi. Você acha que o assassino dos noivos é Nick Jenks? - ela perguntou.

- Tenho certeza disso - eu disse.

Jill era morena e muito atraente. Cabelo preto encaracolado emoldurando um rosto estreito oval. Era uma mulher empreendedora, trinta e quatro anos, uma estrela em ascensão na promotoria de Bennett Sinclair.

Tudo que você precisava saber sobre Jill era que, como promotora terceiranista, era ela que havia julgado o caso La Frade, quando o velho advogado e parceiro do prefeito foi indiciado com uma acusação RICO [Racketeer Influenced and Corrupt Organizations Act - Lei das Organizações Corruptas e Influenciadas pela Extorsão por tráfico de influência. Ninguém, inclusive o próprio promotor público, queria afundar sua carreira assumindo a prisão do poderoso arrecadador de fundos. Jill o prendeu e ele teve de cumprir vinte anos. Foi promovida para a sala ao lado do próprio Big Ben.

Uma por uma, Raleigh e eu expusemos as ligações de Nicholas Jenks com os três assassinatos duplos. O champanhe encontrado na primeira cena. O envolvimento dele com Sparrow Ridge Vineyards. O relacionamento volátil com a terceira noiva, Kathy Voskuhl.

Jill jogou a cabeça para trás e riu.

- Se vocês querem prender esse cara por estragar a vida de alguém, fiquem à vontade. Experimentem a Examiner. Aqui, eu sinto muito, eles querem que lidemos com fatos.

- Nós o amarramos a três assassinatos duplos, Jill - eu disse.

Ela deu um sorriso cético que dizia: Desculpem, outra hora talvez.

- A ligação do champanhe podia valer, se o tivessem prendido. Mas não prenderam. A sociedade do vinhedo não dá nem para o começo. Nada disso o liga a qualquer um dos crimes. Um cara como Nicholas Jenks, figura pública, cheio de contatos... não se anda por aí fazendo acusações sem fundamento.

Ela deu um suspiro e afastou uma pilha de minutas.

- Vocês querem pegar peixe grande? Voltem e peguem um canhão mais forte.

Fiquei boquiaberta com a reação radical dela ao nosso caso.

- Esse não é exatamente o meu primeiro homicídio, Jill.

O queixo forte estava determinado.

- E esse não é exatamente meu primeiro caso que vira manchete de primeira página. -

Então ela sorriu e ficou mais suave. - Desculpem - ela disse.

- E uma das expressões favoritas do Bennett. Eu devo estar passando tempo demais com os tubarões.

- Estamos falando de um assassino em série - disse Raleigh, bastante frustrado.

Jill tinha aquela resistência implacável do tipo "prove o que está dizendo". Eu trabalhei com ela em casos de homicídio duas vezes antes, sabia que ela era incansável e muito bem

preparada quando ia para um julgamento. Uma vez ela me convidou para ir fazer spinning numa academia durante um julgamento onde eu era testemunha. Eu desisti, exausta, depois de trinta minutos torturantes, mas Jill pedalou sem parar e num ritmo louco, até completar quarenta e cinco.

Com dois anos de formada pela Stanford Law, tinha se casado com um jovem sócio em ascensão, de uma firma importante da cidade. Ela saltou sobre um esquadrão de promotores de carreira até a mão direita do promotor público. Numa cidade de muitos realizadores, Jill era o tipo de mulher para quem tudo dava certo.

Dei a ela a foto da segurança do Hall of Fame e depois a fotografia de Nicholas Jenks.

Ela examinou as duas e deu de ombros.

- Você sabe o que uma testemunha especializada adversária faria com isso? É tática de galinha. Se os policiais de Cleveland acham que podem condenar alguém com isso, fiquem à vontade.

- Não quero perdê-lo para Cleveland - eu disse.

- Então volte aqui com alguma coisa que eu possa levar para o Big Ben.

- Que tal uma busca e apreensão? - sugeriu Raleigh. - Talvez a gente possa juntar a garrafa de champanhe da primeira cena do crime com o lote que ele comprou.

- Eu podia apresentar a um juiz - disse Jill. - Deve haver alguém entre os magistrados que acha que Jenks fez o bastante para abater a estrutura da forma literária a ponto de concordar com isso. Mas acho que vocês estariam cometendo um erro.

- Por quê?

- Porque uma prostituta com antecedentes, ela sim, vocês podem prender como suspeita.

Se prenderem Nicholas Jenks, é melhor processá-lo. Vão alertá-lo de que estão atrás dele e passarão mais tempo se defendendo dos advogados dele e da imprensa do que montando seu caso. Se ele é o criminoso, vocês terão uma chance, apenas uma, para apresentar o que é necessário para condená-lo. Neste momento, precisam de mais.

- Claire tem um pêlo de barba do segundo assassinato, os DeGeorge - eu disse. - Podemos fazer com que Jenks nos dê uma amostra da barba dele.

Ela balançou a cabeça.

- Com o que vocês têm, a aceitação dele teria de ser totalmente voluntária. Para não falar do que poderiam perder se estiverem enganados.

- Você quer dizer estreitar a busca?

- Eu falava no sentido político. Você conhece as regras do jogo, Lindsay.

Ela mirou aqueles olhos azuis intensos diretamente em mim. Eu já via as manchetes, virando o caso contra nós. Como as derrotas com J.O.

Simpson e Jon Benet Ramsey.

Nos dois casos parecia que os policiais estavam sendo julgados como muitos possíveis réus.

Jill se levantou, alisou a saia azul-marinho, depois se apoiou na mesa.

- Olhem, se o cara é culpado, gostaria de destruí-lo tanto quanto vocês. Mas tudo que me trouxeram foi uma preferência sem sorte por um champanhe e uma testemunha ocular na sua terceira vodka com tônica. Cleveland pelo menos tem lá um relacionamento anterior com uma das vítimas, o que traz um possível motivo, mas agora nenhuma das jurisdições tem o bastante

para prosseguir - disse. - Eu tenho dois dos maiores caçadores de manchets da cidade vigiando todos os meus movimentos - Jill finalmente admitiu. - Vocês pensam que o promotor público e o prefeito querem passar essa coisa adiante? - Então ela olhou para mim.

- Qual é o teste do tornassol aqui? Você tem certeza de que é ele, Lindsay?

Ele tinha ligação com os três casos. A voz desesperada de Christine Kogut estava muito clara na minha cabeça. Meneei a cabeça do modo mais convincente possível.

- Ele é o assassino.

Ela levantou e deu a volta na mesa. Com um meio sorriso, disse:

- Vou fazer vocês pagarem se isso invalidar qualquer chance de eu ter minhas memórias publicadas quando fizer quarenta anos.

Através do sarcasmo eu vi um brilho nos olhos de Jill Bernhardt, o mesmo olhar decidido que tinha visto quando ela fazia spinning. E me atingiu como uma borrifada de gás lacrimogêneo.

- Tudo bem, Lindsay, vamos pegar esse caso.

Eu não sabia o que fazia Jill vibrar. Poder? A necessidade de fazer justiça? Algum impulso maniaco de se superar? Fosse o que fosse, achava que não estava longe daquilo que sempre ardeu em mim.

Mas quando ouvi Jill mapeando de modo convincente o que precisávamos para condená-lo, uma idéia se apossou de mim.

Pensei em reuni-la com Claire e Cindy.

CAPÍTULO 71

NUMA MESA ANTIGA DE AÇO NOS CORREDORES ENCARDIDOS DA biblioteca no porão do Chronicle, Cindy Thomas examinava artigos de quatro anos atrás nos microfimes. Era tarde.

Passava das oito. Trabalhando sozinha nas entranhas do prédio, sentia-se como uma egiptologista isolada, raspando a terra de tabletes com hieróglifos enterrados há muito tempo. Agora sabia por que chamavam a biblioteca de "Os Túmulos".

Mas achava que estava no caminho certo. A poeira estava saindo dos segredos e alguma coisa que valia a pena logo estaria clara para ela.

Fevereiro... março, 1996. O filme passou rápido demais.

Alguém famoso, a amiga da noiva de Cleveland tinha dito. Cindy adiantou o filme. Era assim que as histórias eram criadas. Tarde da noite e muita pesquisa.

Mais cedo tinha ligado para a firma de relações públicas onde Kathy

Kogut trabalhava em San Francisco, a Bright Star Media. A notícia da morte da antiga colega só tinha chegado lá aquele dia mesmo. Cindy perguntou sobre qualquer filme com que a Bright Star pudesse ter alguma associação. Ficou desapontada em saber que a firma não trabalhava com filmes. The Capitol, disseram para ela. O palácio dos concertos. Essa era a conta de Kathy.

Sem esmorecer, Cindy digitou o nome da Bright Star no banco de dados do Chronicle. Todos os alvos de artigos, nomes, empresas, críticas escritos nos últimos dez anos estavam gravados ali. Para o prazer dela, a busca resultou em algumas respostas vivas.

Era um trabalho assíduo e desanimador. Os artigos cobriam um período de mais de cinco anos. Isso incluiu o tempo que Kathy passou em San Francisco. Cada artigo estava num cassete de microfilme diferente.

Tinha de voltar para os arquivos. Requisitá-los. Três itens de cada vez. Depois de quatro conjuntos, a bibliotecária da noite lhe deu a prancheta e disse.

- Tome, Thomas. É toda sua. Pode se esbaldar.

Eram dez e quinze. Cindy não ouvia um pio de ninguém há mais de duas horas quando finalmente viu uma coisa interessante.

A data era 10 de fevereiro de 1995. Seção Artes Hoje. "Para a banda local Sierra, o novo filme revela um novo sucesso."

Cindy varreu o texto e adiantou as imagens para reparar em qualquer coisa que chamasse mais a atenção: planos para o novo álbum, uma excursão por oito cidades.

Citações do vocalista.

"Sierra vai tocar a música amanhã à noite no Capitol para o lançamento do filme Crossed Wire."

O coração dela parou. Ela passou para a seção de artes do dia seguinte.

Leu o artigo quase sem respirar: "... tomou conta do Capitol. Chris Wilcox, o astro, estava lá." Uma foto, com uma atriz sensacional.

"Bright Star... outros astros da gravação na platéia."

Ela estudou as três fotos de jornal que acompanhavam a matéria. Com letrinha miúda,

embaixo de cada foto, ela notou o nome do fotógrafo: "Fotografia de Sal Exposito. Propriedade do Chronicle."

Fotografia... Cindy pulou da cadeira na mesa de microfílm e correu pelo meio das pilhas bolorentas de três metros de altura de edições amareladas. Do outro lado dos "Túmulos" ficava o necrotério de fotografias do Chronicle.

Filas e mais filas de fotografias não usadas. Ela nunca tinha estado ali... não sabia qual o critério da arrumação. O lugar era assustador, especialmente àquela hora da noite.

Cindy logo percebeu que os corredores entre as prateleiras obedeciam a uma ordem cronológica. Ela seguiu as indicações na lateral de cada uma até encontrar fevereiro de 1995. Passou os olhos pelo lado de fora dos recipientes de plástico do dia 10. Acabou encontrando, na prateleira mais alta. Onde mais estaria?

Subiu na prateleira de baixo, na ponta dos pés, e puxou a caixa. No chão empoeirado, Cindy folheu rapidamente as pastas presas com elástico. Como num sonho, ela se deparou com uma pasta onde estava escrito com letras grandes e pretas: Crossed Wire - Première - Exposito. Era isso...

Dentro havia quatro folhas de transparências, algumas fotos em preto-e-branco. Alguém, provavelmente o repórter, tinha escrito o nome de todas as pessoas, a caneta, na parte de baixo de cada foto.

Ela parou na foto que esperava encontrar. Quatro pessoas brindando para a câmera, de braços dados.

Ela reconheceu Kathy Kogut das fotos que Lindsay tinha trazido de volta de Cleveland. Cabelo ruivo, encaracolado. Ela usava óculos modernos, incrustados.

E ao lado dela, sorrindo para a câmera, outro rosto que Cindy conhecia. Ela ficou sem ar. Seus dedos começaram a tremer porque se deu conta de que finalmente havia decifrado os hieróglifos.

A barba ruiva bem aparada. O sorriso comedido e de cumplicidade... como se ele soubesse aonde tudo aquilo ia dar um dia.

Ao lado de Kathy Kogut estava o escritor Nicholas Jenks.

CAPÍTULO 72

FIQUEI MUITO SURPRESA QUANDO CINDY APARECEU NA MINHA porta às onze e meia. Com os olhos arregalados e expressão de orgulho, ela disse:

- Eu sei quem era o amante de Kathy Kogut.
- Nicholas Jenks - respondi. - Entre, Cindy. Quieta, Martha. Doce Martha estava puxando minha camiseta do Giants.
- Puxa! - gemeu bem alto. - Eu estava tão animada!
- Pensei que tivesse descoberto isso.

Mas ela havia encontrado sim. Levava a melhor sobre McBride e Seattle. Duas equipes de investigadores treinados, e também o FBI.

Olhei para ela com sincera admiração.

- Como foi isso?

Inquieta demais para sentar, Cindy ficou andando pela minha sala enquanto me contava todos os passos que deu para chegar à sua surpreendente descoberta. Ela desdobrou uma cópia da foto de jornal mostrando Jenks e Kathy Kogut no lançamento do filme. Vi Cindy dar a volta no sofá, sem poder se conter:

Bright Star... Sierra...

Crossed Wire... Ela estava muito excitada.

- Sou uma boa repórter, Lindsay - ela disse.
- Eu sei que é. - Sorri. - Só que não pode escrever sobre isso.

Cindy parou e a compreensão repentina do que ela estava deixando passar a atingiu como uma torta na cara.

- Puxa! - gemeu outra vez. - Isso é como estar no chuveiro com Brad Pitt, sem poder encostar.

Ela olhou para mim com um meio sorriso e uma certa sensação de que estavam enfiando pregos no seu coração.

- Cindy - eu a segurei -, você nem teria como procurá-lo se eu não tivesse dado as pistas de Cleveland.

Fui para a cozinha.

- Você quer chá? - gritei de lá.

Ela caiu no sofá e deu outro gemido.

- Eu quero uma cerveja. Não, cerveja não. Uísque.

Apontei para o meu pequeno bar perto da varanda. Logo estávamos as duas sentadas na sala. Eu com o meu chá Nocturnal Seasonings, Cindy com uma dose de Wild Turkey puro, Martha bem confortável aos nossos pés.

- Estou orgulhosa de você, Cindy - eu disse. - Você realmente descobriu o nome dele. Você superou duas forças policiais.

Quando isso acabar, vou me certificar de que você obtenha uma menção especial na imprensa.

- Eu sou a imprensa! - exclamou Cindy, esforçando-se para sorrir. - E o que quer dizer com "quando isso acabar"? Vocês já têm o cara.

- Não é bem assim. - Balancei a cabeça.

Expliquei que tudo que nós tínhamos, mesmo as coisas que ela não sabia, do vinhedo, do champanhe, era circunstancial. Não podíamos nem forçá-lo a nos dar um fio de cabelo.

- Então o que temos de fazer?

- Amarrar firmemente Nicholas Jenks ao primeiro crime.

De repente Cindy começou a implorar:

- Eu preciso publicar isso, Lindsay.

- Não - insisti. - Ninguém sabe. Só Roth e Raleigh. E mais uma pessoa...

- Quem? - Cindy se surpreendeu.

- Jill Bernhardt.

- A assistente da promotoria? Aquele escritório deles é como uma peneira tentando velejar através do oceano. É só vazamento.

- A Jill não - eu disse. - Ela não vai espalhar isso.

- Como pode ter tanta certeza?

- Porque Jill Bernhardt quer pegar esse cara tanto quanto nós - eu disse, com convicção.

- E só isso? - resmungou Cindy.

Bebi o chá tranquilizante e olhei bem para Cindy.

- E porque eu a convidei para entrar para o nosso grupo.

CAPÍTULO 73

NO DIA SEGUINTE NOS ENCONTRAMOS DEPOIS DO TRABALHO para tomar um drinque no Susie's. Era a apresentação de Jill ao nosso grupo. Passei o dia inteiro sem conseguir me concentrar em outra coisa que não fosse confrontar Jenks com o que sabíamos e prendê-lo. Eu queria acelerar tudo, ter logo o confronto cara a cara. Queria que ele soubesse que o pegamos. Maldito Barba Ruiva!

Enquanto esperávamos as bebidas, informei sobre duas novas descobertas. A busca na casa de Kathy Kogut em Seattle encontrou o nome de Jenks e o telefone dele no caderno de telefone da noiva morta. Um rastreamento da companhia telefônica Northwest Bell revelou três ligações para ele no último mês, inclusive uma feita três dias antes do casamento em Cleveland. Isso confirmava o que Merrill Shortley tinha nos contado.

- Até o final mesmo - disse Claire. - Arrepiante.

Pelos dois, aliás.

Levamos a foto de Jenks para Maryanne Perkins, da Saks, numa apresentação para reconhecimento com outras cinco fotos. Precisávamos desesperadamente de alguma coisa que o pusesse no primeiro crime. Ela parou alguns segundos quando chegou à foto dele.

- É ele - ela declarou.

Depois hesitou:

- Só que é difícil dizer. Foi muito rápido. E ele estava longe.

A idéia de um advogado de defesa interrogando Maryanne não me agradou nem um pouco. E não me surpreendi quando Jill concordou comigo.

Não foi preciso mais do que uma margarita para ela começar a participar naturalmente do nosso grupo.

Claire a encontrara algumas vezes quando testemunhou em julgamentos. Elas se respeitavam, porque as duas eram bem-sucedidas nas suas áreas, dominadas pelos homens.

Perguntamos a Jill sobre sua vida: ela contou que se formou na Stanford, que o pai era advogado de uma empresa em Dallas. Que ela não tinha interesse nenhum no direito administrativo. Aquilo era para o marido dela, Steve, que cuidava de um fundo especulativo para o Bank America.

Eles moravam em Burlingame - bairro seleta, exclusivo -, faziam caminhadas subindo as rochas no Deserto de Moab. Não tinham filhos.

- Não se encaixariam agora - ela disse.

Jill parecia viver a epitome da vida acelerada e bem-sucedida. Ao mesmo tempo parecia que faltava alguma coisa. Talvez ela estivesse cansada da tensão, do ritmo de suas realizações.

Quando nossos drinques chegaram, Claire e eu fizemos um brinde à genialidade de Cindy por descobrir o nome de Jenks em tão pouco tempo. E derrotando dois departamentos de polícia com um golpe só. Claire levantou o copo para ela.

- Você é muito boa para uma iniciante, claro. Mas ainda não é a rainha.

Claire sorriu para mim.

- Eu estava pensando - disse Jill, olhando para todas nós. - Eu sei que dou conta do recado

em jantares e reuniões... mas não foi por isso que me chamaram para participar, não é? Parece que temos todos os ângulos cobertos aqui: a imprensa, a polícia, medicina forense. Que tipo de grupo é esse?

Eu respondi, já que a tinha convidado:

- De mulheres. Que galgam os degraus das suas carreiras. No cumprimento da lei.

- E, com patões moles, fáceis de levar - completou Cindy.

- Bem, eu me enquadro nisso - disse Jill. - E não faz mal nenhum cada uma de vocês ter alguma conexão com o caso dos noivos.

Prendi a respiração. Jill podia acabar com tudo se quisesse, mas ela estava ali conosco, afinal.

- Nós temos trabalhado juntas - admiti. - Por fora da investigação.

Bebendo margaritas, expliquei como nos juntamos. Como entramos nesse caso, tentando resolvê-lo, partilhando tudo que sabíamos, autônomas. Como virou uma espécie de laço. E como as coisas foram um pouco mais fundo.

Jill arqueou as sobrancelhas.

- Imagino que estejam compartilhando tudo isso com a investigação, não é?

- É claro - insisti. - Bem, mais ou menos.

Contei que estávamos informando a Cindy apenas o que a polícia ia divulgar para a imprensa em geral. Que era muito interessante avançar mais que as forças-tarefa, desvendar o caso.

- Eu sei que o jogo é diferente quando tudo começa a ficar legal - eu disse. - Se alguma coisa aqui constrange você...

Ficamos todas em suspense, esperando a resposta dela.

Loretta apareceu e pedimos mais uma rodada. E continuamos à espera de Jill.

- Que tal eu dizer a vocês quando as coisas começarem a ficar constrangedoras? - disse Jill e arregalou os olhos azuis. - Enquanto isso, vocês vão precisar de corroboração muito mais forte se quisermos levar essa coisa para o tribunal.

Nós três demos suspiros de alívio. E levantamos nossos copos para o novo membro.

- E então, este grupo tem um nome? - perguntou Jill.

Nós nos entreolhamos, sacudimos os ombros, balançamos a cabeça.

- Somos uma espécie de clube do crime - eu disse.

- Lindsay nos fez delegadas - sorriu Claire.

- A Milícia Margarita - Jill inventou. - Isso promete.

- Megeras safadas. - Claire deu risada.

- Um dia nós todas vamos ser chefes - disse Cindy. - Garotas do Homicídio - acrescentou com um sorriso satisfeito. - E isso que nós somos. E isso que nós fazemos.

- Mandem-me calar a boca se eu começar a rugir - disse Jill. Nós nos entreolhamos. Éramos mulheres inteligentes, atraentes, que não levavam desaforo para casa. Nós íamos dominar... um dia.

A garçonete trouxe os nossos drinques. Levantamos os copos.

- A nós.

CAPÍTULO 74

ESTAVA INDO DE CARRO PARA CASA, MUITO SATISFEITA DE TER levado Jill para o grupo, mas não demorei muito para lembrar que continuava escondendo coisas das minhas amigas.

Meu bipe tocou.

- O que você está fazendo? - Raleigh perguntou quando liguei de volta para ele.

- Estou indo para casa. Exausta.

- Está a fim de conversar, só um pouco? Estou no Mahoney's.

Mahoney's era um bar escuro e sempre lotado perto do TJ que costumava encher de policiais de folga.

- Já comi - eu disse a ele.

- Venha me encontrar de qualquer jeito - disse Raleigh. - É sobre o caso.

Ficava a poucos minutos de onde eu estava. O Mahoney's era na Brannan. Para chegar à Potrero eu tinha de ir pela direita.

E me senti um pouco nervosa de novo. Estava assustada porque não estávamos mais seguindo as regras, ou seja, a de que parceiros não se envolvem. Nem com pessoas cujas vidas estavam se esvaindo. Eu sabia que se deixasse, qualquer coisa podia acontecer.

Aquilo não era uma paquera casual que podia resultar em uma noite e no dia seguinte racionalizar. Por mais que eu o quisesse, estava me segurando. Com medo de extravasar tudo. De me soltar. Ou de arrastá-lo para o meu drama.

Fiquei aliviada quando vi Raleigh esperando por mim do lado de fora do bar. Ele se aproximou do meu carro. Não pude deixar de notar que estava lindo, como sempre.

- Obrigada por não me fazer entrar - eu disse.

Ele se abaixou e apoiou-se na janela aberta.

- Eu investiguei Nicholas Jenks - ele disse.

- E aí?

- O cara tem quarenta e oito anos. Cursou a faculdade de direito, mas não terminou. Começou a escrever romances no primeiro ano. Escreveu dois livros que não deram em nada. Então esse suspense distorcido, *Crossed Wire*, fez sucesso.

"Tem uma coisa que você precisa saber. Acho que uns sete anos atrás, um pouco mais, um pouco menos, a polícia foi chamada à casa dele por causa de uma briga doméstica.

- Quem chamou a polícia?

- A mulher dele. A primeira mulher. - Raleigh chegou mais perto. - Eu verifiquei o relatório. O primeiro a chegar à cena descreveu que a mulher estava bem arrebitada. Marcas roxas nos braços. E uma bem grande no rosto.

Uma lembrança despontou na minha cabeça - Merrill Shortley, falando do namorado de Kathy: ele gostava de fantasias sexuais intensas.

- A mulher deu queixa? - perguntei.

Chris balançou a cabeça.

- Só foi até aí. Ela nunca processou o marido. E desde então ele só fez sucesso. Seis best-sellers. Filmes, roteiros de cinema. E nova mulher também.

- Quer dizer que a primeira mulher dele está por aí e pode estar disposta a falar.

Ele fez cara de satisfação.

- E então, posso convidá-la para jantar, Lindsay?

Uma gota quente de suor desceu lentamente pelo meu pescoço. Não sabia se saía ou se ficava. E pensei: Se eu saio...

- Chris, eu já jantei. Tive um compromisso.

- Jacobi. - Ele deu um largo sorriso.

Ele sempre me derrubava com aquele sorriso.

- Uma coisa de mulheres, um grupo. Nós nos encontramos uma vez por mês. Para falar das nossas vidas. Você sabe, problemas com babás, personal trainers, casas de campo. Namoros, coisas assim.

- Alguém que eu conheço? - Raleigh ergueu as sobrancelhas.

- Quem sabe um dia eu as apresento a você.

Nós ficamos ali em silêncio, senti o sangue latejando no meu peito. Os pêlos do braço de Raleigh roçaram suavemente no meu. Aquilo estava me deixando louca. Precisava dizer alguma coisa.

- Por que me chamou aqui, Chris?

- Jenks - ele respondeu. - Não lhe contei tudo.

Verificamos o cara sobre posse de arma em Sacramento. - Ele olhou para mim com uma fásca nos olhos.

- Ele tem várias registradas. Um rifle de caça Browning, calibre vinte e dois, uma Renfield trinta-trinta. Uma Remington quarenta ponto cinco.

Ele estava me enrolando. Eu sabia que ele tinha tirado a sorte grande.

- Há também uma Glock Special, Lindsay. De 1990. Nove milímetros.

Uma onda de ânimo percorreu minhas veias.

Chris franziu a testa.

- Ele tem a arma do crime, Lindsay. Precisamos encontrar essa arma.

Carreei o punho e bati no dele em sinal de triunfo. Minha mente estava a mil. Sparrow Ridge, os telefonemas, agora uma Glock Special.

Tudo ainda era circunstancial, mas estava se encaixando.

- O que você vai fazer amanhã, Raleigh? - perguntei sorrindo.

- Estou a disposição. Por quê?

- Acho que é hora de falar com esse sujeito cara a cara.

CAPÍTULO 75

BEM NO ALTO DOS PENHASCOS SOBRE A PONTE GOLDEN GATE, O número 20 da El Camino dei Mar era uma casa em estilo espanhol, de estuque, com um portão de ferro guardando a estradinha de terracota.

Barba Ruiva morava ali - Nicholas Jenks.

A casa de Jenks era baixa, imponente, cercada de sebes podadas decorativamente e azaléias luminosas. No círculo do caminho de entrada havia uma grande escultura de ferro, a Madonna com o Filho, de Botero.

- Ficção rende bom dinheiro. - Raleigh assobiou quando chegamos à porta da frente.

Tínhamos marcado uma hora com o assistente pessoal de Jenks, para encontrá-lo ao meio-dia. E Sam Roth me avisara para não pegar muito pesado.

Uma empregada simpática nos atendeu e nos levou para uma sala espaçosa. Ela nos disse que o Sr. Jenks ia descer logo. A sala luxuosa parecia saída de alguma revista de decoração, com paredes forradas em jacquard, cadeiras orientais, uma mesa de centro de mogno, estantes com lembranças e fotografias. Dava para um pátio de pedra com vista para o Pacífico. Eu morei toda a minha vida em San Francisco, mas nunca soube que era possível voltar para casa toda noite, para aquela vista espetacular.

Enquanto esperávamos, examinei as fotos arrumadas numa mesa de canto. Jenks com uma série de rostos famosos: Michael Douglas, o mandachuva da Disney, Bill Walsh dos 49ers. Outras tinham uma mulher bonita, que imaginei ser a esposa dele, alegre, sorridente, cabelo louro, em vários locais exóticos: praias, esquiando na neve, numa ilha no Mediterrâneo.

Num porta-retratos de prata havia uma foto doze por oito dos dois no centro de uma enorme rotunda iluminada. O domo do Palácio de Belas- Artes. Era uma fotografia de casamento.

Foi aí que Nicholas Jenks apareceu. Eu o reconheci imediatamente pelas fotos. Era menor do que eu imaginava. Bem arrumado, em forma, não tinha mais de 1,75m, usava uma camisa social branca e calça jeans surrada. Meus olhos foram atraídos imediatamente para a barba ruiva e grisalha.

Barba Ruiva, que bom conhecê-lo, finalmente.

- Desculpem deixá-los esperando, inspetores - ele disse com um sorriso fácil -, mas é que fico de mau humor quando não completo minhas páginas matinais.

Ele estendeu a mão e notou a fotografia que eu ainda segurava.

- Um pouco como o cenário das Bodas de Figaro, não é?

Eu preferia uma cerimônia civil, pequena, mas Chessy disse que se pudesse me amarrar num smoking, jamais duvidaria do meu compromisso com ela.

Eu não estava interessada em ser conquistada por aquele homem, mas ele era bonito e assumia o controle imediatamente. Dava para ver por que algumas mulheres o achavam atraente. Ele nos levou para o sofá.

- Nós queríamos fazer umas perguntas - eu disse.

- Sobre o assassinato dos noivos... Meu assistente me disse. Loucura... terrível. Mas esses atos, tão incrivelmente desesperados, clamam por pelo menos um pouquinho de solidariedade.

- Pelas vítimas - eu disse, pondo a foto do casamento dele de volta na mesa.

- Todos sempre pensam no sofrimento das vítimas - disse Jenks. - Mas é o que há dentro da cabeça do assassino que põe dinheiro na conta. A maioria das pessoas imagina que esses atos são apenas vingança. O tipo mais doentio de vingança... Ou até de submissão, como a maioria dos estupros. Mas não tenho tanta certeza.

- Qual é sua teoria, Sr. Jenks? - perguntou Chris.

E disse isso como se fosse um fã.

Jenks pegou uma jarra de chá gelado.

- Querem beber alguma coisa? Sei que está quente hoje, apesar de ter ficado no meu estúdio desde as oito.

Dissemos que não. Tirei uma pasta da bolsa e a pus no meu colo.

Lembrei-me do aviso de Cheery: Pegue leve. Jenks é um VIP. Você não é.

Nicholas Jenks serviu-se de um copo longo de chá e continuou:

- Pelo que eu li, esses assassinatos parecem uma forma de estupro, o estupro da inocência. O assassino está agindo de um jeito que ninguém pode perdoar. No ambiente mais sagrado da nossa sociedade. Para mim esses crimes são o maior ato de purificação.

- Infelizmente, Sr. Jenks - eu disse, ignorando aquela besteirada dele -, nós não viemos aqui procurar seus conselhos profissionais. Tenho algumas perguntas relativas a esses assassinatos que gostaríamos de fazer ao senhor.

Jenks recostou na cadeira. Parecia surpreso.

- Vocês fazem parecer terrivelmente oficial.

- Isso é por sua conta - eu disse e tirei um toca-fitas portátil da bolsa. - Importa-se se eu ligar isto?

Ele ficou olhando para mim, os olhos dele se moviam desconfiados, depois abanou a mão como se não tivesse importância nenhuma.

- Eu gostaria de começar, Sr. Jenks, sobre esses assassinatos... O senhor tem algum conhecimento específico sobre qualquer um dos crimes, fora do que leu nos jornais?

- Conhecimento? - Jenks respirou fundo, como se refletisse, depois balançou a cabeça. - Não. Nada.

- Leu que houve um terceiro crime? Semana passada. Em Cleveland.

- Isso eu vi. Leio cinco ou seis jornais todos os dias.

- E também leu quem eram as vítimas?

- De Seattle, não eram? Um deles eu lembro que era uma espécie de promotor de concertos.

- O noivo - fiz que sim com a cabeça -, James Voskuhl. A noiva morou um tempo aqui na cidade. O nome de solteira era Kathy Kogut. Algum desses nomes significa alguma coisa para o senhor?

- Não. Deveriam?

- Então não conheceu nenhum dos dois? Qualquer interesse que o senhor tenha por este caso não passa de... curiosidade mórbida, como a de qualquer pessoa?

Ele fixou os olhos em mim.

- Isso mesmo. Curiosidade mórbida é o meu negócio.

Abri minha pasta e tirei a foto de cima. Ele estava nos manipulando, assim como tinha

nos manipulado deixando pistas pelo caminho que não levavam a nada.

Deslizei a foto em cima da mesa.

- Isso talvez reavive sua memória - eu disse. - Essa é Kathy Kogut, a noiva que foi assassinada há pouco tempo. O homem ao lado dela acredito que é o senhor.

CAPÍTULO 76

BARBA RUIVA PEGOU A FOTO LENTAMENTE E FICOU OLHANDO para ela.

- Sou eu sim - ele declarou. - Mas a moça, apesar de ser muito linda, eu não reconheço.

Posso saber de onde é essa foto?

- Da première de Crossed Wire em San Francisco.

- Ah - ele suspirou, como se isso significasse alguma coisa para ele.

Observei as engrenagens no cérebro dele começando a se encaixar para criar a resposta certa. Ele era definitivamente inteligente e muito bom ator.

- Eu encontro um monte de gente nesses eventos. Por isso procuro evitá-los. A senhora disse que foi essa a menina que mataram em Cleveland?

- Nós esperávamos que fosse alguém de quem o senhor se lembrasse - respondi.

Jenks balançou a cabeça.

- São fãs demais, não sinto vontade de conhecê-las, nem as mais bonitas, inspetora.

- O preço da fama, imagino...

Peguei de volta a foto, fiquei com ela na mão um tempo, depois a empurrei de novo para a frente dele.

- Mesmo assim tenho de voltar a essa fã

especificamente. Tenho curiosidade de saber por que ela não se destaca para o senhor.

De todas as outras fãs.

Peguei uma cópia da conta de telefone da Northwest Bell da pasta e a dei a ele. Havia várias ligações sublinhadas.

- Este é o seu número particular?

Jenks pegou a conta. Ele semicerrou os olhos.

- É.

- Ela liguou para o senhor. Três vezes só nas últimas semanas. Uma vez... aqui, eu circulei para o senhor, durou doze minutos, na semana passada.

Três dias antes dela se casar e ser assassinada.

Jenks piscou. Então ele pegou a foto de novo. Dessa vez ficou sério, arrependido.

- O fato é que, inspetor a - ele respirou fundo e continuou: -, eu fiquei tão chocado de saber o que tinha acontecido... Ela parecia, no mês passado, tão cheia de otimismo, de esperança... Foi um erro meu enganar vocês. Foi tolice. Eu conheci a Kathy sim. Na noite em que tiraram essa foto. As vezes meus fãs são muito impressionáveis. E atraentes. E às vezes, para infelicidade minha, eu sou um homem impressionável.

Eu queria pular por cima da mesa e arrancar a cara impressionável de Nicholas Jenks. Tinha certeza de que ele era o responsável pelas seis mortes perversas. Agora ele zombava de nós e das vítimas. Filho-da-mãe!

- Então o senhor está admitindo - intercedeu Raleigh- que realmente teve um relacionamento com essa mulher.

- Não da forma que vocês estão insinuando - respondeu Jenks. - Kathy era uma mulher que esperava poder satisfazer suas vagas aspirações artísticas associando-se a alguém envolvido no ato da criação. Ela queria escrever. Não é exatamente cirurgia de cérebro, mas acho que se

fosse tão fácil assim, todos nós teríamos um livro na lista dos best-sellers, certo?

Não respondemos.

-Nós conversamos, talvez tenhamos nos encontrado algumas vezes nesses anos. E nunca passou disso. Essa é a verdade.

-Como um orientador? - sugeriu Raleigh.

-E, isso mesmo. Escolheu bem a palavra.

-Por acaso - eu me inclinei para a frente, sem conseguir mais controlar o tom da voz -, o senhor estava orientando Kathy em Cleveland, sábado passado, na noite em que ela foi morta?

O rosto de Jenks virou granito.

-Isso é ridículo. Que coisa mais imprópria para se dizer!

Abri a pasta mais uma vez e tirei uma cópia da foto da câmera de segurança do assassino chegando ao Hall of Fame.

- Esta é uma foto da câmera de segurança da noite em que ela foi assassinada. Este é o senhor, Sr. Jenks?

Jenks nem piscou.

- Poderia ser, inspetora, se eu tivesse estado lá. E

definitivamente não estive.

- Onde o senhor estava nesse sábado à noite?

- Pelo que estou entendendo - ele disse, friamente -, a senhora está sugerindo que sou um suspeito desses crimes?

- Kathy Kogut falou, Sr. Jenks. - Olhei furiosa para ele. - Para a irmã dela. Para as amigas. Nós sabemos como o senhor a tratava. Sabemos que ela saiu da área da baía para escapar do seu domínio. Sabemos que vocês se encontraram até a noite do casamento.

Eu não tirava os olhos de Jenks. Naquela sala só havia ele e eu.

- Eu não estive em Cleveland - ele disse. - Estava bem aqui aquela noite.

Mostrei-lhe todas as evidências. Desde a garrafa de Cios do Mesnil deixada no Hyatt até o envolvimento dele no truste que incluía Sparrow

Ridge Vineyards, e o fato de dois dos crimes terem sido cometidos com armas de nove milímetros e que, de acordo com os registros, ele tinha uma.

Ele riu de mim.

- Espero que não esteja fundamentando suas suposições nisso - ele disse. - Comprei aquele champanhe séculos atrás. - Ele sacudiu os ombros. - Nem lembro mais onde está.

- Mas suponho que o senhor possa localizar, não? - perguntou Raleigh, que depois explicou que era um sinal de respeito estarmos pedindo que ele entregasse a caixa voluntariamente.

- O senhor se importaria de nos dar uma amostra da sua barba? - perguntei.

- O quê?

Ele olhou nos meus olhos com uma expressão grosseira e desafiadora.

Imaginei que era o olhar que Melanie Brandt devia ter visto quando ele a atacou. E o que Kathy Kogut viu quando ele apontou a arma para a cabeça dela.

- Eu acho - Nicholas Jenks finalmente respondeu - que esta entrevista fascinante acabou.

- Ele estendeu os pulsos. - A menos que queiram me levar preso, meu almoço me espera.

Fiz que sim com a cabeça.

- Vamos precisar de um acompanhamento disso. Sobre o seu paradeiro. E sobre a arma.
- É claro - Jenks disse, levantando. - E caso um de vocês precise de mais cooperação...

ficuem à vontade para pedir por meio do meu advogado.

Eu juntei as fotografias e guardei na pasta. Raleigh e eu nos levantamos.

Naquele momento a atraente loura das fotos entrou na sala.

Ela era inegavelmente bonita, tinha olhos cor de água-marinha, suaves, pele bem clara, cabelo comprido e solto. O corpo era de uma bailarina alta e ela usava leggings até a coxa e uma camiseta Nike.

- Chessy! - exclamou Jenks. - Esses são inspetores da polícia de San Francisco. Minha mulher, inspetores.

- Desculpe, Nicky - disse Chessy Jenks. - Susan está vindo para cá. Não sabia que tinha visitas.

- Eles estão de saída.

Nós cumprimentamos com um meneio de cabeça rapidamente e fomos para a porta.

- Se o senhor puder localizar o que mencionamos - eu disse a ele -, mandaremos alguém buscar.

Ele olhou através de mim.

Eu detestei sair de lá sem levá-lo preso, odiei ter de tratá-lo com luvas de pelica. Mas ainda faltavam alguns passos para poder prendê-lo.

- E então - disse Chessy, sorrindo - o meu marido finalmente virou homicida? - Ela se aproximou de Jenks e segurou o braço dele de um jeito provocativo.

- Eu sempre disse a ele que com aqueles personagens pervertidos que ele escreve era inevitável.

Será que ela sabia?, pensei. Ela vivia com ele, dormia com ele.

Como podia não perceber o que acontecia na cabeça dele?

- Espero sinceramente que não, Sra. Jenks. - Foi só o que eu disse.

CAPÍTULO 77

- O QUE ELA QUIS DIZER COM AQUILO? - CHESSY JENKS PERGUNTOU ao marido, confusa, depois que os inspetores da polícia saíram da casa.

Jenks a empurrou da frente dele. Foi até as grandes portas envidraçadas que davam para o Pacífico.

- Idiotas! - ele resmungou. - Amadores. Com quem pensam que estão lidando?

Ele sentiu um calor incômodo percorrendo os ombros e as costas.

Eram burros, medíocres. Insetos. Por isso eram policiais. Se tivessem cérebro, fariam o que ele fazia. Morariam bem no alto, de frente para o Pacífico.

- Por isso eles constroem aterros - ele respondeu distraído. - É o lugar onde os policiais se sentem em casa.

Chessy pegou a foto do casamento de cima da mesa de centro e a pôs de volta no lugar.

- O que foi que você fez agora, Nick?

Por que ela sempre o levava a isso? Por que queria sempre saber? Ela chegou perto, olhou para ele com aqueles olhos lúcidos e pacientes. Como sempre, a fúria dele se manifestou num segundo. Ele nem percebeu que tinha batido nela.

Mas a mão dele doía e Chessy estava caída no chão. E a mesa de bambu com as fotos tinha virado, e ela estava com a mão na boca.

Ele gritou:

- Você não sabe quando tem de se afastar de mim? Do que você precisa, de um mapa?

- Ah, não, Nick - disse Chessy. - Aqui não... agora não.

- Aqui não o quê? - ele berrou.

Ele sabia que estava berrando, que estava perdendo o controle. Que os empregados podiam ouvir.

- Por favor, Nick - disse Chessy, levantando do chão.

- Susan vai chegar logo. Nós vamos almoçar.

Foi a idéia de que Chessy achava que podia simplesmente ficar lá e julgá-lo que realmente provocou a fúria. Será que ela não via quem realmente era? Apenas uma louca com sardas que ele escolheu de uma manada.

Ele a agarrou pelo braço e pôs o rosto a poucos centímetros dos olhos lindos e apavorados da mulher.

- Diga!

O braço que ele apertava tremia. O muco escorria do nariz dela.

- Por Deus, Nick!

Era disso que ele gostava. Do medo que ela sentia dele, embora nunca demonstrasse em público.

- Mandei você dizer, Chessy.

Ele torceu o braço dela nas costas. Agora ela estava ofegante, o suor brotava por baixo da camiseta. Os seios pequenos despontavam.

Quando ela olhou de novo para ele, com a expressão insignificante de desafio, ele o torceu com mais força, enfiando os dedos no braço dela. Ele a empurrou para o quarto e ela foi

tropeçando, descalça.

Jenks fechou a porta do quarto.

Quem aquela policial pensa que é? Vindo aqui para acusá-lo daquela maneira. Com aquele conjuntinho barato da Gap. Que filha-da-puta insolente!

Ele arrastou Chessy para o closet. O dela. Estava escuro lá dentro.

Era só escuridão, os soluços dela e o cheiro forte do seu perfume. Ele a empurrou contra a parede, esfregou-se nas nádegas dela.

Jenks abaixou o short de ginástica de Chessy, a calcinha junto.

- Por favor - ela chorou -, não, Nicky!

Ele encontrou o lugar conhecido, onde as nádegas se separavam. O pênis dele estava muito duro e a penetrou profundamente.

Ele se mexia dentro de Chessy.

- Diga - ele falou com a voz engasgada. - Você sabe como me fazer parar. Diga.

- Ruf, ruf - ela finalmente murmurou, como um latido, bem baixinho.

Agora ela estava adorando, como sempre acontecia. Não era ruim... era bom. Todas acabavam querendo e gostando. Ele sempre as escolhia muito bem.

- Ruf - ela choramingou. - Ruf, ruf. É isso que você quer, Nick?

Sim, isso era parte do que ele precisava. Era tudo que esperava de Chessy.

- Você adora isso, Chessy - ele sussurrou. - E por isso que está aqui.

CAPÍTULO 78

Nós mantínhamos uma vigilância cerrada dos movimentos de Jenks com uma equipe de três carros. Se ele quisesse se desfazer da arma, nós saberíamos. Se ele tentasse matar novamente, esperávamos poder impedi-lo. Por mais esperto que fosse, eu não via como poderia executar outro assassinato agora.

Eu queria falar com alguém que o conhecesse, que estivesse disposto a falar. Raleigh havia mencionado uma ex-mulher e uma história de violência entre os dois. Eu precisava falar com ela. Não foi difícil encontrar Joanna Jenks, que agora era Joanna Wade. Uma busca nos arquivos da polícia revelou o nome de solteira dela listado como parte da queixa doméstica que ela fez contra o marido anos antes. Uma Joanna Wade morava atualmente na rua Filbert, número 1.115, na Russian Hill.

Era uma casa bonita, de pedra, na parte mais íngreme do morro.

Toquei a campainha e me identifiquei para a governanta que atendeu. Ela me disse que a Sra. Wade não estava em casa.

- Está fazendo ginástica - ela disse. - Na Gold's Gym. Na Union.

Achei a academia na esquina, entre uma Starbucks e o supermercado Alfredson's. Na recepção uma funcionária musculosa, de rabo-de-cavalo, informou que Joanna estava na sala de exercícios C. Quando perguntei como era Joanna Wade, a funcionária riu.

- Loura. E supersarada.

Eu entrei e vi, por uma enorme vidraça, uma aula de Tae-Bo na sala de exercícios C. Oito mulheres suando com calça de lycra e top de corrida chutavam o ar no estilo caratê, ao som de uma música barulhenta. Eu sabia que Tae-Bo era a última mania de exercício, a maior moda. Qualquer uma daquelas mulheres aparentava poder prender um suspeito combativo contra a parede, depois voltar para a delegacia correndo antes da radiopatrulha e ainda ter fôlego de sobra.

A única loura estava na frente. Em forma, esculpida, ela se esforçava bastante e quase não transpirava. Era a turma dela. Fiquei por ali até a aula terminar e a maior parte das alunas sair. Ela secou o suor do rosto com uma toalha.

- Beleza de malhação - eu disse, quando ela veio na minha direção.

- A melhor na área da baía. Está querendo se matricular?

- Pode se. Primeiro pensei em fazer umas perguntas.

- Fale com a Diane na recepção. Ela pode explicar tudo.

- Não estava falando de Tae-Bo. - Mostrei meu distintivo. - Quero falar sobre Nicholas Jenks.

Joanna olhou bem para mim e afastou o rabo-de-cavalo do ombro para refrescar o pescoço. Ela deu um sorriso zombeteiro.

- O que foi que ele fez? Foi pego furtando um dos s dele na Stacey's do centro?

- Podemos conversar? - perguntei.

Ela deu de ombros e me levou para um vestiário que estava desocupado.

- Então, o que posso dizer sobre o Nick que vocês não poderiam descobrir em uma das orelhas dos livros dele?

- Eu sei que faz alguns anos - eu disse -, mas a senhora uma vez deu queixa de violência doméstica contra ele.

- Ouça: caso não tenham atualizado a papelada, eu retirei a queixa naquela época mesmo.

Vi o terror daquele momento explodindo de novo para ela.

- Olhe - eu disse -, ninguém está querendo desencavar mágoas antigas, Sra. Wade. Eu só gostaria de saber o que acha do seu ex-marido.

- Ele está aprontando de novo?

Percebi que ela estava me avaliando. Para saber se eu era uma aliada ou uma inimiga. Então ela soltou o ar como se capitulasse e olhou diretamente para mim.

- Se está aqui por causa da Chessy, eu podia ter avisado a ela. Se ele não tivesse sido tão canalha quando me descartou.

Como foi que ele descreveu? Eu escrevo através dela, Jo. Ela me inspira. Já leu os livros dele, inspetora? - ela perguntou. - Ela não precisou inspirá-lo mantendo um emprego enquanto ele saía por aí para se encontrar, precisou? Ela não teve de ler os rascunhos dele, enfrentar a fúria dele quando era rejeitado, dizer toda noite o quanto acreditava nele. Sabe onde ele a conheceu? Na sala de maquiagem de Entertainment Tonight.

- O que eu quero saber, Sra. Wade - eu disse -, é se Nicholas Jenks é muito violento.

Ela olhou para o lado. Quando olhou para mim de novo, tinha os olhos cheios de lágrimas, como se fosse chorar.

- Sabe, você entra aqui depois de todo esse tempo e me faz passar por tudo isso de novo. O que quer que eu diga? Que a mãe dele não o amava? Que ele é um homem pervertido e perigoso? A vida com Nick é muito difícil. Ele guarda alguma coisa dentro de si e só Deus sabe quando vai explodir. E eu me pergunto: Por quê? O que foi que eu fiz? Eu era apenas uma criança.

Os olhos dela faiscaram.

- Sinto muito.

Eu realmente sentia por ela. Pelas duas senhoras Jenks. Nem podia imaginar o que era acordar e me ver casada com um homem daqueles.

- Eu tenho de perguntar - eu disse. - Quais são as chances de os problemas do seu ex-marido terem se intensificado? Ficado mais sérios?

Ela ficou atônita.

- A Chessy está bem, inspetora?

- A Chessy está bem - respondi, deixando claro que achava que outras podiam não estar.

Ela ficou esperando eu piscar. Não pisquei e ela deu uma risada triste.

- Então acho que estamos falando de algo bem mais profundo do que surrupiar um livro da livraria Stacey's?

Fiz que sim com a cabeça. E de mulher para mulher, eu disse:

- Preciso fazer uma pergunta crucial, Sra. Wade.

CAPÍTULO 79

O QUE PERGUNTEI A JOANNA WADE FOI SE ACHAVA QUE NICHOLAS Jenks era capaz de cometer um assassinato.

Não podia revelar o motivo para ela, mas não tinha importância.

Joana era transparente. Vi o choque nos seus olhos. Depois ela se acalmou e a vi fazer uma avaliação bem pensada.

Finalmente ela olhou para mim e perguntou de novo:

- A senhora já leu algum livro dele, inspetora?

- Um, Fatal Charm. Livro cruel.

- Ele vive com aqueles personagens, inspetora. As vezes penso que esquece que é só o que faz para ganhar dinheiro.

Vi aquele olhar de auto-avaliação. E me aproximei dela.

- Não quero magoá-la. Mas preciso saber.

- Se ele é capaz de matar? Se é capaz de cometer assassinato? Eu sei que ele é capaz de humilhar completamente outro ser humano. Isso é assassinato, não é? Ele é o que chamam de sádico sexual. O pai costumava dar surras na mãe dele no closet do quarto, era afrodisíaco para ele. Ele procura as fraquezas. Sim, o famoso Nicholas Jenks me humilhou... Mas deixe-me contar a pior coisa, a mais abominável. Foi ele que me deixou, inspetora. Não fui eu que terminei com ele.

Joanna chegou para trás e deu um sorriso triste.

- Vi Chessy por aí algumas vezes. Almoços, eventos.

Até conversamos um pouco. Ele não mudou. Chessy sabe que eu sei exatamente pelo que ela está passando. Mas é algo que não podemos compartilhar. Eu vejo o medo. Eu sei como é. Quando ela se olha no espelho, não reconhece mais a pessoa que era antes.

Meu sangue estava em ponto de fervura. Por baixo do verniz durão, vislumbrei a mulher que Joanna Wade tinha sido - jovem, carente, confusa.

Estendi a mão e toquei no braço dela. Eu tinha a minha resposta.

Fechei meu bloco de notas, pronta para me levantar, mas Joanna me surpreendeu:

- Pensei que tinha sido ele. Não com certeza. Mas pensei no Nick quando ouvi falar daqueles crimes terríveis. Pensei no livro dele e concluí que podia ser ele.

Interrompi Joanna:

- Que livro?

- O primeiro que ele escreveu. Always a Bridesmaid [Sempre dama de honra]. Achei que tinha sido por isso que a senhora veio até aqui, porque o ligava aos assassinatos.

Fiquei olhando para ela, confusa.

- Do que a senhora está falando?

- Quase não lembro mais. Ele escreveu antes de nos conhecermos. Eu tive a sorte de estar no segundo que não foi publicado e que, segundo me disseram, ele vendeu recentemente por dois milhões. Mas desse livro eu tinha esquecido completamente até dias atrás. Era sobre um aluno da faculdade de direito que encontra a mulher dele com seu melhor amigo. E ele mata os dois. O livro acaba num acesso de fúria.

- Que tipo de fúria? - perguntei, e o que ela disse me fez engolir em seco:
- Ele sai por aí matando noivos e noivas. Bem parecido com o que aconteceu.

CAPÍTULO 80

AQUELA ERA A PEÇA DO QUEBRA-CABEÇA DE QUE EU PRECISAVA. Se Jenks tinha premeditado esses crimes, mapeado em algum livro antigo, seria conhecimento incontestável.

Não mais circunstancial. Com tudo o mais que nós tínhamos eu podia prendê-lo.

- Onde eu encontro esse livro? - perguntei.

- Não era muito bom - respondeu Joanna Wade. - Nunca foi publicado.

Todos os nervos do meu corpo estavam eletrificados.

- A senhora tem uma cópia?

- Pode acreditar que, se eu tivesse, teria queimado anos atrás. Nick tinha um agente aqui na cidade, Greg Marks. Que descartou quando começou a fazer sucesso. Se alguém tem esse livro, deve ser ele.

Liguei para Greg Marks do carro. Eu estava muito animada. E adorando aquilo.

A operadora fez a ligação e depois de quatro toques ouvi uma mensagem gravada: "Você está ligando para a Greg Marks Associados..."

Fiz uma careta de decepção. Droga, droga, droga!

Relutei um pouco, mas acabei deixando o número do meu pager. "É um assunto muito urgente", eu disse. Já ia contar por que estava ligando, quando uma voz interrompeu a gravação:

- Aqui é Greg Marks.

Expliquei que precisava falar com ele imediatamente. O escritório de Greg Marks não era muito longe. Eu podia estar lá em dez minutos.

- Tenho um compromisso na One Market às seis e quinze - respondeu o agente secamente. - Mas se conseguir chegar aqui...

- Fique aí - eu disse. - Isso é assunto policial e é importante. Se sair daí, vou prendê-lo!

Greg Marks trabalhava no apartamento dele, um loft no terceiro andar em Pacific Heights com vista parcial da ponte. Atendeu a porta com reserva, desconfiado.

Ele era baixo, careca, bem-vestido, usava uma camisa de jacquard abotoada até em cima.

- Acho que a senhora não escolheu um assunto muito atual, inspetora. Nicholas Jenks não é meu cliente há mais de seis anos. Ele me largou no dia em que Crossed Wire entrou para a lista dos mais vendidos do Chronicle.

- Vocês ainda mantêm contato?

Eu queria me certificar de que qualquer coisa que eu perguntasse não ia chegar aos ouvidos de Jenks.

- Para quê? Para lembrar que fui babá dele nos anos em que mal conseguia juntar um adjetivo a um substantivo, que sempre atendia suas ligações obsessivas à meia-noite, que eu mimava aquele ego gigantesco?

- Vim aqui à procura de uma coisa que Jenks escreveu no início mesmo - interrompi. - Antes de qualquer grande contrato.

Falei com a ex-mulher dele.

- Joanna?! - Marks exclamou, surpreso.

- Ela disse que ele escreveu um livro que nunca foi publicado. Acha que o título era Always a Bridesmaid.

O agente confirmou, balançando a cabeça.

- Foi um primeiro esforço sem consistência. Não tinha nenhum poder narrativo. A verdade é que eu nem cheguei a mandar para ninguém.

- O senhor tem uma cópia?

- Mandei de volta para ele assim que acabei de ler.

Mas imagino que Jenks deve ter. Ele achou que o livro era uma obra- prima de suspense.

- Eu esperava não ter de passar por ele - eu disse, sem explicar a base do meu interesse.

Cheguei mais perto dele.

- Como posso pôr as mãos numa cópia desse livro sem ter de falar diretamente com

Jenks?

- Joanna não guardou uma? - Marks esfregou o dedo na têmpora. - Jenks sempre foi paranóico em relação a ser explorado. Ele pode ter registrado os direitos autorais. Por que não verifica isso?

Eu tinha de contar isso para alguém.

Tinha de contar isso às meninas.

- Quer ouvir uma coisa realmente assustadora sobre Jenks? - disse o agente.

- Quero, pode contar.

- É a idéia de um livro que ele sempre quis escrever.

Sobre um escritor obcecado, esse tipo de coisa que Stephen King faz tão bem. Para escrever um livro melhor, um grande livro, ele mata as pessoas de fato, para ver como é. Bem-vinda à mente horrível de Nicholas Jenks.

CAPÍTULO 81

ERA POR ISSO QUE EU TINHA ME TORNADO DETETIVE DE HOMICÍDIOS. Corri de volta para a minha sala, com a cabeça girando, pensando como ia pôr as mãos nesse livro perdido, quando caiu a bomba seguinte.

Era McBride.

- Está sentada? - ele perguntou, como se estivesse prestes a desfechar o golpe de misericórdia. - Nicholas Jenks estava aqui em Cleveland. Na noite dos assassinatos do Hall of Fame. O filho-da-puta estava aqui.

Jenks tinha mentido na minha cara. E nem piscou.

Agora estava claro. O homem não identificado no Hall of Fame era ele mesmo, afinal. Ele não tinha álibi.

McBride explicou como seus homens varreram os hotéis da cidade. E

acabaram descobrindo que Jenks esteve hospedado no Westin e que, surpreendentemente, tinha se registrado com o próprio nome. Uma funcionária que trabalhava naquela noite lembrou dele. Ela soube no minuto em que o viu, pois era sua fã.

Minha cabeça avaliou as ramificações. Aquilo era tudo de que McBride precisava. Eles tinham a seu favor o relacionamento anterior com a vítima e o assassino podia ter sido visto na cena do crime. Agora Jenks tinha sido posto na cidade dele. E tinha até mentido quando interrogado.

- Amanhã vou ao promotor público para pedir o indiciamento - anunciou McBride. - Assim que tiver o papel na mão, quero que vocês peguem Nicholas Jenks.

E a verdade caiu como uma martelada em mim. Nós podíamos perdê-lo para Cleveland. Todas as provas, todos aqueles palpites acertados não nos ajudariam. Agora talvez só pudéssemos acrescentar uma perpétua concomitante num segundo julgamento. Os Brandt e os Weil, os DeGeorge e os Passeneau ficariam arrasados.

Mercer ia subir pelas paredes.

Fiquei reduzida a uma escolha completamente desmoralizante. Ou prendia Jenks e guardava para McBride ou dávamos o nosso passo agora, com um caso não tão impenetrável.

Eu devia levar isso para um escalão mais alto, disse a voz na minha cabeça.

Mas a voz do meu coração disse: leve para as meninas.

CAPÍTULO 82

CONSEGUI REUNI-LAS COM APENAS UMA HORA DE ANTECEDÊNCIA.

- Cleveland está pronta para indiciar - eu disse a elas e então deixei cair a bomba sobre o livro Always a BridesmaidL.

- Você precisa encontrar esse livro - declarou Jill.

- E algo que podemos ligar aos três crimes. Como não foi publicado, vale como conhecimento exclusivo dos assassinatos. Pode até ter paralelo com os crimes reais.

Se encontrar esse livro, Lindsay, poremos Jenks atrás das grades. Para sempre!

- Como? Joanna Wade falou do antigo agente e fui procurá- lo. Nada. Ele disse para verificar os direitos autorais em Marcas e Patentes. Onde fica isso?

Cindy balançou a cabeça.

- Acho que é em Washington.

- Isso levará dias, ou mais. Nós não temos dias. - Virei para Jill. - Talvez seja hora de um mandado de busca. Partir para cima de Jenks. Precisamos da arma e do livro. E precisamos disso agora.

- Se fizermos isso - disse Jill nervosa -, podemos comprometer toda essa investigação.

-Jill, você quer perdê-lo?

- Alguém já soube disso? - ela perguntou.

Balancei a cabeça.

- Só a primeira equipe, vocês. Mas quando Mercer descobrir, vai querer entrar com tudo que ele tem. Câmeras, microfones, com o FBI ao lado.

- Se estivermos erradas, Jenks nos processa - disse Jill. - E eu nem quero pensar nisso.

- E Cleveland ficará esperando - disse Claire. - Seremos um bando de trouxas.

Jill deu um suspiro e disse:

- Tudo bem. Estou com você, Lindsay. Se não conseguir pensar em mais nada.

Olhei para as três para ter certeza de que era unânime. De repente Cindy interveio:

- Vocês podem me dar mais vinte e quatro horas?

- Não sei - eu disse. - Por quê?

- Só até amanhã. E eu preciso do número da Previdência Social do Jenks.

Balancei a cabeça.

- Você escutou o que eu disse sobre o McBride. E de qualquer modo, para quê?

Ela estava com a mesma cara da outra noite, quando irrompeu no meu apartamento, com a foto de Jenks e Kathy Kogut, a terceira noiva.

- Dêem-me só até amanhã de manhã.

Então ela se levantou e foi embora.

CAPÍTULO 83

NA MANHÃ SEGUINTE CINDY HUMILDEMENTE ABRIU A PORTA DE vidro da entrada da sede da Associação de Escritores de San Francisco. Estava parecendo muito o outro dia no Grand Hyatt. Na recepção uma mulher de meia-idade com cara de bibliotecária olhou para ela.

- Posso ajudar?

Cindy respirou fundo.

- Preciso encontrar um manuscrito. Foi escrito há bastante tempo.

As palavras direitas autorais tinham feito Cindy lembrar. Ela escrevia contos no segundo grau. Eram suficientemente bons para entrar no jornal literário da escola, mas sua mãe insistiu para que ela registrasse os direitos autorais. Ela foi investigar e descobriu que levava meses, além de ser muito caro.

Mas um amigo que tinha um livro publicado disse que havia uma outra maneira de registrar documentos ali mesmo. Ele disse que todos os escritores faziam isso. Se Nicholas Jenks queria se proteger nos dias de vacas magras, podia ter seguido o mesmo caminho.

- E coisa de família - Cindy disse à mulher. - Meu irmão escreveu essa história.

Contando sobre três gerações passadas.

Nós não temos uma cópia.

A mulher balançou a cabeça.

- Isto aqui não é a biblioteca, querida. O que temos aqui é de propriedade restrita. Se quiser encontrar o livro, terá de trazer o seu irmão.

- Não posso - disse Cindy muito séria. - Nick morreu.

A mulher ficou mais gentil, olhou para ela com mais informalidade.

- Sinto muito.

- A mulher dele disse que não consegue encontrar a cópia. Eu queria dar para o nosso pai de presente no aniversário de sessenta anos.

Ela se sentiu culpada e tola de mentir daquele jeito, mas tudo dependia de ela conseguir aquele livro.

- Há um processo para tudo isso - respondeu a mulher politicamente correta. - Certidão de óbito. Prova de parentesco. O

advogado da família deve poder ajudar. Eu não posso deixar você entrar aqui.

A mente de Cindy trabalhava acelerada. Aquilo ali não era exatamente a Microsoft. Se tinha conseguido entrar na cena do crime no Grand Hyatt, seguido Lindsay até o segundo crime, devia ser capaz de cuidar disso. Todas estavam contando com ela.

- Deve haver um jeito de a senhora deixar eu dar uma espiada. Por favor?

- Lamento, querida. Não sem algum documento. Por que acha que está registrado aqui conosco?

- Minha cunhada tem certeza de que está.

- Bem, eu não posso simplesmente sair dando documentos registrados por conta do palpite de alguém - ela disse, encerrando o assunto.

- Então talvez a senhora possa dar uma olhada - propôs Cindy. - Para ver se está aqui

mesmo.

A defensora da imprensa livre com nariz de dachshund finalmente se acalmou.

- Isso eu acho que posso fazer. Disse que foi anos atrás?

Cindy sentiu uma onda de adrenalina.

- Sim.

- E o nome?

- Acho que se chamava Always a Bridesmaid.

Cindy se arrepiou só de pronunciar aquelas palavras.

- Eu quis dizer o nome do autor, por favor.

- Jenks - disse Cindy, prendendo a respiração. - Nicholas Jenks.

A mulher olhou para ela desconfiada.

- O escritor de livros de mistério?

Cindy balançou a cabeça, fingiu um sorriso.

- O corretor de seguros - ela disse com toda a calma que conseguiu inventar.

A mulher olhou para ela meio de lado, mas continuou a digitar o nome.

- Você tem prova de parentesco?

Cindy deu a ela um pedaço de papel com o número da Previdência Social de Jenks.

- Isto deve estar no registro dele.

- Isto não serve - disse a mulher.

Cindy abriu um zíper da mochila. Sentiu que o momento adequado estava indo embora.

- Pelo menos me diga se está aqui. Eu volto mais tarde com o que a senhora precisar.

- Jenks - resmungou a mulher, desconfiada. - Parece que seu irmão foi um pouco mais prolífico do que você pensava. Ele tem três manuscritos registrados aqui.

Cindy quis dar um grito.

- O único que me interessa é o Always a Bridesmaid.

Depois do que pareceu muito tempo, a resistência pétrea da mulher finalmente enfraqueceu:

- Não sei por que estou fazendo isso, mas se puder confirmar sua história, há registro de que esse manuscrito está aqui.

Cindy ficou muito animada. O manuscrito era a última peça de que precisavam para resolver um caso de assassinato e prender Jenks.

Agora só tinha de tirá-lo dali.

CAPÍTULO 84

- ENCONTREI! - EXCLAMOU CINDY, OFEGANTE AO TELEFONE. - Always a Bridesmaid!

Soquei minha mesa de satisfação. Isso queria dizer que podíamos finalmente fazer a nossa jogada.

- E o que diz o livro, Cindy?

- Eu encontrei - esclareceu Cindy. - Só que não estou com ele.

Ela me contou sobre a Associação dos Escritores. O livro estava lá, mas ia precisar de uma certa pressão para ele chegar às nossas mãos.

Levou quase duas horas. Começando com uma ligação frenética para Jill. Ela conseguiu convencer um juiz e obtivemos nossa ordem judicial que obrigava a liberação do manuscrito de Jenks, Always a Bridesmaid.

Então Jill e eu corremos para encontrar Cindy. No caminho fiz mais uma ligação. Para Claire. Parecia apropriado todas nós estarmos lá.

Vinte minutos depois, Jill e eu encontramos Cindy e Claire na frente de um prédio velho na Geary onde a Associação dos Escritores mantinha suas salas. Juntas subimos para o oitavo andar.

- Eu voltei - anunciou Cindy para a mulher surpresa à mesa da recepção. - E trouxe minha documentação.

Ela olhou para nós desconfiada.

- Quem são essas? Primas?

Mostrei meu distintivo para a funcionária e também apresentei o mandado de busca e apreensão com selo oficial.

- O que está acontecendo com esse livro? - perguntou a mulher atônita.

Evidentemente alijada da sua função, ela entrou em outra sala e voltou com um supervisor, que leu a ordem judicial.

- Nós costumamos guardá-los só por oito anos - ele disse, sem muita certeza.

Depois ele desapareceu um tempo enorme, que pareceu uma eternidade.

Ficamos lá na árida sala da recepção como parentes andando de um lado para outro esperando o bebê nascer. E se tivessem jogado fora?

Finalmente o supervisor apareceu com um monte de folhas empoeiradas amarradas em papel pardo.

- Estava atrás das latas - ele anunciou com um sorriso satisfeito.

Havia um café na mesma rua. Pegamos uma mesa nos fundos e sentamos em roda, aflitas. Pus o manuscrito na mesa, tirei o papel pardo.

Li a capa. Always a Bridesmaid. De Nicholas Jenks. Nervosa, abri e li a primeira página. O narrador estava preso, refletindo sobre seus crimes. O nome dele era Phillip Campbell. O livro começava assim: Qual é a pior coisa que alguém já fez?

CAPÍTULO 85

DIVIDIMOS O LIVRO EM QUATRO PARTES. FICAMOS LENDO EM silêncio, à procura de alguma cena ou detalhe que tivesse paralelo com os crimes na vida real. A minha parte era sobre a vida desse cara, Phillip Campbell. A esposa perfeita que ele flagra com outro homem. Ele mata os dois e sua vida muda para sempre.

- Bingo! - Jill gritou de repente.

Ela leu em voz alta, segurando o maço de folhas como se fosse uma mão de cartas de baralho.

Jill descreveu uma cena com Phillip Campbell - "respiração ofegante, vozes soando na cabeça dele" - andando sorrateiro pelos corredores de um hotel. O Grand Hyatt. Uma noiva e um noivo numa suíte. Campbell invade o quarto. E mata os dois sem pensar duas vezes.

- De um só golpe - Jill leu no manuscrito - ele lavou o fedor da traição e o substituiu por um desejo novo e até então inimaginável. Ele gostou de matar.

Nós nos entreolhamos. Aquilo era mais do que arrepiante. Jenks era louco... mas será que também era habilidoso?

Foi a vez de Claire. Era outro casamento. Dessa vez do lado de fora da igreja. A noiva e o noivo descendo os degraus, as pessoas jogando arroz, gritos de parabéns, aplausos. O mesmo homem, Phillip Campbell, na direção da limusine que levará os recém-casados.

Olhamos de novo umas para as outras, atônitas. Foi como o segundo crime foi cometido.

Jill murmurou.

- Puta que pariu!

Claire só balançou a cabeça. Parecia triste e chocada. Acho que todas nós nos sentíamos assim.

Um grito de satisfação há muito reprimido cresceu no meu peito. Nós tínhamos conseguido. Tínhamos resolvido os assassinatos dos recém-casados.

- E como será que termina? - Cindy perguntou, folheando as páginas até o fim do livro.

- E pode ter outro fim? - disse Jill. - Com a prisão.

CAPÍTULO 86

Fui DE CARRO COM CHRIS RALEIGH À CASA DE JENKS. MAL CONVERSAMOS, concentrados nas nossas expectativas. Do lado de fora fomos recebidos por Charlie Clapper e sua equipe da Unidade da Cena do Crime, a CSU. Eles fariam uma busca detalhada da casa e do terreno assim que levássemos Jenks preso.

Tocamos a campainha. Cada segundo que fiquei esperando meu coração batia mais forte. Todos os motivos que me levaram a ser policial apertavam meu peito. Era isso.

A porta abriu e a mesma governanta atendeu. Dessa vez arregalou os olhos quando viu a quantidade de carros brancos e azuis do lado de fora.

Mostrei meu distintivo.

- Precisamos falar com o Sr. Jenks.

Fomos até a sala de estar onde tínhamos encontrado Jenks na véspera. Chessy Jenks, assustada, encontrou-nos no corredor.

- Inspetora. - Ela engoliu em seco quando me reconheceu. - O que está acontecendo? O que todos aqueles carros da polícia estão fazendo aí na frente?

- Sinto muito - eu disse e realmente sentia pena dela. - Seu marido está em casa?

- Nick! - ela chamou, percebendo, em pânico, por que estávamos ali.

Então ela correu ao nosso lado, tentando me impedir de entrar e berrando:

- Vocês não podem entrar aqui desse jeito! Esta é a nossa casa!

- Por favor, Sra. Jenks - pediu Raleigh.

Eu estava ligada demais para parar agora. Queria tanto pegar Nicholas Jenks que chegava a doer. Um segundo depois ele apareceu, vindo do gramado dos fundos, que tinha a vista para o Pacífico. Segurava um taco de golfe.

- Pensei que tinha dito a vocês - ele disse, perfeitamente calmo em camisa branca e short de linho - que a próxima vez que precisassem de alguma coisa de mim procurassem meu advogado.

- Pode contar a ele pessoalmente - eu disse.

Meu coração disparou.

- Nicholas Jenks, o senhor está preso pelos assassinatos de David e Melanie Brandt, Michael e Rebecca DeGeorge, James e Kathleen Voskuhl.

Eu quis que ele escutasse cada nome, para lembrar de cada um que tinha matado. Queria ver a indiferença insensível se desfazer nos olhos dele.

- Isso é uma loucura. - Jenks olhou furioso para mim, seus olhos cinzentos ardiavam com muita intensidade.

- Nick? - gritou a mulher dele. - Do que eles estão falando? Por que estão aqui na nossa casa?

- Vocês têm idéia do que estão fazendo? - ele perguntou, com as veias do pescoço saltadas. - Eu perguntei à senhora: tem alguma idéia do que está fazendo?

Não respondi, apenas recitei a lei de Miranda.

- Vocês estão - ele vociferou - cometendo o maior erro das suas vidas medíocres.

- O que eles estão dizendo? - A mulher dele empalideceu. - Nick, por favor, diga-me. O

que está acontecendo?

- Cale a boca - Jenks gritou para ela.

De repente ele se virou para mim com um fogo perverso nos olhos.

Pulou para a frente de punho cerrado. E desfechou um golpe contra mim.

Passei uma rasteira nele. Jenks caiu em cima de uma mesa de canto e despencou no chão, derrubando fotos por toda parte, quebrando o vidro dos porta-retratos.

O escritor gemeu alto de dor.

Chessy Jenks berrou e ficou ali paralisada. Chris Raleigh algemou o marido dela e o arrastou para ficar de pé novamente.

- Ligue para o Sherman - Jenks gritou para a mulher.

- Conte a ele onde estou, o que aconteceu.

Raleigh e eu empurramos Jenks para o nosso carro. Ele continuou a lutar e não vi motivo para ser gentil.

- Qual é a sua teoria sobre os assassinatos agora? - perguntei.

CAPÍTULO 87

QUANDO TERMINOU A ÚLTIMA COLETIVA DE IMPRENSA, DEPOIS de o último flash se apagar, depois de eu ter contado pela centésima vez como tínhamos chegado ao Jenks, depois de o exultante chefe Mercer partir com o motorista, abracei Claire, Cindy e Jill. Então tomamos uma cerveja para comemorar e voltei ao Tribunal de Justiça.

Já passava das oito e só não fiquei sozinha lá por causa da tagarelice do turno da noite.

Sentei à minha mesa no bem merecido silêncio da sala da força-tarefa e tentei lembrar de outro momento em que tivesse me sentido tão bem.

Amanhã íamos começar a compilar meticulosamente o caso contra Nicholas Jenks: interrogá-lo, acumular mais provas, preencher relatórios e mais relatórios. Mas tínhamos conseguido. Nós o pegamos exatamente como eu esperava. Cumpri a promessa que fiz para Melanie Brandt naquela noite horrível na Suíte Mandarin, no Grand Hyatt.

Eu estava muito orgulhosa. O que quer que acontecesse agora com a anemia de Negli, mesmo que eu nunca chegasse a tenente, ninguém podia tirar aquilo de mim.

Levantei e fui até o quadro-negro onde estava a lista dos casos nos quais estávamos trabalhando.

Embaixo de "Casos em Aberto", perto do topo, estava o nome dela:

Melanie Brandt. Peguei o apagador e passei no nome dela, depois no do marido, até desaparecerem, até não haver mais nenhuma mancha de giz azul.

- Aposto que é uma sensação ótima. - A voz de Raleigh soou atrás de mim.

Eu virei e lá estava ele, todo convencido.

- O que está fazendo aqui? - perguntei. - A esta hora!

- Pensei em arrumar a mesa do Roth e ganhar alguns pontos - ele disse. - O que você acha, Lindsay? Eu vim encontrar você.

Estávamos num canto da sala da força-tarefa e não havia mais ninguém por perto. Ele nem teve de se mexer. Eu fui até ele. Não havia nada no caminho. Nenhum motivo para negar aquilo.

Eu o beijei. Não como antes. Não só para Chris saber que eu estava interessada. Eu o beijei como queria que ele me beijasse aquela noite em Cleveland. Eu queria tirar todo o ar dele. Eu queria dizer: Quis fazer isto desde a primeira vez que o vi.

Quando finalmente nos separamos, ele sorriu e repetiu:

- Como eu disse, aposto que essa sensação é ótima.

E a sensação era ótima mesmo. Naquele momento, tudo era ótimo. E também inevitável.

- Quais são os seus planos? - sorri para ele.

- Com que prazo estamos falando?

- Agora, especificamente. Esta noite. Nas próximas horas, pelo menos.

- Eu tinha pensado em voltar para cá, arrumar a mesa do Cheery e ver se você queria uma carona para casa.

- Vou pegar a minha bolsa.

CAPÍTULO 88

NÃO SEI COMO CHEGAMOS AO MEU APARTAMENTO, NA POTRERO. Não sei do que Chris e eu falamos, como dirigimos, e ignoramos o que estava nos dilacerando por dentro. Assim que chegamos à porta do meu apartamento, não pudemos parar. Eu agarrei Chris e ele me agarrou. Só chegamos ao tapete do hall de entrada, beijando, um tocando o outro, atrapalhados com botões e zíperes, ofegantes.

Eu tinha esquecido como é bom ser abraçada, ser desejada por alguém que eu também desejava. Quando nos tocamos já aprendemos a ir devagar.

Nós dois queríamos que durasse. Chris tinha o que eu mais precisava, mãos macias.

Eu adorei seus beijos, suas carícias, sua gentileza, depois a agressividade, o simples fato de que ele se preocupava com o meu prazer tanto quanto com o dele.

Nunca se sabe até experimentar. Mas eu amei estar com Chris. Amei demais.

Sei que é clichê, mas aquela noite fiz amor como se nunca mais fosse acontecer. Senti a vibração de Chris me aquecendo, eletrificada, do meu ventre até as coxas, as pontas dos dedos e dos pés. Os braços dele eram tudo que me mantinha inteira, que impedia que eu partisse em pedaços. Senti uma confiança inquestionável em Chris.

Não me segurei. Eu me entreguei ao Chris como nunca tinha feito antes, com ninguém. Não só meu corpo e meu coração. Essas duas coisas eu podia pegar de volta.

Eu lhe dei a esperança de que podia continuar vivendo.

Quando gritei, com tremores explodindo dentro de mim, dedos das mãos e dos pés em riste de prazer, uma voz dentro de mim sussurrou o que eu sabia que era verdade:

Dei tudo a ele. E ele devolveu.

Finalmente Chris saiu de cima de mim. Ainda estávamos vibrantes, ardentes.

-O que é? - perguntei, sem ar. - O que vai ser?

Ele olhou para mim e sorriu.

-Eu quero ver o quarto.

CAPÍTULO 89

UMA BRISA FRESCA SOPRAVA NO MEU ROSTO. Meu Deus, que noite! Que dia!
Que montanha-russa!

Estava sentada na minha varanda, enrolada num cobertor, olhando para o lado sul da baía. Nada se mexia, apenas as luzes de San Leandro ao longe. Eram quinze para as duas.

No quarto, Chris dormia. Ele merecia descanso.

Eu não consegui dormir. Meu corpo estava agitado demais, vibrando, como uma praia distante com milhões de luzes piscando.

Não pude deixar de sorrir quando pensei que tinha sido um grande dia. Vinte e sete de junho, eu disse em voz alta, vou lembrar de você.

Primeiro encontramos o livro. Depois prendemos Jenks. Nunca imaginei que teria ainda mais.

Mas tive. Tive muito mais. Chris e eu fizemos amor mais duas vezes aquela noite; as últimas três horas foram uma dança de carícias, gemidos e amor. Eu não queria deixar de sentir as mãos de Chris. Não queria ficar sem o calor do corpo dele. Era uma sensação nova, eletrizante. Pela primeira vez eu me soltei completamente e foi muito sensual, muito bom. Mas ali, na escuridão da noite, uma voz acusadora me incomodava. Eu estava mentindo. Não tinha dado tudo. Havia a verdade inescapável que eu escondia. Não tinha contado a ele que tinha anemia de Negli. Não sabia como.

Se tínhamos sentido aquela vibração de vida, como contar que eu podia estar morrendo? Que o meu corpo, que um segundo atrás estava tão agitado, cheio de paixão, estava infectado. Num único dia parecia que tudo na minha vida tinha se transformado. Eu queria voar. Eu merecia. Eu merecia ser feliz. Mas ele merecia saber.

Ouvi um barulho atrás de mim. Era Chris.

- O que está fazendo aqui fora? - ele perguntou.

Ele chegou por trás e pôs as mãos no meu pescoço e no ombro.

Eu estava abraçando os joelhos e o cobertor mal cobria meus seios.

- Vai ser difícil - eu disse, encostando a cabeça nele - voltar para o que era antes.

- Quem falou em voltar?

- Eu quero dizer como parceiros. Ficar vendo você no outro canto da sala. Amanhã temos de interrogar Jenks. Um grande dia para nós dois.

Ele passou os dedos nos meus seios, depois na nuca. Ele me deixava louca.

- Você não precisa se preocupar - ele disse. - Depois de encerrar esse caso, eu vou embora. Ficarei por aqui para ver o interrogatório.

- Chris - eu disse, com um arrepio na espinha.

Tinha me acostumado com ele.

- Eu disse que nós não seríamos parceiros para sempre. - Ele se abaixou e cheirou o meu cabelo. - Pelo menos não esse tipo de parceiros.

- E sobra que tipo? - murmurei.

Meu pescoço pegava fogo onde ele acariciava. Ah, que isso continue para sempre, implorei em silêncio. Que isso vá até a lua.

Será que eu podia simplesmente contar a ele? O problema não era mais encontrar um jeito. Era só, agora que estávamos ali, que eu não queria que terminasse.

Deixei Chris me levar para o quarto.

- Isso está ficando cada vez melhor - sussurrei.

- Não é? Mal posso esperar para ver o que acontece depois.

CAPÍTULO 90

TINHA ACABADO DE CHEGAR À MINHA MESA NA MANHÃ SEGUINTE. Estava folheando o Chronicle, lendo a continuação do artigo de Cindy sobre a prisão de Jenks, quando o meu telefone tocou.

Era Charlie Clapper. A equipe dele de investigação da cena do crime tinha passado quase a noite inteira examinando meticulosamente tudo na casa de Jenks.

- Você tem um caso para mim, Charlie?

Eu esperava que tivessem encontrado a arma do crime, talvez até as alianças que desapareceram. Alguma coisa concreta para acabar com a arrogância debochada de Jenks.

O líder da Unidade da Cena do Crime soltou um suspiro de cansaço.

- Acho que você deve vir até aqui para ver.

Peguei a minha bolsa e as chaves do nosso carro da polícia. No corredor encontrei Jacobi.

- Dizem os boatos - ele resmungou - que não sou mais o homem dos seus sonhos.

- Você sabe que nunca deve acreditar no que lê no Star - eu respondi.

- Certo, ou o que ouço do turno da noite.

Eu parei ali mesmo. Alguém tinha me visto com Chris a noite passada. Minha mente vislumbrou a história quantíssima que devia estar percorrendo o centro de fofocas da polícia. Por trás da raiva eu sabia que estava ruborizando.

- Fique tranqüila - disse Jacobi. - Você sabe o que pode acontecer quando se envolve numa boa prisão. E foi uma ótima prisão.

- Obrigada, Warren - eu disse.

Foi um daqueles raros momentos em que nenhum de nós tinha nada que esconder. Pisquei para ele e desci a escada.

- Só não esqueça - ele gritou para mim - que foi o rastreamento do champanhe que a levou para o caminho certo.

- Não esqueço. E agradeço. Obrigada, Warren.

Desci a Sexta até a Taylor e peguei a Califórnia para chegar à casa de Jenks, na Sea Cliff. Havia dois carros da polícia bloqueando a rua, mantendo afastado um círculo de vans da mídia. Encontrei Clapper, que parecia exausto, com a barba por fazer, descansando um pouco à mesa da sala de jantar.

- Você achou a arma do crime para mim? - perguntei.

- Só isso. - Ele apontou para uma pilha de armas em sacos plásticos no chão.

Havia rifles de caça, uma arma Minelli de colecionador, uma pistola Colt automática .45. Nenhuma nove milímetros. Eu nem toquei nelas.

- Vasculhamos o escritório dele. - Clapper fungou. - Nada sobre nenhuma das vítimas.

Nenhum recorte de jornal, nenhum troféu.

- Eu esperava que você encontrasse as alianças que sumiram.

- Você quer alianças? - disse Clapper.

Ele se levantou, cansado.

- A mulher dele tem anéis. Montes deles. Pode dar uma espiada. Mas o que nós

encontramos foi isso. Venha comigo.

No chão da cozinha, com um marcador amarelo de "Prova" em cima, havia uma caixa de vinho, de champanhe. Krug. Cios du Mesnil.

- Isso eu já sabia - eu disse.

Ele continuou olhando para mim, como se o tivesse insultado com uma observação óbvia. Então ele tirou uma garrafa da caixa aberta.

- Verifique os números, Lindsay. Cada garrafa é registrada com um número. Olhe aqui, quatro, dois, três, cinco, cinco, nove. Deve tornar a bebida ainda mais suave. - Ele tirou do bolso uma cópia verde dobrada de um comprovante de "Propriedade da Polícia". - A do Hyatt. Mesmo lote.

Mesmo número. - Charlie sorriu.

As garrafas eram iguais. Era a prova concreta que ligava Jenks ao local onde Melanie e David Brandt foram mortos. Não era uma arma, mas uma condenação, não mais circunstancial. Uma onda de excitação percorreu meu corpo. Bati com a mão aberta na do corpulento chefe da Unidade da Cena do Crime.

- Mas eu não teria pedido para você vir até aqui só por isso - disse Charlie, quase se desculpando.

Clapper levou-me pelo interior magnificamente decorado da casa até o quarto principal. Tinha uma enorme janela com vista para a Golden Gate. Entramos num closet espaçoso. O de Jenks.

- Lembra do paletó ensangüentado que encontramos no hotel?

No fundo do closet, Charlie se abaixou sobre uma grande sapateira.

- Bem, agora temos o conjunto.

Clapper esticou o braço e enfiou a mão atrás da sapateira. Tirou de lá uma sacola amassada da loja Nordstrom's.

- Eu queria que você visse como encontramos.

Da sacola ele tirou uma calça de smoking enrolada.

- Eu já verifiquei. E a outra parte do paletó que estava no Hyatt. Mesmo fabricante. Olhe aqui dentro, é o mesmo número.

Era como se eu estivesse vendo um milhão de dólares em dinheiro ou uma tonelada de cocaína. Não conseguia afastar os olhos da calça, imaginando como Nicholas Jenks ia poder escapar agora.

Claire tinha razão. Ela acertou desde o início. O paletó não tinha saído da vítima. Sempre pertenceu a Jenks.

- Então, o que acha, inspetora? - Charlie Clapper deu um largo sorriso. - Pode ou não pode fechar o seu caso com isso? Ah, sim!... - exclamou ele, como se estivesse distraído. - Onde foi que eu pus?

Ele apalpou os bolsos, procurou no paletó dele. E finalmente encontrou um pequeno saco plástico.

- Direto do barbeador elétrico do otário - anunciou Charlie.

No saquinho havia alguns pêlos ruivos e curtos.

CAPÍTULO 91

- ESTAVA À SUA ESPERA, QUERIDA - DISSE CLAIRE.

Ela segurou meu braço e me levou para dentro do laboratório, para uma pequena sala cheia de produtos químicos. Havia dois microscópios montados lado a lado numa bancada de granito.

- Charlie me contou o que eles descobriram - ela disse. - O champanhe. A calça do conjunto. Você o pegou, Lindsay.

- Compare esses - dei para ela o saco plástico - e vamos pô- lo na câmara de gás.

- Tudo bem, vamos ver - ela disse, sorrindo.

Claire abriu um envelope amarelo onde estava escrito "Prioridade, Prova" e tirou uma lâmina de laboratório idêntica à que eu tinha visto depois do segundo crime.

Tinha escrito Rebecca DeGeorge, 62340 na frente, com marcador.

Com uma pinça ela pôs o único fio que tinha saído da segunda noiva numa lâmina limpa.

Depois pôs a lâmina embaixo do microscópio. Espiou pelas lentes, ajustou o foco e me pegou de surpresa ao perguntar:

- Como está se sentindo, mulher?

- Está se referindo à anemia?

- Ao que mais seria? - ela disse, espiando no microscópio.

Na pressa de prender Jenks naqueles últimos dias, só lembrei realmente da doença naquele instante.

- Estive com Medved semana passada. Minha contagem de glóbulos vermelhos continua baixa.

Claire levantou a cabeça.

- Sinto muito, Lindsay.

Tentei parecer animada e contei a ela como iam ser os tratamentos.

Falei do aumento da dose. Da frequência maior. Mencionei a possibilidade de um transplante de medula.

Ela me deu um enorme sorriso.

- Vamos ter de descobrir um jeito de dar uma chacoalhada nesses seus glóbulos vermelhos.

E eu fiquei rubra.

- O que foi? - perguntou Claire. - O que está escondendo? O que está tentando esconder e não consegue?

- Nada.

- Tem alguma coisa acontecendo. Entre você e o Sr. Chris Raleigh, aposto. Vamos, é comigo que você está falando. Não pode erguer esse muro de silêncio para mim.

Contei a ela. Desde o primeiro beijo na delegacia, à lenta e tortuosa ida para casa, até a explosão de paixão no tapete da entrada do apartamento. Claire me agarrou pelos ombros. Os olhos dela estava luminosos e excitados como os meus.

-E?

- E? - Eu dei risada. - ... foi incrível. Foi... perfeito. - Senti um arrepio de dúvida. - Só não

sei se estou fazendo a coisa certa. Levando em conta o que está acontecendo - hesitei. - Eu podia amá-lo, Claire.

Talvez até já o esteja amando.

Olhamos uma para a outra. Não havia mais grande coisa para dizer.

- Bem. - Claire olhou para o microscópio de novo. - Vamos ver o que temos aqui. Pêlos da barbicha dele.

Claire pôs três fios do barbeador de Jenks numa lâmina e sob o microscópio. Os dois microscópios estavam lado a lado. Claire espiou primeiro, inclinou-se para focalizar a nova lâmina. Depois ficou mudando de um para outro, examinando os dois.

- É... - ela murmurou.

Prendi a respiração.

- O que você acha? - perguntei.

- Diga você.

Espiei o primeiro. Na mesma hora reconheci o primeiro pêlo, o que tiraram de dentro da vagina de Rebecca DeGeorge.

Grosso, avermelhado, com um filamento branco enrolado na base como uma cobra preparando o bote. Depois espiei os pêlos do barbeador de Jenks. Havia três, mais curtos, cortados, mas todos tinham o mesmo tom avermelhado, o mesmo filamento enrolado neles. Eu não era nenhuma especialista. Mas não tive dúvida nenhuma. Os pêlos eram perfeitamente idênticos.

CAPÍTULO 92

NICHOLAS JENKS ESTAVA NUMA CELA DE CUSTÓDIA NO DÉCIMO andar do Tribunal de Justiça. Ia ser indiciado mais tarde aquele dia mesmo.

O advogado dele, Sherman Leff, estava com ele e dava a impressão de que aquilo tudo não passava de uma formalidade e que os pratos da balança da justiça se apoiavam sobre os ombros do seu terno ínglê.

Jill Bernhardt foi junto comigo e com Raleigh. Jenks não tinha idéia do que ia enfrentar. Nós tínhamos o champanhe, a calça do smoking, os pêlos idênticos da barba dele. Tínhamos posto Jenks na suíte com David e Melanie Brandt.

Mal podia esperar para contar todas essas boas notícias a ele.

Sentei de frente para Jenks e olhei bem nos olhos dele.

- Esta é a assistente da promotoria, Dra. Jill Bernhardt - eu disse. - Ela vai cuidar do nosso caso. E vai condená-lo também.

Ele sorriu. O mesmo sorriso educado, seguro e condescendente, como se nos recebesse na casa dele. Por que ele parece tão confiante?, pensei.

- Se estiverem todos de acordo - disse Jill -, gostaria de começar.

- A reunião é sua - disse Sherman Leff. - Não me oponho.

Jill respirou fundo.

- Sr. Jenks, daqui a uma hora o senhor será indiciado pelo homicídio em primeiro grau de David e Melanie Brandt, no Hotel Grand Hyatt, no dia 5 de junho. Logo depois, creio que um tribunal de Cleveland fará a mesma coisa em relação aos assassinatos de James e de Kathleen Voskuhl. Com base no que a médica-legista acaba de descobrir, acho que pode esperar que um tribunal do Vale de Napa siga o mesmo caminho. Temos provas irrefutáveis que o associam a esses três crimes. Estamos informando isso ao senhor, e ao seu advogado, com a esperança de que a sua reação a essas evidências possa poupar ao município, às famílias dos mortos e à sua família a humilhação adicional de um julgamento.

Sherman Leff então interrompeu:

- Obrigado, Dra. Bernhardt. Já que consideração é o espírito hoje, gostaríamos de começar expressando o profundo arrependimento do meu cliente por sua explosão emocional com a inspetora Boxer quando foi preso. Como podem imaginar, o choque e a acusação repentina, completamente sem propósito depois de ele ter colaborado totalmente com seu interrogatório na própria casa...

Tenho certeza de que vão compreender que as emoções erradas podem assumir o controle nessas situações.

- Eu realmente me arrependo profundamente por isso, inspetora - disse Jenks. - Entendo a impressão que isso tudo suscita. O fato de não ter reconhecido o meu relacionamento com uma das mortas. E agora parece que vocês toparam com aquele livro infeliz.

- E para esse livro - disse Leff -, devo avisar, apresentaremos uma moção para que seja suprimido. A obtenção do manuscrito foi uma intrusão injustificada nos direitos autorais privados do meu cliente.

- O mandado foi totalmente justificado - disse Jill calmamente.

- Com que motivos?

- Com o motivo de que seu cliente prestou falso testemunho sobre seu paradeiro quando

Kathy Voskuhl foi assassinada.

Leff parou no meio de um gesto, atônito.

- O seu cliente estava em Cleveland, doutor - eu disse a ele e depois me dirigi a Jenks: -

O senhor se registrou no Westin. Ficou duas noites, que coincidiram com os assassinatos dos Voskuhl. O senhor disse que estava em casa, Sr. Jenks. Mas estava em Cleveland. E esteve também no Hall of Fame.

O sorriso de Jenks desapareceu e os olhos dele deram voltas pela sala. Ele engoliu em seco e deu para ver o nó descendo pela garganta dele. Estava revendo seus álibis e suas mentiras. Ele olhou para Leff com uma expressão de que pedia perdão.

- Eu estava lá - ele admitiu. - E escondi o fato.

Acontece que estava na cidade para dar uma palestra para um grupo de leitores. Podem verificar.

Na Livraria Argosy. Não sabia como explicar. Além de conhecer Kathy, parecia muito incriminador. Mas deixem-me esclarecer uma coisa. Estão enganados sobre o casamento.

Eu nem cheguei perto do lugar.

Minha raiva cresceu. Não dava para acreditar naquele cara.

- O senhor esteve numa palestra? Quando, Sr. Jenks?

- Sábado à tarde. As quatro horas. Um pequeno grupo de fãs muito leais. A Argosy foi muito boa comigo logo que comecei a escrever.

- E depois?

- Depois fiz o que sempre faço. Fiquei no hotel e escrevi. Nadei na piscina, jantei cedo.

Pode perguntar à minha mulher.

Sempre passo as noites sozinho quando estou viajando. Isso foi escrito na revista People.

Eu me inclinei por cima da mesa.

- Então isso tudo foi só uma espécie de coincidência bizarra, certo? Uma mulher com quem o senhor negou ter tido um relacionamento sexual é brutalmente assassinada. E por acaso o senhor está na cidade. Por acaso o senhor mente sobre o relacionamento e sobre estar na cidade. Um sócio seu por acaso é flagrado pela câmera de segurança na cena do crime. E assim que funciona, Sr. Jenks?

Leff pôs a mão no braço de Jenks para ele ter cuidado com o que ia dizer.

- Não! - exclamou o cliente dele, evidentemente perdendo um pouco do autocontrole.

Então ele se acalmou e secou o suor da testa.

- Eu menti... pela Chessy... para preservar o meu casamento.

Ele se endireitou na cadeira de madeira. Seu álibi estava desmoronando.

- Não sou um homem perfeito, inspetora. Eu cometo erros. Enganei a senhora sobre a Kathy. Estava errado. A resposta é sim.

O que a senhora concluiu que é verdade, é verdade. Nós fomos amantes de tempos em tempos por cinco anos. E continuou... durante o relacionamento dela com James.

Foi loucura. Era a emoção desesperada de um tolo. Mas não foi assassinato. Eu não matei Kathy. E não matei os outros!

Jenks se levantou. Pela primeira vez ele parecia assustado.

Começava a compreender a realidade do que estava acontecendo.

- Foi deixada uma garrafa de champanhe na suíte do Hyatt onde os Brandt foram mortos - eu disse. - Era do mesmo lote que o senhor comprou no leilão da Butterfield e Butterfield em novembro de 1996.

Leff protestou:

- Nós sabemos disso. Mas é claro que a infeliz coincidência do gosto do meu cliente pelo champanhe não o implica neste ato. Ele nem conhecia os Brandt. Aquele champanhe podia ter sido comprado em qualquer lugar.

- Podia sim. Só que o número de registro na garrafa do Hyatt era exatamente o mesmo do resto do lote que encontramos na sua casa ontem à noite.

- Isso está ficando ridículo - disse Jenks furioso. - Esse tipo de besteira não serviria nem para um dos meus livros.

- Então vamos ver se isso aqui é melhor.

Debaixo da mesa eu peguei a sacola da Nordstrom's que continha a calça do smoking enrolada. Joguei-a em cima da mesa, na frente de todos.

- O senhor reconhece isto?

- Calça... que tipo de brincadeira é essa agora?

- Foi encontrada ontem à noite. Nesta sacola. No fundo do closet do seu quarto.

- E daí? O que está dizendo? Que é minha? Joseph

Abboud. Pode ser. Não estou entendendo aonde quer chegar.

- Aonde quero chegar é que essa calça faz conjunto com o paletó de smoking que foi encontrado na suíte dos Brandt. São um conjunto, Sr. Jenks.

- Conjunto?

- É a calça do paletó do smoking que o senhor deixou no quarto de hotel do casal. Mesma marca. Mesmo número de estilo. Mesmo tamanho.

Um pânico profundo começou a tomar a expressão dele.

- E se tudo isso ainda não chega aos pés do seu material habitual - eu disse, olhando fixo para os olhos dele -, que tal isto? Os pêlos são idênticos.

O pêlo que você deixou dentro de Becky DeGeorge. Com os pêlos encontrados na sua casa. Eram seus, seu animal. Você mesmo se condenou.

Jill chegou para a frente.

- Você vai preso, Jenks. E ficará preso até todas as apelações terminarem e enfiarem uma agulha letal no seu braço.

- Isso é loucura - ele gritou.

Jenks estava inclinado em cima de mim, com as veias do pescoço dilatadas, berrando na minha cara:

- Sua puta! Você está armando para mim. Sua filha-da-puta desgraçada! Eu não matei ninguém.

De repente descobri que não podia me mexer. Ver Jenks desabafar era uma coisa. Mas algo mais estava acontecendo. Eu me senti presa à cadeira. Eu sabia, mas não podia combater aquilo... a anemia de Negli. Finalmente me levantei e fui para a porta, mas minha cabeça rodava e a sala também. Minhas pernas começaram a fraquejar. Aqui não, implorei. Então senti Raleigh me segurando.

- Lindsay... você está bem?

Ele olhava para mim preocupado, sem saber de nada. E vi Jill ali também.

- Você está bem, Lindsay?

Encostei na parede. Forcei minhas pernas a funcionar.

- Estou bem - sussurrei, agarrada ao braço de Raleigh. - Eu simplesmente odeio aquele filho-da-mãe - eu disse e sai

da sala de interrogatório.

Estava muito fraca, trôpega. Mal consegui chegar ao banheiro feminino.

Parecia que ia desmaiar, sentia náuseas como se algum espírito furioso tentasse arrancar meus pulmões com suas garras. Fechei os olhos e me inclinei sobre a pia.

Tossi, senti uma ardência de fogo no peito, tremi e tossi de novo.

Aos poucos senti que a crise estava passando. Respirei fundo e abri os olhos.

Estremeci.

Havia sangue por toda a pia.

CAPÍTULO 93

QUATRO HORAS DEPOIS, NO TRIBUNAL CRIMINAL MUNICIPAL, eu já me sentia suficientemente bem para ver Nicholas Jenks ser indiciado por assassinato.

Uma multidão ruidosa enchia os corredores em torno da sala do tribunal do juiz Stephen Bowen. Fotógrafos tiravam fotos com flash a torto e a direito, repórteres apareciam a toda hora para dar uma espiada no escritor famoso abatido e estressado.

Raleigh e eu abrimos caminho pelo meio deles e sentamos atrás de Jill na primeira fila. Minhas forças tinham voltado e o aperto no peito, diminuído. Eu queria que Jenks me visse ali.

Vi Cindy, sentada na seção da imprensa. E no fundo do tribunal avistei o chanceler Weil e a mulher dele.

E acabou antes de começar. Jenks foi trazido para diante do juiz com os olhos mortos e vazios como crateras da Lua. O meirinho leu o sumário, o suspeito se levantou.

O filho-da-mãe declarou-se inocente. O que iam argumentar, que todas as provas eram inadmissíveis?

Leff, o eterno exibicionista, estava respeitoso demais, até retraído, diante do juiz Bowen. Ele pediu para o réu aguardar o julgamento em liberdade com base na importância de Jenks na comunidade. Por um instante as realizações do assassino quase me fizeram mudar de idéia.

Jill combateu de frente. Ela detalhou graficamente a selvageria dos crimes. Argumentou que o suspeito tinha os meios e que não tinha raízes que o prendessem ali, portanto podia fugir.

Senti uma onda de triunfo percorrendo meu corpo quando o juiz bateu o martelo e declarou:

- Fiança negada.

CAPÍTULO 94

AGORA ESTÁVAMOS COMEMORANDO. No final do dia, um dia que esperei com muita ansiedade, encontrei as meninas para um drinque no Susie's. Nós merecíamos isso. Nicholas Jenks tinha sido indiciado. Sem fiança. Sem consideração do tribunal. Nós quatro tínhamos conseguido isso.

- Um brinde ao Clube das Mulheres contra o Crime - vibrou Cindy, com a caneca de cerveja no ar.

- Nada mau para um grupo de funcionárias públicas que sofrem do preconceito do sexo - concordou Claire.

- Do que foi que Jenks me chamou? - Balancei a cabeça e sorri. - De filha-da-puta desgraçada?

- Eu posso bancar a filha-da-puta desgraçada - disse Jill, sorrindo de orelha a orelha.

- As filhas-da-puta desgraçadas do mundo - brindou Cindy - e aos homens que não conseguem nos derreter.

- Fale por você - disse Claire. - Edmund me derrete direitinho.

Todas rimos e batemos as canecas de cerveja.

- Mesmo assim - eu disse, com um profundo suspiro eu gostaria de encontrar a arma do crime. E quero amarrá-lo ao segundo crime.

- Quando eu acabar com ele - Jill bebeu um gole de cerveja -, você não terá de se preocupar se ele vai cumprir a sentença pelo segundo crime.

- Vocês viram Jill triturar em pedacinhos o pedido de fiança do advogado dele? - disse Cindy com admiração. - Viram a cara dele? - Ela moveu os dedos como uma tesoura. - Clipe, clipe, clipe, clipe. Direto nos testículos dele. Aquele homem ficou lá parado, de terno, com um pinto de quatro centímetros.

Todas nós demos risada. O nariz de batata de Cindy franziu quando ela disse clipe, clipe, clipe.

- Só que sem a arma ainda precisamos determinar o motivo dele - eu disse.

- Que se dane o motivo dele, menina! - exclamou Claire. - Deixe isso para lá.

Jill concordou.

- O motivo dele pode ser simplesmente que se trata de um filho-da-mãe muito doente. Ele teve uma história de sadismo sexual de anos. Violentou três mulheres, que nós sabemos. Tenho certeza de que mais coisa vai aparecer à medida que o julgamento avançar.

"Você viu o filho-da-mãe, Lindsay", ela continuou. "Ele está enlouquecido. Seu mundinho perfeito desmoronou e ele ficou louco. Esta manhã parecia que ele estava a ponto de estrangular você." Ela sorriu para o resto do grupo.

"Lindsay só olhou furiosa para ele como se dissesse 'Vai se foder!'."

Elas já iam levantar as canecas para mim - a policial heroína que levaria a fama de ter sido quem prendeu Jenks - quando me dei conta de que jamais teria conseguido sem elas. Não foram meus nervos de aço que funcionaram na sala de interrogatório, e sim a força da minha doença acabando com a minha energia. Eu sempre escondi - nunca revelei - para as pessoas que se tornaram minhas melhores amigas.

- Aquilo não foi por causa do Jenks - eu disse.

- Mas pareceu.

- Não falo do confronto. Estou falando do que aconteceu depois. Quando eu quase desmaiei. Aquilo não foi por causa do Jenks.

Elas continuaram sorrindo, menos Claire, mas aos poucos a seriedade do meu olhar fez os sorrisos desaparecerem.

Olhei em volta da mesa e contei para elas da doença que estava devorando meus glóbulos vermelhos, contra a qual eu já lutava há três semanas. Com transfusões com alta dosagem de glóbulos vermelhos. Mas a contagem estava diminuindo. Eu estava piorando.

Comecei a contar com energia, com a voz firme, porque já fazia parte da minha vida há algumas semanas, mas quando terminei estava falando com a voz muito baixa, assustada. E segurando as lágrimas.

Jill e Cindy ficaram abaladas e em silêncio.

Então três mãos se estenderam para mim. De Cindy, Jill e por último e mais carinhosa, de Claire. Ninguém disse nada um longo tempo. Elas nem precisavam.

Acabei engolindo as lágrimas e dei um sorriso.

- Não é a mesma coisa de policial acabar com uma festa quando está mais animada?

Interrompi aquela tensão, acabei com o desânimo repentino.

Elas não disseram "Estamos com você". Não disseram "Você vai ficar boa". Não precisavam dizer.

- Nós devíamos estar comemorando - eu disse.

Então Jill falou, com voz solene, sem mais nem menos, em tom de confissão:

- Quando pequena, eu era muito doente. Estava sempre em hospitais, dos quatro anos até os sete. Isso acabou com os meus pais, com o casamento deles.

Eles se separaram logo que melhorei. Acho que foi por isso que resolvi que tinha de ser mais forte e melhor do que qualquer pessoa. Por que eu sempre tinha de vencer - disse. - Começou no segundo grau - Jill continuou.

Não sabia ao que ela estava se referindo.

- Eu não sabia se seria suficientemente boa. Eu costumava...

Ela desabotoou as mangas da blusa, enrolou até os cotovelos.

- Nunca mostrei isso a ninguém, só ao Steve.

Os braços dela eram cheios de cicatrizes. Eu sabia o que eram.

Automutilação. Jill tinha tido transtorno de personalidade.

- O que eu queria dizer era que você tem de lutar contra isso. Você luta, luta, luta... e toda vez que sentir que a doença está ficando mais forte, luta mais ainda.

- Estou tentando - sussurrei e minha voz falhou. - Estou realmente tentando. - Agora eu sabia o que a incentivava, o que estava por trás daquele olhar gelado. - Mas como?

Jill segurou minhas mãos. Nós duas estávamos com os olhos marejados de lágrimas.

- E como foi com o Jenks, Lindsay - ela disse. - Você simplesmente não deixa a doença ganhar.

CAPÍTULO 95

Na cela fria e úmida, Nicholas Jenks andava ansioso de um lado para outro.

Era como se uma banana de dinamite fosse explodir bem no meio do seu peito. Ele não tinha feito nada. Como é que podiam destruir seu nome, atacá-lo com aquela ficção louca, desgraçá-lo nos noticiários?

Estava escuro e ele morria de frio. O catre na cela da prisão não servia para um monge. Continuava usando a roupa molhada com a qual o tinham prendido. Um suor frio e impenitente começou a brotar nas palmas das mãos. Ele faria a inspetorazinha filha-da-puta pagar. De uma forma ou de outra, ia pegá-la. Era uma promessa. O que a porra do seu advogado bicha estava fazendo? Quando é que Leff ia tirá-lo dali?

Era como se todo bom senso tivesse sido sugado do mundo. Que merda estava acontecendo? Ou, pelo menos, pensou Phillip Campbell, era isso que Jenks devia estar pensando. O que ele achava que o filho-da-mãe estava dizendo, na sua cabeça. Campbell sentou na frente do espelho. Era hora de você ir embora. O seu trabalho acabou. O último capítulo estava escrito.

Ele mergulhou um pano molhado numa bacia com água quente. Era a última vez que teria de desempenhar aquele papel

Então, como se sente, Nicholas?

Ele tirou os grampos que lhe prendiam o cabelo e deixou os cachos soltos.

Como se sente sendo a vítima, um prisioneiro? Sentir a mesma degradação e humilhação que impõe aos outros?

Lentamente ele limpou a maquiagem escura dos olhos com o pano e viu o brilho voltando ao seu rosto.

Como se sente indefeso e sozinho? Preso num espaço escuro? Sentindo-se traído?

Phillip Campbell puxou um por um os fios da barba ruiva na queixo, até saírem todos e aparecer uma outra pessoa.

Não consegue reconhecer no espelho a pessoa que você foi um dia?

Ele esfregou o rosto até ficar limpo e macio. Desabotoou a camisa, a camisa de Nicholas, e logo, por baixo de um colante, um corpo bem definido de mulher ganhou vida, a linha dos seios, pernas bem-feitas, braços magros e fortes.

Ela ficou lá sentada, recém-revelada, com um brilho nos olhos.

Isso é precioso.

Como se sente, Nicholas, ferrado com pompa e circunstância? A maré mudou dessa vez.

Ela não conseguia deixar de pensar que era muito apropriado e engraçado que no fim ele tinha caído na armadilha da própria cabeça pervertida. Era mais do que engraçado. Era absolutamente brilhante.

Quem está rindo agora, Nick?

LIVRO 4
TODA A VERDADE

CAPÍTULO 96

NA NOITE SEGUINTE À PRISÃO DE JENKS O CHEFE MERCER ganhou entradas para o camarote no estádio PacBell Park de um dos seus amigos ricos. Convidou alguns de nós, inclusive Raleigh, Cheery e eu para um jogo dos Giants. Era uma noite quente de verão. Os Giants jogavam contra os Cardinais. Meu pai ia adorar. Eu não queria ir, não queria me exibir como a policial que pegou Jenks, mas Mercer insistiu. E tinha Mark McGuire e tudo, de modo que vesti uma jaqueta de náilon e fui.

Chris e eu passamos a noite toda nos olhando. Havia uma energia especial no camarote, um anel brilhante em volta de nós dois.

O jogo era ruído de fundo. Na terceira rodada, Mighty Mac rebateu uma bola de Ortiz que desapareceu de vista e quase caiu na baía. O estádio gritava loucamente, mesmo sendo um home run dos Cards. Na quarta rodada, Barry Bonds fechou com outro home run.

Chris e eu não conseguíamos parar de nos olhar. Estávamos com as pernas em cima da mesma cadeira, como garotos de escola, e de vez em quando elas se encostavam.

Meu Deus, aquilo era melhor do que o beisebol.

Finalmente ele piscou para mim.

- Quer alguma coisa para beber? - ele perguntou.

Chris foi até onde estavam as bebidas, acima das cadeiras, e eu o segui. Os outros não olharam para trás. Assim que saímos da vista deles, Chris pôs as mãos nas minhas coxas e me beijou. Eu peguei fogo.

- Quer ficar aqui?

- Ainda tem cerveja - brinqueei.

A mão dele encostou no meu seio e senti um tremor. Mãos macias.

Minha respiração ficou acelerada. Gotas de suor brotaram na minha nuca.

Chris beijou-me de novo. Puxou-me para perto e senti a cadência de um coração batendo entre nós. Não sabia se era o dele ou o meu.

- Não posso esperar - ele disse.

- Está bem, vamos sair daqui.

- Não. - Ele balançou a cabeça. - Eu disse que não posso esperar.

- Meu Deus! - Suspirei.

Eu não consegui me controlar. Meu corpo todo estava esquentando, chegando ao ponto de fervura. Olhei lá para baixo, para Cheery e Mercer e para os dois caras de Mill Valley. Isto é loucura, Lindsay.

Mas tudo ultimamente era loucura, tudo ficava fora de controle.

Parecia que todas as forças naturais do universo faziam com que Chris e eu procurássemos um lugar discreto. Havia um banheiro no camarote que mal dava para retocar a maquiagem de tão pequeno que era. Nós não ligamos para isso.

Chris me levou para o banheiro enquanto a multidão de fãs rugia com alguma jogada. Nós mal cabíamos lá dentro. Meu Deus, não podia acreditar que estávamos fazendo isso ali. Ele desabotoou minha blusa, eu soltei o cinto dele. Nossas coxas estavam espremidas umas contra as outras.

Gentilmente, Chris me levantou por cima dele. Tive a sensação de uma estrela cadente explodindo nas minhas veias. Chris estava apoiado na bancada e eu nas palmas das mãos dele; espremidos naquele espaço exíguo, mas num ritmo perfeito.

A gritaria da multidão ecoou lá de fora. McGwire pode ter rebatido outra, ou Bonds pode ter tirado a rebatida dele... quem se importava?

Continuamos balançando, Chris e eu. Eu não conseguia respirar. Meu corpo estava todo grudado de suor. Eu não conseguia parar. Chris continuou balançando, eu me agarrei com força e num minuto nós dois gozamos.

Dois policiais heróis, pensei.

Foi o orgasmo melhor, mais livre e mais sensual que eu jamais senti. Chris encostou a cabeça no meu ombro. Beije seu rosto, seu pescoço.

Então tive a idéia mais estranha. Comecei a rir, uma mistura de riso e suspiros exaustos. Estávamos engatados ali, exaustos, a poucos metros do meu chefe. Eu ria como uma idiota. Assim iam nos descobrir!

- Qual é a graça? - sussurrou Chris.

Eu estava pensando em Claire e em Cindy. E no que tínhamos acabado de fazer.

- Acho que acabei de entrar para a lista - eu disse.

CAPÍTULO 97

NO DIA SEGUINTE JENKS PEDIU PARA NOS VER. JILL E EU FOMOS até o décimo andar, onde ele estava, imaginando o que estaria acontecendo.

Dessa vez não houve jogo de gato e rato, não era brincadeira. Leff estava lá, mas levantou-se, humildemente, assim que chegamos.

Jenks parecia bem menos ameaçador com sua roupa cinza de prisioneiro. O olhar preocupado dele era um recado bem claro.

- Meu cliente quer fazer uma declaração - anunciou Leff quando nos sentamos.

Eu estava pensando. E agora. Ele quer um acordo. Viu que é ridículo continuar com aquele jogo.

Mas ele se saiu com algo inesperado:

- Estão armando contra mim! - Jenks anunciou zangado.

Levou meio segundo para Jill olhar para mim.

- Tenho de ouvir isso de novo - ela disse. - O que está acontecendo?

Ela olhou para Jenks e depois para Leff.

- Temos a ligação do seu cliente com as três cenas de crime; ele estava em Cleveland na hora do último assassinato, temos a mentira sobre um relacionamento anterior com Kathy Kogut, uma das últimas vítimas; temos o livro dele descrevendo em detalhes um padrão de crime espantosamente semelhante; temos seus pêlos faciais idênticos ao encontrado na vagina de outra vítima. E está afirmando que foi armação?

- O que eu estou afirmando - disse Jenks, muito pálido - é que estão armando contra mim.

- Escute, Sr. Jenks - disse Jill, ainda olhando para Leff. - Eu faço isso há oito anos. Montei casos contra centenas de criminosos, pus cinquenta assassinos atrás das grades pessoalmente. Nunca vi tantas provas implicando um suspeito. O nosso caso é tão compacto que não tem nenhum ar dentro.

- Eu sei disso. - Jenks suspirou. - E também que lhes dei todos os motivos para considerar que essa afirmação não é plausível. Menti sobre ter estado em Cleveland, sobre o meu relacionamento com Kathy. Nos outros crimes, nem posso provar onde estava. Mas também conheço armações.

Mapeei um número maior delas do que qualquer outro. Sou mestre nisso. E posso garantir que alguém está armando essa contra mim.

Balancei a cabeça, incrédula.

- Quem, Sr. Jenks?

Jenks respirou fundo. Ele parecia mesmo assustado.

- Eu não sei.

- Alguém odeia tanto o senhor para fazer tudo isso? - Jill não conseguiu controlar uma risadinha. - Pelo pouco que conheço do senhor, talvez até caia nessa. - Ela virou para Leff. - O senhor vai apresentar esse caso?

- Apenas ouça o que ele tem a dizer, Dra. Bernhardt - pediu o advogado.

- Olhem - disse Jenks. - Eu sei o que pensam de mim.

Sou culpado de muitas coisas. Egoísmo, crueldade, adultério. Eu sou agressivo e às vezes não consigo me controlar. E com as mulheres... talvez possam juntar uma dúzia delas que ajudaria a me mandar para a prisão por esses assassinatos. Porém, por mais evidente que pareça, eu não matei essas pessoas. Nenhuma delas. Alguém está armando essa contra mim. Essa é a verdade. Alguém fez um trabalho brilhante.

CAPÍTULO 98

- VOCÊ ACREDITOU EM ALGUMA COISA QUE ELE DISSE? - JILL sorriu para mim quando esperávamos o elevador do lado de fora da cela de Jenks.

- Eu talvez acredite que ele acredita nisso - eu disse.

- Ah, essa não. Ele estaria melhor se declarasse insanidade. Se Nicholas Jenks quiser estreitar a lista de pessoas que podem querer armar para cima dele, pode muito bem começar com qualquer uma com quem tenha transado.

Dei risada e concordei que a lista ia ser longa. Então a porta do elevador abriu e, para minha surpresa, saiu Chessy Jenks. Usava um vestido longo de verão.

Na mesma hora notei que ela estava muito bonita.

Nosso olhos se encontraram por um segundo silencioso e constrangedor. Eu tinha acabado de prender o marido dela. Minha equipe da cena do crime tinha virado a casa dela de pernas para o ar. Ela teria todos os motivos para me encarar com o mais completo desdém. Mas não foi o que ela fez.

- Vim ver meu marido - ela disse, com a voz trêmula.

Apresentei Jill a ela, depois aponte para a área de visitas. Naquele momento ela pareceu a pessoa mais sozinha e confusa que eu tinha visto.

- Sherman me disse que há muitas provas - ela disse.

Meneei a cabeça educadamente. Não sei por que sentia pena dela, só que ela parecia uma mulher jovem e vulnerável, cujo destino tinha sido se apaixonar por um monstro.

- Nick não fez isso, inspetora - disse Chessy Jenks.

Esse desabafo dela me surpreendeu.

- E natural que a mulher queira defender o marido - reconheci. - Se tiver algum álibi concreto...

Ela balançou a cabeça.

- Nenhum álibi. É só que conheço o meu marido.

A porta do elevador fechou e Jill e eu ficamos ali esperando de novo. Como acontece nos hospitais, o elevador ia levar alguns minutos para descer e subir de novo. Chessy Jenks não saiu dali.

- Meu marido não é um homem simples. Ele pode ser muito grosso. Sei que ele fez inimigos. Sei como ele atacou a senhora.

Para quem está de fora deve ser muito difícil acreditar nisso, mas há momentos em que ele também é capaz de ser terno, de ser incrivelmente generoso e de amar.

- Não quero parecer antipática, Sra. Jenks - Jill entrou na conversa -, mas nessas circunstâncias a senhora não devia estar conversando conosco.

- Não tenho nada para esconder - ela retrucou, depois ficou abatida. - Eu já sei o que vocês sabem.

Fiquei confusa. Eu já sei o que vocês sabem?

- Conversei com Joanna - Chessy Jenks continuou. - Ela me contou que a senhora foi procurá-la. Eu sei o que ela contou sobre ele. Ela é amarga.

E tem todo o direito de ser. Acontece que ela não conhece Nick como eu conheço.

- Devia rever as provas, Sra. Jenks - eu disse.

Ela balançou a cabeça.

- Armas... talvez, inspetora. Se isso era tudo que havia. Mas uma faca? Daquele primeiro assassinato. Cortar aquele pobre casal em pedaços? Nick não consegue nem cortar um peixe.

A primeira coisa que me veio à cabeça foi que ela era jovem e estava iludida. Como Jenks tinha dito? Impressionável... mas achei uma coisa curiosa.

- A senhora disse que a senhora e Joanna se falam?

- E. Muito mais nesse último ano. Eu até a convidei para a minha casa. Quando Nick não estava, é claro. Eu sei que ela ficou amargurada depois do divórcio. Eu sei que ele a magoou. Mas é uma espécie de grupo de apoio nosso.

- O seu marido sabia disso? - perguntei.

Ela deu um sorriso forçado.

- Ele nem se importava. Ainda gosta de Joanna. E, inspetora, ela ainda é apaixonada por ele.

O elevador chegou e nos despedimos. Quando a porta fechou, olhei para Jill. Ela estava com os olhos arregalados e com a língua estufando a bochecha.

-Essa família inteira provoca arrepios - ela disse e estremeceu.

CAPÍTULO 99

Eu SOUBE NO INSTANTE EM QUE MEDVED ENTROU NO CONSULTÓRIO. Vi na expressão dele. Ele não precisou dizer nada.

- Lamento não poder ser muito positivo, Lindsay - ele disse. - Sua contagem de glóbulos vermelhos continua caindo. As tonturas, a fadiga, o sangue no peito. A doença está progredindo.

- Progredindo?

Medved fez que sim com a cabeça, muito sério.

- Terceiro estágio.

Aquelas palavras explodiram na minha cabeça e trouxeram com elas o medo dos tratamentos mais radicais.

- Qual é o próximo passo? - perguntei com a voz fraca.

- Podemos dar mais um mês - disse Medved. - Sua contagem está em dois mil e quatrocentos. Se continuar a cair, sua força vai diminuir. Você terá de ser hospitalizada.

Mal podia compreender o que ele estava dizendo. Tudo se misturava na minha cabeça, rápido demais. Um mês. É muito pouco. Muito rápido. As coisas estavam começando a funcionar agora que Jenks tinha sido preso. Todo o resto, tudo que eu queria também estava entrando nos eixos.

Um mês... quatro míseras semanas.

Quando voltei à delegacia alguns caras me receberam com sorrisos.

Havia um lindo buquê de flores em cima da minha mesa. Flores silvestres.

Cheirei as flores e senti o perfume doce e natural. Li o cartão:

"Há uma colina cheia delas onde tenho uma cabana em Hea-venly. Amanhã é sexta-feira. Tire o dia de folga. Vamos para lá."

Estava assinado Chris.

Parecia exatamente o que eu precisava. As montanhas. Chris. Eu teria de contar para ele, agora que a verdade ia aparecer logo.

Meu telefone tocou. Era Chris.

- E então?

Sem dúvida algum colega, fazendo o papel de cupido, tinha avisado a ele que eu estava de volta.

- Ainda não abri seu cartão. - Mordi o lábio. - Tinha muitos outros para ver.

Ouvi um suspiro de decepção e deixei passar um tempo.

- Mas se por acaso você está me convidando para viajar, a resposta é: eu adoraria. A idéia é ótima. Vamos pegar a estrada às oito.

- Você acorda tarde - ele disse. - Eu esperava sair antes do rush matinal.

- Eu quis dizer esta noite.

Eu tinha um mês. E pensei: ar da montanha, riachos e flores silvestres, esse é um jeito bom de começar.

CAPÍTULO 100

PASSAMOS OS DOIS DIAS SEGUINTE COMO SE VIVÉSSEMOS UM lindo sonho.

A cabana de Chris era charmosa, um chalé de esquina de duas águas na Mason Ridge, com vista para Heavenly. Fizemos caminhadas pela floresta com Doce Martha, pegamos o teleférico até o topo da montanha e descemos a pé. Grelhamos peixe-espada na varanda.

No intervalo desses passeios fizemos amor no conforto da cama dele com dossel, no tapete de pêlo de carneiro na frente do aquecedor a lenha, no chuveiro gelado ao ar livre. Rimos, brincamos e nos acariciamos como adolescentes, descobrindo o amor de novo.

Mas eu não era nenhuma adolescente sonhadora. Sabia exatamente o que estava acontecendo. Sentia a correnteza constante e inegável crescendo dentro de mim como um rio que transborda sobre as margens. Eu me sentia indefesa.

No sábado Chris prometeu um dia que eu jamais ia esquecer.

Descemos de carro até o Lago Tahoe, fomos para uma simpática marina no lado da Califórnia. Ele tinha alugado um barco com quilha chata, uma velha barca de madeira com motor barulhento. Compramos sanduíches e uma garrafa de chardonnay e fomos para o meio do lago. A água estava calma e turquesa, o céu sem nuvens e claro. Em volta de nós os picos rochosos das montanhas cobertas de neve formavam um círculo que era como uma coroa.

Ancoramos ali e por um tempo aquilo foi o nosso mundo particular.

Chris e eu nos despimos e ficamos de roupa de banho. Imaginei que íamos recostar, curtir o vinho ao sol e ver a vista, mas Chris estava com cara de desafio. Ele passou a mão na água gelada.

- De jeito nenhum - eu disse, balançando a cabeça. - Deve estar fazendo uns dez graus.

- É, mas é um frio seco - ele provocou.

- Certo - debochei. - Então vá você. E pegue um salmão para mim, se vir algum nadando por aí.

Ele se aproximou brincando, com ar ameaçador.

- Pode pegar você mesma.

- Sem chance. - Balancei a cabeça, decidida.

Mas eu estava rindo também. Quando ele chegou para a frente, recuei para o fundo da barca, até ficar sem espaço.

Ele me abraçou. Senti a vibração da pele dele na minha.

- É como uma iniciação - ele disse.

- Iniciação de quê?

- De um clube exclusivo. Qualquer pessoa que quiser entrar tem de pular.

- Então fico de fora.

Eu ri e tentei me livrar dos braços fortes dele. Resisti pouco e ele me levantou na almofada do banco na popa da barca.

- Merda, Chris - eu gritei quando ele segurou minha mão.

- Jerônimo funciona melhor - ele disse e me puxou.

Eu gritei:

- Seu filho-da-mãe!

E nós dois caímos na água.

Estava gelada, foi uma sensação revigorante completa. Chegamos à superfície juntos e eu gritei para ele:

- Você não vale nada!

Então ele me beijou na água e na mesma hora não senti mais frio.

Fiquei agarrada nele, primeiro querendo calor, mas também porque não queria largá-lo nunca.

Sentia uma confiança nele tão completa que era quase assustadora. Dez graus, mas eu estava queimando.

- Olha só isso - eu provoquei, libertando-me do seu abraço.

Havia uma bóia cor de laranja boiando a uns cinqüenta metros.

- Vamos apostar uma corrida até aquela bóia.

Então eu saí nadando e o surpreendi com a minha velocidade.

Chris tentou me acompanhar com braçadas firmes e musculosas, mas eu passei voando.

Perto da bóia nadei mais devagar e esperei Chris chegar.

Ele parecia totalmente confuso.

- Onde foi que aprendeu a nadar?

- Na ACM, no sul de San Francisco. Fui campeã das divisões de catorze, quinze e de dezesseis anos. - Dei risada. - Ninguém me alcançava. Parece que ainda sou boa nisso.

Minutos depois levamos o barco até uma entrada protegida e discreta perto da margem. Chris desligou o motor e pôs uma lona em volta da cabine que era supostamente para nos proteger do sol. Fomos para baixo dela, onde ninguém podia nos ver.

Deixei Chris tirar lentamente o meu maiô e ele lambeu as gotas de água dos meus braços e dos meus seios. Então eu me abaixei e desabotei o short dele. Não precisamos dizer nada. Nossos corpos diziam tudo. Eu me deitei e puxei Chris para cima de mim.

Nunca me senti tão ligada a uma pessoa, nem a um lugar. Arqueei as costas para ele em silêncio, com o lago batendo suavemente ao lado. E pensei: Se eu falar, tudo vai mudar.

Depois fiquei lá deitada, com tremores de calor percorrendo meu corpo. Não queria que aquilo acabasse nunca, mas sabia que tinha de acabar. A realidade sempre se intromete, não é?

CAPÍTULO 101

EM DADO MOMENTO AQUELA NOITE, EU COMECEI A CHORAR.

Tinha feito um espaguete à carbonara e comemos no deque à luz da lua, com uma garrafa de pinot noir. Chris pôs um concerto de violoncelo de Dvorák para tocar e depois mudamos para Dixie Chicks.

Enquanto comíamos, Chris perguntou onde e como eu tinha sido criada.

Falei da minha mãe, que meu pai tinha ido embora quando eu era menina, que ela trabalhou como contadora no Emporium vinte anos. Que eu praticamente criei a minha irmã.

- Minha mãe morreu de câncer de mama quando tinha apenas cinquenta anos.

A ironia disso não passou despercebida para mim, claro.

- E o seu pai? Eu quero saber tudo de você.

Bebi um gole de vinho e contei que só tinha visto meu pai duas vezes desde os meus treze anos. No enterro da minha mãe. E no dia em que me tornei policial.

- Ele sentou lá atrás, longe de todo mundo.

De repente o meu sangue esquentou com sentimentos há muito enterrados.

- O que ele estava fazendo lá? - Olhei para ele com os olhos marejados. - Por que ele estragou tudo?

- Você não quer vê-lo?

Não respondi. Alguma coisa estava se formando na minha cabeça.

Minha mente começou a divagar, pelo fato de eu estar ali, talvez sentindo a maior felicidade da vida, mas era tudo construído em cima de uma mentira. E eu estava disfarçando o impacto do que estava passando na minha cabeça. Não consegui muito bem.

Chris segurou minha mão.

- Sinto muito, Lindsay. Eu não tinha o direito de...

- Não é isso - sussurrei e apertei a mão dele.

Sabia que era hora de confiar inteiramente nele, era hora de finalmente me entregar ao Chris. Mas estava com medo, meus lábios tremiam e eu tentava segurar as lágrimas.

- Tenho de contar uma coisa para você, Chris - eu disse. - E é meio pesado.

Olhei para ele com toda a intensidade e confiança que meus olhos podiam revelar.

- Lembra quando eu quase desmaiei na sala com Jenks?

Chris fez que sim com a cabeça. Agora ele parecia um pouco preocupado. A testa estava cheia de rugas.

- Todos pensaram que eu estava com raiva, mas não foi isso. Estou doente, Chris. Posso ter de ir para o hospital em breve.

Vi a luz nos olhos dele se apagar de repente. Ele ia falar, mas eu pus o dedo nos seus lábios.

- Apenas ouça um minuto. Está bem?

- Está bem. Desculpe.

Eu contei tudo sobre a anemia de Negli. Que eu não estava reagindo ao tratamento. Que a esperança estava acabando. O que Medved disse dias antes. Que estava no terceiro estágio, que era sério. O recurso seguinte podia ser um transplante de medula.

Eu não chorei. Conteí tudo a ele de uma vez, como uma policial.

Quería dar esperança a Chris, mostrar que eu estava lutando, mostrar que era a pessoa forte que achava que ele amava.

Quando terminei, segurei as mãos dele e dei um longo suspiro.

- A verdade é que posso morrer logo, Chris.

Estávamos com as mãos entrelaçadas. Olhos nos olhos. Não podíamos estar mais unidos.

Então ele pôs a mão suavemente no meu rosto e fez carinho. Não disse uma palavra, só olhou para mim, segurou-me com suas mãos macias e me puxou para ele.

E foi isso que me fez chorar. Ele era um homem bom. Eu podia perdê-lo. E chorei por todas as coisas que talvez não pudéssemos fazer.

Chorei, chorei, chorei e a cada soluço ele me apertava mais. E ficava sussurrando:

- Está tudo bem, Lindsay. Está tudo bem. Está tudo bem. Tudo bem.

- Eu devia ter contado a você - eu disse.

- Entendo por que não contou. Há quanto tempo sabe disso?

- Desde o dia em que nos conhecemos - eu disse. - E estou muito envergonhada.

- Não se envergonhe - ele disse. - Como ia saber se podia confiar em mim?

- Confiei logo em você. Eu não confiava em mim mesma.

- Bem, agora você confia - Chris murmurou.

CAPÍTULO 102

ACHO QUE FICAMOS ABRAÇADOS A NOITE INTEIRA. RIMOS UM pouco, choramos um pouco. Nem lembro como foi que acabei acordando na cama.

No dia seguinte quase não saí de perto dele. Com tudo que havia de ameaçador, tudo que havia de incertezas, eu me sentia segura e protegida nos braços dele. Não queria sair dali nunca mais. Mas aconteceu outra coisa naquele fim de semana, além da anemia de Negli, além de Chris e de mim. Uma coisa insistente, que invadia a minha sensação de calma e de segurança. Foi uma coisa que Jacobi tinha dito que me fez pensar naquilo. Uma daquelas observações lançadas ao acaso, para as quais não damos muita atenção na hora, mas que fica arquivada na nossa cabeça. E depois reaparece no momento mais improvável, com mais força e mais lógica do que antes.

Era noite de domingo. O fim de semana tinha acabado. Chris me levou para casa. Foi muito difícil me separar dele, mas eu precisava ficar um pouco sozinha, fazer um inventário do fim de semana, resolver o que ia fazer em seguida.

Desfiz minha mala, fiz chá e sentei encolhida no sofá com Sua Majestade Doçura. Minha cabeça viajou para o caso dos assassinatos.

Nicholas Jenks estava no passado agora. Havia apenas os inúmeros relatórios para preencher. Ele continuava a afirmar que aquilo era armação contra ele. Apenas mais loucura, mais mentiras.

E foi aí que as palavras de Jacobi se intrometeram.

Boa prisão, ele disse terça-feira de manhã.

Ele estava com aquele olhar persistente, irritante. Só não esqueça, ele gritou para mim, que foi o rastreamento do champanhe que a levou para o caminho certo...

Por que acha que Jenks deixou aquele champanhe?

Eu nem estava prestando atenção. Jenks estava preso. O caso fechado. Eu pensava na noite anterior e em Chris. Parei na escada e virei para ele.

- Eu não sei, Warren. Nós já conversamos sobre isso.

A pressão do momento, talvez.

- Tem razão - ele disse. - Deve ter sido por isso que não enrolou o paletó e levou com ele também.

Olhei para ele na hora, indagando: Por que estamos falando disso agora? Jenks precisava de um paletó de smoking limpo para sair do hotel sem que ninguém percebesse.

E, de qualquer maneira, a identificação do DNA do pêlo da barba tornava aquela conversa meramente acadêmica.

Foi então que Jacobi perguntou:

- Você leu o livro todo?

- Que livro ?

- O livro do Jenks: *Altvays a Bridesmaid*.

- As partes que importam - respondi. - Por quê?

- Eu não sei - ele disse -, é que fiquei embatucado.

Como já disse, minha mulher é fã dele. Há algumas cópias do manuscrito por aí, por isso

levei um para casa. E achei interessante como termina.

Olhei para ele sem entender aonde tudo isso ia dar.

- Foi tudo armado - disse Jacobi. - Esse cara, Phillip Campbell, ele escapa. Faz com que os crimes sejam atribuídos a outra pessoa.

Dias depois, as palavras de Warren voltaram sorradeiras à minha cabeça. Uma armação. Ele faz com que os crimes sejam atribuídos a outra pessoa.

Mas disse a mim mesma que era ridículo até imaginar esse cenário, ficar pensando nisso. Tudo era muito concreto, não havia nenhuma ponta solta.

Armação, pensei outra vez.

- Devo ser uma idiota - eu pensei em voz alta. - Jenks está se agarrando a qualquer coisa para conseguir escapar dessa.

Levantei do sofá, levei meu chá para o banheiro e lavei o rosto.

De manhã eu ia contar da minha doença para Cheery. Ainda tinha algum tempo. Ia encarar isso. Agora que o caso estava fechado, era a hora certa. Agora que o caso estava fechado!

Fui para o quarto, tirei as etiquetas de uma camiseta "A Little Bit of Heaven" que Chris tinha comprado para mim. Deitei na cama e Martha se aproximou para o seu carinho de boa-noite.

Comecei a lembrar-me do fim de semana. Fechei os olhos. Mal podia esperar para contar às meninas.

Então pensei numa coisa de repente. Sentei de um pulo, como se tivesse acordado de um pesadelo. E fiquei tensa.

-Ah, não! Meu Deus, não! - sussurrei.

Quando Jenks me atacou na casa dele, ele deu o soco com a mão esquerda.

Quando me ofereceu um drinque, pegou a garrafa com a mão esquerda.

Impossível, pensei. Isso não pode estar acontecendo.

Claire tinha certeza de que o assassino de David Brandt era destro.

CAPÍTULO 103

JILL, CLAIRE E CINDY OLHARAM PARA MIM COMO SE EU ESTIVESSE louca. As palavras mal tinham saído da minha boca:

- E se Jenks estiver dizendo a verdade? E se alguém estiver mesmo querendo incriminá-lo?

- Isso é absurdo! - retrucou Jill. - Jenks está desesperado e não é tão inteligente assim. Nós o pegamos!

- Não acredito que você esteja dizendo isso - exclamou Cindy. - Foi você que o encontrou. Foi você que montou o caso contra ele.

- Eu sei. Sei que parece loucura. E espero que seja loucura mesmo. Mas prestem atenção.

Contei o que Jacobi tinha dito sobre o livro, depois a revelação de que Jenks era canhoto.

- Não prova nada - disse Jill.

- Eu não posso descartar a ciência, Lindsay - disse Claire, balançando a cabeça. - Nós temos a droga do DNA dele no cenário.

- Ouçam - protestei eu quero esse cara, como todo mundo. Mas agora que temos todas essas provas, bem, está tudo arrumadinho demais. O paletó, o champanhe. Jenks montou assassinatos complicados em seus livros. Por que deixaria provas nas cenas dos crimes?

- Porque ele é doente, Lindsay. Porque é um filho-da-mãe arrogante, que tem ligação com os três crimes.

Jill balançou a cabeça concordando.

- Ele é escritor. Na prática mesmo, é um amador. Ele simplesmente meteu os pés pelas mãos.

- Você viu a reação dele, Jill. Foi mais profunda do que simples desespero. Eu já vi assassinos no corredor da morte que continuavam negando. Nesse caso foi mais inquietante. Mais como incredulidade.

Jill se levantou, olhando para mim com seus olhos azuis gelados.

- Por quê, Lindsay, por que essa súbita mudança de idéia?

Pela primeira vez me senti sozinha e distante das pessoas em quem mais confiava.

- Ninguém poderia odiar mais esse homem do que eu - declarei. - Eu o cacei. Eu vi o que ele fez com aquelas mulheres. - Virei para Claire. - Você disse que o assassino era destro.

- Provavelmente destro - Claire corrigiu.

- E se ele simplesmente segurou a faca com a outra mão? - propôs Cindy.

- Cindy, se você fosse matar alguém - eu disse -, alguém maior e mais forte do que você, daria o golpe com sua mão mais fraca?

- Talvez não - disse Jill -, mas você está jogando tudo isso diante de fatos. Provas e razão, Lindsay. Todas as coisas que batalhamos para reunir.

O que você está jogando na mesa agora é uma série de hipóteses: Jenks segura a garrafa com a mão esquerda; Phillip Campbell, no fim do livro, arma para outra pessoa.

Lindsay, nós temos o cara ligado a três assassinatos duplos. Preciso da sua firmeza nisso. - O queixo dela tremia. - Preciso do seu testemunho.

Eu não soube como me defender. Eu queria prender Jenks como todas elas. Mais ainda. Mas agora, depois de ter tanta certeza, não podia descartar aquela dúvida repentina.

Tínhamos apanhado o homem certo?

- Nós ainda não encontramos a arma - eu disse a Jill.

- Não precisamos da arma, Lindsay. Temos o pêlo dele dentro de uma das vítimas!

De repente percebemos que as pessoas das outras mesas estavam olhando para nós. Jill se calou e recostou no banco. Claire pôs o braço nos meus ombros.

Eu dei um suspiro e encostei na almofada do banco. Por fim Cindy disse:

- Nós apoiamos você o tempo todo. Não vamos abandoná-la agora.

Jill balançou a cabeça.

- Meninas, vocês querem que eu o solte, enquanto reabrimos o caso? Se não o julgarmos aqui, Cleveland vai julgá-lo lá.

- Eu não quero que você libere Jenks - eu disse. - Só quero ter cem por cento de certeza.

- Eu tenho certeza - respondeu Jill, com os olhos flamejando.

Olhei para Claire e até a expressão dela era de ceticismo.

- Há um monte de provas físicas que deixam o caso bem claro.

- Se isso vazar - avisou Jill -, você pode jogar minha carreira fora junto com o cocô do gato. Bennet quer o sangue desse cara nas paredes do tribunal.

- Veja por esse ângulo - disse Cindy, dando risada -, se Lindsay estiver certa e você mandar Jenks para a prisão, vão estudar o caso dele como exemplo de "como não fazer" nos próximos vinte anos.

Confusas, nós nos entreolhamos. Era como se olhássemos para os cacos de algum vaso quebrado, insubstituível.

- Então está certo; se não foi ele - disse Claire suspirando -, como vamos provar quem foi?

Foi como se tudo voltasse à estaca zero - de volta ao primeiro crime. Eu me senti péssima.

- O que foi que ligou nossa suspeita ao Jenks? - perguntei.

- O pêlo - disse Claire.

- Não exatamente. Tivemos de chegar a ele antes de saber de quem era.

- Merrill Shortley - disse Jill. - Jenks e Merrill? Você acha?

Balancei a cabeça.

- Nós ainda precisávamos de mais uma coisa para prendê-lo.

Cindy disse:

- Always a Bridesmaid. A primeira mulher dele.

Fiz que sim com a cabeça lentamente enquanto saía do Susie's.

CAPÍTULO 104

PASSEI OS PRÓXIMOS DIAS REVENDO TUDO QUE TÍNHAMOS SOBRE Joanna Wade.

Primeiro reli a queixa doméstica que ela registrou contra Jenks. Vi as fotos de Joanna tiradas na delegacia, com hematomas, o rosto inchado. Li o relato do policial sobre o que encontraram na cena. Briga e gritaria. Jenks golpeando violentamente, claramente enfurecido. Ele teve de ser detido e resistiu à prisão.

O relatório foi assinado por dois policiais da Northern. Samuel Delgado e Anthony Faziola.

No dia seguinte fui procurar de novo o ex-agente de Jenks, Greg

Marks. Ele ficou ainda mais surpreso com a minha visita depois que eu disse que estava lá para tratar de um aspecto diferente do passado de Jenks.

- Joanna? - ele perguntou com um sorriso, achando graça. - Julga mal os homens, inspetora, mas tem um senso de oportunidade pior ainda.

Ele explicou que o divórcio deles só se concretizou finalmente seis meses antes de Crossed Wire fazer sucesso. Ele disse que o livro vendeu quase um milhão de exemplares, só o de capa dura.

- Ter de suportar Nicholas em todos aqueles anos de vacas magras e depois sair com pouco mais do que o dinheiro do táxi...

- Ele balançou a cabeça.

- O acordo foi uma miséria comparado com o que teria sido se tivessem se divorciado um ano depois.

O que ele me contou pintou um quadro diferente da mulher que eu tinha conhecido na academia de ginástica. Ela parecia ter superado tudo aquilo.

- Ela se sentiu usada e jogada fora como uma mala velha. Joanna o sustentou enquanto ele estudava, sustentou quando começou a escrever. Quando Nick se deu mal na faculdade de direito, ela até voltou para o antigo emprego.

- E depois - eu perguntei -, ela continuou a odiá-lo?

- Acho que ela continuou tentando processá-lo. Depois que se separaram, ela quis processá-lo para poder receber ganhos futuros. Omissão, quebra de contrato. Qualquer coisa que encontrasse.

Senti pena de Joanna Wade. Mas será que isso seria suficiente para levá-la àquele tipo de vingança? Será que podia fazer com que ela matasse seis pessoas?

No dia seguinte obtive uma cópia do processo de divórcio dos registros municipais. Tive a sensação de que foi um caso especialmente amargo. Ela queria uma pensão de três milhões de dólares contra ganhos futuros. Acabou com cinco mil por mês, podendo chegar até dez mil, se a renda de Jenks aumentasse substancialmente.

Não pude acreditar na bizarra transformação que começava a acontecer na minha cabeça.

Foi Joanna a primeira pessoa que mencionou o livro. Era ela que se sentia enganada, vilipendiada e que tinha um ressentimento bem mais profundo do que demonstrou.

Joanna, a professora de Tae-Bo, suficientemente forte para derrubar um homem, com o dobro do seu tamanho. Que tinha até acesso à casa de Jenks.

Parecia loucura pensar aquilo. Era mais do que ridículo... era impossível.

Os assassinatos foram cometidos por um homem, por Nicholas Jenks.

CAPÍTULO 105

NO DIA SEGUINTE, ENQUANTO COMÍAMOS CACHORRO-QUENTE E pretzels na frente da prefeitura, contei a Chris o que tinha descoberto.

A expressão dele foi bem parecida com a das meninas dias antes.

Chocado, confuso, incrédulo. Mas ele não negou qualquer possibilidade.

- Ela podia ter armado a coisa toda - eu disse. - Ela conhecia o livro. Fez propaganda dele para que nós o encontrássemos.

Ela conhecia o gosto de Jenks, de champanhe, roupas, sabia do envolvimento dele com a Sparrow Ridge. E até tinha acesso à casa dele.

- Posso até me convencer disso - ele disse -, mas esses assassinatos foram cometidos por um homem. Jenks, Lindsay. Temos o homem até em vídeo.

- Ou alguém disfarçado para parecer Jenks. Todas as imagens dele foram inconclusivas.

- Lindsay, ele foi identificado pelo DNA.

- Conversei com os policiais que foram à casa dele quando ele surrou Joanna - eu insisti.

- Eles disseram que Jenks estava enfurecido sim, mas que ela retribuía na mesma moeda, com a mesma força. Tiveram de algemá-la quando a levaram no carro.

- Ela retirou a queixa, Lindsay. Ela se cansou de ser agredida e violentada. Pode não ter recebido o que merecia, mas Joanna se livrou dele e começou uma nova vida.

- Mas é exatamente isso, Chris. Ela não se livrou dele, Jenks é que acabou com ela. Ela sacrificou tudo por Jenks. Marks a descreveu como o modelo perfeito da co-dependência.

Percebi que Chris queria acreditar, mas ainda não estava convencido. Eu tinha posto um homem na cadeia com provas quase irrefutáveis contra ele. E ali estava eu, desfazendo tudo. O que estava acontecendo comigo?

Então, sem mais nem menos, lembrei uma coisa, que tinha arquivado na mente há muito tempo. Laurie Birnbaum, a testemunha do casamento dos Brandt. A descrição que ela deu do homem que viu. Alguma coisa estranha... A barba fazia com que parecesse mais velho, mas o resto dele era jovem.

Joanna Wade, altura média, destra, instrutora de Tae-Bo, era suficientemente forte para enfrentar um homem com o dobro do seu tamanho. E usar a pistola nove milímetros do Jenks. Ele disse que não via a arma há anos. Na casa de Montana... Os registros provavam que ele tinha comprado a pistola há dez anos. Quando estava casado com Joanna.

- Você precisava vê-la - eu disse, com toda a convicção. - Ela é bastante forte para enfrentar qualquer um de nós. E o único elo que sabia de tudo, do champanhe, das roupas, do livro Always a Bridesmaid. Ela teve os meios para executar tudo isso. As fotos, quem o viu, nada era conclusivo. E se foi ela, Chris?

Eu estava segurando a mão dele, minha cabeça a mil com as possibilidades, quando senti de repente um aperto horrível no peito.

Pensei que era o choque do que acabava de propor, mas foi um baque com a velocidade de um trem.

Vertigem, náusea. Subiu do meu estômago para a cabeça.

- Lindsay? - disse Chris e senti que ele segurou meu ombro.

- Estou me sentindo estranha - murmurei.

Uma onda de calor, suor e depois uma tontura terrível. Como se exércitos marchassem direto para o meu peito.

- Lindsay? - ele chamou outra vez, dessa vez realmente preocupado.

Encostei nele. Aquela sensação foi a mais estranha e assustadora.

Sentia que perdia as forças e que logo depois elas voltavam. Ficava lúcida e depois zonza de novo.

Via Chris e depois não via nada.

Eu vi quem matou as noivas e os noivos. E depois a imagem desapareceu.

Senti que estava caindo na calçada.

CAPÍTULO 106

RECOBREI A CONSCIÊNCIA NUM BANCO DE MADEIRA DO PARQUE, nos braços de Chris. Ele me apertava enquanto minha força voltava.

Orentjaler tinha me avisado. Era o terceiro estágio. Tempo de desgaste total no meu corpo.

Não sabia o que me deixava mais apreensiva. Se era fazer a quimioterapia e me preparar para um transplante de medula óssea ou sentir a minha força devorada por dentro.

Eu não podia deixar isso vencer.

- Estou bem - disse a Chris e minha voz estava mais forte. - Disseram para eu esperar esse tipo de reação.

- Você está exagerando, Lindsay. Agora está falando de abrir uma investigação nova.

Respirei bem fundo e fiz que sim com a cabeça.

- Só preciso de força para terminar isso.

Ficamos lá sentados um tempo. Senti que a cor voltava ao meu rosto, a força nos braços e pernas também melhorava. Chris me abraçou e segurou com ternura. Devíamos estar parecendo amantes à procura de um pouco de privacidade num lugar público.

Ele acabou dizendo:

- O que estava descrevendo, Lindsay, sobre a Joanna, você realmente pensa que é verdade?

Tudo ainda podia dar em nada. Ela não mentiu sobre a separação do Jenks. Nem sobre seu atual relacionamento com ele e com Chessy. Será que ocultava um ódio amargo?

Tinha conhecimento e tinha os meios.

- Acho que o assassino ainda está solto por aí - eu disse.

CAPÍTULO 107

RESOLVI ASSUMIR UM RISCO MAIOR AINDA. SE ESTIVESSE ENGANADA, ia detonar todo o meu caso.

Resolvi expor o que eu suspeitava ao próprio Jenks.

Encontrei-o na mesma sala de visita. Ele estava com seu advogado, Leff. Ele não queria a reunião porque estava convencido de que não havia mais por que conversar com a polícia. E eu não quis revelar minha verdadeira intenção e acabar alimentando os argumentos de defesa deles se estivesse enganada.

Jenks parecia abatido, quase deprimido. A aparência tranqüila e meticulosa havia deteriorado e agora ele estava nervoso, desarrumado, com a barba por fazer.

- O que a senhora quer agora? - ele disse com desprezo e sem olhar nos meus olhos.

- Eu quero saber se o senhor lembrou de alguém que quisesse vê-lo aqui dentro - eu disse.

- Pregando a tampa do meu caixão? - ele disse, com um sorriso triste.

- Digamos que para cumprir o meu dever, vou dar-lhe uma última chance de abrir essa tampa de novo.

Jenks bufou, com ceticismo.

- Sherman me disse que estou para ser processado em Napa por mais dois assassinatos.

Isso não é maravilhoso? Se esse é um oferecimento de ajuda, acho que vou me arriscar e provar sozinho.

- Não vim aqui para metê-lo numa armadilha, Sr.

Jenks. Vim para ouvir o seu lado da história.

Leff inclinou-se e cochichou no ouvido dele. Pareceu estar incentivando Jenks a falar.

O prisioneiro levantou a cabeça com um olhar furioso.

- Alguém está andando por aí, pretendendo se fazer passar por mim, alguém que conhece meu primeiro livro. Essa pessoa também quer me ver sofrer.

É tão difícil assim entender?

- Estou disposta a ouvir nomes - eu disse.

- Greg Marks.

- Seu antigo agente?

- Ele acha que eu lhe devo minha carreira. Custei milhões para ele. Desde que eu o deixei ele não arranjou nenhum cliente que valha a pena. E ele é violento. Marks é sócio de um clube de tiro.

- Como é que ele teria acesso às suas roupas? Ou como conseguiu uma amostra dos pêlos da sua barba?

- Vocês tratem de descobrir isso. Vocês são a polícia.

- Ele sabia que o senhor estaria em Cleveland aquela noite? Ele sabia do seu relacionamento com Kathy Kogut?

- Nick está apenas indicando - interrompeu Leff - que existem outras possibilidades, que alguém mais pode estar por trás desses crimes.

Mudei de posição na cadeira.

- Quem mais sabia do livro?

Jenks se contorceu.

- Não era uma coisa que eu andava exibindo por aí.

Uns dois amigos antigos. Minha primeira mulher, Joanna...

- Algum deles tem qualquer motivo para querer armar essa cilada?

Jenks suspirou, pouco à vontade.

- O meu divórcio, como deve saber, não foi exatamente o que chamam de consensual.

Sem dúvida houve um tempo em que Joanna teria muito prazer em me ver numa estrada deserta enquanto dirigia seu carro a cento e vinte.

Mas agora que ela se recuperou, que tem uma nova vida, agora que até conhece Chessy... acho que não. Não é Joanna. Pode acreditar em mim.

Ignorei essa observação e olhei bem nos olhos dele.

- O senhor me disse que sua ex-mulher tinha estado na sua casa.

- Acho que uma ou duas vezes.

- Então ela teria acesso a certas coisas. Talvez ao champanhe? Talvez ela tenha estado no seu closet?

Jenks pareceu pensar na possibilidade um pouco, depois deu um sorriso zombeteiro.

- Impossível. Não. Não é a Joanna.

- Como pode ter tanta certeza?

O jeito dele olhar para mim foi como se estivesse fazendo uma afirmação óbvia.

- Joanna me amava. E ainda me ama. Por que pensa que ela continua por perto, alimenta uma amizade com a minha nova mulher?

Porque sente saudade da vista lá de casa? É porque não consegue substituir o que dei para ela. O amor que senti por ela. Ela fica vazia sem mim.

"O que a senhora acha?", ele debochou. "Que Joanna guarda amostras dos meus pêlos num vidro desde que nos divorciamos?"

Ele ficou lá parado, cofiando a barba, enquanto a certeza em sua expressão se dissolvia numa pontinha de possibilidade.

- Alguém está a fim de me ferrar... mas Joanna... ela era apenas uma funcionariazinha quando a conheci. Não sabia distinguir Ralph Lauren de JCPenneys.

Eu lhe dei auto-estima. Eu me dediquei a ela e ela a mim. Ela se sacrificou por mim e até teve dois empregos quando eu resolvi escrever.

Era difícil pensar que Jenks podia ser algo além do cruel filho-da-mãe responsável por esses crimes horríveis, mas eu insisti.

- O senhor disse que o smoking era velho. Nem o reconheceu. E a arma, Sr. Jenks, a nove milímetros? O senhor disse que não a via há anos e pensava que estava guardada em algum lugar da sua casa em Montana. Tem mesmo certeza de que isso não pode estar sendo planejado há algum tempo?

Vi que Jenks mudou sutilmente sua expressão quando chegou à conclusão de que era impossível.

- O senhor disse que, quando começou a escrever, Joanna pegou um segundo emprego para ajudar a sustentá-lo. Que tipo de emprego era esse?

Jenks olhou para o teto e então lembrou:

- Ela trabalhou na Saks.

CAPÍTULO 108

LENTA E IRREMEDIAVELMENTE, EU ESTAVA COMEÇANDO A SENTIR que estávamos no bonde errado, seguindo o caminho errado.

Contra toda a lógica, eu ficava cada vez mais certa de que Nicholas Jenks podia não ser o assassino. Minha nossa!

Eu tinha de resolver o que fazer. Jenks algemado era a foto principal tanto da Time como da Newsweek. Ele ia ser indiciado em Napa por mais dois assassinatos no dia seguinte. Talvez fosse melhor eu ficar mesmo nesse bonde errado, sair da cidade e nunca mais pôr os pés em San Francisco.

Reuni as meninas. Contei-lhes todo o mosaico que começava a se formar claramente. A disputa amarga sobre o divórcio, a sensação que Joanna tinha de ter sido descartada, jogada fora, o acesso direto que tinha às vítimas através dos seus contatos na Saks.

- Ela era assistente da gerente da loja - disse a elas. - Coincidência?

- Dê-me provas - disse Jill. - Porque, por enquanto, tenho provas contra Nick Jenks.

Todas as provas de que preciso.

Eu percebi a preocupação e a frustração na voz dela. O país inteiro estava acompanhando esse caso, vendo todos os movimentos dela. Nós nos esforçamos muito para vender para Mercer e para o patrão dela, Sinclair, a idéia de que o criminoso era Jenks. Para agora, depois disso tudo, propor uma nova teoria e apresentar um novo suspeito...

- Autorize uma busca - eu disse a Jill. - Na casa de Joanna Wade. Tem de haver alguma coisa lá. As alianças que sumiram, uma arma, detalhes sobre as vítimas. É o único jeito de pegá-la.

- Autorizar a busca com que argumento, baseado em quê? Suspeita de novas provas? Não posso fazer isso sem reabrir esse caso completamente de novo. Se dermos qualquer idéia de que não temos certeza, como poderei convencer o júri?

- Poderíamos verificar onde ela trabalhava - propôs Cindy. - Para ver se ela tinha acesso específico às informações sobre as noivas.

- Isso é circunstancial. É besteira - exclamou Jill.

- Uma das minhas vizinhas trabalha na Saks. Então talvez ela seja a assassina.

- Você não pode levar isso adiante - argumentou Cindy - se ainda temos alguma dúvida.

- Vocês têm dúvida - disse Jill. - O que eu tenho é tudo em ordem para uma condenação perfeita. Para você, é uma história, você segue o caminho para onde ela leva. Mas minha carreira inteira está em jogo.

Cindy ficou espantada.

- Você pensa que estou aqui só por causa da história?

Acha que me concentrei em cada pista, fiquei desesperada porque não podia publicar, tudo isso para acabar tendo o direito autoral do livro?

- Parem com isso, meninas - disse Claire, pondo o braço no ombro de Cindy. - Temos de ficar juntas nisso.

Aos poucos os olhos azuis intensos de Jill ficaram mais suaves. Ela virou para Cindy.

- Desculpe - ela disse. - É só que, quando isso for divulgado, Leff vai poder plantar

dúvidas enormes na cabeça dos jurados.

- Mas não podemos recuar agora só porque é uma tática ruim - disse Claire. - Pode mesmo haver um assassino à solta por aí, um assassino em série.

- Assine um mandado de busca - eu disse a Jill. - Faça isso, Jill, por favor.

Nunca vi Jill ficar tão aborrecida. Tudo que tinha conquistado em sua carreira, tudo que defendia, estava sendo colocado em jogo. Ela balançou a cabeça.

- Vamos experimentar do jeito da Cindy. Começamos com a Saks, verificamos a Joanna lá.

- Obrigada, Jill - eu disse. - Você é o máximo.

Ela suspirou resignada.

- Descubram se ela teve algum contato com qualquer pessoa que tinha acesso aos nomes. Liguem Joanna a esses nomes e eu dou o que vocês querem.

Mas se não conseguirem isso, podem se preparar para fritar Jenks.

Do outro lado da mesa estendi o braço e segurei a mão dela. Ela apertou a minha.

Trocamos sorrisos nervosos.

E finalmente Jill brincou:

- Pessoalmente, espero que vocês todas voltem com a peça mais quente para aparecer no próximo catálogo de Natal.

Claire deu uma gargalhada.

- É, isso não seria perda total, seria?

capítulo 109

No DIA SEGUINTE, O DIA EM QUE NICHOLAS JENKS DEVIA SER indiciado pelos assassinatos de Rebecca e Michael DeGeorge, parti para caçar um novo assassino.

Não podia deixar Jenks saber que estávamos tão interessados em Joanna. E claro que eu também não queria que Joanna soubesse que concentrávamos nossas suspeitas nela. E não queria enfrentar as reações de Mercer e de Roth.

Com tudo isso acontecendo, era também meu dia de consulta com Medved. Depois daquele desmaio no parque com Chris três dias antes, eu fui fazer um hemograma.

Foi o próprio Medved que me telefonou e disse que queria que eu fosse lá. Ser chamada assim de novo me deixou muito assustada. Como aquela primeira vez com o Dr.

Roy.

Naquela manhã o Dr. Medved me deixou esperando. Quando finalmente me chamou, havia outro médico no consultório dele, mais velho, de cabelo branco e sobrancelhas hirsutas e também brancas. Ele se apresentou como Dr. Robert Yatto.

A visão de outro médico me deixou arrepiada. Ele só podia estar lá para conversar comigo sobre o transplante de medula.

- O Dr. Yatto é o chefe da hematologia do Moffett - disse Medved. - Pedi para ele dar uma olhada no seu último exame.

Yatto sorriu.

- Como está se sentindo, Lindsay?

- As vezes estou bem, outras vezes incrivelmente fraca - respondi.

Estava com o coração apertado. Por que eu tinha de passar por isso com outra pessoa?

- Fale-me sobre o outro dia, quando desmaiou.

Fiz o melhor possível para contar a tontura que senti no Parque City Hall.

- Alguma emissão de sangue? - perguntou Yatto tranquilamente.

- Não, ultimamente não.

- Vômito?

- Desde a semana passada, não.

O Dr. Yatto se levantou e se aproximou de mim.

- Posso? - ele perguntou quando segurou meu rosto com as duas mãos.

Ele apertou minhas bochechas com os polegares sem mudar de expressão, puxou para baixo a pele dos olhos e espiou minhas pupilas, embaixo das pálpebras.

- Sei que estou piorando - eu disse.

Yatto soltou o meu rosto e meneou a cabeça para Medved.

Então, pela primeira vez desde que comecei a ter consultas com ele, Medved sorriu de verdade.

- Não está piorando, Lindsay. Foi por isso que pedi uma avaliação do Bob. Sua contagem de eritrócitos deu um salto para cima. Para dois mil e oitocentos.

Levei um susto e olhei duas vezes para me certificar de que tinha escutado direito. Que não era algum tipo de sonho otimista que eu estava exibindo na minha cabeça.

- Mas a tontura... e as ondas de calor e de frio?

Outro dia senti que havia uma guerra dentro de mim.

- Mas há uma guerra - disse o Dr. Yatto. - Você está

reproduzindo células. Nesse outro dia, não era a anemia se manifestando. Era você. Essa é a sensação da cura.

Fiquei atônita. Com a garganta seca.

- Pode repetir isso?

- Está funcionando, Lindsay - disse Medved. - A sua contagem de hemácias aumentou pela segunda vez seguida. Eu não queria contar a você, caso fosse um erro, mas como disse o Dr. Yatto, você está produzindo novas células.

Eu não sabia se ria ou chorava.

- Isso é verdade? Posso acreditar nisso? - perguntei.

- Isso é muito verdade - disse Medved, balançando a cabeça.

Eu me levantei com o corpo todo tremendo, formigando, sem acreditar. Por um momento todas as alegrias que eu havia suprimido - uma chance na minha carreira, correr no Marina Green, uma vida com Chris... tudo isso passou pela minha cabeça. Tinha passado muito tempo com medo de liberar essas idéias. Agora parecia que transbordavam de mim.

Medved se adiantou e avisou:

- Você não está curada, Lindsay. Vamos continuar o tratamento, duas vezes por semana. Mas isso é uma esperança. Mais do que uma esperança, Lindsay.

Isso é bom.

- Não sei o que dizer. - Eu estava paralisada. - Não sei o que fazer.

- Se eu fosse você - disse o Dr. Yatto -, pensaria no que deve ter achado que ia sentir mais falta, e faria isso hoje mesmo.

Saí do consultório completamente zozona. Desci no elevador, atravessei o saguão do hospital e cheguei a um jardim florido com vista para o Parque Golden Gate.

O céu estava mais azul do que eu tinha visto em toda a minha vida, o vento que chegava da baía mais doce e mais fresco e mais puro. Fiquei lá parada, só ouvindo os lindos sons da minha respiração.

Alguma coisa que estava longe voltou à minha vida, algo que nunca pensei que teria de novo.

Esperança.

CAPÍTULO 110

- TENHO UMA COISA PARA TE CONTAR - EU DISSE A CHRIS AO telefone, com urgência na voz - Pode almoçar comigo?

- Claro. Lógico que sim. Onde?

Ele devia estar achando que eu tinha alguma notícia sobre o caso.

- Casa Boxer - eu disse, sorrindo.

- É tão urgente assim? - Chris deu risada. - Acho que estou começando a exercer um efeito nocivo em você. A que horas?

- Estou te esperando agora.

Ele levou menos de quinze minutos para chegar à minha porta. Eu tinha parado na panificação Nestor's no caminho para comprar uns pães frescos com canela. E abri uma garrafa de Piper-Heidsieck que tinha guardado na geladeira.

Nunca, em seis anos, eu havia cabulado um caso no meio da tarde.

Especialmente um caso daquela magnitude. Mas não sentia remorso algum, nenhum mesmo. Pensava no jeito mais louco de dar a boa notícia.

Encontrei-o na porta, enrolada num lençol. Os grandes olhos azuis de Chris se arregalaram de surpresa.

- Preciso ver sua identidade - eu disse com um sorriso de orelha a orelha.

- Você andou bebendo? - ele disse.

- Não, mas vamos começar logo.

Puxei-o para o quarto. Quando viu o champanhe, Chris balançou a cabeça.

- O que você quer me contar?

- Depois - eu disse.

Servi um copo para Chris e comecei a desabotoar a camisa dele.

- Mas pode acreditar que é bom.

- É o seu aniversário? - ele disse sorrindo.

Deixei cair o lençol.

- Eu nunca faria isso apenas pelo meu aniversário.

- É o meu aniversário, então.

- Não pergunte. Eu conto mais tarde.

- Você desvendou o caso! - ele exclamou. - Foi a Joanna. Você descobriu alguma coisa que resolveu esse caso.

Pus os dedos nos lábios dele.

- Diga que você me ama.

- Eu te amo - ele disse.

- Diga de novo, como fez em Heavenly. Diga que nunca vai me deixar.

Talvez ele tenha sentido que era a anemia de Negli falando, alguma histeria louca, ou só que eu precisava de carinho. Ele me abraçou.

- Não vou deixar você, Lindsay. Estou bem aqui.

Tirei a camisa dele... devagar, bem devagar... depois a calça. Ele devia estar se sentindo como o garoto de entregas que deu de cara com uma boa transa. Estava ereto como uma rocha.

Encostei a taça de champanhe nos lábios dele e nós dois bebemos.

- Tudo bem, eu vou nessa. Não deve ser muito difícil - ele disse.

Eu o puxei para a cama e na hora seguinte fizemos o que eu sabia que mais sentiria falta no mundo.

Estávamos no meio dos "procedimentos" quando senti o primeiro ronco terrível.

Não início foi muito estranho, como se a cama tivesse acelerado e balançasse mais rápido do que os nossos movimentos. Depois ouvi um barulho profundo de algo rangendo que vinha de todos os lados, como se estivéssemos numa câmara de eco, e então o ruído de vidro quebrando... a minha cozinha, um quadro caindo da parede... e então eu soube, nós dois soubemos.

- E uma porra de um terremoto - eu disse.

Já tinha passado por muitos assim, qualquer pessoa que morasse ali teria, mas todas as vezes era um susto e apavorante. Nunca sabíamos se esse seria O Grande Terremoto.

Não foi. O quarto tremeu, alguns pratos quebraram. Lá fora escutei buzinas e alarmes dos carros. A coisa toda durou talvez vinte segundos, foram dois, três ou quatro tremores vibrantes.

Corri para a janela. A cidade continuava lá. Ouvi um ronco, como se uma gigantesca baleia rompesse o chão.

E então tudo parou. E foi aquela sensação de insegurança, como se a cidade inteira se apoiasse para manter o equilíbrio.

Ouvi sirenes e o barulho de vozes berrando na rua.

- Acho que devemos ir...? - perguntei.

- Talvez... somos policiais. - Ele tocou em mim de novo e de repente meu corpo todo reagiu, nós nos misturamos nos braços um do outro.

- Ora bolas, mas nós somos da Homicídios...

Nós nos beijamos e mais uma vez nos juntamos numa forma única e ininterrupta. Comecei a rir. A lista, pensei. O camarote. Agora um terremoto. A história desse idiota está ficando bastante longa.

Meu pager bipou. Eu xinguei, rolei para o lado e olhei para a tela.

Era da delegacia.

- Código um onze - disse a Chris.

Alerta de emergência.

- Merda - resmunguei -, é só um terremoto.

Sentei, puxei o lençol para me cobrir e peguei o telefone ao lado da cama.

Era Roth me chamando. Roth nunca me chamava. O que estava acontecendo? Transferi imediatamente para a linha dele.

- Onde você está? - ele perguntou.

- Limpando a poeira - eu disse e sorri para Chris.

- Venha para cá. Venha rápido para cá - ele rosou.

- O que está acontecendo, Sam? É por causa do terremoto?

- Não - ele respondeu. - É pior. Nicholas Jenks escapou.

CAPÍTULO 111

SENTADO E ALGEMADO NO BANCO DA VAN VOLTANDO DE NAPA, Nicholas Jenks via o olhar impassível dos patrulheiros na sua frente. Ele estava armando um plano. Pensava quanto ia custar sua liberdade.

Um milhão? Dois milhões? Afinal, quanto o idiota ganhava? Quarenta mil dólares por ano?

Ele imaginou que o policial com olhos de aço devia ser alguém acima de qualquer suspeita, cujo compromisso com seus deveres era inquestionável. Se estivesse escrevendo a história, poria ele mesmo no carro para acompanhá-lo.

Cinco milhões, então. Ele deu uma risadinha.

Se ele estivesse escrevendo. Aquela idéia possuía uma ironia fria e flagelante para ele: ele tinha escrito.

Jenks se remexeu, com os pulsos algemados, o torso amarrado ao banco. Minutos antes ele estava no tribunal de tijolos vermelhos de Santa Rosa enquanto a promotora, com seu terninho de Liz Claiborne, apontava o dedo para ele. E acusou-o diversas vezes de coisas que só uma mente cultivada como a dele poderia criar e fazer.

Coube a ele ficar olhando com frieza enquanto ela o acusava de ser aquele monstro. Algum dia ele gostaria de trancá-la na biblioteca jurídica e mostrar do que realmente era capaz.

Jenks viu de relance o céu e as montanhas queimadas de sol através da janela estreita da porta traseira e tentou descobrir onde estavam.

Novato. Chegando a Marin.

Encostou o rosto na parede de aço do camburão. Ele precisava fugir.

Se estava escrevendo aquilo, haveria sempre uma saída.

Olhou para o guarda. Então, qual é a história, Sexta-Feira? O que aconteceu depois?

- Você é casado? - ele perguntou.

O policial primeiro olhou para ele sem ver, depois meneou a cabeça.

- Filhos?

- Dois. - Ele meneou a cabeça de novo e deu um pequeno sorriso.

Por mais que tentassem resistir, ficavam sempre fascinados de conversar com o monstro. O cara que matou os recém-casados. Podiam contar para as mulheres e os amigos, justificar os miseráveis seiscentos dólares por semana que levavam para casa. Ele era uma celebridade.

- Sua mulher trabalha? - Jenks quis saber.

O policial fez que sim com a cabeça.

- É professora. De administração, da oitava série.

Administração, hein? Talvez ele fosse capaz de entender uma proposta de um negócio.

- A minha mulher também trabalhava - grunhiu Jenks. - Minha primeira mulher. No varejo. Minha atual mulher também trabalhava, na televisão. É claro que agora ela só malha.

A piada produziu uma risadinha debochada. O filho-da-mãe estava se soltando.

Jenks viu um ponto de referência que conhecia. Estavam a vinte minutos da Golden Gate. Não tinha muito tempo.

Espiou pela janela e viu a radiopatrulha que os seguia. Havia mais um na frente. E foi tomado por uma resignação amarga. Não havia saída.

Nenhuma fuga elegante.

Que acontecia nos livros dele. Aquilo era a vida real. Ele estava ferrado.

Então, sem mais nem menos, a van da polícia sacudiu violentamente.

Jenks foi jogado para a frente, para cima do guarda diante dele. Por um segundo ficou imaginando o que seria aquilo, então a van pulou de novo. Ele ouviu um ronco apavorante lá fora.

É uma porra de um terremoto.

Jenks viu o carro da polícia que ia na frente desviar para evitar outro carro. E depois derrapou para fora da estrada.

Um dos guardas gritou:

- Merda!

Mas a van continuou rodando.

Jenks girou em pânico, tentando se agarrar a alguma coisa fixa dentro do camburão. A van corcoveava e pulava.

O carro da polícia que os seguia voou numa lombada que apareceu de repente na estrada e, para espanto total, virou de lado. O motorista da van de Jenks olhou para trás, chocado.

Então subitamente o outro policial da frente berrou para o motorista parar.

Havia um supercaminhão de dezoito rodas atravessado na frente deles. E estavam indo direto para ele. A van derrapou e, quando virou a estrada, corcoveou de novo.

Eles perderam o controle, saíram voando.

Eu vou morrer aqui, pensou Nicholas Jenks. Morrer aqui, sem que ninguém saiba toda a verdade.

A van bateu nas colunas de um posto de gasolina Conoco. Parou cantando pneus e rodando de lado duas vezes. O policial na frente dele foi jogado contra a parede de metal. Ele se contorceu e gemia, olhando para Jenks.

- Não se mexa - arfou o policial.

Como é que podia se mexer? Ainda estava algemado ao banco.

Então ouviram um barulho horroroso, agudo, e os dois olharam para cima. A luminária de aço do poste sobre o posto de gasolina caiu como uma árvore e se espatifou em cima deles. Arrebentou a porta da van, pegou as costas do policial e deve tê-lo matado com o impacto.

Jenks teve certeza de que ia morrer com toda aquela fumaça, os gritos, metal retorcido.

Mas não morreu. Ele se safou. O poste abriu um buraco na lateral da van e arrancou os ferros que o prendiam no banco. Ele conseguiu se libertar mesmo com pés e mãos algemados e se arrastou pelo buraco escancarado.

Havia gente correndo nas ruas, gritando, em pânico. Motoristas paravam os carros fora da estrada, alguns tontos, outros pulando dos carros para ajudar.

Era isso! Ele sabia que se não corresse ia se lembrar daquele momento pelo resto da vida.

Nicholas Jenks se arrastou para fora da van, zozinho e desorientado.

Não viu nenhum policial. Só transeuntes apavorados. Ele saiu mancando e se misturou ao cenário caótico da rua.

Estou livre!, ele pensou, exultante.

E eu sei quem está armando para mim. A polícia não vai entender nem em um milhão de anos.

CAPÍTULO 112

CHRIS E EU LEVAMOS UNS TRÊS MINUTOS PARA NOS VESTIR E VOLTAR à delegacia. Naquela pressa toda, nem lhe dei minha notícia.

Em termos de desastre, o terremoto não foi grande coisa, a menos que você tivesse passado as últimas cinco semanas caçando o assassino mais famoso do país. A maior parte dos danos acabou se resumindo a fachadas quebradas e acidentes de trânsito ao norte da cidade, mas quando abríamos caminho no meio das hordas da imprensa no saguão do prédio, a maior notícia do terremoto estalava com a fúria de um fio desencapado:

O assassino dos noivos tinha escapado.

Nicholas Jenks conseguiu fugir depois que a van da polícia que o conduzia de volta para a cadeia capotou na periferia de Novato, resultado de um engavetamento de acidentes de carro provocado pelo abalo. O policial que guardava Jenks sofreu ferimentos fatais. Outros dois, no banco da frente da van capotada, estavam no hospital.

Um enorme centro de comando foi armado na sala em frente à de homicídios. O próprio Roth assumiu o comando. O lugar estava lotado de autoridades da cidade e, é claro, do pessoal da imprensa.

Deram um alerta geral, enviaram um boletim com a descrição de Jenks e uma foto foi distribuída para policiais dos dois lados da ponte.

Todas as saídas da cidade e os pedágios das estradas estavam sendo monitorados. O trânsito quase havia parado com as revistas. Aeroportos, hotéis e locadoras de automóveis em estado de alerta.

Como nós é que tínhamos perseguido Jenks originalmente, Raleigh e eu nos vimos no centro da busca.

Pusemos policiais vigiando a casa dele imediatamente. E mais policiais espalhados por toda a área de Sea Cliff, desde o Presidio até Lands End.

Em buscas como essa, as primeiras seis horas são cruciais. O segredo era cercar Jenks em volta do lugar onde ele tinha escapado, não deixar que entrasse em contato com alguém que pudesse ajudá-lo. Ele não tinha recursos, não tinha dinheiro, ninguém para abrigá-lo. Jenks não podia ficar ao léu, a menos que fosse muito mais habilidoso do que eu pensava que era.

A fuga me deixou chocada. O homem que eu havia caçado estava livre, mas eu também enfrentava um conflito. Será que estávamos caçando o homem certo?

Todos tinham uma teoria sobre onde ele devia estar. Na região das vinícolas, no leste, em Nevada... Eu tinha a minha teoria. Não achava que ele fosse voltar para casa. Ele era inteligente demais e não ia ganhar nada com isso.

Pedi a Ross para pegar Jacobi e Paul Chin emprestados, para seguir um palpite.

Levei Jacobi para um canto.

- Quero que você me faça um grande favor, Warren.

Pedi para ele ficar vigiando o lado de fora do apartamento de Joanna Wade na Russian Hill. Pedi para Chin fazer a mesma coisa na casa do ex-agente de Jenks, Greg Marks.

Se Jenks realmente acreditava que estavam armando para ele, talvez fosse para um desses dois lugares.

Jacobi olhou para mim como se eu o estivesse mandando seguir outra pista como a do champanhe. Todo o corpo de inspetores estava seguindo pistas.

- Que droga, Lindsay... por quê?

Eu precisava que ele confiasse em mim.

- Porque também achei engraçado - eu disse, implorando pelo apoio dele - que Jenks deixasse aquele maldito paletó

de smoking na cena do crime.

Eu acho que ele pode ir atrás da Joanna. Confie em mim nessa.

Com Warren e Paul Chin em seus devidos lugares, a única coisa que eu podia fazer era monitorar as comunicações por rádio. Seis horas de busca e nenhum sinal de Nicholas Jenks ainda.

CAPÍTULO 113

POR VOLTA DAS QUATRO HORAS VI JILL NO MEIO DA MULTIDÃO que se reunia do lado de fora da minha sala. Ela parecia pronta para matar alguém, provavelmente a mim.

- Ainda bem que você está aqui - eu disse e a agarrei. - Por favor, Jill, confie em mim.

- Cindy está lá embaixo - ela disse. - Vamos conversar.

Saímos nos esgueirando e conseguimos encontrar Cindy no meio de um monte de repórteres que grudavam em qualquer pessoa que descesse do terceiro andar. Chamamos Claire e em cinco minutos estávamos sentadas em volta de uma mesa num café naquele quarteirão mesmo. A fuga de Jenks tinha provocado a maior confusão em todas as minhas especulações.

- Você ainda acredita que ele é inocente? - Jill tocou na questão imediatamente.

- Depende de onde ele aparecer; informei às três que havia posto homens na casa de Greg Marks e de Joanna Wade.

- Mesmo depois disso? - Jill balançou a cabeça e parecia sem paciência nenhuma. -

Homens inocentes não fogem da custódia da polícia, Lindsay.

- Homens inocentes podem fugir sim - eu disse -, se não acreditarem que o sistema está sendo justo!

Claire olhou em volta e engoliu em seco, nervosa.

- Senhoras, estou percebendo que estamos entrando num território muito sensível aqui, não é? Temos uma caçada humana tentando encontrar Jenks, ele pode ser alvejado quando o virem e, ao mesmo tempo, estamos falando de procurar montar um caso contra outra pessoa. Se isso sair, cabeças vão rolar. E estou olhando para algumas dessas belas cabecinhas agora mesmo.

- Se você realmente acredita nisso, Lindsay, tem de falar com alguém - Jill me instruiu.

- Com Roth. Com Mercer.

- Mercer não está aqui. E neste momento estão todos concentrados em localizar Jenks.

De qualquer modo, quem é que ia acreditar numa coisa dessas?

Como você diz, tudo que eu tenho é um punhado de hipóteses.

- Já contou ao Raleigh? - perguntou Claire.

Fiz que sim com a cabeça.

- O que ele acha?

- Neste momento ele não consegue dar a volta na idéia do pêlo. A fuga de Jenks não ajuda o meu caso.

- Eu sabia que tinha alguma coisa de que eu gostava naquele cara. - Jill finalmente deu um sorrisinho.

Olhei para Claire pedindo apoio.

- É difícil defender o seu lado das coisas, Lindsay - ela disse, suspirando. - Só que os seus instintos costumam ser muito bons.

- Então vamos para cima de Joanna como Lindsay propôs - disse Cindy.

Quanto mais a via, mais gostava de Cindy.

As coisas tinham ficado de repente muito complicadas quanto às responsabilidades. Virei para Claire.

- Tem alguma coisa que podemos ter deixado passar e que poderia implicar Joanna?
Ela balançou a cabeça.

- Já vimos tudo isso. Todas as provas apontam diretamente para Nicholas Jenks.

- Claire, estou falando de alguma coisa que estava lá, bem diante dos nossos narizes, e que simplesmente não vimos.

- Quero estar do seu lado nisso, Lindsay - disse Claire -, mas já repassamos tudo. Tudo mesmo.

- Tem de haver alguma coisa. Alguma coisa que nos diga que o assassino é homem ou mulher. Se Joanna fez isso, ela não é diferente de qualquer assassino que eu caiei e descobri. Ela deixou alguma coisa. Mas nós simplesmente não vimos. Jenks deixou... ou alguém deixou por ele... e nós o encontramos.

- E devíamos estar procurando Jenks agora mesmo - insistiu Jill -, antes de acabar tendo de investigar a morte do casal número quatro.

Eu me senti sozinha, mas não ia me render. Não seria direito.

- Por favor - implorei a Claire -, repasse tudo comigo mais uma vez. Acho que pegamos o homem errado.

CAPÍTULO 114

SOB A LUZ DO ESPELHO DE CAMARIM, A ASSASSINA ESTAVA HIPNOTIZADA pelos olhos suaves e azuis que iam ficar cinzentos.

A primeira coisa era pintar o cabelo até todo o louro sair, depois escovar para trás, liso, cem vezes, até perder todo o brilho.

- Você me forçou a isso - ela disse para o rosto mutante. - Forçou-me a aparecer mais uma vez. Eu devia ter esperado isso mesmo. Você adora jogos, não é, Nick?

Com um chumaço de algodão ela aplicou a base, clara e grudenta, com cheiro de cola.

Passou nas têmporas, na curva do queixo, no espaço macio entre o lábio superior e o nariz.

Depois, com uma pinça, grudou os pêlos. Tufos de pêlos castanho- avermelhados.

O rosto estava quase completo. Mas os olhos... qualquer um podia ver que ainda eram os dela.

Ela tirou um par de lentes de contato coloridas da caixinha, molhou-as e segurou as pálpebras para colocar cada uma.

Piscou e ficou satisfeita com o resultado.

A familiaridade havia sumido. A mudança estava completa. Seus olhos agora refletiam uma cinzenta cor de aço, sem vida.

A cor de Nicholas.

Ela era ele.

CAPÍTULO 115

O TELEFONEMA DE CLAIRE ME FEZ DESPERTAR DE UM SONO PROFUNDO.

- Venha para cá - ela ordenou.

Pisquei olhando para o relógio, morta de sono. Eram cinco e dez.

- Ir para onde? - resmunguei.

- Estou na merda do trabalho. Na merda do laboratório. O guarda no balcão da frente vai deixar você entrar. Venha já.

Percebi a urgência na voz dela e levei apenas alguns segundos para recuperar o sentidos.

- Você está no laboratório?

- Desde as duas e meia, dorminhoca. É sobre o Nicholas Jenks. Acho que descobri uma coisa, Lindsay, e é altamente explosiva.

Naquela hora não levei mais de dez minutos para chegar ao necrotério. Estacionei na área circular do lado de fora da entrada do médico-legista, reservada para veículos oficiais. Entrei correndo, despenteada, de calça jeans e blusão de moletom.

O guarda abriu a porta e me deixou passar. Ele estava me esperando.

Claire me encontrou na entrada do laboratório.

- Muito bem - eu disse -, estou cheia de expectativas.

Ela não respondeu. Apenas me empurrou para a porta do laboratório, sem me cumprimentar nem explicar nada.

- Estamos de volta ao Hyatt - ela disse. - Assassinato número um. David Brandt vai abrir a porta.

"Finja que você é o noivo", ela disse, com as mãos nos meus ombros para me deixar em posição, "e eu serei o assassino. Eu o surpreendo quando você abre a porta e dou uma facada, com a mão direita, se bem que agora não faz muita diferença."

Ela golpeou embaixo do meu seio esquerdo com o punho fechado.

- Então você cai e é aí que nós o encontramos, mais tarde, na cena.

Fiz que sim com a cabeça, para ela saber que eu estava entendendo até ali.

- E o que nós encontramos perto de você? - ela perguntou, com os olhos arregalados.

Fiz uma imagem mental da cena do crime.

- A garrafa de champanhe, o paletó do smoking.

- E verdade, mas não é nisso que estou pensando.

- Sangue... muito sangue.

- Está chegando perto. Lembre-se que ele morreu de colapso eletromecânico do coração. Nós simplesmente concluímos que estava morto de medo.

Eu me levantei e olhei para o chão. E então de repente eu vi, como se o corpo estivesse ali.

- Urina.

- Certo! - exclamou Claire. - Encontramos um pouco de urina. Nos sapatos dele, no chão. Uns seis centímetros cúbicos, foi isso que consegui guardar.

Parecia lógico que pertencia ao noivo, pois é uma reação natural ao medo súbito, ou à morte. Mas ontem à noite eu estava pensando que também havia vestígios de urina em

Cleveland. E aqui, voltando para o Hyatt, eu nem examinei essa urina. Por que faria isso? Sempre achei que era de David Brandt - disse. - Mas se você estivesse aqui, toda encolhida no chão, e eu fosse o assassino, de pé ao seu lado, e se o xixi estava aqui - ela disse, apontando para o chão em volta de mim -, de quem seria esse mijão?

Nós nos olhamos num daqueles momentos gloriosos de epifania.

- Do assassino - eu disse.

Claire sorriu para sua aluna inteligente.

- Os anais da medicina forense estão cheios de exemplos de assassinos que ejaculam quando matam, por isso mijar não é tão estranho assim. Os nervos estão à flor da pele. E como sou compulsiva, obsessiva até o mínimo detalhe, guardei num vidro, na geladeira, sem saber para quê. E o que dá sentido a tudo isso é que a urina pode ser testada.

- Teste de quê?

- Para saber o sexo, Lindsay. A urina pode revelar o sexo da pessoa.

- Meu Deus, Claire! - Fiquei estupefata.

Ela me levou para o laboratório, para a bancada com os dois microscópios, alguns produtos químicos em vidros e um aparelho que reconheci das aulas de química no colégio: uma centrífuga.

- Não há nenhum sinal evidente de gênero na urina, mas há o que procurar. Primeiro peguei uma amostra e pus na centrífuga com hidróxido de potássio, o KOH, algo que podemos usar para isolar as impurezas nas culturas de sangue.

Ela fez sinal para eu espiar no primeiro microscópio.

- Está vendo esses ramos minúsculos, como filamentos, com grupos de células como cachos de uvas? *Candida albicans*.

Olhei para ela sem entender.

- Células de levedura, querida. Essa urina está cheia de depósitos de levedura. Meninos não têm isso.

Comecei a sorrir, mas, antes de poder responder, ela continuou falando:

- Depois pus a outra amostra no microscópio e ampliei a três mil. Olhe só.

Eu me abaixei sobre o microscópio e espiei.

- Está vendo essas células escuras, em forma de meia-lua, nadando por aí? - perguntou Claire.

- Hã-hã.

- Glóbulos vermelhos. Muitos deles.

Levantei a cabeça do microscópio e olhei para ela.

- Não apareceriam na urina de um homem. De jeito nenhum nessa quantidade. A menos que ele tivesse uma hemorragia do rim, que, até onde eu sei, nenhum dos nossos principais suspeitos tem.

- Ou então... - Balancei a cabeça lentamente. - Ou então a assassina devia estar menstruada.

CAPÍTULO 116

FIQUEI OLHANDO FIXO PARA CLAIRE ENQUANTO REGISTRAVA aquela informação na minha cabeça. Nicholas Jenks estava dizendo a verdade.

Ele não estava no quarto quando David e Melanie Brandt foram mortos aquela noite. E também não estava em Napa. E provavelmente nem perto do Hall of Fame, em Cleveland. Eu odiava tanto Jenks que não consegui enxergar mais nada.

Nenhuma de nós conseguiu superar o fato de querermos muito que ele fosse o culpado.

Todas as provas - o pêlo da barba, o paletó, o champanhe -, tudo tinha sido uma fraude incrível. Jenks era mestre de finais surpreendentes, mas alguém tinha armado para o mestre.

Abracei Claire.

- Você é o máximo!

- Sou mesmo. Eu não sei o que isso prova - ela disse, dando um tapinha nas minhas costas -, mas a pessoa que estava de pé ao lado daquele pobre menino na cena do crime era uma mulher. E tenho a mesma certeza de que ela esfaqueou o peito de David Brandt com a mão direita.

Minha cabeça rodava. Jenks estava solto por aí, centenas de policiais o caçavam... e ele era inocente.

- E então? - Claire olhou para mim e sorriu.

- É a segunda melhor notícia que recebi ultimamente - eu disse.

- A segunda?

Segurei a mão dela. Contei a Claire o que Medved me tinha dito. Nós nos abraçamos de novo. E fizemos até uma dancinha da vitória. E depois nós duas fomos trabalhar.

CAPÍTULO 117

SUBI ATÉ MINHA MESA E CONTATEI JACOBI PELO RÁDIO. POBREZINHO, ele continuava sentado na frente da casa de Joanna Wade, na esquina da Filbert com a Hyde.

-Você está bem, Warren?

-Nada que uma boa chuva e duas horas de sono não resolvam.

-Conte o que está acontecendo por aí.

-O que está acontecendo? - repetiu Jacobi, como se ficasse chateado de ter de passar suas anotações. - As quatro e quinze da tarde de ontem, o alvo sai e caminha até a Gold's Gym. As seis e dez, o alvo aparece de novo, vai até o Pasqua Coffee, sai com uma sacola de plástico. Suspeito que é café com amêndoas. Entra na Butique Contempo Casuais, sai sem nada nas mãos. Eu concluí que os modelitos novos do outono ainda não chegaram, Boxer. Ela caminha de volta para casa. Acende as luzes no terceiro andar. Sinto cheiro de frango? Não sei. Estou com tanta fome que posso estar sonhando. As luzes se apagam às dez e vinte e cinco. E desde então, ela está fazendo o que eu gostaria de estar fazendo. Por que me mandou para cá como um principiante, Lindsay?

- Por que Nicholas Jenks vai tentar encontrar sua ex- mulher.

Ele acredita que ela está armando para ele. Eu acho que ele sabe que Joanna é a assassina.

- Você está tentando me animar, Boxer? Dar um sentido à minha vida?

- Talvez. E que tal isso... Eu também acho que é ela.

Quero saber imediatamente se você avistar Jenks.

Chris Raleigh chegou por volta das oito e olhou surpreso para meus olhos vermelhos de sono e aparência desleixada.

- Você devia experimentar escovar o cabelo de manhã.

- Claire me telefonou às cinco e dez. Eu cheguei ao necrotério às cinco e meia.

Ele olhou curioso para mim.

- Para quê?

- É meio difícil explicar. Quero que você conheça umas amigas minhas.

- Amigas? As oito da manhã?

-É.

Ele ficou completamente confuso:

- O que eu não estou entendendo aqui?

- Chris. - Segurei o braço dele. - Acho que desvendamos o caso.

CAPÍTULO 118

UMA HORA DEPOIS REUNI TODO MUNDO DO CASO JENKS, TORcendo para que fosse a última vez.

Tinha havido informes de pessoas que viram Nicholas Jenks em Tiburon, na marina e ao sul de Market, no meio de um monte de sem-tetos. Essas duas informações eram falsas. Ele nos enganou; quanto mais tempo permanecesse solto, maior a especulação.

Nós nos reunimos numa sala de interrogatório vazia que a Unidade de Crimes Sexuais às vezes usava. Claire contrabandeou Cindy pela entrada do prédio e então ligamos para Jill descer.

- Estou vendo que afrouxamos as exigências - comentou Jill quando entrou e viu Chris.

Raleigh também parecia surpreso.

- Não se importem comigo... sou apenas um macho simbólico.

- Você lembra da Claire e da Jill Bernhardt, da promotoria municipal - eu disse. - Da Cindy talvez você se lembre de quando estivemos em Napa.

Esta é a equipe.

Lentamente Chris examinou rosto por rosto, até parar no meu.

- Vocês andaram trabalhando nisso independentemente da força-tarefa?

- Não pergunte - disse Jill, sentando numa cadeira de madeira. - Apenas escute.

Na sala lotada e apertada, todos os olhos se voltaram para mim. Eu olhei para Claire.

- Você quer começar?

Ela fez que sim com a cabeça, olhou para todos, como se estivesse numa conferência médica.

- A pedido da Lindsay, passei a noite inteira revendo os arquivos dos três casos. Estava procurando qualquer coisa que pudesse implicar Joanna.

No início não encontrei nada. Só cheguei à mesma conclusão de antes, que, pelo ângulo dos ferimentos da primeira vítima, o assassino era destro. Jenks é canhoto.

Mas era óbvio que isso não ia colar. Então uma coisa que eu nunca tinha notado antes chamou minha atenção. Nas primeira e terceira cenas do crime, havia traços de urina. Individualmente acho que nem o médico-legista de Cleveland nem eu pensamos que isso fosse grande coisa. Mas quando repassei as cenas dos crimes na minha cabeça, a localização desses depósitos de urina não fazia sentido nenhum. Esta manhã, muito cedo, desci correndo para cá e fiz alguns testes.

Quase ninguém respirava na sala.

- A urina que encontramos no Grand Hyatt tinha grandes quantidades de levedura, além de quantidades incomuns de hemácias. Glóbulos vermelhos naquela quantidade aparecem na urina durante a menstruação. Junto com a levedura, não tenho a menor dúvida de que a urina era de uma mulher.

Uma mulher matou David Brandt e não tenho dúvida também de que vamos descobrir que era uma mulher no banheiro em Cleveland.

Jill piscou muitas vezes, atônita. Cindy abriu a boca pintada de vermelho vivo num meio-sorriso de incredulidade.

Raleigh apenas balançou a cabeça.

- Não foi o Jenks - eu disse. - Deve ter sido a Joanna. Ele abusou dela, depois descartou-a pela nova mulher, Chessy, quando ia ficar rico. Joanna tentou processá-lo duas vezes, sem sucesso. Acabou com um acordo muitas vezes menor do que poderia conseguir um ano depois. Ela observou Jenks ficar famoso, rico e ter uma vida nova e aparentemente feliz.

Chris estava atônito também:

- Vocês realmente acreditam que uma mulher teria condições físicas de armar tudo isso? As primeiras vítimas foram esfaqueadas, as segundas foram arrastadas vinte, trinta metros para o lugar onde foram deixadas.

- Você não a viu - respondi. - Ela sabia como armar a armadilha para Jenks. Conhecia o gosto dele, seus investimentos e tinha acesso às coisas dele. E ela até trabalhou na Saks.

Cindy entrou na conversa:

-Ela era uma das poucas pessoas que podiam conhecer o livro Always a Bridesmaid.

Olhei para Jill.

-Ela teve os meios, o motivo e tenho certeza absoluta de que desejava isso.

Um silêncio pesado tomou conta da sala.

-Então como é que vocês querem tocar isso? - Chris finalmente perguntou. - Metade da polícia está procurando Jenks.

-Eu quero informar ao Mercer, tentar trazer Jenks sem que alguém o mate. Depois quero seguir em frente e desfazer o disfarce de Joanna. Telefonemas, cartões de crédito. Se ela esteve em Cleveland, alguma coisa vai denunciá-la. Acho que agora você vai concordar - disse a Jill - que temos o bastante para você expedir um mandado de busca.

Jill fez que sim com a cabeça, primeiro hesitando um pouco, depois mais decidida.

-É simplesmente impossível acreditar que, depois de tudo isso, agora teremos de defender aquele filho-da-mãe.

De repente ouvimos uma batida forte na janela de vidro da porta.

John Keresty, um inspetor da força-tarefa, entrou na sala.

-É o Jenks... Acabou de ser visto. Ele está em Pacific Heights.

CAPÍTULO 119

RALEIGH E EU LEVANTAMOS DE UM PULO, QUASE NO MESMO INSTANTE, e corremos para o centro de comando.

Jenks tinha sido visto no saguão de um pequeno hotel chamado El Drisco. Um carregador de malas o viu. Sem algemas. Agora ele estava pelas ruas, em algum lugar de Pacific Heights.

Por que lá? Minha cabeça vasculhou as possibilidades. E então ficou claro. Greg Marks morava lá. Passei um rádio para Paul Chin, que ainda vigiava a casa do agente.

- Paul, fique de sobreaviso - disse a ele. - Jenks pode estar indo para aí. Ele foi visto em Pacific Heights.

Ouvi meu celular. Era Jacobi. Tudo estava acontecendo ao mesmo tempo.

- Boxer, tem uma chamada para todas as unidades atrás do Jenks em Pacific Heights, a uns dois quilômetros daqui. Estou indo para lá.

- Warren, não saia daí - gritei no aparelho.

Eu ainda achava que Joanna era a criminosa. Não podia deixá-la sem vigilância, especialmente com Jenks à solta.

- Fique no seu posto.

- Isso é prioritário - argumentou Jacobi. - Além do mais, nada está acontecendo aqui.

Chamo uma radiopatrulha para me substituir.

- Jacobi - eu berrei, mas ele já tinha desligado e estava a caminho de Pacific Heights.

- Warren abandonou a vigilância da casa de Joanna - eu disse a Chris.

De repente Karen, nossa funcionária civil, gritou para mim:

- Lindsay, ligação para você na linha um.

- Estamos de saída - berrei para ela.

Eu já tinha pendurado meu coldre com a arma, pegado as chaves do carro.

- Quem é?

- Diz que você quer falar com ele sobre o caso Jenks - disse Karen. - Diz que o nome dele é Phillip Campbell.

CAPÍTULO 120

FIQUEI PARALISADA, OLHEI PARA RALEIGH E VOLTEI CORRENDO À minha mesa.

Fiz sinal para Karen passar a ligação. Ao mesmo tempo sibilei baixinho para Raleigh:

- Comece a rastrear.

Esperei em transe. Segundos podiam fazer diferença. A respiração presa apertava meu peito. Então atendi o telefone.

- Você sabe quem eu sou. - A voz arrogante de Nicholas Jenks declarou.

- Eu sei quem é. Onde você está?

- Sem chance, inspetora. Só liguei para que saiba que, aconteça o que acontecer, não matei nenhuma daquelas pessoas. Não sou assassino.

- Eu sei disso - eu disse.

Ele ficou surpreso.

-Sabe...?

Não podia revelar para Jenks quem era. Não com ele solto.

- Eu juro que podemos provar que não foi você. Diga onde está.

- Ei, sabe de uma coisa? Não acredito em vocês - declarou Jenks. - Além disso, é tarde demais. Eu já disse que vou cuidar disso sozinho. Vou resolver esses assassinatos para vocês.

Jenks podia desligar a qualquer momento e nós íamos perdê-lo.

Aquela era minha única chance:

- Jenks, eu vou ao seu encontro. Aonde você quiser.

- Por que eu ia querer encontrá-la? Já vi você mais do que o suficiente.

- Porque eu sei quem foi - eu disse.

O que ele disse então me assustou:

- Eu também sei.

E então ele desligou.

CAPÍTULO 121

SEXTA... MARKET... TAYLOR... AS RUAS PASSAVAM VOANDO E A LUZ na capota do carro de Chris Raleigh brilhava loucamente.

Ellis.

Hyde.

Subimos pela Larkin, avançando os sinais, depois pulamos sobre as lombadas cantando pneus pela Nob Hill. Em questão de minutos chegamos à

Russian Hill.

Joanna morava no último andar de uma casa na esquina da Filbert com a Hyde. Não íamos mais esperar para pegá-la.

Jenks estava livre e devia estar indo atrás dela. Agora era uma questão de evitar mais mortes.

Reduzimos a marcha, apagamos os faróis e rodamos pelas ladeiras silenciosas. A casa tinha ficado sem vigilância por cerca de quinze minutos. Eu não sabia se Joanna estava lá em cima. Nem onde Jenks tinha se metido.

Chris estacionou o carro no meio-fio. Verificamos nossas armas e resolvemos o que íamos fazer.

Então vi uma coisa que tirou todo o ar dos meus pulmões.

Chris também viu.

- Meu Deus, ele está aqui.

De uma ruazinha estreita duas casas abaixo, surgiu um homem de barba com um casaco esporte bem largo. Olhou para os dois lados quando chegou à rua e depois saiu andando pela calçada.

Era Jenks.

Raleigh sacou o revólver e ia abrir a porta do carro. Examinei melhor o homem andando e agarrei Chris.

- Espere. Olhe bem, Chris.

Nós dois ficamos boquiabertos, atônitos. Tinha a mesma aparência, cabelo avermelhado, grisalho, curto, a mesma barba inconfundível.

Só que não era Jenks.

A figura era mais magra, mais clara. O cabelo estava puxado para trás, escondia o comprimento, que era mais longo, não cortado curtinho.

Eu pude ver isso.

Era uma mulher.

- Aquela é Joanna - eu disse.

- Onde está Jenks? - grunhiu Chris. - Isso está ficando cada vez mais sinistro.

Observamos a figura seguir quarteirão abaixo enquanto várias possibilidades passavam pela minha cabeça. Aquilo era mesmo sinistro.

- Vou segui-la - disse Chris. - Você vai ao apartamento. Certifique-se de que é ela, Lindsay. Vou mandar uma mensagem pelo rádio pedindo apoio.

Vá logo, Lindsay. Vá.

No segundo seguinte eu já estava fora do carro, atravessando a rua, indo para o apartamento de Joanna. Chris desceu a rua no Taurus.

Apertei botões ao acaso até ouvir a resposta zangada de uma mulher.

Eu me identifiquei e uma mulher grisalha apareceu no apartamento ao lado da porta da frente.

Anunciou que era a proprietária.

Mostrei-lhe o distintivo, pedi para me dar uma chave mestra. Então mandei que ela voltasse para o apartamento.

Eu estava com a minha arma em punho e tirei a trava de segurança.

Um suor quente brotava no meu rosto e no meu pescoço.

Cheguei ao apartamento de Joanna no terceiro andar. Meu coração estava disparado. Cuidado, Lindsay, disse uma voz dentro de mim e aí senti um arrepio de aviso.

Será que Nicholas Jenks estava lá dentro?

Eu tinha certamente entrado em muitos ambientes hostis na minha carreira de policial. Nenhum pior do que aquele. Enfiei a chave na fechadura, girei e, quando a tranca soltou, empurrei a porta com o pé.

A porta abriu e revelou o apartamento claro e bem decorado de Joanna Wade.

- Tem alguém aí? - gritei.

Ninguém respondeu.

Não havia ninguém na sala de estar. Nem na sala de jantar, nem na cozinha. Uma caneca de café estava na pia. O Chronicle dobrado na seção de entretenimento.

Nenhum sinal de que eu estava na casa de uma psicopata. Isso me incomodou.

Fui em frente. Revistas como Comida e Bebida, San Francisco na mesa de centro. Alguns livros de posturas de ioga.

No quarto, a cama desfeita. O lugar transmitia uma sensação relaxante, livre.

Joanna Wade vivia como uma mulher comum. Lia, tomava café na cozinha, dava aulas de ginástica, pagava suas contas. Assassinos se preocupavam com suas vítimas.

Aquilo não fazia sentido.

Entrei no banheiro principal.

- Ah, merda!

O caso tinha finalmente sofrido sua reviravolta inevitável.

No chão, com roupa de ginástica, estava Joanna Wade.

Estava apoiada na banheira e olhava para mim... não exatamente... ela ainda olhava para seu assassino. Com olhos arregalados e apavorados.

Ele tinha usado uma faca .Jenks? Se não foi ele, então quem foi?

- Oh, meu Deus! - Engasguei.

Minha cabeça rodava e doía.

Corri até ela, mas não podia fazer mais nada. Estava tudo trocado de novo. Ajoelhei ao lado da mulher morta e um pensamento horrível encheu minha cabeça:

Se não era Joanna, quem Chris estava seguindo ?

CAPÍTULO 122

EM POUCOS MINUTOS DOIS CARROS AZUIS E BRANCOS DA POLÍCIA chegaram cantando pneus. Orientei os policiais para o terceiro andar até o corpo de Joanna, mas eu estava pensando em Chris. E em quem ele estava seguindo.

Eu tinha ficado lá em cima no apartamento uns dez, talvez doze minutos, sem uma palavra dele. Estava preocupada. Ele estava seguindo um assassino, um assassino que acabara de matar Joanna Wade.

Desci correndo até uma radiopatrulha aberto. Avisei à Central de Comando o que tinha acontecido. Um monte de dúvidas se digladiavam na minha cabeça.

Será que afinal de contas podia ter sido Jenks? Será que Jill estava certa? Ele estava nos manipulando desde o início? Será que ele havia armado tudo aquilo, até ser avistado em Pacific Heights?

Mas se era ele, por quê? Por quê, depois que eu disse que acreditava nele? Por que ele iria matá-la agora? Será que eu podia ter evitado a morte de Joanna? Que diabo estava acontecendo? Que droga, onde é que Chris tinha se metido?

Meu celular finalmente tocou. Para alívio meu, era Chris.

- Onde é que você estava? Quase morri de susto aqui.

Não faça isso comigo.

- Estava na marina. O suspeito está num Saab azul.

- Chris, tome cuidado. Não é Joanna. Joanna está morta. Foi esfaqueada muitas vezes no apartamento dela.

- Morta? - ele repetiu.

Eu senti que ele entendeu lentamente a pergunta nervosa.

- Então quem está dirigindo o Saab à minha frente?

- Diga onde você está, exatamente.

- Esquina da Chestnut com a Scott. O suspeito acabou de parar no meio-fio. O suspeito está saindo do carro.

Não sei por que aquilo me pareceu familiar. Chestnut com Scott? O que havia lá? No tumulto das radiopatrulhas chegando à frente do prédio de Joanna e se apresentando, eu vasculhei minha memória à procura de alguma ligação.

- Ele está se afastando do carro, Lindsay. Está começando a correr.

Então entendi. A foto que eu tinha pegado na casa do Jenks. O domo inconfundível e belo à luz da lua. O Palácio de Belas- Artes.

Era onde ele tinha se casado.

- Acho que sei para onde ele está indo! - gritei. - Para o Palácio de Belas-Artes.

CAPÍTULO 123

PARTI NO CARRO COM A SIRENE LIGADA ATÉ A RUA PRESIDIO.

Levei apenas sete minutos, os carros saíam rápido da minha frente, acelerei pela Lombard até a Richardson e o lado sul da Presidio. A minha frente a rotunda dourada do Palácio de Belas-Artes se avolumava poderosa sobre um pequeno lago calmo e brilhante.

Vi o Taurus azul de Chris parado na diagonal à beira do parque e estacionei a radiopatrulha ao lado dele. Não vi sinal de nenhum outro policial por perto.

Por que o reforço não tinha chegado? Que merda estava acontecendo agora?

Soltei a segurança da minha arma e entrei no parque sob a rotunda gigantesca. Não ia esperar de jeito nenhum.

Assustei-me com as pessoas correndo na minha direção, fugindo da área da rotunda.

- Alguém está atirando lá - uma delas gritou.

De repente meus pés ganharam asas.

- Todos para fora! Sou da polícia de San Francisco! - berrei enquanto esbarrava nas pessoas que fugiam correndo.

- Tem um maniaco com uma arma - uma mulher gritou.

Dei a volta no laguinho ao longo de colunas enormes. Não ouvi nada à frente. Mais nenhum tiro.

Apontando a arma, dei a volta em esquinas até avistar a rotunda principal. Colunas coríntias imensas se elevavam em volta de mim, encimadas por frisos em baixo-relevo com cenas heróicas.

Ouvi vozes ao longe. Uma mulher em tom de deboche:

- Somos só você e eu, Nick Imagine só. Não é romântico?

E a voz de um homem, Jenks:

- Olhe só para você. Você está patética. Como sempre.

As vozes ecoaram no imenso teto abobadado da rotunda principal.

Onde estava Chris? E onde estava o nosso reforço? Os policiais já deviam estar ali.

Prendi a respiração e me esforcei para ouvir a primeira sirene da polícia. Cada passo que eu dava, ouvia o barulho dos meus pés ecoando no teto.

- O que você quer? - Ouvi o grito de Jenks reverberando na pedra.

Depois a mulher também gritou:

- Quero que você se lembre delas. De todas as mulheres com quem transou.

Ainda nenhum sinal de Chris. Eu estava muito tensa de preocupação.

Resolvi dar a volta pelo lado sob arcos baixos que iam até o lugar de onde vinham as vozes. Eu me abaixei e rodeei as colunas.

Então vi Chris.

Ele estava lá sentado, encostado numa coluna, observando tudo acontecer.

Minha primeira reação foi dizer: Chris, abaixe-se, alguém vai ver você aí. Foi uma daquelas percepções em câmera lenta, nas quais meus olhos funcionaram mais rápido do que a minha mente.

Então fui tomada por um pavor horroroso, fiquei nauseada e arrasada de tristeza.

Chris não estava observando nada e não estava se escondendo.

A parte da frente da camisa dele estava coberta de sangue.

Quase esqueci todo o meu treinamento de policial. Eu queria gritar, berrar. Precisei de todas as minhas forças para me segurar.

Duas manchas escuras de sangue encharcavam a camisa de Chris.

Minhas pernas ficaram paralisadas. Não sei como consegui chegar até ele. Eu me abaixei. Meu coração batia descompassado.

Os olhos de Chris estavam distantes, o rosto dele cinza como pedra.

Procurei o pulso e senti o ritmo fraco do coração.

- Oh, Chris, não. - Engoli um soluço.

Quando falei, ele olhou para mim e viu meu rosto com olhos cintilantes. Seus lábios se separaram num sorriso débil. A respiração dele parecia um ronco agudo, pesada e difícil.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Pressionei os furos no peito dele, tentando empurrar o sangue de volta para dentro.

- Oh, Chris, agüente firme. Agüente firme. Vou pedir socorro.

Ele segurou meu braço. Tentou falar, mas foi apenas um sussurro gutural e baixo:

- Não fale, por favor.

Corri de volta para a radiopatrulha, liguei o transmissor e ouvi a central.

- Policial ferido, policial ferido - berrei. - Quatro, zero, seis. Repetindo, quatro, zero, seis!

Era o código estadual de emergência.

- Policial baleado, na rotunda do Palácio de Belas- Artes. Precisamos de reforço imediato de paramédicos, ambulância e da SWAT. Possibilidade de termos encontrado Nicholas Jenks. Segundo policial na cena. Repetindo, quatro, zero, seis, emergência.

Assim que a central repetiu a localização para mim e disse "Entendido" no fim, larguei o transmissor e voltei lá para dentro.

Quando cheguei perto, Chris ainda se segurava com a respiração curta. Uma bolha de sangue despontou na sua boca.

- Eu te amo, Chris - sussurrei, segurando a mão dele.

Soaram vozes à frente, na rotunda. Não consegui entender, mas eram o mesmo homem e a mesma mulher. Então ouvi um tiro.

- Vá - disse Chris. - Eu estou me agüentando.

Nossas mãos se tocaram.

- Eu tenho retaguarda - ele murmurou sorrindo.

Então le me empurrou.

Eu avancei sorrateiramente, com minha arma em riste, olhando duas vezes para trás. Chris me observava... estava me cobrindo.

Corri abaixada toda a extensão da fila de colunas de dentro, até o lado da principal rotunda. As vozes ecoavam, intensificadas. Fiquei hipnotizada pelo que vi.

Eles estavam frente a frente na basílica. Jenks, de camisa branca.

Ele segurava um braço que sangrava. Tinha levado um tiro.

E diante dele, segurando uma arma e com roupa de homem, estava Chessy Jenks.

CAPÍTULO 124

ELA PARECIA UMA IMITAÇÃO BIZARRA E DESFIGURADA DA LINDA mulher que era.

O cabelo estava sem brilho, tingido de cinza e ruivo. O rosto ainda tinha as marcas do disfarce, costeletas de homem e tufos de uma barba ruiva.

Ela segurava uma arma com força e apontava diretamente para ele.

- Eu tenho um presente para você, Nick.

- Um presente? - disse Nick desaperado. - Do que você está falando?

- É por isso que estamos aqui. Quero renovar nossos votos. Chessy pegou uma pequena bolsa de dentro do paletó e jogou aos pés dele.

- Ande logo. Pode abrir.

Nicholas Jenks se abaixou todo duro e pegou a bolsinha. Abriu e deixou o que tinha dentro cair na palma da mão. Arregalou os olhos horrorizado.

As seis alianças que desapareceram.

- Chessy, meu Deus! - ele disse. - Você enlouqueceu.

O que quer que eu faça com isso? - Ele segurou um anel. - Essas alianças vão pôr você na câmara de gás.

- Não, Nick - disse Chessy, balançando a cabeça. - Eu quero que você engula todas.

Livre-se das provas para mim.

O rosto de Jenks se contorceu de apreensão.

- Você quer que eu faça o quê?

- Engula as alianças. Cada uma é alguém que você destruiu. Alguém em quem você matou a beleza. Elas eram inocentes. Como eu. Meninas no dia do seu casamento. Você nos matou a todas, Nick... a mim, a Kathy, a Joanna. Por isso agora nos dê algo em troca. Com este anel eu prometo...

Jenks fechou a cara e gritou para ela:

- Já chega, Chessy!

- Eu é que sei quando chega. Você adora jogos, então entre neste jogo. Jogue o meu jogo desta vez. Engula! - Ela apontou a arma. - Não tem sentido fingir que não vou atirar, não é, querido?

Jenks pegou uma das alianças e a levou à boca. Sua mão tremia muito.

- Essa era Melanie, Nicky. Você ia gostar dela. Atlético... esquiadora... mergulhadora. Bem o seu tipo, hein? Ela lutou comigo até o fim. Mas você não gosta quando lutamos, não é? Você gosta de ter o controle absoluto.

Ela inclinou a arma e mirou na direção da cabeça de Jenks. Jenks pôs a aliança na boca. Com expressão de nojo, fez força para engolir.

Chessy estava se descontrolando. Ela soluçava, estava tremendo...

Achei que não podia esperar mais.

- Polícia! - berrei e me adiantei segurando meu trinta e oito com as duas mãos, apontado para ela.

Ela virou para mim e não demonstrou surpresa alguma, depois virou de novo para Jenks.

- Ele tem de ser punido!

- Acabou - eu disse, avançando para ela com todo o cuidado. - Por favor, Chessy, chega de matança.

Como se percebesse de repente o que tinha se tornado, como se entendesse as coisas doentias que tinha feito, ela olhou para mim.

- Eu sinto muito... Sinto por tudo que aconteceu... exceto por isto!

Ela atirou em Jenks.

Eu atirei também, nela.

O corpo esguio de Chessy voou para trás, bateu na parede com força e escorregou até o chão. Seus lindos olhos se arregalaram e a boca se abriu.

Vi que ela havia errado o tiro disparado contra Jenks. Ele olhava fixo para ela, sem acreditar. Não pensou que ela pudesse fazer aquilo, não pensava que ela o odiasse tanto. Ele ainda acreditava que podia controlar Chessy e provavelmente que ela o amava.

Corri até ela, mas era tarde demais. Os olhos já estavam vidrados e o sangue jorrava do seu peito. Segurei a cabeça dela e vi como era bonita... como Melanie, Rebecca, Kathy... e que estava morta também.

Nicholas Jenks olhou para mim e soltou um suspiro de alívio.

- Eu disse... eu disse que era inocente.

Olhei para ele com repulsa. Oito pessoas tinham morrido. As noivas e os noivos, Joanna e agora a mulher dele. Eu disse que era inocente?

Era isso que ele pensava?

Girei e meu punho acertou em cheio os dentes dele. Senti algo se espatifar quando Jenks caiu de joelhos.

- Está aqui a sua inocência, Jenks!

CAPÍTULO 125

Eu ESTAVA CORRENDO E PERCEBI QUE NÃO SABIA MAIS O QUE estava fazendo, onde eu estava. Por alguma razão meus instintos me levaram de volta ao lugar onde Chris foi alvejado.

Ele continuava encostado na coluna, na mesma posição. Como se estivesse esperando que eu voltasse.

Corri para ele e me abaixei o mais perto que pude. Vi que a polícia e os paramédicos estavam chegando afinal. Por que demoraram tanto?

- O que aconteceu? - Chris sussurrou.

Mal pude ouvir o que ele dizia.

- Eu a peguei, Chris. Chessy Jenks era a assassina.

Ele conseguiu balançar a cabeça.

- Essa é a minha garota - ele murmurou.

Então Chris deu um sorriso fraco e morreu nos meus braços.

Eu nunca poderia imaginar que Chris iria antes de mim. Esse foi o choque mais terrível e desesperador. Eu é que estava doente, a morte tinha passado perto de mim.

Abaixei a cabeça perto do peito dele. Não havia movimento nem respiração, só uma imobilidade aterradora. Tudo parecia irreal demais.

Então os médicos começaram a tentar ressuscitar Chris, com atos heróicos e inúteis, e eu fiquei lá sentada, segurando a mão dele.

Eu me senti oca, vazia e com uma tristeza imensa. Eu soluçava, mas tinha de dizer uma coisa a ele. Tinha de dizer aquilo a ele, a última coisa:

-Medved me disse, Chris, que eu vou ficar boa.

CAPÍTULO 126

EU NÃO PODIA CHEGAR PERTO DA MINHA MESA NA POLÍCIA. Tinham me dado uma semana de licença. Resolvi tirar mais uma por minha conta além dessa.

Fiquei sem fazer nada, assisti a alguns vídeos de filmes antigos, fiz meu tratamento, corri um pouco na marina.

Até cozinhei e sentei no terraço sobre a baía, como tinha feito com Chris aquela primeira noite. Uma noite fiquei de porre e comecei a brincar com minha arma.

Foi Doce Martha que me convenceu a parar com aquilo. Ela e o fato de que, se eu me matasse, estaria traindo a lembrança de Chris. Não podia fazer isso. E as meninas também nunca me perdoariam, certo?

Estava com um buraco no coração, maior e mais doloroso do que qualquer coisa que já tinha sentido, mesmo com a anemia de Negli. Era um vazio, um distanciamento, falta de interesse em tudo. Claire ligava três vezes por dia, mas eu não conseguia conversar muito tempo, nem com ela.

- Não foi você, Lindsay. Não havia nada que você pudesse ter feito. - Ela procurava me consolar.

- Eu sei disso - respondi, mas não conseguia me convencer de que isso fosse verdade.

A maior parte do tempo tentava acreditar que ainda tinha algum propósito que me animava na vida. Os assassinatos das noivas e noivos estavam resolvidos. Nicholas Jenks estava sorvendo desavergonhadamente seu status de celebridade na Dateline e na 20/20. Minha anemia parecia estar em remissão. Chris tinha morrido. Procurava pensar no que ia fazer agora. Não conseguia pensar em nada interessante.

Então lembrei-me do que tinha dito a Claire quando estava mais apavorada com a anemia de Negli: Pegar esse cara é a única coisa que me dá forças para continuar.

Não se tratava apenas do certo e do errado. Não era uma questão de culpa ou inocência. Era uma coisa na qual eu era boa e que eu adorava fazer.

Quatro dias depois do tiroteio, fui ao enterro de Chris. Foi numa igreja católica em Hayward, onde ele tinha sido criado.

Ocupei meu lugar na fila com Roth e Jacobi. E com o chefe Mercer, que estava de uniforme.

Mas meu coração doía demais. Eu queria ficar perto do Chris. Queria ficar ao lado dele.

Vi sua ex-mulher e dois filhos se esforçando para agüentar aquilo.

Eu pensava que tinha chegado muito perto da vida deles. E eles nem sabiam.

Herói da polícia, era o que estavam dizendo dele.

Ele era um cara de marketing, pensei, sorrindo. E então comecei a chorar.

E de todas as pessoas que podiam fazer isso foi Jacobi que segurou minha mão. E de todas as coisas mais improváveis de acontecer, eu pus o braço nas costas dele.

Parecia que ele dizia: chore, pode chorar.

Depois me aproximei da ex-mulher de Chris, Marion.

- Eu queria conhecê-la - eu disse. - Eu estava com Chris quando ele morreu.

Ela olhou para mim com a coragem frágil que só uma mulher poderia entender.

- Eu sei quem você é - ela disse com um sorriso de compaixão. - Você é mesmo bonita.

Chris disse que você era bonita. E inteligente.

Sorri e segurei a mão dela. Ela apertou a minha e eu apertei a dela.

- Ele também disse que você era muito corajosa.

Meus olhos ficaram cheios de lágrimas. Então ela pegou meu braço e disse o que eu mais queria ouvir:

- Por que não fica aqui conosco, Lindsay?

O Departamento de Polícia deu a Chris um enterro de herói. Gaitas de fole, com seu lamento triste, abriram a cerimônia.

Fileiras e mais fileiras de policiais uniformizados. Uma salva de vinte e um tiros.

Quando terminou, voltei para o carro pensando no que ia fazer.

No portão do cemitério vi Cindy, Jill e Claire. Elas estavam à minha espera.

Não me mexi. Fiquei lá parada, minhas pernas tremiam muito. Elas perceberam que, se não tomassem a iniciativa, eu ia desmoronar.

- Por que não volta de carro conosco? - disse Claire.

Minha voz falhou. Mal consegui falar:

- Era para ser eu, não ele - eu disse a elas.

Então elas me abraçaram. Abracei as três e chorei como nunca. Nós quatro choramos.

- Nunca me abandonem, meninas.

- Abandonar? - disse Jill arregalando os olhos.

- Nenhuma de nós - prometeu Cindy. - Somos uma equipe, lembra? Estaremos sempre juntas.

Claire segurou meu braço.

- Nós amamos você, querida - ela sussurrou.

Saímos as quatro de braços dados do cemitério. Uma brisa fresca soprava no nosso rosto e secava nossas lágrimas.

Às seis horas aquela noite eu estava de volta ao prédio do Tribunal de Justiça.

Tinha de fazer uma coisa importante.

No saguão a primeira coisa que se vê é uma grande placa de mármore.

Nela há noventa e três nomes e datas de noventa e um homens e duas mulheres que envergaram o uniforme da Polícia de San Francisco e que morreram cumprindo seu dever. Um pedreiro está trabalhando na placa.

E uma lei tácita da força policial jamais contar aqueles nomes. Mas aquela noite eu contei. Noventa e três, começando com James S. Coonts, no dia 5 de outubro de 1878, quando o Departamento de Polícia foi formado.

Amanhã haverá mais um: Christopher John Raleigh. O prefeito estará lá e Mercer também. Os repórteres que cobrem a seção policial. Marion e os meninos. Vão eternizá-lo como um herói da polícia. Eu estarei lá também.

Mas esta noite não quero discursos nem cerimônias. Esta noite quero que sejamos apenas ele e eu.

O pedreiro termina a gravação do nome dele. Eu espero enquanto ele lixa o mármore, passa o aspirador no pó. Então eu me aproximo e passo a mão no mármore liso.

Sobre o nome dele.

Christopher John Raleigh.

O pedreiro olha para mim. Ele vê o sofrimento nos meus olhos.

- A senhora o conhecia?

Meneio a cabeça e do fundo do meu coração brota um sorriso. Eu o conhecia.

- Era meu parceiro.

EPÍLOGO

Golpe de misericórdia APRENDI QUE INVESTIGAÇÕES DE ASSASSINATOS SEMPRE TÊM pontas soltas e perguntas que ficam sem respostas. Sempre.

Mas não dessa vez.

Estava em casa uma noite, mais ou menos um mês depois do enterro de Chris. Tinha acabado de jantar sozinha, tinha alimentado e saído para passear com Sua Majestade Doçura quando alguém bateu à porta, uma única batida, autoritária.

Não tinha aberto a porta lá de baixo com o interfone para ninguém, por isso espiei pelo olho mágico antes de abrir. Não acreditei no que vi. Era Nicholas Jenks.

Ele estava com um blazer azul-marinho sobre uma camisa branca e calça cinza-escura. Parecia mais arrogante e antipático do que nunca.

- Não vai me deixar entrar? - ele perguntou e sorriu, como se dissesse: Claro que vai. Não consigo resistir, não é?

- Não, não vou - eu disse e me afastei da porta. - Vá se catar, babaca.

Jenks bateu de novo e eu parei de andar.

- Não temos nada para conversar - eu disse bem alto para ele ouvir.

- Ah, temos sim - Jenks respondeu. - Você estragou tudo, inspetora. Estou aqui para explicar como.

Congelei. Senti meus olhos ardendo, o calor queimando minha nuca.

Voltei para a porta, parei, abri e meu coração disparou. Você estragou tudo.

Ele estava sorrindo, ou talvez rindo de mim.

- Estou comemorando - ele disse. - Sou um cara feliz!

Sabe por quê?

- Não me diga que é porque está solteiro de novo.

- Bem, por isso também. Mas acabei de vender os direitos do meu novo livro para a North American. Oito milhões de dólares. E o cinema pagou quatro.

Esse não é ficção, Lindsay. Adivinhe qual é o tema. Pode chutar, dê um palpite.

Eu queria pôr Jenks para fora, desesperadamente.

- E é comigo que você quer compartilhar essa notícia?

Que tristeza para você!

Jenks continuou a sorrir de orelha a orelha.

- Na verdade, eu vim até aqui para compartilhar uma outra coisa. E é com você mesmo que quero compartilhar isso. Já consegui sua atenção, Lindsay?

Você fez um estrago enorme, neném.

Ele era tão asqueroso e incongruente que estava me assustando. Não queria que ele percebesse isso. O que queria dizer com Você estragou tudo?

- Eu podia oferecer um drinque, mas odeio você - eu disse, com uma careta zombeteira.

Ele jogou as mãos para o alto e imitou minha careta.

- Sabe, sinto exatamente o mesmo por você. Por isso quero contar isso, Lindsay, só para você. - Ele baixou a voz e disse, sussurrando: - Chessy fez o que eu mandei que fizesse, até o finzinho. Os assassinos?

Estávamos executando um jogo terrível, maravilhoso. Trágicos marido e mulher matam maridos e mulheres felizes e inocentes. Estávamos encenando a trama de um livro. Do meu livro. Você estragou tudo, Lindsay. E eu saí impune. Estou livre. Estou completamente livre.

E agora mais rico do que nunca.

Ele ficou olhando para mim e começou a rir. Foi o som mais nojento que ouvi em toda a vida.

- É verdade. Chessy fazia qualquer coisa que eu mandasse. Todas elas faziam. Por isso eu as escolhia. Costumava jogar um jogo em que elas latiam como cadelas. Elas adoravam. Quer brincar, Lindsay? Ruf, ruf?

Olhei furiosa para ele.

- Você não acha um tanto medíocre fazer as mesmas brincadeiras do seu pai? Joanna me contou.

- Eu fiz coisas muito além do que meu pai jamais imaginou. Eu fiz tudo, inspetora, e saí impune de tudo. Planejei cada assassinato. Isso não provoca um arrepio? Não faz com que você se sinta medíocre?

De repente Jenks começou a calçar luvas de borracha que tirou do bolso do blazer. Que merda era aquilo?

- Isso é perfeito também - ele disse. - Eu não estou aqui, Lindsay. Estou com uma deliciosa putinha mentirosa em Tahoe.

Comprei e paguei um álibi para mim. Crimes perfeitos, Lindsay. A minha especialidade. Quando me virei para fugir, Jenks sacou uma faca.

- Quero sentir isso entrando em você, Lindsay. Bem fundo. O golpe de misericórdia.

- Socorro! - berrei, mas então ele me atingiu com força. Fiquei chocada com a velocidade como que se moveu e com a força que tinha.

Bati na parede da sala e quase desmaiei. Martha foi instintivamente para cima dele. Eu nunca tinha visto os dentes dela arreganhados daquele jeito. Ele a golpeou com a faca e cortou o ombro dela. Martha caiu, ganhando horrivelmente.

- Fique longe, Martha! - gritei para ela.

Jenks me levantou e me atirou no meu quarto. Ele fechou a porta.

- Devia acontecer outro assassinato de noiva e noivo enquanto eu estava na cadeia.

Novas provas iam aparecer lentamente.

Ficaria claro que eu era inocente, que tinha sido armado contra mim. E então eu escreveria o livro! Mas Chessy virou a casaca e foi mais ousada do que eu. Nunca a respeitei mais, Lindsay.

Quase amei Chessy por isso. Ela demonstrou pela primeira vez que tinha coragem!

Arrastei-me para longe de Jenks, mas ele via que eu não tinha para onde ir no quarto.

Achei que poderia ter fraturado uma costela.

- Você vai ter de me matar primeiro - eu disse, num sussurro rouco.

- Está bem. - Ele sorriu satisfeito. - Fico feliz de atender a seu pedido. Será um prazer.

Fui engatinhando até minha cama, para o lado da janela que dava para a baía. Era difícil respirar. Jenks veio atrás de mim.

- Pare, Jenks! - berrei o mais alto que pude. - Pare aí, Jenks!

Ele não parou. E por que pararia? Golpeava a torto e a direito com a faca. Meu Deus, ele

estava gostando daquilo! Estava rindo. Mais um assassinato perfeito.

Estendi a mão embaixo da cama onde tinha prendido um coldre e um revólver, o meu sistema doméstico de segurança.

Não tive tempo de mirar, mas nem precisei. Nicholas Jenks ficou atônito, com a faca levantada sobre seu ombro esquerdo.

Atirei três vezes. Jenks gritou, seus olhos cinzentos saltaram das órbitas sem acreditar e ele caiu morto em cima de mim.

- Vá arder no inferno - sussurrei.

Liguei para Claire primeiro, a médica-legista. Depois para Cindy, a melhor repórter de crimes de San Francisco. E finalmente para Jill, minha advogada.

As meninas chegaram correndo.

FIM

Table of Contents

PRÓLOGO

LIVRO 1:

[capítulo 1](#)

[capítulo 2](#)

[capítulo 3](#)

[capítulo 4](#)

[capítulo 5](#)

[capítulo 6](#)

[capítulo 7](#)

[capítulo 8](#)

[capítulo 9](#)

[capítulo 10](#)

[capítulo 11](#)

[capítulo 12](#)

[capítulo 13](#)

[capítulo 14](#)

[capítulo 15](#)

[capítulo 16](#)

[capítulo 17](#)

[capítulo 18](#)

[capítulo 19](#)

[capítulo 20](#)

[capítulo 21](#)

[capítulo 22](#)

[capítulo 23](#)

[capítulo 24](#)

[capítulo 25](#)

LIVRO 2:

[capítulo 26](#)

[capítulo 27](#)

[capítulo 28](#)

[capítulo 29](#)

[capítulo 30](#)

[capítulo 31](#)

[capítulo 32](#)

[capítulo 33](#)

[capítulo 34](#)

[capítulo 35](#)

[capítulo 36](#)

[capítulo 37](#)

[capítulo 38](#)

[capítulo 39](#)

[capítulo 40](#)

[capítulo 41](#)

[capítulo 42](#)

[capítulo 43](#)
[capítulo 44](#)
[capítulo 45](#)
[capítulo 46](#)
[capítulo 47](#)
[capítulo 48](#)
[capítulo 49](#)
[capítulo 50](#)
[capítulo 51](#)
[capítulo 52](#)
[capítulo 53](#)
[capítulo 54](#)
[capítulo 55](#)
[capítulo 56](#)
[capítulo 57](#)
[capítulo 58](#)
[capítulo 59](#)
[capítulo 60](#)
[capítulo 61](#)
[capítulo 62](#)
[capítulo 63](#)
[capítulo 64](#)
[capítulo 65](#)
[capítulo 66](#)
[capítulo 67](#)
[capítulo 68](#)
[capítulo 69](#)

LIVRO 3:

[capítulo 70](#)
[capítulo 71](#)
[capítulo 72](#)
[capítulo 73](#)
[capítulo 74](#)
[capítulo 75](#)
[capítulo 76](#)
[capítulo 77](#)
[capítulo 78](#)
[capítulo 79](#)
[capítulo 80](#)
[capítulo 81](#)
[capítulo 82](#)
[capítulo 83](#)
[capítulo 84](#)
[capítulo 85](#)
[capítulo 86](#)
[capítulo 87](#)
[capítulo 88](#)

[capítulo 89](#)

[capítulo 90](#)

[capítulo 91](#)

[capítulo 92](#)

[capítulo 93](#)

[capítulo 94](#)

[capítulo 95](#)

[LIVRO 4](#)

[capítulo 96](#)

[capítulo 97](#)

[capítulo 98](#)

[capítulo 99](#)

[capítulo 100](#)

[capítulo 101](#)

[capítulo 102](#)

[capítulo 103](#)

[capítulo 104](#)

[capítulo 105](#)

[capítulo 106](#)

[capítulo 107](#)

[capítulo 108](#)

[capítulo 109](#)

[capítulo 110](#)

[capítulo 111](#)

[capítulo 112](#)

[capítulo 113](#)

[capítulo 114](#)

[capítulo 115](#)

[capítulo 116](#)

[capítulo 117](#)

[capítulo 118](#)

[capítulo 119](#)

[capítulo 120](#)

[capítulo 121](#)

[capítulo 122](#)

[capítulo 123](#)

[capítulo 124](#)

[capítulo 125](#)

[capítulo 126](#)

[EPÍLOGO](#)